

DO MESMO AUTOR DE *O HIPNOTISTA*

# KEPLER

O HOMEM-ESPELHO







DO MESMO AUTOR DE *O HIPNOTISTA*

# KEPLER

O HOMEM-ESPELHO





© Ewa-Marie Rundquist

Lars Kepler é o pseudônimo de uma dupla de escritores de sucesso na Suécia: Alexander Ahndoril e Alexandra Coelho Ahndoril. *O Hipnotista*, primeiro volume da saga, alcançou um enorme êxito internacional e foi adaptado ao cinema pela mão do realizador Lasse Hallström.

Para mais informações sobre os autores, visite o *site* [www.larskepler.com](http://www.larskepler.com)

**O Homem-Espelho**

Lars Kepler

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

*Spegelmannen*

© Lars Kepler 2020

Published by agreement with Salomonsson Agency

Design da capa: Hummingbirds

Imagem da capa: Love Lannér

1.<sup>a</sup> edição em papel: novembro de 2020

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

**ISBN 978-972-0-69067-8**

# 1

Através da janela suja da sala de aula, Eleonor vê o vento forte levar consigo o pó ao longo da estrada e obrigar árvores e arbustos a dobrarem-se. É como se um rio fluísse junto à escola. Turvo e silencioso.

A campainha toca e os alunos recolhem livros e cadernos. Eleonor levanta-se e dirige-se com os outros para o vestiário. Observa a sua colega de turma Jenny Lind, que está a abotoar o casaco em frente ao seu cacifo. O rosto e os cabelos louros refletem-se na porta de metal amolgada.

Jenny é bonita e diferente. Tem um olhar intenso que deixa Eleonor nervosa e com as faces quentes. É artística, faz fotografia e é a única aluna do secundário que lê livros. Completou dezasseis anos na semana passada e Eleonor deu-lhe os parabéns.

Ela sabe que ninguém repara em si, que não é bonita o suficiente, embora Jenny uma vez lhe tenha dito que gostaria de fazer uma série de retratos seus. Disse-lho quando estavam as duas no duche, depois de uma aula de Educação Física.

Pega nas suas coisas e vai atrás de Jenny em direção à saída. O vento arrasta consigo areia e folhas do ano passado ao longo da fachada branca e sobre o pátio da escola. A bandeira bate repetidamente contra o mastro.

Jenny vai até ao parque de bicicletas, para e grita qualquer coisa, gesticula irritada e, por fim, vai-se embora a pé. Eleonor furou-lhe um pneu, pensando que poderia ajudá-la a levar a mochila e a bicicleta até casa. Começariam a falar outra vez sobre os retratos, sobre como as fotografias a preto e branco parecem esculturas de luz. Parou a fantasia antes de chegar ao primeiro beijo.

Eleonor segue Jenny junto ao estádio Backavallen. A esplanada do restaurante está vazia, os guarda-sóis brancos abanam ao vento. Pondera acelerar o passo para a apanhar, mas não se atreve a fazê-lo. Eleonor

mantém-se a uns duzentos metros dela na via pedonal paralela à estrada Eriksbergvägen.

As nuvens correm pelo céu sobre o topo dos abetos. Os cabelos claros de Jenny são atirados de um lado para o outro pelas rajadas e voam-lhe de volta para o rosto com o ar deslocado por um autocarro verde. O chão estremece quando ele passa.

Elas deixam para trás as últimas casas e passam pela sede dos escuteiros. Jenny atravessa a estrada e segue em frente do outro lado.

O sol espreita e as sombras das nuvens avançam velozmente sobre um prado.

Jenny vive numa bonita moradia em Forsjö, mesmo à beira da água. Uma vez, Eleonor esteve mais de uma hora diante dessa casa. Encontrara um livro seu que havia desaparecido e que tinha sido ela a esconder, mas não teve coragem de tocar à campainha e acabou por deixá-lo na caixa do correio.

Jenny detém-se por baixo dos cabos suspensos entre os postes de eletricidade e acende um cigarro antes de continuar a andar. Os botões brilhantes na extremidade de uma das mangas reluzem à luz do sol.

Eleonor ouve o ruído de um veículo pesado atrás de si. O chão vibra quando um camião de carga com matrícula polaca passa por ela a grande velocidade. No instante seguinte, os travões chiam e o atrelado inclina-se para o lado. O camião guina para a berma e passa perpendicularmente por cima da faixa de relva e da via pedonal, mesmo por trás de Jenny, antes de o condutor conseguir parar o veículo pesado.

– Mas que merda! – gritou Jenny.

Da cobertura de lona azul do atrelado, escorre água que desenha um trilho brilhante na terra. A porta abre-se e o condutor desce da cabina. Um sobretudo preto de cabedal com uma estranha mancha cinzenta cinge-lhe as costas largas. O cabelo ondulado chega-lhe quase aos ombros.

Ele caminha a passos largos na direção de Jenny.

O motor continua ligado e o fumo dos tubos de escape cromados é expelido em fios ténues.

Eleonor para e vê o condutor dar um murro na cara de Jenny. Alguns dos tensores da cobertura do atrelado soltam-se e uma parte da lona esvoaça ao vento, fazendo com que deixe de conseguir ver Jenny.

– Ei! – grita Eleonor, avançando. – O que é que está a fazer?

Quando o tecido grosso volta a baixar, vê que Jenny caiu na via pedonal, alguns metros à frente do camião. Está deitada de costas, de cabeça erguida, e sorri com um ar confuso e sangue entre os dentes.

A parte solta da lona recomeça a agitar-se com o vento.

Quando Eleonor entra na vala de relva molhada que separa a via pedonal da estrada, sente as pernas fraquejarem. Ocorre-lhe telefonar à Polícia e pega no telemóvel, mas as mãos tremem-lhe tanto que o deixa escorregar. Ele cai por entre a erva e vai parar ao chão. Eleonor agacha-se, apanha o telemóvel, ergue o olhar e, por baixo do camião, vê Jenny a espernear ao ser levantada pelo condutor. Um carro buzina quando ela sobe para a estrada e começa a correr para o veículo pesado.

Os óculos de sol espelhados do condutor brilham à luz do sol enquanto ele limpa as mãos ensanguentadas nas calças de ganga, sobe para a cabina, fecha a porta, mete uma mudança e começa a conduzir com uma das rodas da frente ainda na via pedonal. A faixa de relva seca fica a fumegar quando o camião avança ruidosamente para a estrada e acelera.

Eleonor detém-se ofegante.

Jenny Lind desapareceu.

Um cigarro pisado e uma mochila com manuais escolares ficaram no chão.

Sobre a estrada deserta, a poeira voa velozmente. Nuvens de pó avançam pelos campos e vedações. O vento vem agitar-se sobre a terra para



todo o sempre.

## 2

Jenny Lind está deitada num pequeno barco de madeira revestido de alcatrão, num lago escuro. Por baixo dela, o fundo do barco range com o rolar das ondas. Acorda por estar prestes a vomitar. O chão oscila.

Doem-lhe os ombros, os pulsos ardem-lhe. Percebe então que está dentro do camião, amarrada com alguma coisa e que tem a boca tapada com fita adesiva. Está deitada de lado com as mãos atadas sobre a cabeça. Tem dificuldade em ver, como se os olhos ainda estivessem a dormir. A luz do sol penetra fragmentada através da lona. Pestaneja e o campo de visão fica desfocado. Sente-se terrivelmente mal e tem uma dor de cabeça latejante.

Por baixo dela, os enormes pneus atroam contra o asfalto.

Tem as mãos presas à estrutura de aço que sustenta a cobertura de lona com uma abraçadeira de plástico. Jenny tenta compreender o que se passou. Atiraram-na ao chão e puseram-lhe um pano frio sobre a boca e o nariz. Uma onda de angústia invade-a. Olha para baixo e vê que o vestido está puxado para cima até à cintura, mas ainda tem os *collants* vestidos.

O camião avança por uma estrada reta, o motor mantém um número de rotações constante.

Jenny procura desesperadamente uma explicação razoável, um motivo para um mal-entendido, porém, na verdade, já percebeu o que está a acontecer. A única resposta é ela encontrar-se, naquele preciso momento, na situação que todas as pessoas mais temem na vida, que vemos nos filmes de terror, mas que não pode acontecer na realidade.

Deixou a bicicleta na escola e pôs-se a caminho de casa, fingindo não ter reparado que Eleonor a seguia, quando o grande camião guinou atrás dela e ficou em cima da via pedonal. A bofetada chegou tão repentinamente que não teve tempo de reagir, e puseram-lhe um pano molhado na cara

antes de conseguir levantar-se do chão. Não faz ideia de quanto tempo esteve inconsciente.

As mãos estão frias devido à falta de circulação sanguínea. Sente a cabeça andar à roda e perde a visão por instantes, recuperando-a logo a seguir. Encosta a face ao chão. Tenta respirar com calma, não podendo vomitar por ter a bocada tapada.

Há uma cabeça de peixe seca firmemente encaixada numa fenda junto às portas traseiras do camião. O ar no interior do atrelado tem um odor desagradável e adocicado.

Jenny levanta de novo a cabeça, pestaneja e vê um armário de metal com um cadeado e duas grandes tinas de plástico na parte da frente do atrelado. Os recipientes estão presos com grossas correias e o chão em volta está molhado.

Procura recordar-se daquilo que as mulheres que sobreviveram a ataques de assassinos em série disseram sobre resistir-lhes ou criar laços com eles conversando sobre orquídeas.

Não faz sentido tentar gritar através da fita adesiva, pois ninguém a ouvirá, ou talvez só o condutor. Deve, pelo contrário, ficar em silêncio. É melhor que ele não saiba que está acordada.

Estica o corpo e levanta a cabeça na direção das mãos. O atrelado balança, dando-lhe volta ao estômago. A boca enche-se de vômito; os músculos tremem; a abraçadeira corta-lhe a pele. Com os dedos dormentes, agarra na extremidade da fita adesiva e tira-a da boca. Cospe, cai de lado e tenta tossir silenciosamente. Tem a visão afetada pela substância em que o pano estava embebido. Ao olhar para a estrutura de aço que sustenta a cobertura de lona, é como se estivesse a ver através de serapilheira.

Cada poste sobe verticalmente até ao teto, faz uma curva abrupta de noventa graus, continua ao longo do teto e vira para baixo do lado oposto do atrelado. Uma espécie de treliça ligada por vigas ao longo das laterais.

Pestanejando, tenta focar o olhar e vê que o lado oposto do atrelado não tem vigas: a própria lona tem por dentro cinco filas de tábuas que a mantêm fixa.

Jenny percebe que isto permite enrolar a cobertura para cima quando a carga é colocada no atrelado. Se, com as mãos atadas, conseguir percorrer o arco de aço até ao teto e descer do outro lado, talvez seja capaz de abrir a cobertura e gritar por ajuda ou chamar a atenção de alguém que passe de carro. Tenta fazer deslizar a abraçadeira pelo poste acima, mas ela fica imediatamente apertada. A pele arde-lhe por causa do plástico cortante.

O camião muda de faixa, Jenny desequilibra-se para o lado e bate com a têmpora na viga. Volta a sentar-se, engole várias vezes e recorda aquela manhã e a mesa do pequeno-almoço, com torradas e compota. A mãe tinha começado a contar-lhe que, no dia anterior, a tia colocara quatro *stents* nas coronárias. O telemóvel de Jenny estava em cima da mesa, ao lado da chávena de chá. Estava sem som, mas, ainda assim, o olhar dela tinha sido atraído pelas notificações no ecrã. O pai zangara-se por vê-la comportar-se como se a notícia lhe fosse indiferente, ali sentada a olhar para o telemóvel, e ela ficara revoltada com a atitude injusta dele.

– Porque é que estás sempre a implicar comigo? O que é que eu fiz? Tu estás é insatisfeito com a vida – gritou ela, e saiu da cozinha.

O chão inclina-se, o veículo pesado abranda e o condutor põe uma mudança mais baixa numa subida. A luz do sol penetra intermitentemente através da lona e ilumina o chão sujo. No meio de pedaços de lama seca e folhas enegrecidas, está um dente incisivo.

As veias de Jenny enchem-se de adrenalina. Ela olha rapidamente à sua volta. A apenas alguns metros, vê duas unhas soltas pintadas com verniz vermelho. Escorreu sangue por um dos postes e há cabelos presos num parafuso da porta traseira.

– Meu Deus, meu Deus, meu Deus – murmura Jenny, pondo-se de joelhos.

Fica sentada sem se mexer, afrouxa a abraçadeira e sente o sangue fluir de novo para as mãos, com milhares de pequenas picadas nos dedos. Todo o corpo lhe treme e ela tenta levantar-se outra vez, porém a abraçadeira aperta-se.

– Eu consigo fazer isto – murmura.

Tem de organizar os pensamentos, não pode deixar que o pânico tome conta de si.

Abana um pouco as mãos, move-as para o lado e percebe que pode deslocar-se ao longo da viga inferior. Respira demasiado depressa quando tenta ultrapassar irregularidades, atinge a parte da frente do atrelado, agarra a viga com as duas mãos e puxa, mas está soldada ao último poste e é completamente impossível movê-la.

Olha então para o armário de metal: o cadeado está aberto e oscila pendurado pelo arco. A náusea reaparece, mas não tem tempo a perder porque a viagem pode terminar a qualquer momento.

Inclina-se para a frente afastando-se o máximo possível da viga, endireita os braços, estica-os ao máximo e chega ao cadeado com a boca. Levanta-o com cuidado, trá-lo consigo, põe-se de joelhos, deixa-o cair sobre as coxas, afasta devagar as pernas e permite-lhe que escorregue silenciosamente para o chão.

O camião pesado vira e a porta do armário abre-se. Está cheio de pincéis, latas, alicates, serrotes, facas, tesouras, produtos de limpeza e panos.

Ela sente o pulso a acelerar e a cabeça a explodir.

O motor começa a emitir um som diferente e o camião anda mais devagar. Jenny volta a levantar-se, estica-se para o lado, afasta a porta com



a cabeça e, numa das prateleiras, vê uma faca com um cabo de plástico sujo entre duas latas de tinta.

– Meu Deus, salva-me, meu Deus – sussurra.

O veículo dá uma guinada e a porta de metal fecha-se com tanta força sobre a cabeça de Jenny que ela perde os sentidos por alguns segundos e cai de joelhos.

Vomita, põe-se de pé novamente e vê sangue a pingar-lhe dos pulsos para o chão sujo. Inclina-se para a frente, alcança o cabo da faca com a boca e agarra-o com os dentes no preciso momento em que o veículo para com um silvo.

Ouve-se o som de algo a raspar quando tira a faca da prateleira. Cuidadosamente, com a boca, põe a lâmina enferrujada entre as mãos, faz toda a pressão que consegue contra a grossa abraçadeira e começa a cortá-la.

### 3

Jenny segura a faca com os dentes e tenta cortar a abraçadeira que tem à volta dos pulsos. Ao ver que a lâmina fez apenas um pequeno sulco no plástico branco, morde o cabo com mais força e aumenta a pressão.

Pensa no pai, na sua expressão triste quando gritou com ele de manhã, no vidro partido do seu relógio, nos movimentos desamparados da sua mão.

Continua a cortar, apesar de a boca começar a doer-lhe bastante. A saliva escorre pelo cabo da faca. Sente-se tonta e está prestes a desistir, mas a abraçadeira rebenta: a lâmina atravessou o plástico.

Cai de lado a tremer e ouve o barulho da faca a tombar no chão. Levanta-se de novo, apanha-a, vai até ao lado direito do atrelado e põe-se à escuta. Não se ouve nada. Tem de ser rápida, porém as mãos tremem-lhe tanto que, no início, tem dificuldade em perfurar a lona com a lâmina.

Ouve-se um zumbido que dura alguns segundos.

Jenny pega na faca de outra forma e faz um corte vertical na cobertura mesmo ao lado do último poste, alarga a fenda alguns centímetros e espreita para fora. Tinham parado numa bomba de gasolina automática para camiões. O chão está pejado de caixas de piza, trapos sujos de óleo e preservativos.

O seu coração bate com tanta força que sente dificuldade em respirar. Não há outros carros nem pessoas à vista. O vento arrasta consigo um copo de plástico pelo asfalto. Sente o estômago revolver-se, mas consegue contrariar o reflexo de vômito e engole em seco. O suor escorre-lhe pelas costas.

Com as mãos trémulas, faz um corte horizontal imediatamente por cima do lugar onde uma das tábuas passa por dentro da lona, e pensa em sair do atrelado e correr a fim de se esconder na floresta.

Ouvem-se passos pesados e um chocalhar metálico. Os sentidos turvam-se-lhe de novo.

Sai para o exterior, fica de pé na borda do atrelado, sente o vento no rosto, agarra-se à lona, cambaleia e deixa cair a faca. Ao olhar para o chão, uma tontura invade-lhe o cérebro, como se o caminhão estivesse a capotar.

Quando aterra no chão, sente um dos tornozelos a arder; dá um passo e consegue manter-se de pé. Está tão zonza que não é capaz de andar em linha reta. Cada movimento que faz gera no cérebro movimentos contrários ainda maiores.

A bomba de gasolina emite um ruído pulsante.

Jenny pestaneja e começa a andar, quando um grande vulto dá a volta ao atrelado e a vê. Ela para, recua a cambalear e percebe que vai vomitar outra vez. Agacha-se sob o engate de reboque lamacento entre o atrelado e o caminhão, rasteja para baixo dele e vê o vulto apressar-se na direção oposta.

Os pensamentos sucedem-se num turbilhão: tem de se esconder. Levanta-se com as pernas a tremer e percebe que não vai ser capaz de correr para a floresta a fim de fugir ao condutor. Já não sabe onde ele está.

O pulsar do sangue ressoa-lhe nos ouvidos, mas tem de voltar à estrada principal e parar um carro. O chão oscila e contorce-se sob os seus pés, as árvores passam por ela a correr, o vento forte agita as ervas amarelecidas na berma da estrada. Não vê o condutor em lado nenhum. Pensa que talvez tenha ido para o outro lado do caminhão ou se tenha escondido atrás das filas de enormes pneus. O estômago contrai-se-lhe dolorosamente.

Olha em todas as direções, pestaneja com força e tenta perceber onde é a entrada para a autoestrada.

Ouve-se o som de algo a arrastar. Ela tem de fugir, tem de se esconder.

Os seus joelhos estão prestes a ceder quando começa a recuar ao longo do atrelado. Vê alguns caixotes do lixo, um painel informativo e um caminho que entra na floresta. Muito perto, ouve-se o ruído surdo de um

motor. Ela olha para o asfalto, tenta concentrar-se, pensa em gritar por ajuda quando, de repente, vê as sombras moverem-se ao lado da sua perna.

Uma mão grande apanha-lhe o tornozelo e atira-a ao chão. Ela cai sobre a anca e o pescoço estala quando o ombro bate no asfalto. O condutor está debaixo do atrelado e puxa-a para si. Ela tenta agarrar-se a um pneu, vira-se para cima, dá pontapés com a perna livre, que vai contra o eixo da suspensão, esfola o tornozelo, solta-se e rasteja para fora.

Põe-se de pé, toda a paisagem parece tombar para o lado. Engole o vômito que lhe sobe à garganta, ouve pancadas abafadas e passos rápidos, e supõe que o condutor vem a correr do outro lado do atrelado. Cambaleia para a frente, agacha-se debaixo da mangueira da bomba de combustível, avança o máximo que consegue em direção à orla da floresta, olha em volta e vai contra uma pessoa.

– Ei, o que se passa?

É um polícia que está a urinar para vegetação alta. Ela agarra-se ao casaco dele, quase cai e puxa-o para si.

– Ajude-me...

Larga-o e cambaleia para o lado.

– Dá um passo atrás – diz ele.

Jenny engole e tenta agarrar-lhe o casaco outra vez. Ele empurra-a, ela tropeça sobre a vegetação, cai de joelhos e ampara a queda com as mãos.

– Por favor – implora, ofegante.

O chão oscila e ela cai de lado, olha para a mota da Polícia por entre a erva e vê um movimento no tubo de escape brilhante. É o camionista que se aproxima a passos largos. Ela vira a cabeça e, como que através de um vidro partido, vê as calças de ganga manchadas e o sobretudo de cabedal.

– Ajude-me – repete, enquanto se esforça por conter os vômitos.

Tenta levantar-se, mas vomita novamente para a erva ao mesmo tempo que os ouve conversar. Uma das vozes diz algo como «é minha filha» e

explica que não é a primeira vez que ela foge de casa e bebe álcool.

Sente o estômago revolver-se de novo e sobe-lhe bÍlis para a boca. Tosse e tenta dizer qualquer coisa, porém vomita outra vez.

– O que é posso fazer? Ameaçar tirar-lhe o telemóvel?

– Sei bem o que isso é – responde o polícia a rir.

– Vá, querida – diz o condutor, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Deita tudo fora e sentes-te logo melhor.

– Que idade tem ela? – pergunta o polícia.

– Dezassete, portanto daqui a um ano já decide por si própria... Mas se me desse ouvidos, fazia o secundário para não ter de conduzir um camião.

– Por favor – murmura Jenny, limpando o vomitado viscoso da boca.

– Ela não pode dormir numa cela para bêbedos? – pergunta o condutor.

– Com dezassete anos não – diz o polícia, e responde a uma chamada pelo rádio.

– Não se vá embora – grita Jenny.

O polícia dirige-se apressadamente para a mota enquanto termina a comunicação com a central.

Muito perto, uma gralha grasna. A vegetação alta inclina-se agitada pelo vento, e Jenny vê o polícia pôr o capacete e as luvas. Sabe que tem de se levantar e apoia as mãos no chão. Uma tontura quase a faz tombar para o lado, mas resiste-lhe e põe-se de joelhos.

O polícia sobe para a mota e liga-a. Ela tenta chamá-lo, porém ele não a ouve.

A gralha levanta voo quando ele põe uma mudança e se afasta.

Jenny cai outra vez sobre a erva e ouve a gravilha do asfalto crepitar sob o peso das rodas quando o polícia desaparece.

## 4

Pamela gosta dos cristais de gelo soltos que se formam quando a neve começa a derreter na pista. Os esquis ganham uma aderência quase assustadora.

Ela e a filha usaram protetor solar, ainda assim ficaram um pouco bronzeadas. Martin apanhou um escaldão no nariz e por baixo dos olhos. Almoçaram na esplanada do restaurante Toppstugan e o sol estava tão quente que Pamela e Alice tiraram os casacos e ficaram em camisola interior.

Como os três têm as pernas muito doridas, decidiram que amanhã não vão esquiar. Em vez disso, Alice e Martin vão pescar trutas, enquanto Pamela fica no *spa* do hotel.

Quando Pamela tinha dezanove anos, fez uma viagem pela Austrália com o amigo Dennis. Num bar, conheceu um rapaz chamado Greg e dormiu com ele num *bungalow*. Já tinha regressado à Suécia quando descobriu que estava grávida. Enviou uma carta para o bar, em Port Douglas, endereçada ao Greg de olhos da cor do mar. Ele respondeu-lhe um mês depois, explicou que estava numa relação e dispunha-se a pagar o aborto.

O parto foi difícil e acabou numa cesariana de emergência. Tanto ela como a menina sobreviveram, no entanto, depois de o médico desaconselhar que tivesse mais filhos, colocou um dispositivo intrauterino para não voltar a engravidar. Dennis esteve sempre ao seu lado, apoiou-a e incentivou-a a realizar o sonho de estudar arquitetura.

Depois do curso de cinco anos, Pamela conseguiu trabalho quase de imediato numa pequena empresa em Estocolmo, e conheceu Martin quando estava a desenhar uma vivenda em Lidingö. Ele trabalhava como supervisor para o cliente da obra, viajava pelo país e parecia uma estrela de *rock* descontraída, com o seu olhar intenso e cabelo comprido.

Beijaram-se pela primeira vez numa festa em casa de Dennis, foram viver juntos quando Alice tinha seis anos e casaram-se dois anos depois. Agora Alice tem dezasseis e vai para o primeiro ano do secundário.

Já passa das oito e está escuro do lado de fora da janela da suíte do hotel. Pediram o serviço de quartos e, antes que comida chegue, Pamela arruma à pressa camisolas e meias que estão espalhadas por todo o lado. Martin canta «Riders on the Storm» no duche. Combinaram comer à frente da televisão, abrir uma garrafa de champanhe depois de Alice adormecer, trancar a porta e fazer sexo.

Pamela amontoa todas as roupas da filha no braço e entra no quarto dela. Alice está sentada na cama só com roupa interior e tem o telemóvel na mão. Parece-se com a mãe quando era pequena, com os mesmos olhos, o mesmo cabelo castanho-avermelhado e os mesmos caracóis densos.

– A matrícula do camião foi roubada – diz ela, erguendo o olhar do telemóvel.

Há três semanas, os meios de comunicação começaram a reportar um desaparecimento em Katrineholm. Uma rapariga da idade de Alice tinha sido atacada e raptada. O nome dela era Jenny Lind, precisamente como a lendária cantora de ópera.

Era como se toda a Suécia estivesse empenhada na busca da rapariga e do camião polaco. A Polícia tinha pedido ajuda e recebera uma grande quantidade de informações do público, mas até ao momento não havia qualquer rasto dela.

Pamela volta para a sala de estar, ajeita as almofadas do sofá e apanha o comando da televisão do chão. A escuridão adensa-se na janela.

Ela sobressalta-se quando batem à porta. No preciso momento em que se prepara para abrir, Martin sai da casa de banho a cantar e a sorrir. Está completamente nu e tem a toalha de banho enrolada no cabelo húmido. Ela



empurra-o novamente para a casa de banho e ouve-o continuar a cantar quando a empregada entra com o carrinho do serviço de quarto.

Pamela olha para o telemóvel a fim de ter alguma coisa para fazer enquanto a mulher põe a mesa na sala de estar. Pensa que ela estará certamente a interrogar-se sobre a canção que vem da casa de banho.

– Ele está bem, juro – diz Pamela a brincar.

A empregada não sorri. Limita-se a entregar-lhe a conta num prato prateado e pede-lhe que escreva o valor total e assine antes de se ir embora.

Pamela grita a Martin que pode sair da casa de banho, vai chamar Alice, e os três sentam-se com pratos e talheres na enorme cama. Enquanto comem, veem um filme de terror que saiu há pouco tempo.

Uma hora depois, Pamela e Martin dormem. Quando o filme acaba, Alice desliga a televisão, tira os óculos à mãe, recolhe os pratos e os copos, apaga as luzes e escova os dentes antes de ir para o quarto.

Em breve, a pequena cidade no vale fica em silêncio.

Pouco depois das três da manhã, uma aurora surge no céu como troncos de árvores azul-prateados numa paisagem queimada. Pamela é acordada pelo soluçar de um menino na escuridão. O choro baixo para antes de ela perceber onde está. Deitada e completamente imóvel, põe-se a pensar nos pesadelos de Martin.

O choro vinha da janela junto à cama.

No início, quando namoravam, ele sonhava frequentemente com meninos mortos. Pamela achava enternecedor que um homem adulto fosse capaz de reconhecer que tinha medo de espíritos. Ela lembra-se de uma noite em que ele acordou aos gritos. Sentaram-se na cozinha a beber chá de camomila. Ficou arrepiada ao ouvi-lo descrever um espírito ao pormenor. O rapaz tinha a cara cinzenta e alisara o cabelo com sangue apodrecido, o nariz estava partido e um dos olhos pendia da órbita.

Ouve-se mais um soluço.

Pamela está completamente desperta e vira a cabeça devagar.

O radiador zumba por baixo da janela e o ar quente que expele enfuna a cortina, como se uma criança estivesse atrás dela e pressionasse a cara contra o tecido.

Quer acordar Martin, mas não se atreve a falar. O choro baixo ouve-se novamente, mesmo ao lado da cama junto ao chão. O seu coração começa a bater mais depressa e, no escuro, procura Martin com a mão, mas não há ninguém, o lençol está frio.

Puxa as pernas para cima e encolhe-se. De repente, tem a sensação de que o choro se mudou para o lado da cama em que ela se encontra, antes de parar outra vez.

Lentamente, estica-se para alcançar o candeeiro da mesa de cabeceira. Não consegue ver a própria mão no escuro. É como se o candeeiro estivesse mais longe do que na noite anterior. Põe-se atentamente à escuta do mínimo movimento, procura em volta com a mão, encontra o pé do candeeiro e segue o fio até abaixo. O choro volta a fazer-se ouvir junto à janela, no preciso instante em que ela alcança o interruptor com os dedos e acende a luz.

Pamela pestaneja na claridade repentina, põe os óculos, levanta-se da cama e vê Martin deitado no chão em calças de pijama. Está a sonhar com qualquer coisa angustiante e tem as faces molhadas de lágrimas. Ela ajoelha-se ao lado dele e põe-lhe uma mão no ombro.

– Amor – chama em voz baixa. – Amor, tu...

Martin arregala os olhos e dá um grito. Pestaneja confuso, olha em volta para o quarto de hotel, e depois outra vez para ela. Os lábios mexem-se, mas não consegue proferir uma única palavra.

– Caíste da cama – diz-lhe ela.

Ele senta-se com as costas apoiadas na parede, limpa a boca e olha fixamente para a frente.

– Com que é que estavas a sonhar?  
– Não sei – murmura Martin.  
– Era um pesadelo?  
– Não sei, o meu coração estava muito acelerado – responde ele, voltando para a cama.

Pamela deita-se ao lado dele e segura-lhe a mão.

– Não te faz bem ver filmes de terror.  
– Não – responde ele sorrindo e olhando-a nos olhos.  
– Mas tu sabes que é só a fingir – diz Pamela.  
– Tens a certeza?  
– Não é sangue verdadeiro, é *ketchup* – brinca ela, apertando-lhe a bochecha.

Pamela apaga a luz e puxa-o para si. Fazem amor o mais silenciosamente possível e depois adormecem enroscados um no outro.

## 5

Depois do pequeno-almoço, Pamela está deitada na cama a ler as notícias no seu *iPad*, enquanto Martin e Alice se preparam para sair.

O sol nasceu e os pingentes de gelo do lado de fora da janela estão transparentes e já gotejam.

Martin adora pescar no gelo. Não se cansa de falar sobre estar deitado de barriga para baixo, tapar a luz, olhar para a água através do buraco e ver as trutas grandes a aproximarem-se. O *concierge* do hotel recomendou-lhe o lago Kallsjön, que faz parte da bacia hidrográfica do rio Indalsälven. Tem muito peixe e é facilmente acessível de carro, mas, apesar disso, pode-se estar lá à vontade.

Alice pousa a mochila ao pé da porta, põe ao pescoço as picaretas de segurança para pesca no gelo e aperta os atacadores das botas.

– Estou a começar a arrepender-me – diz ao levantar-se. – Uma massagem e um tratamento facial soam-me mesmo bem.

– Vou desfrutar de cada segundo – ri-se Pamela na cama. – Vou...

– Para – interrompe-a Alice.

– Nadar, fazer sauna, manicure...

– Por favor, não quero saber.

Pamela enrola-se no robe, vai ter com eles, abraça Alice com força, beija Martin e deseja-lhes uma pescaria de merda, como já percebeu que se deve fazer.

– Não fiquem muito tempo e tenham cuidado – diz-lhes.

– Aproveita a solidão – responde Martin com um sorriso.

A pele de Alice quase parece brilhar com luz própria e alguns caracóis do seu cabelo castanho-avermelhado saem-lhe do gorro.

– Tens de abotoar o casaco no pescoço – diz Pamela.

Acaricia a bochecha da filha e deixa lá ficar a mão, apesar de sentir a sua impaciência. Os dois sinais imediatamente por baixo do olho esquerdo de Alice sempre a fizeram pensar em lágrimas.

– O que é? – pergunta Alice a sorrir.

– Diverte-te com o teu pai.

Eles saem e Pamela fica à porta a vê-los afastarem-se no corredor até desaparecerem. Fecha a porta, volta para o quarto e para ao ouvir o som de algo a raspar.

Neve molhada desliza pelo telhado, cintila ao passar pela janela e cai pesadamente no chão.

Pamela veste um biquíni e um robe de banho e calça umas pantufas; põe o cartão-chave, o telemóvel e um livro no saco de pano e sai da suíte. A área de *spa* está totalmente vazia porque toda a gente foi para as encostas. A superfície da água das grandes piscinas está completamente lisa e reflete a neve e a floresta no exterior. Pousa o saco numa mesa entre duas espreguiçadeiras, despe o robe e dirige-se a um banco com rolos de toalhas limpas.

De um dos lados, a piscina é delimitada ao comprido por uma arcada com colunas. Ela entra na água tépida e começa a nadar lentamente. Depois de fazer dez piscinas, para na extremidade oposta, mesmo à frente da janela panorâmica. Queria que Martin e Alice estivessem agora com ela.

«Isto é mágico», pensa, contemplando as montanhas e a floresta de abetos iluminadas pela luz do sol.

Nada outras dez piscinas, sai da água e senta-se na espreguiçadeira a ler. Um empregado jovem aproxima-se e pergunta-lhe se ela deseja alguma coisa. Embora a manhã mal tenha começado, Pamela pede-lhe um copo de champanhe.

Um pedaço de neve pesada cai no chão por baixo de um grande abeto. Os ramos abanam e pequenos flocos de neve rodopiam à luz do sol.

Lê três capítulos, acaba de beber o champanhe, pousa os óculos, vai sentar-se na sauna a vapor e põe-se a pensar no pesadelo recorrente de Martin. Os pais e os dois irmãos morreram num acidente de carro quando ele era pequeno. Martin foi projetado através do vidro da janela, esfolou gravemente as costas contra o asfalto, mas sobreviveu.

Quando ela e Martin se conheceram, o seu melhor amigo, Dennis, trabalhava como psicólogo num centro de acolhimento de jovens e, em simultâneo, estava a especializar-se em luto. Ele conseguiu fazer com que Martin se abrisse e falasse sobre a sua perda e os sentimentos de culpa que arrastava atrás de si como uma âncora flutuante.

Permanece na sauna até ficar encharcada de suor e vapor, depois toma um duche, veste um biquíni seco e dirige-se à sala de massagens. Uma mulher com a cara cheia de cicatrizes e um olhar triste dá-lhe as boas-vindas. Pamela tira a parte de cima do biquíni, deita-se de barriga para baixo na mesa de massagens e a massagista cobre-lhe as ancas com uma toalha. As mãos da mulher são ásperas e os óleos quentes cheiram a folhas verdes e madeira.

Pamela fecha os olhos e sente os pensamentos desvanecerem-se. Passa-lhe pela mente a imagem de Martin e Alice a desaparecerem no corredor silencioso, sem olharem para trás.

As pontas dos dedos da mulher descem pela coluna até à toalha. Massaja-lhe a parte superior dos glúteos obrigando as coxas a afastarem-se. Pamela pondera, depois da massagem, voltar à piscina e pedir um copo de vinho e uma tosta de camarão. A massagista aplica mais óleo e desliza as mãos pela cintura, subindo pelas costelas até às axilas.

Um arrepio percorre-lhe o corpo, apesar do calor que está na sala de massagens. Talvez seja apenas dos músculos a aquecer. Pensa outra vez em Martin e Alice. Por algum motivo, na sua imaginação, é como se estivesse a

vê-los de uma altura elevada. O Kallsjön estende-se entre as montanhas, o gelo é da cor do aço e eles são visíveis apenas como dois pontos negros.

Para concluir a massagem, a mulher cobre-a com uma toalha quente e sai da sala. Pamela deixa-se estar por algum tempo, depois levanta-se com cuidado e veste a parte de cima do biquíni. As pantufas estão molhadas e frias quando as calça.

Ao longe, ouve o som de um helicóptero.

Muda de sala e cumprimenta a esteticista, uma mulher loura que parece ter vinte anos. Adormece durante a limpeza profunda e o *peeling*. A esteticista está a preparar uma máscara facial de argila quando batem à porta. Ela pede desculpa e sai. Pamela ouve um homem a falar depressa, mas não consegue perceber claramente as palavras. Um instante depois, a jovem volta com uma estranha expressão nos olhos.

- Lamento, mas parece ter havido um acidente – diz.
- Que acidente? – pergunta Pamela um pouco alto de mais.
- Eles dizem que não é grave, mas talvez seja melhor ir ao hospital.
- Que hospital? – pergunta ela, tirando o telemóvel do saco.
- Em Österund, o hospital de Österund.

## 6

Pamela não repara que tem o robe completamente aberto enquanto atravessa o hotel apressadamente. Telefona a Martin e o pânico aumenta a cada sinal de chamada que ouve. Quando ninguém atende, começa a correr e perde uma pantufa, mas segue em frente. A carpete macia abafa-lhe o som dos passos como se ressoassem debaixo de água.

Telefona a Alice, no entanto a chamada passa diretamente para o *voice mail*. Ela para à frente dos elevadores e carrega no botão, descalça a outra pantufa e sente a mão tremer quando telefona outra vez a Martin.

– Atende – sussurra ela.

Espera um pouco e depois decide ir pelas escadas. Agarra-se ao corrimão e sobe dois degraus de cada vez. No patamar do segundo piso, por pouco não tropeça num garrafão de plástico de detergente para o chão. Contorna-o e continua a subir, enquanto tenta compreender o que a mulher loura lhe disse. Disse que não era grave. Mas então porque é que não atendem o telefone?

Tropeça ao sair para o corredor do terceiro piso, apoia-se na parede para recuperar o equilíbrio e começa a correr. Sem fôlego, para à porta da suíte, tira o cartão, entra, vai direita à secretária, pega no telefone fixo, sem querer deita ao chão o suporte com folhetos, liga para a receção e pede-lhes que chamem um táxi. Veste a roupa por cima do biquíni, pega na mala e no telemóvel e sai do quarto.

Durante toda a viagem de táxi, continua a telefonar e a enviar mensagens a Alice e Martin. Até que, finalmente, alguém atende do hospital. Fala com uma mulher que diz não lhe poder dar informações. O coração de Pamela dispara e tem de se conter para não gritar com ela.

Troncos de árvores e montículos de neve surgem em rápida sucessão do lado de fora da janela do carro. A luz do sol ilumina os abetos escuros e



densos. Pegadas de lebre desaparecem nas áreas desflorestadas. A estrada está molhada com neve lamacenta.

Ela aperta as mãos uma na outra e pede a Deus que esteja tudo bem com Martin e Alice.

Os pensamentos vêm-lhe à mente com uma intensidade insuportável. Vê o carro alugado derrapar na neve e rolar por uma encosta abaixo, uma urso a atacar por entre os ramos dos abetos, uma linha de pesca a rebentar, o anzol a cravar-se num olho, e uma perna partida por cima do cano da bota.

Telefonou mais de trinta vezes a Martin e Alice, enviou mensagens e *e-mails*, contudo, quando o táxi chega a Östersund, ainda não recebeu nenhuma resposta.

O hospital é um grande complexo com fachadas castanhas e pontes de ligação envidraçadas sob a luz intensa do sol. A água resultante do derretimento da neve escorre pelo asfalto.

O taxista vira e para junto à entrada destinada às ambulâncias. Ela paga e sai do veículo, com a cabeça a latejar de angústia. Apressa-se ao longo de uma parede castanha com uma decoração peculiar de blocos de madeira vermelho-sangue, chega a uma espécie de átrio, avança a cambalear até à receção e ouve a sua própria voz à distância ao apresentar-se. As mãos tremem-lhe enquanto tira o documento de identificação.

O homem de barba na receção pede-lhe que se sente na sala de espera, mas ela fica em pé a olhar para os próprios sapatos e para o tapete preto. Ocorre-lhe que poderia pegar no telemóvel e procurar informações sobre acidentes nos *sites* de notícias, mas não é capaz de o fazer. Nunca sentiu tanto medo em toda a sua vida.

Dá alguns passos, vira-se e olha para o homem de barba. Não se sente capaz de esperar mais e decide ir à procura da sua família nos vários quartos das urgências.

– Pamela Nordström? – pergunta um auxiliar que se aproxima dela.

– O que é que aconteceu? Não consegui saber nada – diz ela, engolindo em seco enquanto o acompanha.

– Não sei. Tem de falar com o médico.

Passam por corredores com macas. Portas com vidros manchados abrem-se automaticamente à frente deles. Uma mulher idosa está sentada numa sala de espera a chorar. Peixes de aquário movem-se em cardumes reluzentes ao seu lado.

Entram na unidade de anestesia e cuidados intensivos. Os enfermeiros andam numa azáfama pelos corredores com portas fechadas. O chão de vinil é creme e cheira intensamente a desinfetante. Uma enfermeira com sardas sai de um quarto e dirige-se a ela com um sorriso tranquilizador.

– Compreendo que esteja preocupada – diz, cumprimentando Pamela com um aperto de mão. – Mas não é grave, garanto. Vai tudo correr bem. O médico já vem falar consigo.

Pamela segue a enfermeira até um quarto de cuidados intensivos. Ouve-se o silvo ritmado de um ventilador.

– O que aconteceu? – pergunta quase sem emitir um som.

– Estamos a mantê-lo sob anestesia, mas está fora de perigo.

Martin está deitado numa cama com um tubo na boca. Tem os olhos fechados e está ligado a vários aparelhos que registam o batimento cardíaco, a pulsação e os valores de dióxido de carbono e de oxigénio no sangue.

– Mas...

A voz de Pamela falha e ela apoia-se contra a parede.

– Ele caiu por entre o gelo e estava com a temperatura extremamente baixa quando foi encontrado.

– E a Alice? – murmura ela.

– Como assim? – pergunta a enfermeira a sorrir.

– A minha filha, onde está a minha filha? Onde está a Alice?

Ela ouve a agitação na própria voz, ouve o seu tom descontrolado enquanto a enfermeira empalidece.

– Não sabemos nada sobre...

– Eles estavam juntos no gelo – grita Pamela. – Ela estava com ele, não é possível que a tenham deixado para trás, é apenas uma criança. Não podem... não podem!

*Cinco anos depois*

Diz-se que quando uma porta se fecha, Deus abre outra – ou pelo menos uma janela. Mas quando certas portas se fecham, o ditado parece mais irónico do que reconfortante.

Pamela mete na boca um rebuçado de menta e desfá-lo com os dentes.

Com um ruído abafado, o elevador sobe para a unidade de internamento de pacientes com doenças psiquiátricas do Hospital de Sankt Göran. Os espelhos à frente e atrás de Pamela multiplicam-lhe o rosto numa curva sem fim.

Ela rapou o cabelo na véspera do funeral, mas agora os caracóis castanho-avermelhados já lhe chegam outra vez aos ombros.

No primeiro aniversário da morte de Alice, Pamela tatuou dois sinais por baixo do olho esquerdo, exatamente onde a filha tinha as suas marcas de nascença. Dennis convenceu-a a ir ao Centro de Crise e Trauma e ela aprendeu, passo a passo, a viver com a perda. Agora já nem toma antidepressivos.

O elevador para e as portas deslizam para os lados. Pamela atravessa o *hall* de entrada deserto, apresenta-se na receção e entrega o telemóvel.

– Então é agora que são as mudanças – diz a mulher com um sorriso.

– Finalmente – responde Pamela.

A rececionista põe o telemóvel num compartimento, dá-lhe uma chapa numerada, levanta-se e passa o cartão pelo leitor para abrir a porta. Pamela agradece e avança pelo longo corredor. No chão, ao lado de um carrinho de limpezas, está uma luva de látex com sangue.

Ela entra na sala de convívio, cumprimenta o auxiliar e, como de costume, senta-se no sofá à espera. Às vezes, Martin demora muito tempo a ficar pronto.

Um homem novo está sentado à frente de um tabuleiro de xadrez. Fala angustiadamente consigo mesmo e ajusta com minúcia a posição de uma das peças.

Uma mulher idosa está de pé com a boca aberta e olha para a televisão enquanto alguém que parece ser a filha tenta falar com ela.

A luz matinal faz brilhar o pavimento de vinil. O auxiliar atende o telemóvel, responde em voz baixa e sai.

Ouve-se um grito de fúria através das paredes.

Um homem mais velho com calças de ganga desbotadas e uma *T-shirt* preta entra na sala, olha em volta e senta-se no cadeirão diante de Pamela. Tem talvez sessenta anos, as rugas no rosto magro são profundas, os olhos são de um verde vivo e o cabelo está apanhado num rabo de cavalo.

– Essa blusa é gira – diz ele, inclinando-se para a frente na direção dela.

– Obrigada – responde ela secamente, fechando o casaco.

– Conseguia ver-te os mamilos através do tecido – afirma ele em voz baixa. – Agora que to disse, eles ficaram rijos, eu sei... O meu cérebro está cheio de sexualidade tóxica...

O coração de Pamela acelera de desconforto; decide levantar-se dentro de alguns segundos e voltar à receção, sem mostrar medo.

A mulher idosa em frente à televisão dá uma gargalhada, e o jovem derruba com um dedo o rei preto no tabuleiro de xadrez. Através das paredes, ouve-se o ruído do *buffet* elétrico. Fios de pó agitam-se presos à grelha de ventilação junto ao teto.

O homem diante de Pamela ajeita as calças entre as pernas e estende as mãos para ela num gesto de convite.

– Posso penetrar-te por trás – diz ele suavemente. – Tenho duas pilas... Juro-te que sou uma máquina de sexo, vais gritar e chorar...

Para a meio da frase e aponta para a porta do corredor.

– Ajoelha-te – diz ele com um grande sorriso. – Vem aí o super-homem, o patriarca...

Bate palmas e ri-se entusiasmado quando um homem corpulento de cadeira de rodas entra na sala de convívio, trazido por um auxiliar.

– O profeta, o mensageiro, o mestre...

O homem na cadeira de rodas parece não dar importância à aclamação. Limita-se a agradecer em surdina ao ser colocado do outro lado do tabuleiro de xadrez e ajusta a cruz de prata que lhe pende do pescoço.

O auxiliar larga a cadeira de rodas e aproxima-se do homem ajoelhado com um sorriso forçado nos lábios.

– Primus, o que estás aqui a fazer? – pergunta o auxiliar.

– Tenho uma visita – responde ele, acenando com a cabeça na direção de Pamela.

– Tu sabes que tens restrições.

– Enganei-me.

– Levanta-te sem olhar para ela – diz o auxiliar.

Pamela não ergue os olhos, mas sente que ele continua a fixá-la enquanto se levanta do chão.

– Leva daqui o escravo – diz calmamente o homem na cadeira de rodas.

Primus vira-se e segue o auxiliar, a fechadura com código emite um zumbido, a porta que conduz à área dos pacientes fecha-se atrás deles e o som dos passos sobre o chão de vinil desaparece.

## 8

A porta para o corredor dos pacientes abre-se de novo e Pamela vira a cabeça. Um auxiliar traz a mochila de Martin e entra com ele na sala de convívio.

Antes, os cabelos louros de Martin caíam-lhe sobre as costas, ele movia-se com descontração, vestia calças de cabedal, camisas pretas e usava óculos de sol com lentes espelhadas cor-de-rosa. Agora está sob o efeito de medicação forte e engordou, tem o cabelo muito curto e despenteado, o rosto pálido e ansioso. Veste uma *T-shirt* azul, umas calças de treino da *Adidas* e uns ténis sem atacadores.

– Amor – diz ela a sorrir e levanta-se do sofá.

Martin abana a cabeça e olha assustado para o homem na cadeira de rodas. Pamela avança e recebe do auxiliar a mochila dele.

– Todos nós aqui estamos muito orgulhosos de ti – diz o auxiliar.

Martin sorri nervosamente e mostra a Pamela que desenhou uma flor na palma da mão.

– É para mim? – pergunta ela.

Ele diz rapidamente que sim com a cabeça e volta a fechar a mão.

– Obrigada – agradece ela.

– Não te posso comprar das verdadeiras – diz Martin sem olhar para ela.

– Eu sei.

Martin puxa o auxiliar pelo braço e move os lábios silenciosamente.

– Já passaste revista à mochila – diz o auxiliar, virando-se depois para Pamela. – Ele quer confirmar que não se esqueceu de nada.

– Está bem – responde ela, dando a mochila a Martin.

Ele senta-se no chão, tira as coisas e coloca-as numa fila perfeita.

Não há nada de errado com o seu cérebro, que não sofreu qualquer dano na água gelada. Porém, depois do acidente, deixou de falar quase por



completo. É como se a cada palavra que profere se seguisse uma onda de angústia. Tudo parece indicar que se trata de síndrome de *stress* pós-traumático com um elemento de delírios paranoicos.

Pamela sabe que ele não sofre mais do que ela com a perda de Alice, pois isso é impossível. Mas ela é naturalmente forte e aprendeu que as pessoas reagem de formas diferentes porque todas têm predisposições diferentes. A família de Martin morreu num acidente de carro quando ele era criança, e o seu trauma complexificou-se quando Alice se afogou.

Ela olha pela janela e vê uma ambulância parada à frente das urgências psiquiátricas, porém, em vez de reparar realmente nela, isto transporta-a no tempo para a unidade de cuidados intensivos do Hospital de Östersund, há cinco anos.

– Eles estavam juntos no gelo – gritou. – Ela estava com ele, não é possível que a tenham deixado para trás, é apenas uma criança. Não podem... não podem!

A enfermeira com sardas olhava para ela fixamente e abria a boca sem proferir uma palavra.

A Polícia e os Bombeiros foram imediatamente chamados, voaram até ao lago Kallsjön e desceram com um mergulhador.

Pamela não conseguia organizar os pensamentos, dava voltas ao quarto sem parar, repetia para si mesma que era apenas um mal-entendido, que estava tudo bem com Alice. Dizia para consigo que, em breve, estariam os três à mesa, em Estocolmo, a conversar sobre este dia. Ela imaginou tudo isto, apesar de perceber que não iria acontecer, apesar de no fundo já saber o que se tinha passado.

Estava de pé ao lado da cama de Martin quando ele acordou da anestesia. Ele abriu os olhos por alguns segundos, voltou a fechá-los durante um longo momento e depois olhou para cima. Fitou-a com um olhar pesado, enquanto tentava interiorizar a realidade.

– O que aconteceu? – murmurou ele, humedecendo os lábios. – Pamela?  
O que foi?

– Caíste através do gelo – respondeu ela, engolindo em seco.

– Não, era suposto o gelo aguentar – retorquiu, e tentou levantar a cabeça da almofada. – Eu fiz um furo para testar, tinha dez centímetros de espessura... É suposto poder-se passar com uma mota, eu verifiquei...

Calou-se de repente e olhou para ela com uma intensidade súbita.

– Onde está a Alice? – perguntou com voz trémula. – Pamela, o que é que aconteceu?

Tentou sair da cama, caiu no chão e bateu com a cara contra o pavimento de vinil, o que fez com que o sobrolho comesse a sangrar.

– Alice – gritou.

– Vocês caíram os dois através do gelo? – perguntou Pamela levantando a voz. – Eu tenho de saber. Eles estão lá agora com um mergulhador.

– Não percebo, ela... ela...

O suor escorria-lhe pelas faces pálidas.

– O que aconteceu? Fala comigo, Martin! – disse ela ríspidamente, pegando-lhe no queixo. – Eu preciso de saber o que aconteceu.

– Por favor, estou a tentar lembrar-me... Estávamos a pescar, era o que estávamos a fazer... Estava a ser perfeito, tudo estava perfeito...

Esfregou a cara com as duas mãos. O sobrolho começou a sangrar outra vez.

– Diz-me logo o que aconteceu.

– Espera...

Agarrou-se ao lado da cama de tal modo que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Falámos de atravessar o lago na diagonal até outra enseada, arrumámos as coisas e...

As pupilas dilataram-se-lhe e começou a respirar mais depressa. Ficou com o rosto tão tenso que ela mal o reconhecia.

– Martin?

– Eu caí através do gelo – disse ele olhando-a nos olhos. – Não havia nenhum sinal de que o gelo estivesse mais fino, não consigo compreender...

– O que fez a Alice?

– Estou a tentar lembrar-me – disse ele com a voz claramente a quebrar.  
– Eu ia à frente dela quando o gelo cedeu... Foi tão rápido: de repente estava debaixo de água. Havia imensos blocos de gelo e bolhas e... eu tinha começado a nadar para a superfície quando ouvi o estrondo... A Alice caiu na água para baixo do gelo... Eu vim à superfície, respirei, mergulhei e vi que ela tinha perdido a orientação e se estava a afastar do buraco... Pensei que ela tinha batido com a cabeça porque havia uma espécie de nuvem vermelha à volta dela.

– Meu Deus – murmurou Pamela, e as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces.

– Eu mergulhei e achava que ia conseguir alcançá-la, mas de repente ela deixou de se debater e afundou-se.

– Como assim, afundou-se? – disse Pamela a chorar. – Como é que é possível ela ter-se afundado?

– Eu nadei atrás dela, estendi a mão para tentar agarrar-lhe o cabelo, mas não consegui... e ela desapareceu na escuridão, eu não via nada, era demasiado fundo, era tudo negro...

– Mas mergulhaste mesmo... mergulhaste mesmo atrás dela?

– Não sei o que aconteceu – murmurou ele. – Não percebo... eu não queria que me salvassem.

Mais tarde, Pamela ficou a saber que um grupo que estava a fazer patinagem de longa distância no gelo encontrara a broca cor de laranja e a

mochila ao lado do buraco aberto. A quinze metros dali, tinham visto uma pessoa debaixo do gelo, cortaram-no e tiraram-na da água. Um helicóptero levou Martin para o Hospital de Östersund. Tinha uma temperatura corporal de 27 graus e foi anestesiado de emergência. Tiveram de lhe amputar três dedos do pé direito, mas sobreviveu.

O gelo não devia ter quebrado, contudo as correntes tinham-no tornado mais fino precisamente onde eles caíram.

Esta foi a única vez que ele relatou o acidente na sua totalidade: imediatamente depois de ter acordado da anestesia. Depois disso, deixou de falar quase por completo e tornou-se cada vez mais paranoico. No primeiro aniversário do acidente, foi encontrado descalço no meio da autoestrada coberta de neve, junto ao Hagaparken. A Polícia levou-o para as urgências psiquiátricas do Hospital de Sankt Göran. Desde então, esteve durante a maior parte do tempo na unidade de internamento psiquiátrico.

Agora passaram-se cinco anos, e Martin ainda não encontrou uma forma de aceitar o que aconteceu. No último ano, o plano individual de tratamento estava orientado para o fazer transitar para uma policlínica. Aprendeu a gerir o medo e conseguiu viver em casa durante semanas seguidas sem pedir para voltar a ser internado. E agora, com a aprovação do psiquiatra-chefe, Pamela e Martin decidiram que ele se mudaria definitivamente para casa. Os três acham que está na altura de dar este passo.

Também é importante por um outro motivo.

Mais de dois anos antes, Pamela havia-se tornado voluntária da associação Bris e atendia chamadas de crianças e adolescentes com problemas. Foi assim que entrou em contacto com os serviços sociais de Gävle e ouviu falar de uma rapariga de dezassete anos que ninguém queria, Mia Andersson. Começou a negociar com eles a possibilidade de a acolher em sua casa, mas Dennis avisou-a de que o pedido seria rejeitado se Martin estivesse internado.

Quando Pamela falou de Mia a Martin, ele ficou tão contente que as lágrimas lhe correram pela cara. Foi então que prometeu fazer um esforço real a fim de se mudar para casa de forma permanente.

Os pais de Mia eram toxicodependentes e morreram quando ela tinha oito anos. Ela própria esteve quase sempre rodeada de criminalidade e uso de drogas enquanto crescia. Nenhuma das famílias de acolhimento que teve ao longo dos anos funcionou, e agora é demasiado velha para que alguém se queira comprometer.

Certas famílias sofrem grandes perdas, e Pamela começou a pensar que quem fica deve procurar pessoas que passaram pelas mesmas experiências. Ela, Martin e Mia perderam os seus familiares mais próximos, compreendem-se uns aos outros e, por isso, deveriam ser capazes de iniciar uma terapia conjunta.

– Fecha lá a mochila – diz o auxiliar.

Martin puxa o fecho, põe a aba para baixo e levanta-se com a mochila pendurada na mão.

– Estás pronto para ir para casa? – pergunta Pamela.

## 9

O quarto está escuro, mas o orifício no padrão sinuoso do papel de parede reluz como uma pérola cinzenta. Há cerca de uma hora, o buraco esteve escuro durante muito tempo.

Jenny está deitada na sua cama, completamente imóvel, e ouve a respiração de Frida. Percebe-se que também está acordada.

No quintal, o cão ladra por momentos.

Jenny espera que Frida não ache que já é seguro falar. Ainda agora as escadas para o andar de cima rangeram. Talvez tenha sido apenas a madeira a contrair-se com o chegar da noite, todavia não podem arriscar.

Olha fixamente para a pérola brilhante, tentando ver se há alguma alteração na luz do outro lado da parede. Há pequenos orifícios por todo o lado. Uma pessoa aprende a fazer de conta que não vê que o buraco no azulejo escurece quando se está no duche ou se come sopa na sala de jantar. Ser vigiada tornou-se uma parte natural da vida.

Lembra-se de se ter sentido observada durante várias semanas antes de a raptarem. Uma vez, quando estava sozinha, pareceu-lhe que alguém estava dentro de casa e, na noite seguinte, tinha acordado com a sensação arrepiante de ter sido fotografada a dormir. Alguns dias depois, as suas cuecas de seda azul-claras manchadas pela menstruação desapareceram do cesto da roupa suja. Já lá não estavam quando foi buscar o tira-nódoas.

No mesmo dia em que foi raptada, alguém lhe furara um pneu da bicicleta.

Já em cativeiro, gritou até ficar sem voz quando viu, pela primeira vez, alguém a observá-la através da janela no topo da parede de betão da cave. Disse que a Polícia estava a chegar.

Passado meio ano, percebeu que o polícia da mota não associaria o encontro com a rapariga que vomitou na erva com a que foi dada como

desaparecida. Nem tinha olhado bem para ela, limitando-se a mandá-la embora como uma adolescente bêbeda.

Jenny ouve Frida virar-se de lado na cama.

Durante dois meses, planejaram juntas a fuga. Todas as noites, esperavam que os passos no andar de cima cessassem e os gritos vindos da cave se calassem. Quando se sentiam seguras de que a casa adormecera, Frida ia em bicos de pés até à cama dela para poderem continuar a falar sobre o plano.

Jenny lutou contra a ideia de fugir, apesar de sempre ter sabido que precisava de sair dali. Frida só chegou há onze meses e já está impaciente. Quanto a ela, foi recolhendo informação e esperou pelo momento certo durante cinco anos.

Por vezes, acontece as portas estarem todas abertas e ela andar pela casa sem olhar por cima do ombro. Porém, Frida tem um outro tipo de desespero dentro de si.

Há um mês, entrou no gabinete do porteiro e tirou uma chave suplente do quarto delas. Até agora o roubo passou despercebido porque uma das paredes do escritório está cheia de chaves escurecidas penduradas em ganchos. Foi um grande risco, mas ao mesmo tempo necessário, pois a porta fica trancada durante a noite e as portadas da janela do quarto estão pregadas por fora.

Não prepararam nada para levarem consigo porque poderia ser descoberto. Quando vierem espreitá-las, elas limitar-se-ão a desaparecer.

Há pelo menos uma hora que está um silêncio total.

Jenny sabe que Frida quer escapar esta noite. A única coisa que não lhe parece bem é o facto de as noites ainda estarem demasiado claras. Vai ser muito fácil vê-las no pátio antes de conseguirem desaparecer na floresta.

O plano é simples: vestem-se, destrancam a porta, atravessam o corredor até à cozinha, saem pela janela e dirigem-se à floresta.

Jenny aproveitou todas as oportunidades para fazer com que o cão de guarda se afeiçoasse a ela, reservando um pouco da sua própria comida para lhe dar. Assim, ele reconhece-la-ia e não ladraria quando fugisse.

Da casa veem-se postes elétricos cinzento-prateados por cima do topo das árvores. A ideia de Jenny é seguir os postes para não se perder. O solo costuma estar limpo à volta deles para evitar que uma árvore caia e parta os cabos durante uma tempestade. É muito mais fácil orientar-se neste tipo de terreno do que na floresta densa. Vão poder manter um ritmo bastante rápido e aumentar a distância entre elas e a avó.

Frida conhece uma pessoa em Estocolmo em quem confia e garantiu que ele as ajudará com dinheiro, um lugar onde se esconderem e bilhetes de comboio para casa. Só podem ir à Polícia depois de estarem em casa com a família.

Jenny sabe o que significa a fotografia que está numa moldura dourada em cima da mesa de cabeceira. Numa manhã de verão, Caesar foi a casa dos pais dela e fotografou-os no pátio das traseiras.

Frida tem uma fotografia da sua irmã mais nova com um capacete de bicicleta na cabeça. Como foi tirada mesmo de frente, as pupilas dela estão vermelhas.

Caesar tem muitos contactos quer na Polícia quer na central de emergência. Se tentarem ligar para o 112, ele ficará a saber e matará as suas famílias.

A ideia de fugir esta noite é tão aliciante que o coração de Jenny está acelerado com a adrenalina, no entanto, a sua intuição diz-lhe que deviam esperar até meados de agosto.

A casa dorme e há várias horas que a avó não vem espreitá-las. O galo de latão no pináculo do telhado chia ao girar com o vento. A pulseira de ouro de Frida tilinta quando ela estende a mão no escuro. Jenny espera alguns segundos, segura na mão de Frida e pressiona-a suavemente.



– Tu sabes o que eu penso – diz ela em voz baixa, sem desviar o olhar da pérola brilhante na parede.

– Sim, mas nunca vai parecer o momento certo – responde Frida impaciente.

– Fala mais baixo... Esperamos um mês, nós conseguimos. Daqui a um mês, a esta hora, já vai estar completamente escuro.

– Então há outra coisa que não está bem – diz Frida, largando a mão de Jenny.

– Eu prometo que vou contigo quando estiver mais escuro lá fora, já to disse.

– Sim, mas eu não tenho a certeza de que tu queiras realmente sair daqui, quero dizer... Vais ficar aqui? Porquê? Por todo o ouro, por todas as pérolas e esmeraldas.

– Odeio tudo isso.

Frida sai silenciosamente da cama, despe a camisa de noite e faz a forma de um corpo com o edredão e a almofada.

– Preciso da tua ajuda para atravessar a floresta, eu sei que és capaz de o fazer melhor do que eu.... mas sem mim não vais conseguir chegar a casa – declara, enquanto veste um sutiã e uma blusa. – Porra, Jenny, fazemos isto juntas. Se me ajudares, recebes dinheiro, bilhetes de comboio... Mas vou pôr-me a andar daqui agora: esta é a tua oportunidade.

– Desculpa, não tenho coragem – murmura Jenny. – É demasiado perigoso.

Fica a olhar para Frida enquanto ela prende a blusa por dentro da saia e puxa para cima o reduzido fecho na parte de trás. Ouvem-se pequenas pancadas abafadas no chão quando ela calça as meias e as botas.

– Tens de ir tocando com um pau no chão – sussurra Jenny. – O caminho todo até chegares aos postes elétricos. Estou a falar a sério. Vai devagar e tem cuidado.

– OK – responde Frida, dirigindo-se silenciosamente para a porta.

Jenny senta-se na cama.

– Não me podes dar o número do Micke? – pede ela.

Sem responder, Frida destranca a porta e sai para o corredor. Ouve-se o estalido do trinco a voltar ao lugar, e depois faz-se silêncio.

Jenny deita-se com o coração acelerado. Os pensamentos sucedem-se desesperadamente e ela imagina-se a vestir-se à pressa e a ir atrás de Frida. Corre através da floresta, apanha um comboio, chega a casa.

Sustém a respiração e fica à escuta. Não se ouve nada, embora por esta altura Frida já deva ter passado pela porta de Caesar a caminho da cozinha.

O sono da avó não costuma ser pesado. Sempre que uma delas faz barulho, ouvem-se logo passos nas escadas. Porém, tudo continua em silêncio.

O coração de Jenny salta quando o cão começa a ladrar. Ela percebe que Frida abriu a janela das traseiras e está a sair. A corda estica-se até ao limite e aperta-se à volta do pescoço do cão. O ladrar torna-se um pouco estrangulado e depois cessa. Não soa muito diferente de quando ele fareja uma corça ou uma raposa.

Jenny olha fixamente para o orifício, o ponto de luz na parede.

Frida já entrou na floresta. Conseguiu passar a rede com guizos. Agora tem de ter cuidado.

Jenny pensa que devia ter ido com ela. Agora ficou sem chave, sem um contacto, sem um plano.

Fecha os olhos e vê uma floresta negra. O silêncio é total.

Quando alguém puxa o autoclismo no andar de cima, ela estremece e abre os olhos: a avó acordou. Ouve-se passos pesados nas escadas. O corrimão range. Um guizo tilinta ligeiramente no gabinete do porteiro, como tantas outras vezes quando está vento ou um animal faz disparar o alarme. O orifício brilha inalterado na parede.

Jenny ouve a avó vestir o casaco no vestíbulo, sair de casa e trancar a porta da rua. O cão gane e solta latidos. Outro guizo tilinta.

O coração de Jenny ribomba-lhe no peito. Algo correu mal. Fecha os olhos com força e ouve rangidos numa divisão adjacente.

O cata-vento chia no telhado ao girar.

Jenny abre os olhos quando o cão começa a ladrar ao longe. Está muito agitado. Ela espera que a avó parta do princípio de que Frida não se aventuraria na floresta, seguindo antes a estrada para a mina.

Os latidos aproximam-se. Na verdade, Jenny percebe que Frida foi apanhada muito antes de ouvir as vozes no pátio e a porta da rua a abrir-se.

– Eu arrependi-me – grita Frida. – Eu estava a voltar para trás, quero ficar aqui, dou-me bem com...

Uma violenta bofetada interrompe-a. Parece bater contra a parede e cair no chão.

– Só estava com saudades da minha mãe e do meu pai.

– Cala-te – vocifera a avó.

Jenny pensa que tem de fingir que está a dormir profundamente e que não se apercebeu de que Frida tentou fugir.

Ouvem-se passos no corredor de mármore e a porta do *boudoir* abre-se.

Frida chora e jura que foi um erro, que estava a voltar para trás quando ficou presa numa armadilha.

Jenny permanece imóvel a ouvir o som de pancadas metálicas e suspiros tensos, mas não consegue entender o que se passa.

– Não precisas de fazer isso – implora Frida. – Por favor, espera, eu prometo que nunca mais...

De súbito, grita como Jenny nunca ouviu ninguém gritar. É um rugido de dor incontável, que termina abruptamente. Ouvem-se pancadas na parede e os móveis abanam. Por instantes, ouve-se um gemido de dor

misturado com uma respiração acelerada. Em seguida, faz-se de novo silêncio.

Jenny está completamente imóvel com o pulsar do sangue a atroar-lhe nos ouvidos. Não sabe quanto tempo esteve de olhos abertos na escuridão quando a pérola branca na parede desaparece. Ela fecha os olhos, abre um pouco a boca e finge estar a dormir. É provável que não consiga enganar a avó, mas só abre os olhos quando ouve passos no corredor. É como se alguém avançasse lentamente dando pontapés num bloco de madeira à sua frente.

A porta abre-se e a avó entra com passos pesados. O penico tilinta contra uma perna da cama.

– Veste-te e vem ao *boudoir* – diz ela, batendo em Jenny com a bengala.

– Que horas são? – pergunta Jenny ensonada.

A avó suspira e sai do quarto.

Jenny veste-se à pressa e veste o casaco enquanto caminha. Para no corredor, puxa os *collants* para cima até às coxas e dirige-se à porta aberta do *boudoir*.

O céu de verão esconde-se por trás das cortinas escuras. A única luz que ilumina a ampla divisão vem do candeeiro de secretária. Do lado de dentro da porta, de um dos lados, está um balde de plástico sujo de sangue.

Jenny sente as pernas tremerem ao entrar. A sala cheira a sangue, vômito e fezes. Ao passar pelo balde, vê que os dois pés de Frida estão dentro dele. O coração bate-lhe com força no peito.

Só depois de contornar o biombo japonês com cerejeiras em flor é que Jenny tem uma visão geral do quarto. A avó sentou-se numa poltrona, e o chão de mosaico à volta dela está coberto de sangue. Tem os lábios cerrados com força e uma expressão severa. Os seus braços grossos estão ensanguentados até aos ombros, e o sangue goteja da mão que segura a serra.

Frida encontra-se deitada de costas no divã. Está amarrada com duas correias que lhe passam por cima do tronco e das coxas e dão a volta por baixo do sofá. O corpo inteiro estremece violentamente. As pernas estão serradas por cima dos tornozelos e separadas do corpo, mas continuam a verter sangue. Os coxins de veludo e as almofadas estão encharcados, e um fluxo constante de sangue escorre pela perna do divã para o chão.

– Ela agora já não se volta a perder – afirma a avó, levantando-se com a serra na mão.

Os olhos de Frida estão arregalados. Em choque, ergue uma e outra vez as pernas mutiladas.

## 10

A luz entra no *boudoir* através das cortinas de renda e da gaze cor de laranja na janela. O sol parece estar a pôr-se, apesar de ser de manhã cedo. Partículas de pó cintilam no ar parado.

Jenny tentou segurar a mão de Frida enquanto a avó esteve na cozinha. O colar de pérolas ensanguentado move-se ao ritmo da respiração acelerada de Frida. As pálpebras fechadas estão rosadas e os lábios estão mordidos.

Jenny removeu as correias que lhe prendiam o corpo.

A blusa de Frida está completamente molhada de suor entre os seios e nas axilas. O sutiã preto é visível através do tecido. A saia de xadrez enrolou-se à volta da cintura.

Ela está a sofrer com dores excruciantes e parece não compreender o que lhe aconteceu. Jenny ligou-lhe as extremidades cortadas e foi à cozinha duas vezes dizer à avó que Frida tinha de ir para o hospital.

Uma das pernas estava dilacerada nos gêmeos e roxa por cima da sutura. Jenny supõe que ela tenha ficado presa numa armadilha para ursos na floresta. Talvez tenha sido por isso que a avó decidiu amputar-lhe os pés.

Frida abre os olhos, vê as pernas serradas, levanta ligeiramente uma delas e, de repente, entra em pânico. Grita até a voz falhar, projeta o tronco para o lado e cai sobre o tapete molhado. A dor avassaladora fá-la calar-se.

– Meu Deus – diz, a chorar.

Jenny tenta acalmá-la, mas o pânico apodera-se dela. Contorce o corpo e faz movimentos bruscos com a cabeça.

– Não quero...

Os pontos na perna esquerda rebentam e ela começa a sangrar de novo.

– Os meus pés... ela serrou os meus pés...

Os cabelos louros estão empastados com lágrimas e suor, as pupilas estão dilatadas e os lábios perderam a cor. Jenny acaricia-lhe a face e diz-

lhe repetidamente que vai ficar tudo bem.

– Vamos tratar disto – diz-lhe ela. – Só temos de estancar o sangue.

Jenny afasta o divã, levanta com cuidado as pernas mutiladas e coloca uma almofada por baixo para diminuir a hemorragia.

Frida tem os olhos fechados e a respiração acelerada.

Jenny olha para o orifício ao lado do espelho, mas o *boudoir* está demasiado luminoso para que ela consiga perceber se está a ser observada. Espera e fica à escuta de qualquer som vindo do interior da casa.

As botas e as meias de Frida foram atiradas para baixo da mesa.

Ao ouvir o barulho de porcelana na cozinha, Jenny debruça-se sobre Frida, passa-lhe cuidadosamente as mãos pela saia e inspeciona os dois bolsos. Julga ouvir qualquer coisa e vira-se depressa. As pegadas vermelhas da avó saem da poça de sangue para o pavimento de mosaico, passam pelo balde de plástico e dirigem-se ao corredor.

Jenny tenta ver a porta pela fresta entre as duas secções do biombo japonês. Hesita por um breve instante, e depois apalpa com um dedo o interior da saia de Frida, seguindo o cós à volta da cintura. Retira rapidamente a mão ao ouvir passos no corredor.

A avó passa pelo *boudoir* e segue em frente até ao vestíbulo.

Jenny ajoelha-se e desabotoa dois botões da blusa de Frida.

O cão começa a ladrar no pátio. Frida abre os olhos e vê Jenny a introduzir a mão no seu sutiã suado.

– Não me deixes – murmura.

Jenny apalpa por baixo do seio direito e encontra um pequeno pedaço de papel. Tira-o e levanta-se.

A luz que atravessa as cortinas muda, tornando-se mais fria por momentos. O sangue pinga da almofada do divã.

Jenny olha rapidamente para o pedaço de papel e vê o número de telefone do contacto de Frida. Vira-se de costas e mete o papel no cós das

cuecas.

– Por favor, tens de me ajudar – sussurra Frida, cerrando os dentes com a dor.

– Estou a tentar estancar a hemorragia.

– Jenny, não quero morrer. Tenho de ir para o hospital, isto assim não resulta.

– Deixa-te estar quieta.

– Eu consigo rastejar, juro que consigo – diz Frida, com a respiração ofegante.

A porta da rua abre-se e os passos da avó aproximam-se vindos do vestíbulo. Ouvem-se as pancadas dos sapatos pesados e da bengala contra o chão de mármore. As chaves presas ao cinto tilintam. Jenny coloca-se junto ao armário de vitrina e começa a cortar mais compressas. Os passos cessam, o puxador é pressionado para baixo e a porta do *boudoir* abre-se. A avó apoia-se pesadamente na bengala ao entrar. O rosto austero fica na sombra quando para ao lado do biombo.

– Está na altura de ir para casa – diz a avó.

– Ela está a sangrar menos agora – arrisca Jenny, engolindo em seco.

– Há lugar para dois lá dentro – diz ela, e sai da sala.

Jenny sabe o que tem de fazer se quiser sobreviver, mas evita pensar nas ações concretas e nas suas consequências. Aproxima-se de Frida e esforça-se por não a olhar nos olhos quando se baixa para agarrar na extremidade do tapete bordado a dourado.

– Espera, por favor...

Jenny escorrega no sangue enquanto arrasta o tapete com Frida pelo pavimento de mosaico até ao corredor de mármore. Frida chora e repete que já se sente com mais forças, mas geme de dor à mínima irregularidade do chão.



Passam pelo quarto de Caesar na direção do vestibulo e Jenny obriga-se a si mesma a não ouvir os soluços e as súplicas.

Frida tenta agarrar-se a um banco dourado, arrastando-o um pouco até o largar.

– Não faças isto – pede, a chorar.

A avó está à espera junto à porta que dá para o terreiro de gravilha. Um ligeiro odor a fumo penetra no vestibulo. Atrás da avó, vê-se a luz esbatida da manhã. Jenny percebe que ela está a queimar qualquer coisa no forno de incineração por trás do pavilhão número sete.

Frida grita de dor quando Jenny a puxa para o pátio pelos dois degraus. O sangue jorra de uma das pernas. Uma poça forma-se no fundo do tapete dobrado.

O cão gane nervosamente quando a avó amarra a longa trela a um dos aros do contentor do lixo enferrujado.

O tapete deixa um rasto escuro na gravilha.

A avó destranca a porta do pavilhão número seis e calça-a com uma pedra. Vê-se fumo sobre os telhados de zinco e entre as copas dos pinheiros.

Frida geme quando Jenny larga o tapete. O colar de pérolas aperta-lhe o pescoço, o olhar está desesperado.

– Ajuda-me – suplica.

Jenny baixa-se, nota com indiferença que Frida tem as unhas todas partidas, pega novamente na extremidade do tapete e arrasta-o para dentro sobre o chão de cimento.

A luz do dia entra pelas filas de janelas sujas sob as asnas e o telhado de zinco. Um antigo relógio de estação ferroviária está encostado à parede. Jenny vê-se refletida no vidro convexo como uma pequena sombra. Folhas secas e caruma estão espalhadas pelo chão. Um rolo autocolante para

apanhar moscas baloiça sobre um balcão de cozinha. Dentro de um alguardar de plástico, estão armadilhas para ursos.

Passando por tinas e barris com restos de peixe, Jenny arrasta a amiga para a jaula de abate. Frida já não consegue conter o medo de morrer e começa a chorar alto.

– Mãe, quero a minha mãe...

Jenny para no meio da jaula, larga o tapete e sai sem olhar para ela. Passa pela avó com a cabeça baixa e sai para o ar fresco do pátio. O cão solta uns quantos latidos, morde a trela, corre em círculos, levanta poeira com as patas e depois deita-se a arfar.

Jenny pega numa vassoura que está dentro de um carrinho de mão e estuga o passo ao longo das empenas dos pavilhões. Sabe que a avó pensa que ela está a caminho do quarto para esconder a cara na almofada e chorar. A avó está convencida de a ter assustado a tal ponto que nunca tentará fugir.

Embora esteja a tremer de medo, esconde-se entre o velho camião e o semirreboque. Com o pé, separa a escova da vassoura do cabo e põe-se a caminho.

Enquanto Frida morre gaseada, Jenny embrenha-se na floresta sem olhar para trás. Sabe que tem de lutar contra o pânico, que não pode começar a correr.

Avança lentamente através dos arbustos de mirtilo, entre os troncos dos pinheiros. O vento assobia no topo das árvores por cima dela. Teias de aranha fazem-lhe cócegas na cara. Jenny respira demasiado depressa no ar fresco da manhã e pensa que a avó talvez já esteja à procura dela.

Vai batendo cuidadosamente com o cabo da vassoura no chão à sua frente e afastando os ramos com a outra mão. A floresta adensa-se e os arbustos tornam-se mais abundantes.

Uma árvore caída, entalada entre outras duas, barra-lhe o caminho. Ela baixa-se para passar por baixo do tronco e, no preciso instante em que se

vai levantar do outro lado, vê algo a brilhar. Alguém estendeu transversalmente um fio de *nylon* entre as árvores. Jenny sabe que ele deve estar de alguma forma ligado aos guizos no gabinete do porteiro.

Recua, levanta-se e começa a dar a volta à árvore tombada. Um galho faz um estalido ao partir-se sob o sapato de Jenny.

Ela obriga-se a avançar devagar e passa por um buraco no solo. Uma estrutura de ramos entrelaçados e musgo abateu-se sobre as estacasafiadas.

Sabe que só tem uma oportunidade. No entanto, se conseguir sair da floresta, será capaz de caminhar até Estocolmo, onde o contacto de Frida pode ajudá-la a chegar a casa. Não vai correr nenhum risco. Sabe que tem de ir à Polícia acompanhada pelos pais, para receber proteção até Caesar e a avó serem detidos.

Cerca de cem metros mais à frente, a floresta é interrompida por uma linha divisória. Um caminho direito foi desbravado no ponto em que os cabos elétricos se estendem de poste a poste.

Jenny contorna a raiz de uma árvore caída e entra numa pequena clareira. Atrás de si, ouve o som de pancadas no solo.

Uma gralha levanta voo de uma árvore e grasna alarmada. O chão está coberto de grandes fetos e ela avança pelo meio deles, batendo sempre com o cabo no chão. Os fetos verdes chegam-lhe às coxas e são tão densos que não consegue ver os próprios pés.

Ouve agora distintamente o ladrar nervoso de um cão e prepara-se para começar a correr, mas o cabo salta-lhe da mão e bate com força contra o chão. Sem mover os pés, debruça-se para a frente e afasta os fetos com a mão.

O cabo da vassoura está preso numa armadilha para ursos.

As grossas mandíbulas fecharam-se com tanta força que quase o cortaram. Só tem de o abanar duas vezes para a frente e para trás até ele se partir.

Jenny atravessa a clareira com cuidado batendo com o cabo no solo. Avança entre as últimas árvores e entra no terreno desflorestado. Caminha por entre erva amarela e bétulas jovens com finos ramos rosados. Para e põe-se à escuta antes de prosseguir.

## 11

Choveu muito durante a noite, mas agora o sol está a brilhar e as folhas das árvores pararam de pingar.

No interior das três estufas, as folhas verdejantes fazem pressão contra o vidro côncavo.

Valeria de Castro coloca o carrinho de mão do lado de fora da arrecadação para ir buscar adubo para as plantas. O alarme antiagressão oscila no colar que tem ao pescoço.

Joona Linna pressiona com o pé a lâmina da pá contra a terra, depois endireita as costas e limpa o suor da testa com a parte de trás da mão. Uma camisola de malha cinzenta é visível por baixo do impermeável. Tem o cabelo despenteado, e os olhos são como prata escurecida antes de captarem a luz do sol que passa através dos ramos.

Cada dia ainda parece um amanhecer depois de uma noite de tempestade. Sai-se com o nascer do sol e vê-se a devastação, começa a contar-se os mortos, mas, ao mesmo tempo, há uma nova esperança no ar para aqueles que escaparam com vida.

Joona visita regularmente as campas e leva flores da estufa. O tempo tem a capacidade de desgastar o sofrimento até o tornar transparente. Aos poucos, aprendemos a lidar com a mudança e percebemos que há vida, mesmo que pareça que não desejávamos que a houvesse.

Joona Linna está de volta ao seu cargo de comissário do Departamento Nacional de Operações da Polícia sueca e recuperou o seu antigo gabinete no oitavo piso.

Todas as tentativas de encontrar o homem que se chamava a si mesmo *Castor* foram infrutíferas. Há oito meses que a NOAAcrónimo sueco referente à designação Nationella Operativa Avdelningen, traduzida para português como Departamento Nacional de Operações. não tem nenhum

outro indício além das fotografias desfocadas de uma câmara de vigilância em Vitryssland. A Polícia nem sequer sabe o nome dele. Todos os lugares a que poderia estar associado revelaram-se um beco sem saída.

Nenhum dos cento e noventa países membros da ICPO-Interpol tem o mínimo rasto dele. É como se só tivesse existido na superfície da Terra durante algumas semanas do ano passado.

Joona para e olha para Valeria sem se aperceber de que está a sorrir. Vem na direção dele com o carrinho de mão, ao longo do caminho de cascalho. O rabo de cavalo encaracolado balança-lhe sobre o casaco de penas preto com manchas de lama.

– «Radio goo goo» – diz Valeria quando os seus olhares se cruzam.

– «Radio ga ga» – responde Joona, e continua a cavar.

Depois de amanhã, Valeria parte para o Brasil a fim de estar presente quando o filho mais velho se tornar pai. Enquanto lá estiver, o seu filho mais novo tomará conta do viveiro de plantas.

Lumi veio de Paris e ficará até Valeria partir. Depois, vai passar cinco dias em casa de Joona, em Estocolmo.

Anteontem, viram a seleção sueca de futebol feminino vencer a Inglaterra e ganhar o bronze no Mundial. Ontem, fizeram um churrasco de costeletas de borrego.

Lumi parecia pensativa durante o jantar e mostrou-se distante quando ele tentou falar com ela, respondendo-lhe como se fosse um perfeito estranho. Foi para a cama cedo, deixando Joona e Valeria no sofá a ver um filme sobre os Queen. A música ficou-lhes na cabeça a noite toda até de manhã. Não conseguem tirar de lá a melodia.

– «All we hear is radio ga ga» – canta Valeria ao longe, junto aos canteiros elevados.

– «Radio goo goo» – responde Joona.

– «Radio ga ga» – diz ela a sorrir, voltando para a estufa.

A cantarolar, Joona tira algumas pás de terra e começa a pensar que as coisas estão a melhorar no preciso momento em que Lumi sai de casa e para nos degraus da entrada. Tem vestido o seu corta-vento preto e calça umas galochas verdes.

Joona para, enterra a pá com o pé, dirige-se a Lumi com a intenção de lhe perguntar se tem alguma melodia em especial na cabeça, mas vê que os olhos dela estão vermelhos por ter estado a chorar.

– Pai, reservei os bilhetes... volto para casa esta tarde.

– Não podes dar-me uma oportunidade? – arrisca ele.

Ela baixa a cabeça e uma madeixa de cabelo castanho cai-lhe para a frente dos olhos.

– Eu vim na esperança de me sentir de outra forma quando cá estivesse, mas não é o caso.

– Percebo o que queres dizer, mas acabaste de chegar e talvez...

– Pai, eu sei – interrompe-o Lumi. – Já me estou a sentir mal, eu sei que não é justo depois de tudo o que fizeste por mim, mas mostraste-me um lado teu que eu não queria ter visto e que tentei esquecer.

– Eu compreendo o que pareceu do teu ponto de vista, mas não tinha outra escolha – diz ele, com um sentimento sujo dentro de si.

– Está bem, talvez seja verdade, mas sinto-me mal ainda assim – declara ela. – Sinto que não consigo lidar com o teu mundo. Tudo o que vejo é violência e morte, não quero fazer parte disso, quero viver outra vida.

– Eu não olho para o meu mundo dessa maneira, o que se calhar significa que algo não está bem comigo, tal como dizes...

– Não precisamos de estabelecer uma coisa ou a outra, não é isso que estou a tentar fazer – diz ela.

Ficam os dois em silêncio.

– Entramos para beber um chá? – pergunta Joona com cuidado.

– Vou sair já. Sento-me no aeroporto a estudar – responde Lumi.

– Eu levo-te – propõe, fazendo um movimento na direção do carro.

– Já chamei um táxi – informa ela, e desaparece pela porta para ir buscar a mala.

– Estão a discutir? – pergunta Valeria, pondo-se ao lado dele.

– A Lumi vai voltar para casa – responde-lhe.

– O que se passou?

Joona vira-se para ela.

– O problema sou eu, ela não suporta o meu mundo... e respeito isso.

Uma ruga vincada forma-se entre as sobrancelhas de Valeria.

– Ela só cá esteve dois dias.

– Ela viu quem eu sou.

– És o melhor do mundo – declara Valeria.

Lumi sai com as suas botas pretas com atacadores calçadas e a mala na mão.

– É uma pena que te vás embora – lamenta Valeria.

– Eu sei. Eu achava que estava preparada, mas... foi demasiado cedo.

– Serás sempre bem-vinda – diz Valeria, abrindo os braços.

Lumi abraça-a demoradamente.

– Obrigada por me teres deixado ficar em tua casa.

Joona pega na mala de Lumi e acompanha-a até à rotunda. Ficam lado a lado ao pé do carro dele, a olhar para o fundo da estrada.

– Lumi, eu compreendo-te e acho que tens razão... mas eu posso mudar de vida – diz-lhe, passado um momento. – Posso deixar de ser polícia. Não passa de um emprego, não é para isso que eu vivo.

Ela não responde e permanece imóvel até ver o táxi aproximar-se ao longo da estrada estreita.

– Lembras-te de que eu fazia de conta que era o teu macaco quando eras pequena? – pergunta Joona, virando-se para Lumi.

– Não – diz ela simplesmente.



– Às vezes pergunto-me se tu sabias que eu era uma pessoa...

O táxi para, o condutor sai do carro e cumprimenta-os, põe a mala de Lumi no porta-bagagens e abre a porta traseira.

– Não te vais despedir do macaco? – pergunta Joona.

– Adeus.

Ela desaparece no interior do carro. Ele fica a acenar, sorridente, enquanto o táxi dá a volta fazendo o pavimento crepitar.

Quando desaparece ao longe na estrada apertada, ele vira-se para o seu carro, vê o céu refletido no para-brisas, apoia-se com as duas mãos no capô e deixa cair a cabeça.

Só repara que Valeria veio ter consigo quando ela lhe põe a mão nas costas.

– Ninguém gosta de bófias – tenta brincar.

– Começo a perceber que não – responde Joona, olhando para ela.

Valeria suspira longamente.

– Não quero que fiques triste – murmura, encostando a testa no ombro dele.

– Não estou triste, não te preocupes.

– Queres que lhe telefone e fale com ela? – pergunta Valeria. – Passou por coisas horríveis, mas se não fosses tu, nem eu nem ela estaríamos vivas.

– Se não fosse eu, vocês nunca teriam corrido perigo de vida, e acho que é nisso que é preciso pensar – respondeu ele.

Ela puxa-o para si e abraça-o, apoiando a face no peito dele e ouvindo o coração bater.

– Vamos almoçar?

Deixam a rotunda e descem até aos canteiros. Em cima de uma pilha de paletes vazias, está uma garrafa térmica, duas embalagens de *noodles* instantâneos e duas garrafas de cerveja com baixo teor de álcool.

– Que luxo – diz Joona.

Valeria despeja água quente do termo para o interior das embalagens de plástico, fecha as tampas e abre as garrafas de cerveja contra a aresta da paleta superior. Separam os pauzinhos e esperam uns minutos antes de se sentarem ao sol a comer, em cima do monte de cascalho.

– Agora não me parece bem ir-me embora depois de amanhã – diz Valeria.

– Vai ser fantástico – diz ele.

– Mas a verdade é que estou preocupada contigo.

– Por eu não conseguir tirar uma certa canção da cabeça?

Valeria sorri e abre o fecho da camisola polar cor de vinho. A margarida de esmalte move-se para baixo e para cima sobre a garganta.

– «Radio goo goo» – canta ela.

– «Radio ga ga» – responde ele.

Joona bebe um gole de cerveja e observa Valeria a sorver o caldo da embalagem de *noodles*. Ela tem terra por baixo das unhas curtas e uma ruga profunda na testa.

– A Lumi precisa de algum tempo, mas vai voltar – diz ela, limpando a boca com a mão. – Tu aguentaste um ano inteiro de solidão porque sabias que ela estava viva... Não a perdeste nessa altura, e agora é a mesma coisa.

## 12

Tracy ouve a chuva cair sobre os telhados de zinco de Estocolmo. As primeiras gotas batem contra o parapeito e, pouco depois, o quarteirão fica envolvido no ruído do aguaceiro.

Está deitada na cama, nua, ao lado de um homem adormecido que se chama Adam. A noite já vai avançada e o apartamento desconhecido está escuro.

Tracy estava num bar com os colegas de trabalho e conheceu Adam ao balcão. Ele flirtou com ela, mandou vir bebidas, começaram a meter-se um com o outro e ela ficou quando os outros foram para casa.

Ele tinha um contorno feito a lápis por baixo dos olhos, e o cabelo denso e espetado estava pintado de louro com raízes escuras. É professor de liceu e afirmou descender de uma linhagem nobre.

Cambalearam até casa dele sob um céu noturno carregado de chuva. Ele vive em Kista, mas tem um T0 no centro. É um pequeno apartamento com o chão gasto, portas com os cantos lascados, a tinta das paredes a estalar e duche na banheira. Tem discos de vinil em caixas de plástico no chão e lençóis pretos de seda na cama.

Tracy recorda o momento em que ele se sentou na beira da cama com um carrinho vermelho de metal na mão. Era um autocarro com talvez vinte centímetros, com rodas pretas e filas de pequenas janelas.

Ela apanhou os *collants*, a blusa e a saia prateada e pendurou-os nas costas de uma cadeira, antes de ir ter com ele em roupa interior.

Com uma expressão neutra, ele começou a fazer deslizar a parte da frente do autocarro entre as coxas de Tracy, de baixo para cima.

– O que é que se está a passar? – perguntou ela, tentando sorrir.

Ele sussurrou qualquer coisa sem a olhar nos olhos e pressionou o parabrasas contra o sexo dela, movendo o autocarro lentamente para trás e para a

frente.

– A sério? – disse Tracy, afastando-se.

Ele murmurou «desculpa» e pôs o autocarro na mesa de cabeceira, mas depois demorou-se a observá-lo como se conseguisse ver o condutor e os passageiros.

– Em que é que estás a pensar?

– Em nada – respondeu Adam, virando-se para ela com as pálpebras semicerradas.

– Estás bem?

– Era só a brincar – disse ele, sorrindo-lhe.

– Começamos de novo?

Ele fez que sim com a cabeça e ela avançou, acariciou-lhe os ombros, beijou-o na testa e na boca, ajoelhou-se e desabotoou-lhe as calças de ganga pretas. Foi preciso algum tempo até ele ficar suficientemente duro para conseguir pôr um preservativo.

Estava excitado quando entrou nela. Tracy deitou-se de costas e segurou-lhe as ancas, tentando sentir prazer e gemendo um pouco exageradamente. Ele deslizou para dentro dela uma e outra vez. A respiração de Tracy acelerou e ela contraiu as pernas e os dedos dos pés.

Adam parou e apertou-lhe os seios com uma mão.

– Continua – sussurrou ela, tentando olhá-lo nos olhos.

Ele esticou-se, pegou no autocarro de brincar e tentou metê-lo na boca dela. O brinquedo bateu-lhe contra os dentes e Tracy virou a cara. Tentou outra vez, pressionando-lho contra os lábios.

– Para, não quero – disse ela.

– OK, desculpa.

Continuaram, porém, ela perdeu a vontade e já só queria que aquilo acabasse. Ao fim de um momento, finge atingir o orgasmo para apressar as coisas. Ele ficou todo suado e rebolou para o lado depois de se vir.

Murmurou qualquer coisa sobre o pequeno-almoço e adormeceu com o autocarro na mão.

Agora, Tracy está deitada de costas a olhar para o teto e apercebe-se de que não quer, de maneira nenhuma, acordar naquele apartamento ao lado de Adam. Sai da cama, junta a sua roupa, vai para a casa de banho, urina, lava-se e veste-se. Quando sai, ele ainda está a dormir com a boca aberta. Tem a respiração pesada devido à embriaguez.

A chuva bate com força contra a janela.

Tracy vai até ao *hall* e, ao calçar os sapatos de salto alto vermelhos, percebe que ainda tem os pés doridos.

As chaves de Adam estão dentro de um prato de cerâmica azul, bem como a agenda e o anel com pedra que ela viu no dedo dele horas antes. Pega no anel, olha para o brasão com um lobo e espadas cruzadas, põe-no no seu anelar, avança para a porta e vira-se para o quarto escuro.

A chuva torrencial ressoa por toda a casa.

Tracy sai para as escadas, fecha a porta atrás de si e desce apressadamente. Não compreende por que razão lhe roubou o anel. Nunca tira nada a ninguém, e não rouba uma coisa desde que levou para casa um bolinho de plástico na pré-primária.

Chove a potes e o asfalto brilha. A água escorre pelas ruas e jorra dos algerozes. As sarjetas estão a transbordar.

Depois de avançar alguns metros, Tracy apercebe-se de que alguém do outro lado da rua lhe acompanha o passo. Vislumbra um vulto entre os carros estacionados, tenta acelerar e sente os respingos de água fria na barriga das pernas.

Os passos ecoam nas fachadas. Ela vira para a Kungstensgatan e começa a correr ao longo do parque Observatorielunden.

Ouve-se o restolhar dos arbustos. Todas as janelas estão escuras no outro lado da rua.

Ela já não vê o homem. Acalma-se, mas ainda está sem fôlego ao descer as escadas de pedra para rua Saltmätargatan. Como está escuro, agarra-se ao corrimão. O anel de Adam raspa contra o metal molhado.

Tracy chega ao fundo das escadas e olha para trás. A chuva torna cinzenta a luz do candeeiro que está do lado esquerdo do topo das escadas. Ela pestaneja, mas isso não a ajuda a perceber se está a ser seguida. Sem refletir, decide ir pelo atalho para o autocarro, que passa pelo parque infantil atrás da Escola de Economia.

Apesar de só estar ligado um distante poste de luz, a escuridão não é total.

A água entra pela gola e escorre-lhe pelas costas. No parque infantil, as poças lamacentas borbulham com a chuva, e ela arrepende-se de ter escolhido este caminho.

Sobre a relva, junto à parede do grande edifício da escola, há caixas de papelão encharcadas.

A chuva cai ruidosamente sobre um castelo cinzento-claro com uma estrutura para trepar. É como se um cão estivesse fechado lá dentro, a arfar e a atirar-se contra as paredes.

O chão está molhado e Tracy tenta evitar as zonas mais lamacentas para não estragar os sapatos.

As janelas escuras da casa de brincar têm um brilho negro. A chuva faz ranger o emaranhado de ramos das árvores sem folhas. Ouve-se retinir o gradeamento baixo de metal quando é atingido por gotas grandes.

No início, Tracy não percebe o que está a acontecer. Uma espécie de medo instintivo percorre-lhe o corpo e faz com que tenha dificuldade em respirar. Com as pernas pesadas, começa a andar mais devagar e tenta compreender o que viu. O coração bate-lhe com força no peito. Os segundos ficam gravados no tempo.

Uma rapariga paira no escuro como um fantasma, por baixo da estrutura para trepar do parque infantil. Tem um cabo de aço ao pescoço e escorreu-lhe sangue pelo vestido, entre os seios. Os cabelos louros estão molhados e caem-lhe ao longo das faces. Tem os olhos arregalados e os lábios cinzento-azulados entreabertos. Os pés da rapariga estão cerca de um metro e meio acima do chão. Os ténis pretos encontram-se por baixo dela.

Tracy põe a mala no chão e procura o telemóvel para telefonar à Polícia. De súbito, a rapariga mexe-se. Os pés começam a estremecer.

Ofegante, Tracy desata a correr, escorrega na lama, chega ao pé da rapariga e vê que o cabo sai do pescoço dela e passa por cima da parte superior da estrutura, descendo pelo outro lado.

– Vou ajudar-te – grita Tracy, dando a volta.

O cabo parte de um guincho que está aparafusado a um dos postes de madeira da estrutura. Tracy agarra a manivela, mas está bloqueada de alguma forma.

Faz mais força e procura com os dedos um mecanismo que a destrave.

– Ajudem-me! – grita, o mais alto que consegue.

Tenta abrir a proteção da engrenagem, porém a mão escorrega-lhe e ela fere-se nos nós dos dedos. Então, começa a puxar a manivela para arrancar o guincho do poste, mas é impossível.

Não muito longe, uma mulher sem-abrigo com um gorro de pele molhado observa Tracy com um olhar vazio. Tem sacos de plástico pretos aos ombros e um crânio branco de ratazana pendurado num fio ao pescoço.

Dando a volta à estrutura, Tracy corre para a rapariga, segura-lhe nas pernas e levanta-a, sentindo os espasmos nos gêmeos.

– Ajude-me! Preciso de ajuda! – grita Tracy para a mulher sem-abrigo.

Pisa os ténis caídos no chão, tenta fazer com que a rapariga fique apoiada nos seus ombros para que depois possa desfazer o laço à volta do

pescoço dela, no entanto, o corpo rígido e sem vida escorrega-lhe dos ombros e balança para o lado.

O gradeamento por cima dela range.

Debaixo de chuva e na escuridão, Tracy levanta-a de novo e mantém-na erguida enquanto ela deixa de se mexer e o calor do seu corpo diminui.

Por fim, Tracy não aguenta mais e cai ao chão a chorar, mas a rapariga já estava morta havia muito tempo.



## 13

Uma grande parte do Observatorielunden está vedada e foram destacados policiais em uniforme para afastar jornalistas e curiosos do local em que o corpo foi encontrado.

Joona foi levar Valeria ao aeroporto, e agora estaciona junto à igreja de Adolf Friedriks.

Está a percorrer a pé o breve trecho da Saltmätargatan que o separa da barreira colocada pela Polícia, quando um jornalista com bigode branco abre caminho por entre a multidão para o abordar.

– Eu conheço-o. Você não é da Polícia Criminal? – pergunta-lhe a sorrir.

– O que é que realmente aconteceu aqui?

– Pode falar com o responsável de imprensa – declara Joona, deixando o homem para trás.

– Mas posso escrever que há perigo para a população ou...

Joona identifica-se ao agente em uniforme e passa a barreira. O chão ainda está molhado da chuva da noite passada.

– Posso colocar-lhe só uma questão? – grita o jornalista atrás dele.

Ao avançar até à barreira interior em redor do parque infantil atrás da Escola de Economia, Joona vê que instalaram uma tenda em torno da estrutura para trepar. As sombras dos técnicos movem-se por detrás do plástico branco.

Um homem na casa dos vinte e cinco anos, com sobrancelhas espessas, barba aparada e uma camisa cor de vinho por fora das calças de ganga, acena-lhe e vem ter com ele.

– Aron Beck, da Polícia de Norrmalm – apresenta-se. – Sou eu que estou a dirigir a investigação.

Depois de se cumprimentarem com um aperto de mão, levantam a fita interior e dirigem-se ao parque infantil ao longo da via pedonal.

– Estou farto de esperar – reclama Aron. – Mas a Olga disse para ninguém mexer em nada até o Joona ter visto a vítima.

Aproximam-se de uma jovem mulher com sardas, cabelo ruivo e sobranceiras quase brancas. Veste um sobretudo riscado e tem calçadas umas botas pretas.

– Esta é a Olga Berg.

– Joona Linna – diz ele, cumprimentando-a com um aperto de mão.

– Passámos a manhã toda a tentar recolher os vestígios e indícios técnicos, mas as condições atmosféricas não estão a nosso favor. A maior parte desapareceu, mas são ossos do ofício – diz ela.

– Um amigo meu, Samuel Mendel, costumava dizer que, se conseguirmos pensar no que não existe, então mudamos as regras do jogo.

Ela olha-o com um sorriso.

– Eles tinham razão em relação aos seus olhos – diz Olga, conduzindo-o à tenda.

Placas de proteção dispostas no chão formam uma rede à volta do centro da cena do crime.

Param do lado de fora do compartimento de segurança, enquanto Olga informa Joona de que os técnicos forenses esvaziaram todos os caixotes do lixo numa vasta área no exterior da zona vedada, no metropolitano e, inclusivamente, até ao bairro de Odenplan. Tiraram fotografias e um grande número de impressões digitais no parque infantil, e conseguiram recuperar pegadas num caminho lamacento e ao longo da berma da via pedonal.

– Encontraram algum documento de identificação? – pergunta Joona.

– Nada, nenhuma carta de condução, nenhum número de telefone – responde Aron. – Uma dezena de raparigas foram dadas como desaparecidas, mas, como de costume, a maior parte vai aparecer assim que carregar a bateria do telemóvel.

– É o mais provável – comenta Joona.

– Acabámos de falar com a mulher que encontrou a vítima – diz Aron. – Ela chegou um pouco tarde de mais para a poder salvar e está terrivelmente perturbada. Falou de uma mulher sem-abrigo... mas, até agora, não temos nenhuma testemunha do crime em si.

– Gostaria de ver a vítima agora – diz Joona.

Olga entra na enorme tenda e pede aos colegas que façam uma pausa. Momentos depois, os técnicos saem vagarosamente nos seus fatos de proteção brancos e descartáveis.

– O palco é todo teu – diz Olga.

– Obrigado.

– Para já, não vou dizer o que acho disto – afirma Aron. – Uma pessoa não gosta de ouvir que está completamente enganada.

Joona passa por baixo da cobertura de plástico, entra na tenda e detém-se. A luz intensa dos holofotes faz com que os pormenores e as cores do parque infantil fiquem realçados como num aquário de água salgada.

Uma mulher jovem está pendurada pelo pescoço na estrutura para trepar. A cabeça está tombada para a frente e o cabelo escorrido cobre-lhe o rosto.

Joona sustém a respiração e obriga-se a olhar novamente.

Ela é pouco mais nova do que a filha dele, veste um casaco de cabedal preto, um vestido cor de ameixa e *collants* pretos grossos. Os ténis pretos e sujos estão no chão por baixo dela. O vestido está escuro do sangue que escorreu da parte mais profunda do sulco feito no pescoço pelo cabo.

Caminhando sobre as placas de proteção, Joona dá a volta à estrutura e observa o guincho aparafusado a um dos postes. Presumivelmente, o perpetrador terá usado um aparafusador porque a cabeça do parafuso não foi danificada por uma chave de fendas instável. Olha para o guincho e repara que o freio foi torcido com um alicate para que não pudesse ser destravado.

Um homicídio invulgar, uma execução. Uma demonstração de força.

O autor do crime aparafusou o guincho à estrutura para trepar, passou o cabo por cima dela e fez um laço recorrendo ao gancho.

Joona dá de novo a volta e coloca-se em frente à jovem mulher.

Os cabelos louros estão molhados, mas não emaranhados. Tem as unhas cuidadas e o rosto não tem maquilhagem.

Olha para cima e vê que o cabo deslizou para o lado e danificou a barra transversal do gradeamento.

«Ela estava viva quando ele lhe pôs o laço à volta do pescoço», pensa.

O perpetrador voltou para junto do guincho e deu à manivela. A roda dentada maior conferiu força à mais pequena, fazendo com que a rapariga não pesasse quase nada para o assassino. O tambor do guincho rodou e a jovem foi içada pelo pescoço. Quando se debateu, esperneando para se soltar, o cabo deslocou-se um decímetro ao longo da barra.

Uma corrente de ar dilata a tenda, fazendo-a ranger.

Joona não desvia o olhar da vítima quando Aron e Olga entram e se põem ao seu lado.

– O que é que o Joona acha? – pergunta Olga, ao fim de algum tempo.

– Ela foi assassinada aqui – responde Joona.

– Isso já nós sabemos – diz Aron. – A mulher que a encontrou disse que ela ainda estava viva e a espernear.

– Compreendo o equívoco – afirma Joona, assentindo com a cabeça.

– Então eu também estou enganado – diz Aron.

Joona acredita que os sinais de vida que a mulher julga ter percebido eram apenas espasmos idiomusculares, uma vez que o assassino já tinha deixado o local.

O cabo deve ter cortado por completo o fluxo arterial para o cérebro. A vítima terá tentado desfazer o laço e, com o pânico, esperneou durante dez

segundos até perder os sentidos. Pouco depois, estava morta, mas as vias neurais continuaram a enviar impulsos nervosos durante várias horas.

– Quem quer que ela fosse... O assassino queria demonstrar a impotência dela e exibir o seu próprio poder. Esta é a minha mais profunda intuição – declara Olga.

Os cabelos louros caem sobre o rosto e a orelha direita, visível por entre as madeixas, está branca como estearina. O forro do casaco de cabedal está desbotado no lado de dentro da gola.

Joona observa as pequenas mãos com unhas curtas e vestígios pálidos de bijuteria na pele bronzeada. Leva a mão aos cabelos húmidos da rapariga morta e afasta-os cuidadosamente do rosto. Ao ver os seus olhos muito abertos, Joona sente uma grande tristeza no coração.

– Jenny Lind – diz ele em voz baixa.

Joona vai embrenhado nos seus pensamentos ao entrar pela porta que dá acesso ao átrio envidraçado da sede da Polícia Nacional.

Jenny Lind foi executada por enforcamento num parque infantil. À chuva, com um cabo e um guincho.

Ele continua até à próxima parede de vidro, passa a porta giratória, vira à direita e entra no elevador que o espera.

Jenny desapareceu há cinco anos em Katrineholm, no caminho da escola para casa. As buscas intensivas decorreram durante várias semanas. A fotografia da rapariga foi mostrada em todo o lado e, no primeiro ano, a Polícia recebeu uma enorme quantidade de informações do público. Os pais imploraram ao raptor que não fizesse mal à filha deles e ofereceram uma recompensa considerável.

O autor do crime conduzia um camião de carga com uma matrícula roubada, o que tornava impossível localizar o veículo, embora se tenham conseguido recuperar marcas de pneus junto à via pedonal e fazer um retrato-robô do condutor com base no testemunho de uma colega de Jenny.

Os esforços da Polícia, do público e dos meios de comunicação foram enormes, porém, no fim, fez-se silêncio. Já ninguém acreditava que Jenny estivesse viva. Contudo, ela sobreviveu até há algumas horas.

Agora, está pendurada no interior da tenda iluminada, como no expositor de um museu.

O elevador dá sinal ao parar e as portas abrem-se.

Carlos Eliasson foi obrigado a reformar-se por ter assumido a responsabilidade da operação de Joona Linna nos Países Baixos, no ano passado. Ao declarar que autorizara pessoalmente todos os passos, salvou Joona de uma ação legal.

Margot Silverman foi escolhida como nova chefe da NOA. Anteriormente, trabalhara como comissária, e o seu pai tinha sido chefe distrital da Polícia.

Enquanto atravessa o corredor vazio, Joona despe o casaco e pendura-o no braço. A porta do gabinete do chefe está aberta, porém ele bate e fica parado à entrada.

Margot Silverman parece não ter reparado nele.

Os dedos movem-se sobre o teclado do computador. A unhas da mão direita estão elegantemente pintadas. Tem a pele clara com salpicos irreverentes de sardas no nariz. Está com olheiras e os cabelos cor de feno estão entrançados.

Na estante, além de livros de leis, regulamentos internos da Polícia e cartas reguladoras, há um pequeno elefante de madeira, uma taça de uma competição equestre de há vinte anos e fotografias emolduradas dos filhos de Margot.

– Como estão a Johanna e as crianças? – pergunta Joona.

– Não falo sobre a minha mulher e os meus filhos – responde ela enquanto escreve.

O casaco de Margot, acabado de sair da lavandaria, está pendurado num cabide ao lado da porta e a mala está no chão.

– Mas querias falar de qualquer coisa.

– Jenny Lind foi assassinada – diz ela.

– A Polícia de Norrmalm pediu o nosso apoio – declara Joona.

– Eles tratam disso sozinhos.

– Talvez – responde ele.

– Mais vale sentares-te... porque acho que me vou repetir um pouco – diz ela. – Quando és o chefe, ninguém se atreve a dizer-te que o fazes... Faz parte dos privilégios.

– Ai sim?

Ela levanta o olhar do ecrã do computador.

– Podes adaptar as ideias e piadas dos outros... e és superinteressante mesmo que te repitas.

– Já disseste isso – comenta Joona sem sair do lugar.

Margot esboça um sorriso, no entanto os olhos mantêm-se sérios.

– Eu sei que podias fazer as coisas à tua maneira no tempo do Carlos, e não pretendo entrar em conflito contigo em relação a isso, ainda que seja uma forma ultrapassada de trabalhar – explica ela. – Os teus resultados são extraordinários no bom e no mau sentido... Sais muito caro, deixas um rasto de destruição atrás de ti e exiges mais recursos do que qualquer outra pessoa.

– Eu combinei reunir-me com o Johan Jönson para examinarmos as imagens das câmaras de vigilância à volta do parque infantil.

– Não, vais deixar já isso – ordena Margot.

Joona sai do gabinete a pensar que este caso é muito mais complexo do que qualquer um deles consegue perceber para já.



## 15

Johan Jönson está à espera no topo da residência universitária Nyponet, na rua Körsbärsvägen, quando Joona sai do elevador.

Está de cuecas e veste uma *T-shirt* com *Fonus* escrito. É quase careca, mas tem barba grisalha e sobrancelhas grossas.

Embora Johan tenha todo o piso à sua disposição, trouxe para o patamar uma pequena mesa com um computador e duas cadeiras dobráveis.

– Já nem se consegue entrar – diz ele, fazendo um gesto na direção da porta do apartamento. – Sou um *hoarder* compulsivo quando se trata de equipamento de TI.

– Não seria bom ter uma cama e uma casa de banho? – pergunta Joona a sorrir.

– As coisas não são fáceis quando são difíceis – suspira Johan.

Joona já sabe que o parque infantil não aparece em nenhuma imagem. Fica num ângulo morto atrás da Escola de Economia. No entanto, por estar no centro de Estocolmo, a maior parte da área circundante é vigiada por câmaras.

A partir da temperatura corporal de Jenny Lind, os técnicos da Polícia de Norrmalm calcularam que a morte ocorreu às três e dez da manhã. Mas é Nålen quem vai determinar definitivamente a hora do óbito, quando todos os parâmetros forem tidos em conta.

– Pode não ser um *jättipotti* *Jackpot*, em finlandês. (*N. do T.*), como vocês finlandeses dizem – começa Johan. – Nenhuma câmara de vigilância está virada para o parque infantil e não se vê ninguém entrar nem sair do local do crime... Mas vê-se a vítima por alguns segundos... e temos uma clara testemunha ocular se a conseguirmos encontrar.

– Bom trabalho – diz Joona, sentando-se na cadeira ao lado dele.

– Portanto, seguimos as pessoas que se movimentaram na área antes e depois do homicídio... algumas foram captadas por várias câmaras antes de desaparecerem.

Johan pega num pacote de *Peta Zetas*, rasga um dos cantos e despeja as guloseimas carbonadas na boca. Batem-lhe contra os dentes e crepitam na cavidade bucal enquanto ele escreve um comando.

– De que intervalo de tempo estamos a falar? – pergunta Joona.

– Estive a ver as imagens das nove da noite em diante porque há muita gente a deslocar-se nessa altura do dia. Várias centenas de pessoas passaram pelo parque infantil durante a primeira hora... E só parei às quatro e meia da manhã, quando o local já estava cheio de polícias.

– Perfeito.

– Fiz uma montagem das câmaras relevantes, pessoa a pessoa, para ser um pouco mais fácil de manejar.

– Obrigado.

– Vamos começar com a vítima – diz Johan, e inicia a reprodução.

O ecrã do computador é preenchido pelo filme escuro com a indicação da hora no canto superior. A entrada da estação de metro da Rådmanstgatan é filmada na diagonal sobre a Sveavägen. Em cima, vê-se um pouco do parque e da empena da Escola de Economia com a abside arredondada do auditório. A imagem é bastante nítida, apesar da escuridão.

– Ela está quase a aparecer – sussurra Johan.

São três da manhã. A chuva intensa é visível na forma de rasgos oblíquos sob o candeeiro de rua. O asfalto brilha no exterior do quiosque fechado do Pressbyrån e da casa de banho pública com porta de aço.

Um homem com um casaco grosso e luvas de borracha amarelas remexe no caixote do lixo e afasta-se ao longo da parede com cartazes rasgados e restos de *graffiti* apagados.

É tarde, chove torrencialmente e a cidade está quase deserta. Uma carrinha branca passa pela estrada. Três homens embriagados caminham na direção do McDonald's.

A cidade escurece ainda mais quando a chuva se intensifica. Um copo de plástico estremece em cima do muro junto ao lago. A água escorre abundantemente através de uma tampa de esgoto. Uma pessoa vinda da esquerda entra na imagem, contorna a entrada do metro e põe-se por baixo do beiral com as costas contra o vidro da porta. Um táxi passa pela Sveavägen. A luz do automóvel ilumina por momentos o rosto e os cabelos louros da rapariga.

É Jenny Lind.

Agora faltam apenas dez minutos para ela estar morta.

O rosto fica de novo na sombra.

Joona pensa na sua breve luta, nas pernas que se debateram de tal modo que os sapatos caíram.

A sensação de asfixia quando o fluxo de sangue para o cérebro é interrompido não é gradual, como quando sustemos a respiração, mas sim brusca, causando pânico imediatamente antes de a escuridão nos envolver.

Jenny hesita e depois avança alguns passos à chuva, vira-se de costas para a câmara, passa pelo Pressbyrån, segue o passeio ao longo do lago e desaparece da imagem. Uma câmara de vigilância da Biblioteca Municipal filmou-a ao longe. A resolução do vídeo é baixa, mas um candeeiro de rua lança alguma luz sobre o rosto e os cabelos de Jenny antes de ela desaparecer no ângulo morto em que o parque infantil se encontra.

– É tudo o que temos dela – declara Johan Jönson.

– Pois.

Joona revê o filme na sua mente. Jenny sabia para onde ia, mas hesitou por causa da chuva ou por ter chegado um pouco cedo de mais.

O que teria ela para fazer no parque infantil a meio da noite? Teria combinado encontrar-se com alguém?

É impossível não pensar que parece uma armadilha.

– Em que estás a pensar?

– Não sei, estou só a tentar reter um pouco as impressões do que vi – responde Joona, levantando-se da cadeira. – O que se vê nas imagens talvez não tenha qualquer significado agora, mas mais tarde pode ser decisivo... Algo do que vimos e sentimos da primeira vez.

– Diz-me quando quiseses continuar.

Johan abre outro pacote de *Peta Zetas*, inclina a cabeça para trás e despeja os cristais na boca. Ouvem-se silvos e estalidos entre os seus dentes.

Joona olha fixamente para a parede, pensa nas pequenas mãos de Jenny e nas marcas brancas deixadas pela pulseira na pele bronzeada.

– Passa o próximo filme – diz Joona, sentando-se outra vez.

– Este segue a mulher que encontrou a vítima... Ela chega ao parque infantil apenas alguns minutos depois do homicídio.

Uma câmara de vigilância captou a mulher a correr à chuva, no passeio entre a fila de carros estacionados e o muro junto ao lago. Ela abranda e olha por cima do ombro como se estivesse a ser perseguida.

A chuva bate contra os tejadilhos dos carros.

A mulher acelera e corre um pouco até desaparecer da imagem, ao entrar no ângulo morto junto às escadas que descem para o parque infantil.

– Agora saltamos quinze minutos – diz Johan. – Quando ela já se apercebeu de que não pode salvar a rapariga enforcada.

A imagem muda para a câmara orientada para a entrada do metro. Há uma grande poça de água à volta da sarjeta junto à passadeira.

A mulher aparece por momentos sobre a relva molhada atrás do Pressbyrån. Quando sai para o passeio, parece estar ao telemóvel. Volta a

aparecer ao lado da casa de banho pública, para, apoia uma mão numa caixa de eletricidade e cai no chão com as costas contra o muro amarelo-pálido.

Fala ao telemóvel, depois baixa-o e fica sentada, imóvel, a olhar fixamente para a chuva até chegar o primeiro carro da Polícia.

– Foi ela que telefonou para o 112. Ouviste a chamada? – pergunta Johan Jönson.

– Ainda não.

Johan clica num ficheiro de som e, logo a seguir, no meio de um ruído de fundo ensurdecido, ouve-se a voz calma do operador a perguntar o que aconteceu.

– Não consegui mais, eu tentei – diz a mulher com a voz quebrada.

O som corresponde ao que se vê no vídeo a que eles acabaram de assistir: a chamada decorre enquanto ela deixa o parque infantil, passa por cima da relva e se senta de costas contra o muro.

– Consegue dizer-me onde está? – pergunta o operador.

– Eu encontrei uma rapariga, acho que agora está morta... Meu Deus, ela estava enforcada e eu tentei levantá-la... Ninguém me ajudava e eu...

A voz falha-lhe e ela começa a chorar.

– Pode repetir o que acabou de dizer?

– Eu não consegui mais, não consegui – diz, entre soluços.

– Para podermos ajudá-la, tem de nos dizer onde está.

– Não sei, na Sveavägen... ao pé, ao pé do lago... como é que se chama? Observatorielunden.

– Vê alguma coisa que reconheça?

– Um Pressbyrån.

O operador continuou a tentar falar com a mulher até a Polícia chegar ao local, mas ela deixou de responder e, pouco depois, a mão com o telemóvel caiu sobre o joelho.

Johan Jönson põe mais *Peta Zetas* na boca e abre a última montagem no disco rígido.

– Vemos as eventuais testemunhas? – pergunta. – Só há três pessoas nas proximidades do parque na altura do crime.

Uma outra câmara filmou uma mulher alta de gabardina branca, a subir a Kungstensgatan no lado oposto da Escola de Economia. Ela atira um cigarro para o chão e a beata cintila até se apagar. Sem pressa, avança pelo passeio e desaparece no ângulo morto dois minutos depois das três.

– Ela não volta para trás – diz Jönson.

No ecrã do computador, a imagem muda e fica mais escura. Ao longe, por trás da Biblioteca Municipal, a câmara mostra uma mulher sem-abrigo com várias camadas de roupa grossa.

– Não creio que se consiga ver o parque dali, mais ainda assim incluí-a – diz Jönson.

– Ótimo.

O ângulo da câmara muda para a entrada do metro, e entrevê-se a sem-abrigo na escuridão desfocada para lá do Pressbyrån.

– E aqui temos a testemunha número três – diz Johan.

Um homem de guarda-chuva, com um labrador preto pela trela, entra na imagem entre o elevador e a entrada do metro. O cão fareja o chão à volta das caixas do correio ao lado do Pressbyrån. O homem espera um pouco, depois passa pela casa de banho e continua pelo passeio. Para vinte metros mais à frente, com o rosto virado na direção do parque infantil.

São três e oito.

Já só restam dois minutos de vida a Jenny Lind. Presumivelmente o laço está a ser colocado à volta do seu pescoço neste momento.

O cão puxa pela trela, mas o homem está imóvel como uma estátua.

A sem-abrigo move-se no passeio, remexe num saco do lixo preto e pisa qualquer coisa com movimentos amplos do pé. O homem com o guarda-

chuva e o cão olha para ela e, depois, dirige de novo o olhar para o parque infantil. Naquele momento, devia estar a ver tudo o que se passava, porém não mostra nenhum sinal de que assim fosse.

Um táxi passa pela Sveavägen, atirando uma cascata de água suja para o passeio.

Às três e dezoito, o homem larga a trela do cão e avança lentamente até ficar escondido por trás do Pressbyrån.

– A rapariga está morta e o assassino já deve ter abandonado o local – declara Johan.

Arrastando a trela atrás de si, o cão anda devagar de um lado para o outro a farejar a relva. As poças borbulham com a chuva forte. A sem-abrigo desapareceu de novo na direção da Biblioteca Municipal. São três e vinte e cinco quando o homem se volta para trás com a cabeça baixa. A água escorre-lhe do guarda-chuva para as costas enquanto ele se afasta, sem pressa, pelo mesmo caminho de onde veio.

– Na prática, ele pode ter ido até junto do corpo naquele momento – diz Joona.

O cão segue o homem até à Sveavägen. À frente da entrada da estação, ele baixa-se para apanhar a trela. O seu rosto tranquilo é nitidamente visível por alguns segundos graças à luz cinzenta que atravessa a porta de vidro.

– Temos de o encontrar – diz Johan, parando a imagem.

– Primeiro, quando ele não reagiu ao homicídio, pensei que era cego, mas não é. Ele reparou na mulher sem-abrigo quando ela se moveu de uma forma diferente – diz Joona.

– Ele viu tudo – murmura Johan, olhando para os olhos cor de gelo de Joona.

## 16

Depois do jantar, Pamela levanta calmamente a mesa, arruma a cozinha e põe a máquina de lavar louça a funcionar.

Bebe o resto da *vodka*, pousa o copo na bancada, vai até à alta janela quadriculada e olha para o Ellen Keys Park. Um grupo de pessoas com cestos de piquenique e mantas deixa-se estar no relvado.

Durante a noite, a chuva que inaugurou o verão foi empurrada pela onda de calor que se instalou na Europa Central desde o início de junho. Como os suecos sabem que os dias de sol são poucos, todos os parques e esplanadas se encheram subitamente de pessoas.

– Acho que daqui a nada me vou deitar – diz. – Pensaste em alguma coisa para fazer esta noite?

Martin não responde. Continua sentado à mesa, a jogar no telemóvel. O jogo consiste em construir uma pilha de figuras geométricas até se ela se desmoronar.

Pamela olha para o seu rosto pálido e pensa em como esteve anormalmente nervoso hoje. De manhã, quando ela acordou, às oito, ele estava sentado no chão, encolhido.

Guarda os restos de comida fria no frigorífico, pega no pano da louça, passa-o por água, torce-o e limpa a mesa. Depois, pendura-o na torneira.

– Excelente – diz Martin, sorrindo e franzindo os olhos para ela.

– Eu reparei que gostaste da comida – respondeu Pamela. – De que é que gostaste mais?

Assustado, Martin baixa de novo o olhar para o telemóvel. Ela volta à bancada da cozinha, limpa o fogão com água fria para puxar o brilho, deita fora o papel de cozinha, ata o saco do lixo e leva-o para a entrada.

Quando volta à cozinha, Martin continua sentado a olhar para o telemóvel. Só se ouve o ruído da máquina de lavar louça. Pamela deita mais



*vodka* no copo, senta-se diante dele e abre uma pequena caixa de joalheria.

– Não são bonitos? Foi o Dennis que mos ofereceu.

Ela tira um brinco com uma água-marinha em forma de lágrima e mostra-o a Martin. Ele olha para a joia e os lábios movem-se como se estivesse à procura das palavras certas.

– Eu sei que tu sabes que hoje é o meu aniversário... e às vezes oferecias-me um presente – diz ela. – Não precisas de me oferecer nada, como te disse, mas se tens alguma coisa, este é o momento de ma dares, porque estou a pensar em ir para a cama ler um pouco até ficar com sono.

Ele olha para a mesa e murmura qualquer coisa para si mesmo. Em seguida, suspira e passa a mão sobre a superfície da mesa.

– Eu queria dar...

Cala-se e desvia o olhar para a janela. Depois cai no chão, afastando ruidosamente a cadeira.

– Não faz mal – diz ela, com um tom tranquilizador.

Ele rasteja até ela por baixo da mesa, abraça-lhe as pernas com força, como uma criança que quer impedir um pai de se ir embora.

Pamela passa-lhe os dedos pelo cabelo, bebe e pousa o copo na mesa, levanta-se, vai até à janela e olha para a avenida Karlavägen. Os olhos mudam de foco e ela vê o seu próprio reflexo no vidro côncavo.

Mais uma vez, pensa na troca de *e-mails* com a responsável dos serviços sociais. Estão a trabalhar no sentido de concluir o primeiro passo. Segundo a avaliação da assistente social, Pamela tem uma situação económica e social estável, o escritório da casa pode ser transformado num quarto de dormir e o chefe de Pamela confirmou que ela tem a possibilidade de se ausentar para ir aos serviços sociais, à escola e aos serviços de saúde.

Já depois de amanhã, Pamela e Mia vão fazer uma chamada por Skype para «medirem o pulso uma à outra», nas palavras da assistente social.

\*

Martin gatinha para a sua cadeira, olha para Pamela e pensa em como tem, há quase um ano, a intenção de lhe comprar um colar de pérolas, porém não teve coragem de o fazer. Em vez disso, hoje comprou-lhe quinze rosas vermelhas, mas depois foi obrigado a sair da loja de mãos a abanar ao perceber que os meninos queriam as flores para as suas sepulturas.

– Olha – chama ele.

Ele vê que ela está a limpar as lágrimas da cara antes de se voltar para ele. Não pode explicar-lhe que tem medo de aniversários porque, nesses dias, os rapazes querem festejar os seus.

Eles ficam invejosos se ele comprar uma prenda para ela.

Quando se fala de comida, eles querem mama.

Sabe que isto é uma espécie de pensamento obsessivo, no entanto, cada vez que tenta dizer alguma coisa, vê-se obrigado a interromper-se a si mesmo para pensar primeiro na reação dos meninos. Ele sabe que, no fundo, isto está relacionado com o acidente de carro em que perdeu os pais e os dois irmãos.

Martin nunca acreditou que os espíritos existissem realmente, mas, de alguma forma, abriu-lhes a porta ao perder Alice. Agora, estão cá fora no mundo real e podem tocar-lhe, empurrá-lo e mordê-lo. Por isso, aprendeu a ter cuidado para não os atrair ou irritar. Se diz um nome de uma coisa, eles querem-na, o que quer que seja. Se menciona um lugar, eles querem ser sepultados lá.

Porém, desde que respeite as regras, eles mantêm-se quietos – insatisfeitos, mas não zangados.

– É melhor ires já passear o rafeiro – diz ela para o ar, como se não acreditasse que ele a estivesse a ouvir. – Não gosto que estejas com ele na rua a meio da noite.

Ele há de conseguir encontrar uma maneira de lhe falar das rosas sem chamar a atenção. Talvez amanhã ela própria possa ir buscá-las à loja e levá-las para o escritório.

– Ouves o que te estou a dizer? Martin?

Ele devia responder qualquer coisa ou dizer que sim com a cabeça, porém limita-se a olhá-la nos olhos e a pensar que não é bom que ela diga o seu nome.

– Está bem – suspira Pamela.

Martin levanta-se, vai até à entrada, acende o candeeiro e tira a trela do gancho na parede.

Passou o dia com arrepios estranhos no corpo. Como se alguém se contorcesse dentro dele. Talvez esteja a ficar doente, ou então é só cansaço.

Ontem, o rafeiro precisou de ir à rua a meio da noite. Quando voltaram, todo o corpo de Martin tremia e teve de tomar trinta miligramas de Valium. Agora já não se lembra do que aconteceu, mas os meninos estavam especialmente ameaçadores e obrigaram-no a passar o resto da noite sentado no chão.

Nunca tinha acontecido antes.

A trela tilinta na mão de Martin quando se dirige à sala de estar. O rafeiro não o ouve e continua a dormir deitado na sua cama, como de costume. Martin põe-se de joelhos e acorda-o com cuidado.

– Vamos à rua? – sussurra.

O cão levanta-se, faz um estalido com a boca, sacode-se e segue-o até à entrada.

Na verdade, chama-se *Loke*, mas começaram a chamá-lo de rafeiro quando ele ficou velho e cansado. É um labrador preto com tantas dores nas ancas que já não consegue subir as escadas. Passa o tempo quase todo a dormir, não cheira lá muito bem, está um pouco surdo e vê bastante mal, mas ainda gosta de dar longos passeios.

\*

Pamela experimenta os brincos na casa de banho, tira-os, volta para o quarto e guarda a caixa na mesinha de cabeceira. Senta-se na cama, pega no copo de *vodka* e abre o livro, fecha-o outra vez e telefona a Dennis.

– Parabéns – diz ele.

– Estavas a dormir? – pergunta ela, bebendo um pouco de *vodka*.

– Não, na verdade estou sentado a trabalhar. Amanhã vou para Jönköping.

– Obrigada pelo presente – diz Pamela. – São incrivelmente bonitos, mas são uma prenda excessiva. Sabes disso, não sabes?

– Como parecem lágrimas, assim que os vi pensei que os devias usar.

– Já os experimentei, são fantásticos – responde, bebendo mais um pouco e pousando o copo na mesa de cabeceira.

– Como está o Martin?

– Bastante bem. Agora está na rua com o cão. Está a funcionar.

– E tu? Como estás tu?

– Eu sou forte – responde ela.

– Isso é o que dizes sempre.

– Porque é verdade, sempre fui forte, resolvo as coisas.

– Mas não se deve...

– Para – atalha ela.

Ouve Dennis respirar fundo antes de fechar o computador e pô-lo de lado.

– Tu não mudas – diz ele.

– Desculpa...

Dennis dizia-lhe sempre que ela não mudava. Na maior parte das vezes, fazia-o com um tom alegre de espanto, mas noutras era uma crítica.

Pamela começa a pensar no dia em que Alice fez dezasseis anos. Martin fez massa com gambas e parmesão, e Dennis e a namorada jantaram com eles.

Dennis ofereceu a Alice um colar que comprara no grande bazar de Damasco, e disse que ela era igual à mãe quando a conheceu no secundário.

– Ela era a rapariga mais fixe e gira que eu alguma vez tinha visto.

– Mas muita massa e uma cesariana depois – disse Pamela, dando palmadinhas na barriga.

– Tu não mudas – disse ele.

– Está bem – riu-se ela.

Pamela lembra-se de terem falado sobre filhos e de ter afirmado que a única coisa de que tinha medo era de uma nova gravidez. Fora por um triz que ela e Alice não tinham morrido no parto.

Nos segundos de silêncio que se seguiram, os olhares viraram-se para Martin.

Pamela nunca se esqueceu da maneira totalmente honesta como ele afirmou que Alice era a única filha que alguma vez desejara.

– Calaste-te – diz Dennis ao telefone.

– Desculpa, pus-me a pensar no dia em que a Alice fez dezasseis anos – responde ela.

A noite de quarta-feira já vai avançada e o distrito de Östermalm está deserto e silencioso, apesar de o ar continuar quente. Martin e o rafeiro passeiam pela via pedonal da ampla alameda entre as duas faixas da avenida Karlavägen.

O único som que se ouve é o da gravilha a ser pisada.

A escuridão concentra-se no espaço entre os postes de luz antigos.

Já estão na rua há uma hora e meia porque Martin deixa o rafeiro cheirar tudo o que quiser e demorar-se a urinar nos lugares importantes.

Os rapazes não costumam preocupar-se em acompanhá-lo quando sai com o cão. Preferem quase sempre esperar por ele, pois sabem que voltará.

Na maior parte das vezes, escondem-se no *closet* porque conseguem espreitar para fora através das ripas da porta. Atrás da roupa, junto ao teto, está uma das antigas condutas de ar da casa. Tem uma pequena grelha de chapa que se ajusta com um fio. Martin está convencido de que eles entram por ali.

A última vez que realizou uma viagem de trabalho como supervisor, antes de lhe terem passado o atestado de invalidez, eles iam-lhe cortando a cara toda. Atiraram-no ao chão do quarto de hotel, amarraram-no com toalhas de banho torcidas e esmagaram com o pé uma gilete, até conseguirem soltar uma das lâminas afiadas. Quando se cansaram, ele foi de carro para as urgências de Mora e levou onze pontos, mas disse a Pamela que tinha caído.

– Queres ir para casa? – pergunta Martin.

Viram junto à escola secundária Östra Real e põem-se a caminho de casa. O candeeiro pendurado sobre a estrada oscila com o vento. A luminosidade branca dos candeeiros passa através da folhagem e incide na via pedonal sob a forma de fissuras que se movem.

De súbito, na sua imaginação, Martin vê um lago prateado. O sol jaz sobre o topo dos abetos e o gelo faz pequenos rangidos e ruídos surdos. Alice tem as faces rosadas e diz que este é o lugar mais bonito em que já esteve.

Ao longe, ouve-se um chiar de travões e o som de pneus a derraparem no asfalto.

Martin olha para a direita e vê um táxi. Está parado a apenas um metro dele. O condutor parece estar a praguejar e pressiona a mão contra o centro do volante. Ouve-se um buzinar prolongado, e apercebe-se de que está no meio da Sibyllegatan. Sobe para o passeio e ouve o táxi arrancar ruidosamente atrás dele.

Por vezes, fragmentos de memória do acidente de Alice assaltam-lhe a consciência, causando-lhe uma dor terrível.

Ele não se quer lembrar, não quer falar sobre o que aconteceu, embora saiba que Pamela precisava de o fazer.

Quando chega a casa, é uma da manhã. Tranca a porta e põe a corrente de segurança, limpa as patas do rafeiro e dá-lhe comida na cozinha. Põe-se de joelhos com os braços à volta do velho cão, a fim de se certificar de que ele come bem e bebe água antes de ir para a sua cama na sala de estar. Depois de o rafeiro adormecer, Martin vai escovar os dentes e lavar a cara.

Quer deitar-se ao lado de Pamela e sussurrar-lhe que sente a sua falta e que lamenta tê-la desiludido neste aniversário. Entra devagar no quarto escuro. Pamela já apagou o candeeiro de secretária, e o livro e os óculos estão em cima da mesa de cabeceira. Tem o rosto branco e faz um som sibilante ao respirar.

Martin olha na direção da porta do *closet*, para a escuridão por detrás das ripas horizontais.

Os estores movem-se ligeiramente com a corrente de ar quando ele contorna a cama. Pamela suspira e vira-se para o outro lado. Ele afasta

silenciosamente o edredão sem desviar o olhar da porta do guarda-roupa. Ouve-se um leve chiar vindo de lá. Martin percebe que é a grelha de chapa da antiga conduta a ser aberta.

Um dos rapazes está a entrar por ali.

Não vai conseguir dormir com Pamela.

Tira o *blister* de *Stesolid* da sua mesa de cabeceira e move-se lentamente na direção do corredor sem tirar os olhos do *closet*. Para se orientar, vai passando a mão sobre o papel de parede à medida que recua. Só se vira quando as pontas dos dedos alcançam a ombreira da porta. Sente um arrepio percorrer-lhe as costas ao sair para a entrada, passa por cima da trela caída no chão e dirige-se à sala de estar.

Acende o candeeiro de pé e vê a luz espalhar-se por toda a divisão. O rafeiro dorme na sua cama. O soalho range sob os pés de Martin, que vê o seu próprio reflexo no vidro escuro da porta da varanda.

Algo se move atrás dele.

Sem se virar, afasta-se um pouco para o lado para ver melhor a entrada. O verniz espesso da porta da casa de banho reluz atrás de si. O brilho parece fluir para o lado, e Martin percebe que é porque a porta se está a abrir.

Uma mão de criança solta o puxador e desaparece rapidamente na escuridão.

Martin vira-se com o coração acelerado. A entrada está escura, mas ele consegue ver que a porta da casa de banho está completamente aberta.

Recua para um canto da sala e deixa-se cair com as costas contra a parede. Dali, vê-se a janela, a porta da cozinha fechada e a passagem escura para a entrada.

Esteve o dia todo a lutar contra um sentimento de desespero dentro de si. Não quer pôr em risco o processo para acolherem Mia, mas não pode



explicar a Pamela que a medicação antipsicótica não funciona porque os meninos são reais.

Em cima da mesa de centro há um copo com canetas, lápis de cera vermelhos e lápis de cor ao lado de uma resma de papel. Às vezes, usa os seus materiais de desenho para escrever mensagens a Pamela, embora suspeite de que o rapaz mais velho sabe ler. É melhor do que falar.

Olha fixamente para escuridão da entrada e engole quatro comprimidos de *Stesolid*. As mãos tremem-lhe tanto que deixa cair o *blister*.

Encolhido no chão da sala de estar iluminada, sente os olhos a arderem de cansaço. Adormece e sonha com a luz do sol que penetra na água através do gelo, sob a forma de nuvens amarelas.

Ao seu redor, as bolhas tilintam como se fossem de vidro.

Acorda com um rangido. Menos de um segundo depois, faz-se silêncio.

O pulsar do sangue ressoa-lhe nos ouvidos.

Sabe que foi a porta do *closet* que se abriu.

Alguém apagou o candeeiro de pé e a sala está escura. A luz fraca do LED azul da televisão espalha-se sobre os móveis como uma fina camada de gelo. Toda a parede e a passagem para a entrada estão escuras como breu. A grinalda de luzes avariada, que ficou do Natal passado, balança ao vento nas grades da varanda.

Martin estende a mão por baixo do sofá, para onde caiu o *blister* de *Stesolid*. Apalpa o chão, mas a embalagem desapareceu.

É evidente que os meninos não têm a intenção de o deixar em paz esta noite.

Martin sente o efeito da medicação ao deslocar-se até à mesa de centro. Tira uma folha da pequena resma de papel e pega num lápis a fim de desenhar uma cruz que possa manter erguida à sua frente até o dia clarear.

Ao desenhar, move a mão devagar e pesadamente. No escuro, é difícil ver como está a ficar. Olha para o desenho e repara que a barra transversal

está demasiado comprida num dos lados. Hesita e desenha uma barra transversal extra, sem compreender porquê. Com a tóxica sensação de ter perdido o livre-arbítrio, desce outra vez a ponta do lápis para o papel e desenha uma segunda haste ao lado da primeira. Sombreia as faces da cruz e continua a desenhar, sentido as pálpebras cada vez mais pesadas.

Tira outra folha e, ao acaso, desenha uma cruz torta. Começa de novo, mas para ao ouvir sussurros rápidos vindos da entrada. Recua silenciosamente, pressiona as costas contra a parede e fita a escuridão.

Os rapazes vêm aí.

Um deles tropeça sem querer na trela. A corrente de aço tilinta contra o soalho.

Martin tenta respirar silenciosamente. De repente, vê um movimento na passagem para a entrada. Dois vultos entram na sala de estar.

Um dos meninos tem apenas três anos e o outro cerca de cinco.

À luz azul ténue do LED da televisão, vê-se a pele cor de enxofre esticada sobre os crânios e encarquilhada à volta dos maxilares. Os contornos de alguns ossos pontiagudos, que perfuraram as membranas e tecidos, são visíveis imediatamente por baixo da pele, não a rasgando por pouco.

Martin olha para os desenhos em cima da mesa, mas não se atreve a estender a mão para os alcançar.

O rapaz mais pequeno veste apenas umas calças de pijama às bolas. Olha para o mais velho e depois vira-se para Martin a sorrir. Avança devagar e vai contra a mesa sem querer, fazendo com que as canetas tilintem dentro do copo.

Martin tenta encolher-se.

O menino para mesmo diante dele, bloqueando a luz fraca. A cabeça oscila ligeiramente para a frente. Martin percebe que ele baixou as calças ao sentir um jato de urina fria nas virilhas e nas pernas.

\*

Pamela acorda antes de o despertador tocar. Tem o corpo todo a tremer e a cabeça dói-lhe. Apodera-se dela uma forte vontade de dizer que não vai trabalhar por estar doente, encher a chávena de café com *vodka* e ficar simplesmente na cama.

Falta um quarto para as sete.

Põe os pés no chão e repara que o lugar de Martin está vazio. Já está na rua com o rafeiro.

Veste o robe, sente o mal-estar percorrer-lhe o corpo, no entanto, diz a si mesma que é capaz de o superar.

Ao sair para a entrada, vê a trela no chão. Vai até à sala de estar.

O candeeiro está aceso, a mesa está torta e há um *blister* de *Stesolid* debaixo do sofá.

– Martin?

Num canto da sala, Martin está meio sentado, meio deitado contra a parede e dorme com a cabeça descaída. Cheira a urina e tem as calças encharcadas.

– Meu Deus, o que é que aconteceu?

Precipita-se sobre ele e segura-lhe o rosto.

– Martin?

– Adormeci – murmura ele.

– Vá, eu ajudo-te...

Ele levanta-se vagarosamente, apoiado em Pamela. Tem dificuldade em andar e desequilibra-se contra o sofá.

– Quantos *Stesolid* tomaste?

Martin não quer ir para a entrada, tenta virar para trás, no entanto, como ela não cede, continua em frente.

– Sabes que tens de me responder – diz ela.

Ele para à frente da casa de banho, passa a mão pela boca e baixa o olhar.

– Vou chamar imediatamente uma ambulância se não me disseres quantos comprimidos tomaste – declara Pamela, num tom ríspido.

– Só quatro – murmura, fitando-a com um olhar assustado.

– Tens a certeza? Tu não me podes fazer isto.

Ajuda-o a despir-se e a entrar no duche. Martin senta-se no chão de pedra áspera, inclina-se para trás contra a parede de azulejos e fecha os olhos enquanto a água cai sobre ele.

Observando-o, Pamela telefona para o centro de informação antivenenos e explica que o marido tomou quatro *Stesolid* sem querer. Informam-na de que a dose não é perigosa se ele não tiver outros problemas de saúde. Ela agradece e pede desculpa por ter telefonado.

Pamela sabe que ele toma muitos comprimidos para dormir e calmantes, mas nunca tinha tomado uma dose excessiva. Ontem esteve todo o dia mais agitado do que o costume, a olhar por cima do ombro como se se sentisse observado.

Ela despe o robe, pendura-o no toalheiro e fica só em cuecas. Esfrega-o com sabão, passa-o por água e seca-o.

– Martin, sabes bem que não nos vão deixar cuidar da Mia se tu fizeres coisas destas – diz, levando-o para o quarto.

– Desculpa – murmura ele.

Pamela deita-o na cama e dá-lhe um beijo na testa. A luz da manhã brilha através das cortinas.

– Dorme.

Vai à casa de banho, põe a roupa dele na máquina de lavar e inicia o programa. Depois, vai buscar *spray* de limpeza e papel de cozinha e dirige-se à sala.

Da sua cama, o rafeiro olha para ela, lambe o nariz e volta a adormecer.

– E tu, quantos *Stesolid* tomaste?

Limpa o chão onde Martin estava sentado, endireita os móveis e coloca os lápis de cera e as canetas no copo. Os papéis dele estão espalhados num dos lados da mesa. Ao pegar numa folha com uma cruz negra, vê o desenho que estava escondido por baixo dela e sustém a respiração.

Martin desenhou uma estrutura robusta constituída por dois postes e duas traves. Da trave superior, pende uma pessoa com uma corda ao pescoço. Apesar de ser um esboço rápido, vê-se claramente que o cadáver é de uma rapariga, porque tem um vestido e cabelos compridos que lhe caem sobre o rosto.

Pamela pega no desenho, vai ao quarto e vê que Martin está sentado na cama.

– Como te sentes? – pergunta.

– Cansado – murmura ele.

– Encontrei isto – diz calmamente, mostrando-lhe o desenho. Pensei que talvez quisesses falar sobre isso.

Ele abana a cabeça e olha agitado na direção do guarda-roupa.

– É uma rapariga? – pergunta ela.

– Não sei – sussurra Martin.

## 18

O Departamento de Medicina Legal do Instituto Karolinska é um edifício de tijolo vermelho com toldos azuis. Sob a luz intensa do sol, vê-se cada um dos traços de sujidade nas janelas. Do outro lado da rua, fora do Departamento de Neurociência, a bandeira pende frouxamente do mastro.

Joona foi ao Cemitério Norte deixar flores. Agora, vira para o estacionamento, repara que o *Jaguar* branco de Nålen está pela primeira vez direito no seu lugar e estaciona ao lado.

Como é habitual, a mobília de jardim já foi colocada junto à fachada interior do edifício inclinado, abrigada do vento.

Joona dirige-se à entrada, sobe as escadas de betão entra pela porta azul. No corredor, Nålen espera-o fora do seu gabinete. É professor de Medicina Legal no Instituto Karolinska e um dos principais especialistas da Europa nesta área. O seu antigo assistente, Frippe, começou uma banda e mudou-se para Londres, mas Nålen diz que a nova, Chaya Aboulela, é igualmente boa, apesar de não gostar de *hard rock*.

– A Margot telefonou e disse que não estás a investigar este caso – diz ele com a voz abafada.

– É só um erro – responde Joona.

– OK, vou assumir que essa resposta significa que o que ela disse não é verdade, e não que tu achas que o facto de este caso não ser teu é um erro.

Nålen abre a porta do seu gabinete e deixa Joona entrar. Uma mulher jovem com um casaco de cabedal gasto está sentada em frente ao computador de Nålen.

– Esta é a Chaya, a minha nova colega – diz Nålen, com um gesto servil floreado.

Joona avança e cumprimenta-a com um aperto de mão. Tem um rosto esguio e sério, com sobrancelhas bem definidas. Chaya levanta-se da

cadeira e veste a bata enquanto os três atravessam o corredor.

– Em que ponto está a investigação? – pergunta ela.

– Estou convencido de que temos uma testemunha ocular... contudo, estranhamente, ainda não nos contactou – responde Joona.

– Então em que ponto está? – repete Chaya.

– Estou à espera dos resultados da autópsia – responde ele.

– Ai sim? – diz ela, sorrindo de través.

– De quanto tempo acham que precisam? – pergunta Joona.

– Dois dias – responde Nålen.

– Se formos um bocadinho desleixados – acrescenta ela.

Nålen abre a porta pesada e deixa-os passar para a sala fria, onde estão dispostas quatro mesas de autópsias em aço inoxidável. A superfície limpa dos lavatórios e dos recipientes metálicos reflete a luz das lâmpadas fluorescentes.

Na mesa mais afastada, jaz Jenny Lind, completamente vestida.

Não parece estar a dormir, tem o corpo demasiado relaxado e imóvel. Enquanto Nålen e Chaya vestem o equipamento de proteção, Joona aproxima-se do corpo. Olha para o nariz e as orelhas pequenas com furos para os brincos. Tem uma cicatriz antiga nos lábios. Joona lembra-se dela da fotografia que circulou com o alerta. Os olhos muito abertos já estão completamente amarelos. O sulco profundo à volta do pescoço tem uma cor preta-azulada. Joona observa enquanto Nålen corta o casaco e o vestido da rapariga, metendo-os em sacos. O *flash* da máquina fotográfica de Chaya cintila nas superfícies metálicas.

– Os técnicos da Polícia de Norrmalm fixaram o momento da morte às três e dez da manhã – diz Joona.

– É bem possível – murmura Nålen.

Chaya fotografa Jenny só em sutiã e *collants*, antes de Nålen prosseguir. Tira mais fotografias só com a roupa interior, que depois também é

removida e metida em sacos.

Joona olha para a rapariga nua, para os seus ombros magros e os seios pequenos. Os pelos púbicos são louros e as pernas e as axilas estão depiladas. É magra, mas não escanzelada, e não tem marcas superficiais de maus-tratos.

A linha acastanhada de uma veia começou a aparecer nas coxas e nos dois lados do tronco. As mãos e os dedos dos pés estão roxos.

O *livor mortis* surge sempre primeiro nas partes do corpo que se encontram na posição mais baixa. Num enforcamento, escurecem primeiro as pernas e os órgãos genitais externos.

– Chaya, o que acha? – pergunta Joona.

– O que eu acho? – pergunta ela, baixando a máquina. – Sim, o que raio acho eu realmente? Acho que ela estava viva quando foi pendurada... portanto, não se trata de expor uma pessoa já morta, como é às vezes o caso... mas, ao mesmo tempo, a escolha do lugar é extremamente expressiva.

– O que pensa que isso significa? – pergunta ele.

– Não sei, que o homicídio é uma exibição... mas sem extravagância.

– Talvez seja precisamente essa a extravagância – sugere Joona.

– Um homicídio que imita uma execução – anui ela.

– Estou a ver que feriu os dedos ao tentar soltar o laço durante os poucos segundos em que esteve consciente... mas, em geral, não há nenhum indício de violência ou força física – afirma Joona.

Chaya balbucia algo, levanta novamente a máquina e continua a fotografar cada detalhe do corpo. O *flash* intenso projeta repetidamente as sombras do cadáver nas paredes da sala.

– Nålen? – diz Joona.

– O que diz o Nålen? – pergunta ele a si mesmo, ajustando com o dedo os óculos no nariz. – Costumo começar por dizer o que nós todos já



sabemos... que causa da morte foi uma obstrução bilateral das artérias carótidas em resultado de ter sido içada, o que interrompeu o fluxo arterial para o cérebro.

– Concordo – diz Chaya em voz baixa, pousando a máquina numa mesa.

– Vamos fazer o exame interno sem sangue para ver melhor, mas prevejo fraturas no osso hioide e nos cornos superiores da cartilagem tiroideia... ruturas nas carótidas, danos na traqueia... mas não nas vértebras cervicais.

O sulco profundo causado pelo laço à volta do pescoço fino tem a forma de uma ponta de seta e um tom preto-azulado. Nålen apalpa a base da laringe para verificar a profundidade do corte feito pelo cabo na pele.

– Um cabo de aço sem revestimento – diz ele, como se falasse para si mesmo.

Joona pensa no facto de a engrenagem constituída por uma roda dentada maior e outra mais pequena não permitir, em princípio, que se exclua nenhuma categoria de perpetrador.

– Até uma criança bastante pequena conseguiria dar à manivela – observa ele.

Olha para o rosto da rapariga e imagina o medo que sentiu quando lhe colocaram o laço no pescoço, o suor que lhe escorreu das axilas, as pernas a tremer. Ela procura uma saída sem tentar fugir, talvez peça misericórdia, talvez ache que será poupada no último momento se se mostrar submissa.

– Queres que saíamos um minuto? – pergunta Nålen em voz baixa.

– Sim, obrigado – responde ele, sem desviar o olhar de Jenny.

– Cinco minutos, como de costume?

– É suficiente – anui.

Joona fica a observá-la enquanto ouve os passos deles no chão de vinil e a porta a abrir e fechar.

Faz-se silêncio total na sala de autópsias. Ele aproxima-se dela um passo e sente o ar fresco da câmara frigorífica que o corpo exala.

– Isto não correu nada bem, Jenny – diz ele baixinho.

Joona recorda-se bem de quando ela desapareceu. Ofereceu-se para ir a Katrineholm ajudar com a investigação, mas o chefe da Polícia da região este agradeceu e rejeitou a ajuda.

Não é que ele esteja convencido de que a teria salvado, contudo, gostaria de poder dizer a si mesmo que fez tudo o que podia cinco anos antes.

– Vou encontrar quem te fez isto – sussurra.

Normalmente, Joona nunca promete resultados. No entanto, quando olha para Jenny Lind, não consegue compreender como é que um ser humano pode chegar à conclusão de que ela tinha de morrer naquele parque infantil, como se para ela não houvesse outra alternativa.

– Eu vou encontrá-lo – promete-lhe.

Move-se à volta do corpo, observando cada pormenor: os joelhos lisos, os tornozelos estendidos e os dedos dos pés pequenos. Avança lentamente ao longo da mesa de autópsias sem desviar o olhar de Jenny, e ouve Nålen e Chaya a entrarem de novo na sala.

Viram-na de barriga para baixo e fotografam-na minuciosamente.

Nålen afasta-lhe os cabelos louros da nuca para que Chaya possa fotografar a extremidade do sulco. A superfície de aço por baixo de Jenny reflete o *flash* como uma janela atravessada por uma luz intensa, transformando o corpo numa silhueta negra.

– Espere – diz Joona. – Ela tem alguns cabelos brancos, reparei quando tirou a fotografia... ali.

Aponta para uma pequena área na parte de trás da cabeça.

– Estou a ver – responde Nålen.

Há uma pequena madeixa sem cor na nuca, junto à parte de trás da cabeça. Como os cabelos são tão claros, é quase impossível de distinguir.

Com uma máquina, Nâlen corta o cabelo branco rente à pele e põe-no num saco de plástico.

– Uma alteração de pigmentação – murmura Chaya, fechando o saco.

– Que destruiu a melanina dos folículos – diz Nâlen.

Depois de retirar os milímetros restantes de cabelo com uma navalha de barbear, Nâlen vai buscar uma lupa à secretária. Joona pega nela e debruça-se sobre Jenny para observar o couro cabeludo ampliado: a pele de um cor-de-rosa pálido, o padrão das glândulas sudoríparas e dos folículos capilares, e fios de cabelo que escaparam à lâmina.

O que Joona agora vê não é uma alteração natural, mas sim uma espécie de tatuagem branca com a forma de um T ornamentado. Não cicatrizou bem na margem superior e está um pouco torta.

– Ela foi marcada a frio – declara Joona, e entrega a lupa a Chaya.

Joona fechou a porta para o corredor, mas ainda assim ouve a conversa dos colegas na copa e o zumbido da impressora. A camisa azul-clara está-lhe apertada nos ombros e nos braços. O casaco está pendurado nas costas de uma cadeira, e a *Colt Combat* e o coldre de ombro estão trancados no armário das armas.

A luz indireta do sol entra pela janela e incide-lhe na face e na boca grave. A ruga profunda entre as sobrancelhas está na sombra. Joona transfere o olhar do computador para a única fotografia na parede despida: uma fotografia de pormenor, ampliada, da parte de trás da cabeça de Jenny Lind.

Um T branco com a base alargada e braços curvados para fora reluz no couro cabeludo.

Joona viu cavalos de raça serem marcados a frio. Um carimbo refrigerado em nitrogénio líquido é pressionado contra a pele do animal. O pelo continua a crescer, mas sem pigmentação. O frio destrói a parte dos folículos que confere aos pelos a sua cor, porém não atinge a área responsável pelo seu crescimento.

Se este caso fosse de Joona, todas as paredes do gabinete estariam em breve cobertas de fotografias, listas de nomes e pistas, resultados de laboratório e mapas com alfinetes. A fotografia da marca branca tornar-se-ia o eixo da grande roda que é cada investigação.

Joona volta-se de novo para o computador e faz *logout* da base de dados da Europol. Passou várias horas a procurar uma ligação à marca no registo criminal, no registo de vigilância pública da Polícia, no registo de suspeitos e no registo do Conselho Nacional de Medicina Legal.

Não encontrou nada, mas a sua intuição diz-lhe que o assassino não vai ficar por aqui. Ele carimbou a vítima na parte de trás da cabeça, e um

carimbo serve para ser utilizado várias vezes.

As provas que os técnicos forenses recolheram estão neste momento a ser analisadas no Centro Forense Nacional, em Linköping.

No Departamento de Medicina Legal, a autópsia ainda agora começou.

Uma equipa da Polícia de Norrmalm está a tentar determinar a origem do guincho e encontrar pessoas que possuam equipamento de marcação a frio.

Aron interrogou Tracy Axelsson, a mulher que encontrou a vítima. Segundo a transcrição, ela descreveu uma mulher sem-abrigo que usava o crânio de uma ratazana como pendente. A testemunha ainda estava em estado de choque e, primeiro, alegou que a mulher tinha matado Jenny. Depois, mudou de opinião e repetiu umas vinte vezes que a mulher se tinha limitado a olhar fixamente para ela em vez de ajudar.

Uma equipa localizou a sem-abrigo, interrogou-a e confrontou as suas respostas com a sequência de vídeo em que aparece. É evidente que, quando o homicídio teve lugar, ela estava demasiado longe do parque infantil para conseguir ver alguma coisa.

Ela não sabia dizer o que estava a fazer à frente da estrutura para trepar quando Tracy encontrou a vítima. Aron avançou a hipótese de ela lá estar para roubar os pertences de Jenny Lind.

Todos os indícios não passam de um mar em constante movimento. O enigma ainda não está formulado. Neste preciso momento, a investigação encontra-se na frustrante fase inicial antes de existir um único caminho a seguir.

«Exceto o facto de haver uma testemunha ocular», pensa Joona.

Um homem estava virado para o parque e viu o enforcamento. Só desviou o olhar numa ocasião: quando olhou para a sem-abrigo, que estava a pisar uma caixa de cartão.

Exatamente dez minutos depois das três, tem o olhar fixo no parque, porém não reage fisicamente ao que está a ver. Talvez tenha ficado paralisado com o choque. Não é, de modo algum, invulgar perdemos completamente o poder de ação quando testemunhamos algo que sentimos que é assustador ou incompreensível.

O homem limita-se a olhar fixamente, sem se mover, até o enforcamento estar concluído e o assassino abandonar o local. Só então sai do estado de paralisia e se aproxima lentamente da estrutura para trepar, desaparecendo no ângulo morto por um breve instante.

Este homem viu tudo.

Joona atravessa o corredor a pensar nos pais de Jenny Lind, que por esta altura já devem ter sido informados de que o corpo da filha foi encontrado. Imagina o ar a sair-lhes dos pulmões quando toda a tensão de que já nem tinham consciência se dissipa. A dor torna-se subitamente concreta, avassaladora. E serão para sempre atormentados pela culpa de terem desistido de a procurar e perdido a esperança.

Joona bate à porta aberta do amplo gabinete da chefe e entra. Margot está sentada à secretária com o jornal *Aftonbladet* à sua frente. Tem o cabelo cor de feno preso numa grossa trança e preencheu as sobrancelhas claras com um lápis castanho-escuro.

– Enfim, o que é que se pode dizer desta merda? – suspira, virando o jornal vespertino para ele.

A ocupar duas páginas inteiras, uma fotografia tirada com um *drone* mostra a cena do crime com Jenny ainda enforcada.

– Os pais da Jenny Lind não precisavam de ver isso – declara Joona em voz baixa.

– O redator-chefe alega que é de interesse público – diz Margot.

– O que escreveram?

– Especulações – suspira ela, atirando o jornal para o cesto do lixo.

O telemóvel de Margot está em cima da secretária, ao lado de uma caneca de café.

As suas impressões digitais surgem no ecrã escuro como ovas cinzentas.

– Isto não é um homicídio isolado – diz Joona.

– Sim, é precisamente o que isto é... e tu sabes disso, porque eu já percebi que não largaste o caso, apesar de teres recebido uma ordem direta – diz ela. – O Carlos perdeu o emprego por tua causa. Achas que tenho a intenção de perder o meu emprego?

– A Polícia de Norrmalm precisa de ajuda... Eu li a transcrição do interrogatório que fizeram e tem um monte de falhas. O Aron não ouve como deve ser, não tem em conta que as palavras são apenas uma parte do que é dito.

– Então que estou eu a dizer além das minhas palavras? – pergunta ela.

– Não sei – suspira ele, preparando-se para sair.

– Porque tu não és um Sherlock Holmes, ou és? – diz-lhe Margot.

Ele para à porta sem se virar.

– Espero que não se passe nada de grave com o teu sogro – diz ele.

– Andas a seguir-me? – pergunta, muito séria.

Joona vira-se e olha-a nos olhos.

– Só digo isto porque a Johanna e a tua filha mais nova estão em casa dele há mais de uma semana – declara ele.

Margot fica com as faces coradas.

– Eu queria manter isto em segredo – diz ela.

– Tu trazes sempre o carro e deixa-lo na garagem, mas agora tens os sapatos um pouco sujos de lama porque atravessas o Kronobergsparken depois de saíres do metro – começa ele a dizer. – E quando nos encontrámos na quarta-feira à tarde, não tinhas nenhum pelo de cavalo no casaco... Acho que o motivo por que a Johanna ficou com o carro deve ser

bastante grave, já que tu precisas dele para lebares as tuas filhas mais velhas aos estábulos de Värmdö... Nunca falhas, é algo importante para ti porque tu própria adoravas cavalos em miúda... e se a Johanna ficou com o carro, não pode ser por a mãe dela estar doente, visto que vive em Espanha.

– A equitação era ontem – comenta Margot. – Porque dizes que elas estão em casa do pai da Johanna há uma semana?

– A Johanna costuma ajudar-te a pintar as unhas de duas em duas semanas, à quinta-feira... mas desta vez, as pinceladas de verniz na mão direita são um pouco inseguras.

– Não consigo usar a mão esquerda – murmura ela.

– Habitualmente, o teu telemóvel tem impressões digitais pequenas ao lado das tuas porque costumavas emprestá-lo à Alva. Mas agora só tem as tuas... Foi por isso que supus que ela tivesse ido com a Johanna.

Margot fecha a boca, inclina-se para trás e olha para ele.

– Estás a fazer batota.

– OK.

– Eu talvez não seja suscetível ao teu charme – diz ela.

– Que charme? – pergunta ele.

– Joona, eu não gosto de ameaçar com uma sanção disciplinar, mas se...

Ele fecha a porta e avança pelo corredor em direção ao seu gabinete.



Joona está de pé diante da fotografia na parede a olhar para o T maiúsculo ornamentado, a letra latina que deriva do tau grego e da letra fenícia *taw*, que, por sua vez, outrora representava uma cruz.

O desaparecimento de Jenny Lind tornou-se um assunto nacional, como acontece com certos casos, ao passo que outros permanecem na sombra. Os meios de comunicação social estavam em ebulição, todos estavam envolvidos, uma multidão de voluntários participou nas buscas e a fotografia de Jenny Lind via-se por toda a parte.

Joona lembra-se nitidamente dos pais dela, Bengt e Linnea Lind, desde as primeiras entrevistas desoladoras à imprensa até às últimas que deram, amargurados, antes de caírem no silêncio.

Cinco dias depois do rapto, o programa de notícias *Aktuellt* teve-os como convidados. Quase só a mãe é que falava. Tinha a voz embargada e, quando se tornava demasiado difícil, escondia a boca com a mão. O pai, silencioso e com uma atitude formal, pigarreava cuidadosamente cada vez que respondia. A mãe afirmou ter a certeza de que a filha estava viva porque era o que o seu coração lhe dizia.

– A Jenny está assustada e confusa, mas está viva, eu sei que está – repetia ela.

A entrevista terminou com a súplica dos pais ao raptor. Joona sabe que a Polícia os ajudou com o que deviam dizer, mas não acredita que tenham seguido o guião quando estavam à frente das câmaras.

Atrás deles, era mostrada uma fotografia de Jenny Lind.

O pai teve dificuldade em manter a voz firme.

– Esta é a nossa filha. Chama-se Jenny. É uma rapariga alegre que gosta de livros... e nós amamo-la – começou ele, limpando as lágrimas da cara.

– Por favor – pediu a mãe. – Não faça mal à minha menina, não pode fazê-lo... Eu não devia dizer isto, mas se o que quer é dinheiro, nós pagamos, prometo. Vendemos a casa e o carro, tudo o que temos, até à mais pequena coisa, desde que a tenhamos de volta a casa. Ela é a nossa luz do sol e o nosso...

Começou a chorar convulsivamente e escondeu o rosto com as mãos. O pai abraçou-a, tentou acalmá-la e voltou-se de novo para a câmara.

– Você que fez isto – disse ele, com a voz trémula. – Quero dizer-lhe que desculpamos tudo, desde que a tenhamos de volta. Esquecemos o que aconteceu e cada um vai à sua vida.

As buscas intensivas duraram semanas. Os meios de comunicação reportavam diariamente diferentes pistas, informações e erros policiais. O Governo sueco ofereceu uma recompensa de duzentos mil euros a quem tivesse informações que permitissem encontrar Jenny Lind. Milhares de camiões de carga foram investigados e comparados com as marcas de pneus recolhidas no local do rapto.

Porém, apesar de todos os recursos e da quantidade colossal de informações recebidas do público, nada fez avançar a investigação e, a certa altura, tudo se dissipou. Os pais imploraram à Polícia que não desistisse, mas, no fim, todas as pistas tinham sido seguidas sem um único resultado.

Jenny Lind desaparecera.

Os pais contrataram um detetive privado, endividaram-se e foram obrigados a vender a casa. Depois, afastaram-se dos olhares do público e foram esquecidos pelos meios de comunicação.

Joona desvia o olhar da fotografia quando o telemóvel começa a tocar. Vai até à secretária e vê o nome de Nålen no ecrã.

– Telefonaste-me várias vezes – diz Nålen com a sua voz rouca.

– Queria saber notícias da Jenny Lind – explica Joona, sentando-se à secretária.

– Não posso falar contigo sobre isso, mas já acabámos... envio-te o relatório assim que tivermos recebido os últimos resultados.

– Há alguma coisa que deva saber já? – pergunta Joona, estendendo a mão à procura de papel e caneta.

– Nada de excepcional, além da marca na parte de trás da cabeça.

– Ela foi violada?

– Não há indícios físicos disso.

– Consegues confirmar a hora da morte?

– Sem dúvida.

– Três e dez da manhã é a estimativa que temos dos nossos técnicos – declara Joona.

– A minha opinião é que ela morreu às três e vinte – diz Nålen.

– Três e vinte? – repete Joona, pousando a caneta.

– Sim.

– E quando dizes que essa é a tua opinião, queres na verdade dizer que tens a certeza – diz Joona, levantando-se da cadeira.

– Sim.

– Tenho de falar com o Aron – afirma Joona, desligando a chamada.

De agora em diante, a testemunha ocular tem de ser tratada como um suspeito. Têm de lançar um alerta, talvez a nível nacional.

Joona não precisa de rever os vídeos das câmaras de vigilância para saber que o homem com o cão pode ser o assassino.

Às três e dezoito, o homem larga a trela e entra no ângulo morto em direção ao parque infantil. Como Jenny Lind estará morta dois minutos depois, ele não tem tempo de instalar o guincho na estrutura para trepar, mas pode ter lá ido dar à manivela. Não há dúvida de que pode ter sido ele quem a matou.

## 21

Pamela olha para o relógio. A tarde já vai avançada e ela está sozinha no escritório de arquitetura. Lá fora está tanto calor que as gotas de vapor de água condensado se juntam em pequenos regatos no vidro frio da janela. Falta um minuto para a chamada de Skype com Mia. Bebe o resto da *vodka* da garrafa, põe mais um rebuçado de menta na boca, senta-se à frente do computador e abre o programa.

O ecrã escurece e Pamela vê aparecer uma mulher mais velha com óculos grandes. Percebe que é a responsável pelo processo. A mulher sorri friamente e explica-lhe, com uma voz metálica, como costumam decorrer os encontros deste tipo.

– Mas que merda! Tem mesmo de ser? – pergunta Mia.

– Vá, senta-te aqui – diz a responsável, levantando-se.

Mia suspira e senta-se de maneira a só aparecer metade de cara.

– Olá, Mia – arrisca Pamela, com um grande sorriso.

– Olá – diz Mia, de rosto virado.

– Vou deixar-vos à vontade – declara a responsável, saindo.

Faz-se silêncio por um breve instante.

– Eu sei que esta é uma situação bastante estranha – diz Pamela. – Mas a ideia é falarmos um pouco para nos conhecermos melhor. Faz parte do processo.

– *Whatever* – suspira Mia, afastando o cabelo dos olhos com um sopro.

– Então... como estás?

– Bem.

– Está tanto calor aí em Gävle como em Estocolmo? Aqui está um forno, ninguém consegue trabalhar. As pessoas tomam banho nas fontes para conseguirem suportar.

– A vida é difícil – murmura Mia.

– Estou no meu escritório – diz Pamela. – Já te disse que sou arquiteta? Tenho 41 anos, estou casada com o Martin há quinze e vivemos na rua Karlavägen, em Estocolmo.

– OK – responde Mia, sem erguer o olhar.

Pamela pigarreia e inclina-se para a frente.

– Uma coisa que tens de saber é que o Martin tem problemas psicológicos. Ele é muito fixe, no entanto tem imensos pensamentos obsessivos, POC, o que faz com que não fale muito e às vezes sinta ansiedade. Mas já está a ficar muito melhor...

Cala-se e engole em seco.

– Não somos perfeitos, mas amamo-nos e esperamos que possas vir viver connosco – diz Pamela. – Em todo o caso, vem e vê como te sentes. O que achas?

Mia encolhe os ombros.

– Tens um quarto só para ti... com uma vista espetacular sobre os telhados. – continua ela, sentindo que o seu sorriso já não é genuíno. – De resto, somos bastante normais, gostamos de ir ao cinema, comer fora, viajar, fazer compras... E tu, o que gostas de fazer?

– Aquilo de que gosto é de dormir sem que ninguém me tente magoar ou violar... YouTube, o costume.

– De que comida gostas?

– Tenho de ir – diz Mia, começando a levantar-se.

– Tens alguns amigos?

– Um rapaz chamado Pontus.

– Namoram? Desculpa, não tenho nada que ver com isso.

– Não – responde Mia.

– Estou só um pouco nervosa – confessa Pamela.

Mia senta-se outra vez e tira o cabelo da cara com um sopro.

– E o que pensas em relação ao futuro? – arrisca Pamela. – Em que queres trabalhar? Que sonhos tens?

Mia abana a cabeça com desânimo.

– Desculpa, mas não consigo...

– Não me queres perguntar nada? – sugere Pamela.

– Não.

– Há alguma coisa que gostasses de saber? Ou que me queiras contar?

A rapariga ergue o olhar.

– Eu dou trabalho – afirma ela. – Não presto para nada e ninguém gosta de mim.

Pamela força-se a si própria para não a contradizer.

– Estou quase com dezoito anos. Quando os fizer, a sociedade pode parar de fingir que não se está a cagar para mim.

– Não deixa de ser verdade.

Mia olha hesitante para Pamela.

– Porque é que queres que eu vá viver convosco? – pergunta ela, segundos depois. – És arquiteta, és rica, vives no centro de Estocolmo. Se não podes ter filhos, só tens de adotar uma menina chinesa querida, ou não?

Pamela pestaneja e respira fundo.

– Eu não contei isto à assistente social – diz em voz baixa. – Mas perdi a minha filha quando ela tinha a tua idade. Não o disse porque não queria parecer estranha ou assustar-te. Não é que eu ache que tu podes substituí-la... mas penso que as pessoas que perderam muito podem ajudar-se umas às outras porque compreendem como são as coisas.

Mia inclina-se para a frente.

– Como é que ela se chamava? – pergunta com um tom sério.

– Alice.

– Pelo menos não era Mia.

– Não – diz Pamela com um sorriso.

– O que aconteceu?

– Ela afogou-se.

– Que cena.

Ficam um minuto em silêncio.

– Desde então, tenho um problema com álcool – admite Pamela.

– Álcool – repete Mia, com um tom cético.

– Isto estava cheio de *vodka*, que eu bebi para conseguir fazer esta chamada – diz ela, mostrando-lhe a garrafa.

Vê que Mia está com uma expressão mais descontraída. Ela encosta-se para trás e fica um bom bocado a olhar para o ecrã com o rosto de Pamela.

– Agora percebo um pouco melhor... e talvez as coisas possam funcionar entre nós. Mas tens de parar de beber e fazer com que o Martin se ponha bom.

\*

Pamela sente-se inquieta ao sair do escritório para o ar quente da rua. Decide dar um passeio antes de voltar para casa.

Pelo caminho, vai revendo uma e outra vez a conversa com Mia e pensando se não terá sido um erro falar-lhe de Alice. Pega no telemóvel e telefona a Dennis, passando pelo antigo alfarrabista enquanto o sinal de chamada soa.

– Dennis Kratz – responde ele como de costume.

– Sou eu – diz Pamela.

– Desculpa, eu vi... mas a boca faz o que está a habituada a fazer. Na verdade, já nem são palavras, mas sim uma espécie de memória muscular.

– Eu sei – diz ela a sorrir.

Conhecem-se desde o secundário, no entanto, ele continua a atender com o apelido mesmo quando vê que é ela que lhe está a telefonar.

– Como está o Martin?

– Muito bem, acho eu – responde ela. – Esteve um pouco agitado durante a noite, mas...

– Não contes com milagres.

– Não, é...

Cala-se e deixa passar algumas bicicletas antes de atravessar a estrada.

– O que foi agora? – pergunta Dennis, como se lhe conseguisse ler o rosto.

– Eu sei que achas que é demasiado cedo, porém acabei de conversar pela primeira vez com a Mia.

– O que diz a assistente social?

– Passámos o primeiro passo, mas a avaliação ainda não acabou e não foi tomada nenhuma decisão.

– Mas tu queres mesmo isto?

– Sim, para te dizer a verdade quero – responde, olhando para umas jovens deitadas na relva a apanhar sol em roupa interior.

– Não achas que vai ser demasiado para ti?

– Tu conheces-me. Nada é de mais para mim – diz ela, sorrindo.

– Diz-me se eu puder ajudar com alguma coisa.

– Obrigada.

Pamela desliga a chamada, passa por uma farmácia e por uma tabacaria, quando algo lhe chama a atenção pelo canto do olho. Para de repente, vira-se e fica a olhar para o expositor do *Aftonbladet*.

«O Carrasco», lê-se no cabeçalho.

O parque infantil no Observatorielunden foi fotografado de cima, na diagonal. A Polícia vedou o local com fita de plástico e barreiras de metal. Mais ao longe, veem-se alguns veículos de emergência.

Uma rapariga com um casaco de cabedal e um vestido está pendurada na estrutura para trepar. O cabelo escorrido esconde-lhe a maior parte do



rosto.

O coração de Pamela bate com tanta força que ela sente um aperto na garganta.

É o desenho de Martin. Aquele que ele fez durante a noite.

Quase exato.

Ele deve ter estado no parque antes da Polícia.

Com as pernas a fraquejarem-lhe, Pamela entra numa rua secundária, passa por um contentor do lixo amarelo e para junto a uma porta.

Encontrar uma rapariga morta era um choque para qualquer um. Agora compreendia porque é que Martin não conseguira dormir. Andava com aquela imagem às voltas na cabeça, mas não tinha coragem de falar. Acabou por tomar *Stesolid* a mais e conseguiu fazer um desenho.

Pamela tem as mãos a tremer ao pegar no telemóvel e entrar no *website* do *Aftonbladet*. Tem de aguentar os anúncios da *Volvo* e de duas empresas de jogo até conseguir abrir o artigo. Os olhos percorrem nervosamente o ecrã enquanto o lê por alto.

A rapariga morta foi encontrada no parque infantil do Observatorielunden, na noite de quarta-feira. O autor do crime ainda estava a monte, segundo Aron Beck, o responsável pela investigação na Polícia de Estocolmo.

Pamela abre a página principal do *site* da Polícia e tenta perceber como pode entrar em contacto com Aron Beck. Ao lado do número de emergência, só encontra um número geral para o todo o país. Através do atendimento automático, a chamada é finalmente reencaminhada para uma pessoa real. Pamela explica que quer falar com Aron Beck a respeito do homicídio no parque infantil. Depois de ter dado o nome e o número de telefone, guarda o telemóvel na mala. Sente um nó de angústia na garganta e tem dificuldade em engolir. Pensa que tem de ir para casa a fim de tentar convencer Martin a contar-lhe o que viu.

Uma rapariga foi assassinada no parque infantil.

Tentando acalmar-se, Pamela encosta-se à porta atrás de si e fecha os olhos.

Assusta-se quando o telemóvel começa a tocar, tira-o da mala e, antes de atender, repara que a chamada não é de nenhum dos seus contactos.

– Pamela – diz, expectante.

– Olá, chamo-me Aron. Sou comissário na Polícia de Estocolmo e tenho a informação de que queria entrar em contacto comigo – explica um homem com um tom de voz cansado.

Pamela olha para a rua deserta.

– Sim, acabei de ler o artigo do *Aftonbladet* sobre a rapariga assassinada no parque infantil... Segundo percebi, é o senhor que dirige a investigação.

– Qual é o assunto?

– Acho que o meu marido viu qualquer coisa quando estava a passear o cão na terça-feira à noite... Ele não pode telefonar porque tem uma doença psiquiátrica grave.

– Precisamos de falar com ele imediatamente – informa Aron num tom de voz diferente.

– O problema é que é extremamente difícil falar com ele.

– Pode começar por dizer-me onde é que ele se encontra neste momento – diz Aron.

– Está em casa, no número 11 da Karlavägen – responde ela. – Se é urgente, posso estar lá em vinte minutos.

Pamela põe-se a caminho, passa pelo contentor, vira para a Drottninggatan e por pouco não é atropelada por um homem numa trotinete.

– Desculpe – diz ela de forma automática.

Vira atrás da Casa da Cultura para ir até à Regeringsgatan, mas toda a Brunkebergstorg está em obras e é obrigada a regressar à Drottninggatan.

«Não há problema», pensa ela, «ainda tenho tempo.»

Quinze minutos depois do telefonema do Polícia, Pamela sobe a Kungstensgatan a correr. Está ofegante e tem a blusa molhada nas costas.

Com o coração acelerado, vira para a Karlavägen e vê cinco ou seis carros da Polícia com as luzes azuis a piscar.

Bloquearam a rua e o passeio à volta da porta do prédio dela. Pessoas curiosas já se começaram a juntar no local. Dois polícias com coletes de proteção e de armas em punho estão encostados à fachada, enquanto outros dois guardam cada um dos lados do passeio. Quando o primeiro polícia a vê aproximar-se, levanta uma mão para que ela pare. É um homem alto com barba loura e uma cicatriz profunda na cana do nariz.

Pamela avança acenando com a cabeça e tenta mostrar que precisa mesmo de falar com ele.

– Desculpe – diz. – Mas eu moro aqui e...

– Vai ter de esperar – interrompe ele.

– Só quero dizer que deve ter havido um mal-entendido. Fui eu quem ligou para a Polícia para...

Cala-se de repente ao ouvir vozes exaltadas nas escadas do interior do prédio. A porta é aberta por um polícia, e outros dois com capacetes e coletes de proteção trazem Martin só em calças de pijama.

– O que é que estão a fazer? – grita Pamela. – Vocês são completamente doidos?

– Acalme-se.

– Vocês não podem tratar as pessoas assim! Ele está doente, estão a assustá-lo...

O agente com a barba loura afasta-a.

Martin tem as mãos algemadas atrás das costas. Está a sangrar do nariz e tem um ar assustado e confuso.

– Quem é que manda aqui? – pergunta Pamela com voz estridente. – É o Aron Beck? Falem com ele, telefonem-lhe e perguntem-lhe...

– Não, você vai ouvir-me – interrompe ele.

– Só estou a tentar...

– Acalme-se e mantenha-se à distância.

O sangue escorre pela boca e pelo queixo de Martin.

Uma mulher jovem que trabalha na galeria que fica no mesmo quarteirão está do lado de lá da barreira a filmar com o telemóvel.

– Vocês não percebem – diz Pamela, tentando recuperar alguma autoridade na voz. – O meu marido tem uma doença psiquiátrica. Sofre de um tipo grave de síndrome de *stress* pós-traumático.

– Eu vou ter de a deter se não se acalmar – avisa o polícia, olhando-a nos olhos.

– Vai deter-me por eu estar perturbada?

Os agentes agarram firmemente os braços de Martin. Quando tropeça, eles levantam-no. Os pés descalços pairam sobre o pavimento de pedra do passeio. Martin está arquejante com a dor nos ombros, porém não diz nada.

– Martin! – grita Pamela.

Apercebe-se de que ele ouve a sua voz. Procura-a com os olhos, mas não a consegue encontrar antes de os polícias lhe empurrarem a cabeça para baixo para se sentar no carro.

Pamela tenta avançar, mas o agente com barba loura agarra-a por um braço e pressiona-a contra a fachada de tijolo.

Cheira a suor e a sujidade na sala de interrogatório sem janelas da Polícia de Norrmalm. Aron Beck observa o homem que foi identificado como Martin Nordström. Tem sangue seco na cara e um pedaço de papel enrolado numa narina. O cabelo cinzento está espetado. A corrente das algemas passa por baixo de uma peça de metal firme na mesa à frente dele. Veste uma *T-shirt* do uniforme prisional e calças verdes.

Tudo o que disser será filmado e gravado.

Primeiro, recusou-se a dizer se queria ter presente um advogado. Quando Aron repetiu a pergunta, limitou-se a abanar a cabeça.

Agora estão os dois em silêncio. O único som que se ouve é o zumbido baixo da instalação elétrica no teto. A luz da lâmpada fluorescente pisca ligeiramente durante uns segundos.

Tenta virar-se constantemente, como se quisesse ver se alguém está atrás dele.

– Olha para mim – diz Aron.

Martin volta-se para a frente, olha brevemente para Aron e depois baixa de novo os olhos.

– Sabes porque estás aqui?

– Não – murmura Martin.

– Saíste para passear o cão na noite de terça para quarta – começa Aron.

– Às três da manhã, estavas no relvado ao pé da Escola de Economia.

Aron faz uma pausa.

– Mesmo junto ao parque infantil – acrescenta em seguida.

Martin tenta levantar-se, mas é impedido pelas algemas. O metal tilinta e ele senta-se de novo bruscamente.

Aron debruça-se para a frente.

– Queres contar-me o que se passou lá?

– Não me lembro – diz Martin, quase impercetivelmente.

– Mas lembras-te de lá estar, não lembras?

Martin abana a cabeça.

– Mas de alguma coisa te deves lembrar – diz Aron. – Começa por aí, conta-me aquilo de que te lembras neste momento, leva o tempo que for necessário.

Martin volta a olhar por cima do ombro, e depois olha para baixo da mesa antes de sossegar.

– Vamos ficar aqui até começares a falar – diz Aron, suspirando ao ver Martin olhar por cima do ombro uma terceira vez. – De que estás à procura?

– De nada.

– Porque tentaste levantar-te quando eu mencionei o parque infantil atrás da Escola de Economia?

Ele não responde e fica imóvel a olhar para o espaço ao lado de Aron.

– Pode parecer difícil – continua Aron. – Mas a maior parte das pessoas sente alívio depois de finalmente dizer a verdade.

Martin olha para Aron por um breve instante e, de seguida, desvia o olhar para a porta.

– Então vamos fazer assim, Martin. Olha para mim, eu estou aqui – diz Aron, abrindo uma pasta preta.

Martin vira o olhar para ele.

– Lembras-te disto? – pergunta Aron, atirando uma fotografia para cima da mesa.

Martin inclina-se para trás até ficar com o braço esticado e a pele enrugada na parte de trás das mãos.

Tem a respiração acelerada e os olhos fechados com força.

Na fotografia, vê-se nitidamente a rapariga enforcada. O *flash* realçou todos os detalhes, segundos antes de a escuridão circundante se fechar de novo à volta dela. Os pingos de chuva estão suspensos e reluzentes no ar em

torno de Jenny Lind. Os cabelos molhados que lhe cobrem a maior parte do rosto têm a cor de carvalho envernizado. A ponta do queixo e a boca aberta adivinham-se por entre as madeixas. O cabo de aço cravou-se na pele e o sangue escorreu do pescoço para o vestido, que ficou quase negro.

Aron pega na fotografia e põe-na outra vez na pasta. Aos poucos, Martin vai ficando mais calmo. Tem as mãos quase brancas ao debruçar-se de novo sobre a mesa. O rosto está pálido e os olhos raiados de sangue. Está imóvel, a olhar para baixo. O queixo treme-lhe, como se estivesse a tentar não chorar.

– Fui eu, eu matei-a – sussurra ele e começa a respirar depressa outra vez.

– Conta-mo com as tuas próprias palavras – diz Aron.

Martin abana a cabeça e balança o tronco para trás e para a frente, angustiado.

– Acalma-te – diz Aron, mostrando um sorriso amigável. – Prometo que te vais sentir melhor depois de me contares tudo.

Martin para de se balançar e respira rapidamente pelo nariz.

– O que aconteceu, Martin?

– Não me lembro – responde ele, engolindo em seco.

– É claro que te lembras. Tiveste uma reação intensa à fotografia da vítima e disseste que a mataste – diz Aron, respirando fundo. – Ninguém está zangado contigo, mas tens de contar o que aconteceu.

– Sim, mas eu...

Cala-se, olha por cima do ombro e depois para baixo da mesa.

– Confessaste ter matado a rapariga no parque infantil.

Martin acena com a cabeça e mexe na corrente das algemas.

– Não me lembro de nada – diz ele, numa voz débil.

– Mas lembras-te de que acabaste de confessar o homicídio?

– Sim.



– Sabes quem ela é?

Ele abana a cabeça e depois olha para a porta.

– Como é que fizeste para a matares?

– O quê?

Martin fita Aron com um olhar vazio.

– Como é que fizeste? Como é que mataste a rapariga?

– Não sei – murmura Martin.

– Estavas sozinho? Ou eram vários a ajudar?

– Não posso responder a isso.

– Mas podes dizer-me porque o fizeste? Queres contar-me?

– Não me lembro.

Aron solta um suspiro pesado e sai da sala sem dizer mais nada.

## 24

Joona guarda os óculos de sol no bolso do peito da camisa ao avançar pelo longo corredor da Polícia de Norrmalm.

Colegas vestidos à civil e outros em uniforme movem-se em diferentes direções.

Aron Beck espera-o ao pé das máquinas de café com os pés afastados e as mãos atrás das costas.

– O que está a aqui a fazer? – pergunta ele.

– Gostava de estar presente no interrogatório – responde Joona.

– Tarde de mais, ele já confessou – diz Aron, esforçando-se por afastar um sorriso.

– Bom trabalho – diz Joona.

Aron inclina a cabeça para trás e olha para Joona.

– Acabei de falar com a Margot e ela acha que está na altura de o Ministério Público tomar conta da investigação.

– Parece-me um pouco precipitado – opina Joona, tirando uma chávena do armário. – Você sabe que ele tem uma doença mental.

– Mas foi ligado ao local do crime perto da hora do homicídio e confessou ser culpado.

– Qual é o motivo dele? Que ligação tem com a vítima? – pergunta Joona, carregando no botão do expresso.

– Ele diz que não se lembra – responde Aron.

– Não se lembra de quê? – pergunta Joona.

– Não se recorda de nada daquela noite.

Joona pega na chávena e dá-a a Aron.

– Nesse caso, como é que pode confessar o crime?

– Não sei – diz Aron, olhando para a chávena na sua mão. – Mas disse quase de imediato que o tinha cometido. Se quiser, pode ver a gravação.

– Vou ver, mas primeiro quero saber qual é a sua opinião sobre o interrogatório.

– O quê? Como assim? – pergunta Aron enquanto bebe café.

– É possível que tenha percebido mal o que ele confessou?

– Percebido mal? Ele disse que tinha sido ele a matar a rapariga.

– O que é que levou à confissão?

– Como assim?

– O que é que lhe disse imediatamente antes?

– Agora sou eu quem está a ser interrogado? – responde Aron, sorrindo com os cantos da boca descidos.

– Não.

Aron pousa a chávena vazia no lava-louça e limpa as mãos nas calças de ganga.

– Mostrei-lhe uma fotografia da vítima – murmura ele.

– Do local do crime?

– Ele estava com dificuldade em lembrar-se, por isso tentei ajudá-lo.

– Compreendo, mas agora ele sabe que se trata de uma rapariga enforcada – diz Joona.

– Não estávamos a ir a lado nenhum. Não tive outra opção – diz Aron bruscamente.

– É possível que aquilo que considera ser uma confissão se refira a outra coisa?

– Vai dizer-me que estou enganado? – pergunta ele.

– Estou só a perguntar-me se ele não terá querido dizer, por exemplo, que a matou indiretamente, por não ter conseguido salvá-la.

– Chega.

– Nós sabemos que ele não aparafusou o guincho ao poste... Claro que há a possibilidade de o ter feito antes, usando as escadas para evitar as

câmaras, mas nesse caso é difícil compreender porque é que fez este percurso quando, mais tarde, voltou para matá-la.

– Mas que porra, então fale você com ele para ver...

– Ótimo – atalha Joona.

– Para ver como é fácil.

– Ele foi violento ou agressivo?

– Ele acabou de confessar um homicídio horrível, de forma fria, repulsiva. Se pudesse, enforcava-o a ele com a merda do guincho.

## 25

Joona bate levemente à porta antes de entrar na sala de interrogatório. Um guarda prisional alto, com barba escura, está sentado em frente a Martin, a olhar para o telemóvel.

– Faça uma pausa – diz-lhe Joona, segurando a porta para ele sair.

O rosto de Martin está amarelo-pálido e inchado. A barba por fazer dá-lhe um aspeto vulnerável. Tem o cabelo muito espetado e os olhos claros cansados. A sala cheira a suor. As mãos entrelaçadas repousam sobre a mesa riscada.

– Chamo-me Joona Linna. Sou comissário da Polícia Operacional – informa Joona, sentando-se na cadeira do lado oposto da mesa.

Martin acena com a cabeça, quase impercetivelmente.

– O que aconteceu ao teu nariz? – pergunta Joona.

Martin toca com cuidado no nariz e o pedaço de papel ensanguentado cai em cima da mesa.

– Perguntaram-te se tens alguma doença, se precisas de medicação ou assim?

– Sim – murmura Martin.

– Posso tirar-te as algemas?

– Não sei – responde Martin, espreitando rapidamente por cima do ombro.

– Vais ser violento?

Martin abana a cabeça.

– Vou tirar-tas, mas quero que permaneças sempre sentado no teu lugar – diz Joona, soltando as algemas e pondo-as no bolso.

Martin massaja lentamente os pulsos e desvia o olhar na direção da porta, para lá de Joona.

O comissário pousa uma folha de papel à frente das mãos entrelaçadas de Martin. Observa-lhe o rosto enquanto ele olha para a reprodução exata da marca que Jenny Lind tem na nuca.

– O que é isto? – pergunta Joona.

– Não sei.

– Vê com atenção.

– É o que estou a fazer – diz ele em voz baixa.

– Segundo percebi, sofres de uma síndrome de *stress* pós-traumático complexa e tens dificuldade em lembrar-te das coisas e falar.

– Sim.

– Confessaste o homicídio de uma jovem quando falaste com o meu colega – diz Joona. – Podes dizer-me como é que ela se chama?

Martin abana a cabeça.

– Sabes como é que ela se chama? – repete Joona.

– Não – murmura Martin.

– De que é que te lembras daquela noite?

– Nada.

– Então como é que podes ter a certeza de a teres matado?

– Se vocês dizem que eu o fiz, quero confessá-lo e receber o castigo que mereço – diz Martin.

– É bom que queiras confessar, mas, para o poderes fazer, temos de descobrir o que realmente aconteceu.

– OK.

– Nós sabemos que tu estavas lá quando ela foi morta, mas isso não implica automaticamente que tenhas sido tu quem a matou.

– Eu achava que sim – diz ele, quase inaudivelmente.

– Não é assim que funciona.

– Mas...

As lágrimas começam a escorrer-lhe pelas faces e caem sobre a mesa, entre as mãos dele. Joona tira um lenço de papel e dá-o a Martin, que se assoa sem fazer muito ruído.

– Porque é que falas sempre tão baixo?

– Tem de ser – responde, olhando para a porta.

– Tens medo de alguém.

Ele acena com a cabeça.

– De quem?

Não responde, limitando-se a olhar mais uma vez por cima do ombro.

– Martin, há alguém que te pudesse ajudar a lembrares-te?

Ele abana a cabeça.

– Estava a pensar no teu psiquiatra do Hospital de Sankt Göran – esclarece Joona.

– Talvez.

– Podemos tentar com ele. Parece-te bem?

Acena ligeiramente com a cabeça.

– Costumas ter amnésia?

– Não me lembro – brinca ele, baixando o olhar quando Joona se ri.

– Claro que não.

– Tenho falhas de memória com muita frequência – sussurra.

Alguém vem pelo corredor a cantar e a agitar um molho de chaves. Ao passar fora da sala de interrogatórios, o bastão bate sem querer na porta com um baque.

Martin sobressalta-se e parece assustado.

– Eu acho que viste algo terrível naquela noite – diz Joona, enquanto observa o rosto de Martin. – Uma coisa tão aterrorizadora que não és capaz de pensar nela... mas nós os dois sabemos que o que viste ficou guardado algures no teu cérebro, e eu quero que comeces por contar o pouco de que realmente de lembras.

Martin olha para a mesa e os seus lábios movem-se como se tentasse encontrar palavras que se perderam há muito tempo.

– Estava a chover – diz Joona.

– Sim – diz Martin, acenando com a cabeça.

– Lembras-te do som da chuva a cair no guarda-chuva?

– Ela estava como...

Cala-se quando a fechadura range e a porta se abre de par em par. Aron entra a passos largos.

– O interrogatório acabou. Uma procuradora do Ministério Público ficou responsável pela investigação – explica ele, pigarreando brevemente.

– Martin – diz Joona, como se Aron não existisse. – O que ias dizer?

– O quê?

Martin olha para ele com um ar de incompreensão e humedece os lábios.

– Já chega – diz Aron, chamando o guarda prisional alto.

– Ias contar-me o que viste – continua Joona, tentando reter a atenção de Martin.

– Não me lembro.

Aron assina o documento que o guarda lhe entrega para a futura transferência do prisioneiro.

– Dê-me um minuto, Aron.

– Lamento, mas não posso. Já não depende de mim – responde num tom depreciativo.

O guarda levanta Martin e informa-o de que vai regressar à cela e comer.

– Martin – insiste Joona. – A chuva batia ruidosamente contra o guarda-chuva, tu estavas a olhar para o parque infantil e viste a rapariga que estava como... conta-me o que ias dizer.



Ele abana a cabeça como se não percebesse a pergunta, mas Aron pede ao guarda que o leve.

– Tu viste-a à chuva – continua Joona. – Como é que ela estava? Martin, quero saber o que ias dizer.

Os lábios de Martin abrem-se, mas não sai nenhum som. O guarda agarra-o pelo braço e leva-o para fora da sala.

Pamela estaciona à frente do Hospital Karolinska, atravessa a Solna Kyrkväg e entra pelo portão do Cemitério Norte. Já aqui esteve tantas vezes que escolhe automaticamente o melhor percurso pela enorme rede de caminhos que passam entre campas e mausoléus.

O polícia que a empurrou contra a parede na sexta-feira não lhe respondeu quando perguntou para onde iam levar Martin. Ainda tinha o corpo todo a tremer ao subir para o apartamento. A porta estava escancarada e a fechadura arrombada jazia no chão, em pedaços.

Apanhou as peças, fechou a porta e trancou a fechadura de segurança. Depois, tirou um *Citodon* do *blister* de Martin, engoliu-o, sentou-se ao computador, encontrou o número do Serviço Prisional e de Liberdade Condicional e conseguiu saber que Martin tinha sido levado para a prisão de Kronoberg.

Preparou uma mala com roupa e com a carteira de Martin, apanhou um táxi até à prisão, mas o guarda não a deixou entrar. Ele recebeu a mala, contudo, recusou-se a permitir que ela falasse com alguém sobre a condição psiquiátrica de Martin e a necessidade que tem de medicação e cuidados.

Esperou três horas do lado de fora do portão, na Bergsgatan, até o guarda ser substituído por outro. Fez uma nova tentativa antes de desistir e voltar para casa.

À noite, ficou a saber que Martin fora detido preventivamente como provável responsável pelo homicídio de Jenny Lind, a rapariga que desapareceu há cinco anos.

A indignação inicial de Pamela passou e deu lugar a uma perplexidade cansada com o absurdo da situação. Martin viu a rapariga morta no parque, talvez até tenha testemunhado o homicídio, mas detiveram-no em vez de ouvirem o que ele poderia ter para contar.

Pamela põe-se à sombra dos olmos, pega numa cadeira desdobrável que está pendurada numa árvore, continua até à sepultura de Alice e senta-se.

O sol ilumina o granito escuro com a inscrição, as violetas e a pequena taça com *polkagrisar* Rebuçados suecos. (*N. do E.*). Ouve-se o ruído de uma máquina de cortar relva junto à capela norte, e o trânsito da autoestrada ressoa como um trovão distante.

Pamela começa a contar a Alice tudo o que aconteceu nos últimos dias: que Jenny Lind foi encontrada enforcada no centro de Estocolmo, que Martin fez um desenho da cena do crime e que ela telefonou à Polícia pensando que ele talvez os pudesse ajudar.

Cala-se ao ver passar uma mulher com um andarilho com rodas. Espera que ela se afaste antes de se recompor e dizer o que a trouxe ali.

– Alice, eu amo-te – começa a dizer, respirando fundo. – Há uma coisa que... Não quero que leves a mal, mas estou em contacto com uma rapariga de dezassete anos que vive numa instituição privada de acolhimento em Gävle... Quero que ela se mude para nossa casa e tenha um lugar seguro na vida...

Pamela ajoelha-se e apoia a palma das mãos na erva aquecida pelo sol que cobre a campa.

– Não deves pensar que te pode substituir, porque nunca poderá... Não quero que fiques triste... mas sinto que isto seria bom para ela, para mim e para o Martin... desculpa.

Limpa as lágrimas e engole o choro até a garganta lhe doer. Levanta-se, apressa-se pelo caminho estreito e desvia o rosto ao cruzar-se com um homem idoso que leva uma rosa vermelha na mão.

Uma andorinha precipita-se pelo ar para caçar junto à relva recém-cortada e volta a subir.

Enquanto avança rapidamente pela alameda, apercebe-se de que se esqueceu de pendurar a cadeira na árvore, mas agora já não é capaz de

voltar para trás.

No passeio do parque de estacionamento, sente que os seus movimentos estão estranhamente rígidos. Quando as lágrimas lhe assomam de novo aos olhos, senta-se bruscamente no carro, cobre a cara com as mãos e chora com convulsões do diafragma.

Passado um momento, recupera o controlo sobre a respiração, recompõe-se e liga o carro. Faz o curto caminho até casa, estaciona na garagem e entra no prédio com o rosto vermelho de tanto chorar virado para o chão.

Ao entrar no apartamento, sente-se tão gelada que começa a tremer. Tranca a fechadura de segurança, pendura as chaves no gancho da entrada, vai para a casa de banho, despe-se, enfia-se debaixo do chuveiro e deixa que a água fumegante a envolva. Fecha os olhos e sente o corpo relaxar e aquecer novamente.

Quando sai do duche, o sol da tarde entra pela janela e desenha um trilho luminoso no soalho.

No quarto, pendura a toalha de banho num gancho e posta-se nua à frente do grande espelho. Encolhe a barriga, põe-se na ponta dos pés e observa-se a si mesma: as coxas, os joelhos enrugados e os pelos púbicos ruivos escuros. Tem os ombros vermelhos por causa da água quente.

Pamela enrola-se no robe, vai para a cozinha e senta-se à mesa de jantar com o seu *iPad*. Sente o coração acelerar ao ler as especulações dos jornais em torno do homicídio de Jenny Lind. A Polícia ainda não se pronunciou, no entanto o mandado de detenção já circula por todo o lado na Internet, com o nome e a fotografia de Martin.

Toca no ícone da caixa de *e-mail*, vê que recebeu uma mensagem do Conselho dos Serviços Sociais e abre-a.

Decidimos hoje, por ordem do Conselho dos Serviços Sociais, rejeitar o pedido apresentado por Pamela Nordström para acolher e cuidar de uma criança, temporária ou permanentemente.

Em virtude das informações divulgadas a respeito de Martin Nordström, o Conselho considera que a família de acolhimento representa um risco direto para o bem-estar da criança (4 kap 2 SOSFS 2012:11).

Invadida por uma sensação glacial, Pamela levanta-se, vai ao armário buscar a garrafa de *Absolut Vodka*, tira um copo grande, enche-o e bebe.

O pedido foi rejeitado devido ao mandado de detenção de Martin. É evidente, pensa ela, bebendo mais um pouco de *vodka*. Da perspectiva deles, é perfeitamente compreensível, porém terrivelmente injusto, visto que Martin é inocente e será libertado mais tarde ou mais cedo.

Pamela enche de novo o copo com as mãos trémulas e esvazia-o dando dois grandes tragos que a deixam sem sensibilidade na boca. Volta para a mesa, pousa o copo e a garrafa com um pouco de força a mais e senta-se. O álcool causa-lhe ardor no estômago e a visão já está um pouco turva.

Concentra-se para reler a decisão e procura o capítulo relevante na Lei dos Serviços Sociais e as diretivas do Conselho Nacional para a Saúde e Bem-Estar. Segundo compreende, é possível recorrer da decisão junto do Tribunal Administrativo.

Bebe o que sobra no copo, pega no telemóvel e telefona a Mia.

– Olá Mia, é a Pamela, que...

– Espera – interrompe-a imediatamente Mia, e fala com outra pessoa. – Não, para, tenho de atender esta chamada... OK, também te odeio... Olá.

– O que se passa? – pergunta Pamela.

– É só o Pontus que está a cantar por baixo da minha janela – diz, com uma voz alegre.

– Vi a fotografia dele no Instagram, é muito giro – confessa Pamela, percebendo que está a arrastar um pouco a voz.

– Eu sei, devia apaixonar-me por ele – suspira Mia.

Pamela vira-se para a janela, olha para o parque lá em baixo e vê pessoas deitadas ao sol e crianças a brincar à volta do pequeno lago.

– Preciso de falar contigo antes que fiques a saber disto de outra forma – diz ela, tentando organizar os pensamentos. – Mia, o Conselho dos Serviços Sociais rejeitou o meu pedido.

– OK.

– Mas fê-lo por motivos errados e eu vou recorrer. Não podes pensar que isto é definitivo, porque não é mesmo.

– Percebo – diz Mia em voz baixa.

As duas ficam em silêncio ao telefone. Com a mão livre, Pamela desenrosca a tampa da garrafa, poussa-a na mesa e começa a encher o copo, mas para ao ouvir um som gorgolejante. Bebe o pouco que há no copo, hesita, e depois leva a garrafa à boca.

– Isto vai resolver-se, prometo – murmura ela.

– Há muita gente que faz promessas – declara Mia, com uma voz neutra.

– Só que neste caso não passa de um mal-entendido estúpido. Eles acham que o Martin está envolvido num homicídio.

– Espera, é dele que andam a falar em todo o lado?

– Mas não o fez, é só um mal-entendido estúpido – repete Pamela. – Juro, quero dizer, tu sabes que a Polícia às vezes se engana, não é?

– Tenho de ir.

– Mia, podes telefonar-me logo quando...

Pamela ouve um clique e cala-se ao perceber que Mia desligou a chamada. Levanta-se com dificuldade em manter o equilíbrio, leva a garrafa para o quarto, poussa-a na mesa de cabeceira e deita-se na cama.

Sabe que Martin não reivindicou os seus direitos e não pediu um advogado. A Polícia deve tê-lo induzido a dizer certas coisas e a apontar para fotografias sem ele saber do que se tratava.

Pamela estende o braço para chegar à garrafa e bebe mais. O estômago contrai-se para expelir o álcool, mas ela resiste e tenta respirar devagar.

Duvida, inclusivamente, que seja legal interrogar uma pessoa com uma doença mental sem que esteja presente alguém com formação psiquiátrica.

Senta-se na cama, pega no telemóvel, encontra o número nos contactos e deixa chamar.

– Dennis Kratz – respondem do outro lado.

– Olá – diz Pamela.

– O que é que se passou com o Martin? – pergunta ele.

– Tu viste o que escreveram. É tudo mentira...

Esforça-se por não comer sílabas e palavras enquanto lhe conta sobre o desenho de Martin e tudo o que aconteceu a seguir.

– Estava a pensar... Será que podias falar com a Polícia? – pergunta.

– Claro que sim.

– É que não acho que eles tenham... tipo, as competências necessárias para... para interrogar uma pessoa com uma PSPT complexa.

– Eu falo com eles amanhã.

– Obrigada – murmura ela.

– E como estás tu? – pergunta Dennis depois de uma breve pausa.

– Eu? Não está a ser nada fácil – responde-lhe, limpando as súbitas lágrimas. – A verdade é que... bebi uns copos para me acalmar.

– Precisas de alguém com quem falar – diz ele.

– Eu cá me desenrasco, não te preocupes...

– Queres que passe aí?

– Passar aqui – repete ela. – Quero, sim, para ser sincera... isto tudo é um pouco de mais até para mim.

– Eu compreendo.

– Não fiques preocupado, vou resolver isto, vai ficar tudo bem...

Pamela desliga a chamada, sente as faces a ficarem quentes, levanta-se, magoa-se ao bater contra a ombreira da porta e esfrega o ombro com a mão. Vai aos ziguezagues até à casa de banho, debruça-se sobre a sanita e enfia dois dedos na garganta para forçar o vômito. Depois de vomitar uma parte da *vodka*, lava a boca e escova os dentes. Sente a casa de banho girar e percebe que a embriaguez continua a aumentar.

Lava as axilas e veste um fino vestido azul com um cinto largo. Dennis deve estar quase a aparecer. Maquilha-se e põe os brincos novos.

Ao chegar à cozinha e ver o *iPad* em cima da mesa, sente o coração acelerar de novo com a angústia. Que sentido faz tudo isto? Como é que pôde pensar que Mia viria viver com eles? O pedido foi rejeitado pelos



motivos errados, no entanto, Pamela sabe que, na verdade, merecem a rejeição. Ela tem um problema com o álcool, e os pensamentos obsessivos e as alucinações paranoicas de Martin não vão simplesmente parar. Como é que pôde negá-lo? Uma nova vida não passa de uma fantasia patética.

Deixou Mia ficar mal ao arrastá-la para esta situação. E deixou Alice ficar mal ao enganar-se a si mesma.

Vai deitar-se na cama e pensa em telefonar a Mia para lhe dizer a verdade: que ela e Martin não servem para pais.

Parece-lhe que o quarto se move à sua volta, com as paredes e as janelas a passarem-lhe diante dos olhos. Decide que irá à varanda, atará a velha grinalda de luzes à volta do pescoço e saltará.

Fecha os olhos e faz-se escuridão total. Quando acorda, estão a tocar à campainha. Sai da cama aos tropeções e, no mesmo instante, lembra-se de que telefonou a Dennis e lhe pediu para ir lá a casa.

Sente que dormiu uma noite inteira, porém, ao avançar pelo corredor, a embriaguez percorre-lhe o corpo como uma brisa quente.

Destranca a fechadura de segurança, abre a porta partida, deixa Dennis entrar, dá-lhe um abraço e volta a trancar a porta. Ele veste um *blazer* de *tweed* cinzento-escuro, uma camisa azul, e o cabelo grisalho foi cortado há pouco tempo. O seu olhar é meigo quando se cruza com o dela.

– Agora estou com vergonha de te ter obrigado a vir cá.

– Mas eu gosto de ser o teu comparsa giro – confessa com um sorriso.

Apoia uma mão na parede para descalçar os sapatos pretos e segue-a até à cozinha.

– Queres um copo de vinho?

– No mínimo – responde ele.

Pamela ri-se, apercebendo-se do quão artificial o seu riso soa. Vai à garrafeira e tira uma garrafa de *Cabernet Sauvignon* americano.

Ele acompanha-a até à sala de estar. Pamela acende o candeeiro de pé e a luz amarela espalha-se sobre os móveis e reflete-se na janela alta que dá para a Karlavägen.

– Há muito tempo que não vinha cá – diz ele.

– É verdade.

– Ultimamente, parece que a única coisa que vejo são quartos de hotel aborrecidos.

Pamela tem as mãos a tremer ao tirar dois copos de vinho do armário de vitrina.

– Como te sentes? – pergunta Dennis, cautelosamente.

– Bastante abalada – responde-lhe com sinceridade.

Sente que ele a observa enquanto abre a garrafa, enche os copos abaulados e lhe oferece um. Ele agradece em voz baixa e olha pela janela.

– Que edifício verde é aquele? – pergunta.

– Realmente, de onde é que terá aparecido – brinca ela.

Põe-se ao lado de Dennis e, de súbito, sente a proximidade do seu corpo como um formigueiro quente.

– Sempre ali esteve? – pergunta ele com um sorriso.

– Pelo menos há oitenta anos...

Dennis pousa cuidadosamente o copo na mesa de centro, passa a mão pela boca e depois olha de novo para ela.

– Os brincos ficam-te bem – diz-lhe, mexendo levemente num deles. – Ficas incrivelmente bonita com eles.

Sentam-se no sofá, e ele põe o braço à volta do ombro dela.

– Imagina que o Martin fez o que dizem que fez – diz Pamela, em voz baixa.

– Mas não fez – responde Dennis.

– Eu sei que me avisaste, mas o Conselho dos Serviços Sociais rejeitou o nosso pedido – conta-lhe, ajeitando o vestido.

– Podes recorrer – comenta Dennis calmamente.

– É o que vou fazer, obviamente, mas... meu Deus, já não sei nada – diz, encostando a cabeça no ombro dele. – O pedido foi rejeitado por causa do Martin, apesar de nós, na prática, não vivermos juntos, a não ser por sermos casados.

– E tu ainda queres isso?

– O quê? – questiona, olhando para Dennis.

– Pergunto-te como teu amigo, porque me preocupo contigo – diz ele.

– O que me estás a perguntar?

– Casar-te-ias com ele atualmente?

– Tu és comprometido – diz ela a sorrir.

– Só enquanto não estás disponível.

Ela inclina-se para a frente e dá-lhe um beijo na boca, mas logo a seguir pede desculpa num murmúrio. Ficam os dois a olhar um para o outro, com uma expressão séria.

Engole em seco e julga sentir uma espécie de pânico dentro de si, pensa que bebeu de mais, que quer coisas que na verdade não quer, que devia pedir-lhe para se ir embora quando na verdade quer que ele fique.

Beijam-se outra vez, muito devagar e suavemente.

– Tu sabes que isto é provavelmente uma reação ao que aconteceu – diz ele com voz rouca.

– Agora és psicólogo, é?

– Não quero que depois te sintas mal ou faças algo que...

– Não...

Pamela cala-se e sente o coração acelerar ao pensar que está prestes a trair Martin.

Dennis toca com o dedo num corte profundo no tampo da mesa, feito numa noite em que Martin tentou levar todos os móveis para as escadas.

– Tenho de ir à casa de banho – diz-lhe em voz baixa, e deixa Dennis na sala.

Pousa o copo na mesa da entrada, entra na casa de banho, tranca a porta e senta-se na sanita com um misto de angústia e desejo. Tem a pele das coxas áspera. Acaba de urinar, pega na caneca das escovas de dentes, enche-a com água morna e lava-se bem entre as pernas. Depois, seca-se e puxa as cuecas para cima. Antes de voltar para a sala, retoca o batom e põe umas gotas de *Chanel* nos pulsos.

Dennis levantou-se e está ao pé da porta de vidro da varanda a olhar para fora. Pamela percebe que ouviu os seus passos. Quando se aproxima, ele vira-se.

– Gosto destes ferrolhos – diz-lhe, mexendo na peça metálica da porta.

– São cremonas – informa-o, pondo a mão sobre a dele.

Ficam parados a acariciar lentamente a mão um do outro e depois olham-se com um sorriso. Os olhos dele ficam sérios e a boca entreabre-se como se fosse dizer qualquer coisa.

– Isto deixa-me um bocadinho nervosa – confessa, afastando da cara alguns caracóis, embora não fosse necessário.

Começam a beijar-se outra vez. Pamela acaricia o rosto de Dennis, abre a boca, recebe a língua quente dele e sente as mãos descenderem-lhe pelas costas até à cintura e às nádegas.

Sente a ereção de Dennis e pressiona-se contra ele, com a respiração cada vez mais acelerada. O seu sexo está quente e latejante. Sempre se sentiu envergonhada por ter tanta facilidade em ficar húmida.

Ele beija-a no pescoço e no queixo e começa a desabotoar-lhe o vestido. Pamela olha para ele, para o seu olhar concentrado e os dedos trémulos.

– Vamos para a cama? – sussurra ela.

Dennis limpa o batom da boca com a parte de trás da mão e segue-a pelo *hall* até ao quarto. Pamela sente as pernas a tremer ao aproximar-se da cama. Afasta as almofadas com decorações e dobra a coberta para baixo.

Ele despe a camisa e atira-a para o chão, junto à parede. Uma cicatriz profunda atravessa-lhe o peitoral esquerdo como um traço desenhado na areia com um pau. Ela tira o vestido e pendura-o nas costas do cadeirão. Depois desaperta o sutiã e põe-no por cima do vestido.

– És incrivelmente bonita – diz, avançado para a beijar.

Aperta-lhe levemente um dos seios, beija-a no pescoço, baixa-se para lhe sugar os mamilos e enche a boca com os seios. Depois endireita-se e desabotoa as calças.

– Tens preservativos? – murmura Pamela.

– Posso ir comprá-los – responde Dennis de imediato.

– Temos cuidado – diz ela, em vez de lhe contar que tem um dispositivo intrauterino.

Pamela tira as cuecas, limpa-se rapidamente com elas, atira-as para o chão, empurra-as para debaixo da cama com o pé e depois deita-se. O colchão oscila quando ele a segue para cima da cama, pondo-se em cima dela e beijando-a nos lábios, entre os seios e no ventre.

Deixa que Dennis lhe afaste as coxas, passa-lhe a mão pelos cabelos e estremece, ofegante, quando ele começa a lambê-la. Sente a língua macia deslizar sobre o seu clitóris e quase atinge o orgasmo, mas detém-no para não parecer completamente desesperada. Afasta-lhe a cabeça, fecha as coxas e rebola para o lado.

– Quero sentir-te dentro de mim – sussurra, fazendo com que Dennis se deite de costas.

Agarra-lhe o pénis ereto, aperta-o com a mão e senta-se em cima dele de pernas abertas. Dennis desliza para dentro de Pamela, e ela percebe que não vai ser capaz de aguentar por muito mais tempo. Move as ancas e tenta esconder o orgasmo ao atingi-lo, cerrando os dentes e respirando pelo nariz. Com as coxas a tremer, inclina-se para a frente e apoia as mãos na cama. Ele começa a mover-se dentro dela com mais força enquanto as contrações continuam.

A cabeceira da cama bate contra a parede, e o anjo pendurado num gancho larga pó que fica a pairar no ar. As águas-marinhas com forma de lágrima balançam e saltam nos lóbulos das orelhas de Pamela.

Ela repara que Dennis está quase a atingir o orgasmo. Tem a testa húmida quando para repentinamente para sair de dentro dela.

– Podes vir-te dentro de mim – sussurra-lhe.

Dennis vai mais fundo, segura-lhe as nádegas e geme. Pamela solta gemidos como se estivesse a atingir o orgasmo agora. Sente claramente os jatos que saem dele e, imediatamente depois, o borbulhar do esperma a escorrer.

Ouve-se um burburinho e o arrastar de cadeiras quando a grande sala de conferências da Autoridade Policial se enche de jornalistas. Microfones de vários canais de televisão e rádio estão montados ao longo da mesa comprida e estreita ao fundo da sala.

Margot está de pé junto à parede, ao lado do estrado. Quando Joona se aproxima, está a olhar para o telemóvel. Veste umas calças pretas e uma camisa preta de uniforme que lhe fica justa no peito. As platinas com galões de folhas de carvalho e coroas douradas cintilam à luz dos holofotes.

– Espero que não vás anunciar que detivemos um suspeito – diz Joona, parando ao seu lado.

– Ele confessou – responde ela sem erguer o olhar do telemóvel.

– Eu sei, mas é uma confissão complicada, não bate certo – contrapõe Joona. – Ele tem uma enorme dificuldade em lembrar-se e falar. Só tentou fazer o que achava ser correto quando o Aron o pressionou.

Uma ruga de impaciência sulca a testa de Margot quando levanta o olhar.

– Ouço o que dizes, mas...

– Sabias que, na verdade, ele está internado numa instituição psiquiátrica e só estava em casa à experiência?

– Soa-me a uma recaída – responde ela, guardando o telemóvel na mala.

– Só que a doença psiquiátrica dele não tem qualquer componente de violência.

– Larga este caso, não fazes parte dele.

– Fala com a procuradora e diz-lhe que eu tenho de o interrogar, só mais uma vez.

– Joona – suspira Margot. – Devias saber como é que as coisas funcionam.

– Sim, mas é cedo de mais para uma audiência preliminar.

– Talvez seja, mas é o que veremos. É para isso que temos um Ministério Público.

– Está bem – diz Joona.

No estrado, a chefe de imprensa testa o microfone e o burburinho dos jornalistas diminui ligeiramente.

– O plano da conferência é o seguinte – explica rapidamente Margot a Joona. – A Viola dá as boas-vindas a todos os presentes, eu tomo a palavra para anunciar que o Ministério Público ordenou, com base em razões fundamentadas, a detenção de um homem suspeito de ter assassinado Jenny Lind... Depois passo a palavra ao diretor distrital e ele diz qualquer coisa sobre a investigação diligente da Polícia de Norrmalm ter conduzido rapidamente a uma detenção e...

Antes de ela ter tempo de terminar, Joona vira-se e dirige-se para a saída. Passa pelo lado direito dos jornalistas sentados e chega à porta no preciso instante em que a chefe de imprensa dá as boas-vindas a todos.

\*

Muito acima do ruído do trânsito, Joona está de pé com as mãos nas costas da sua poltrona. Tem a camisa preta desabotoada, caindo sobre a camisola interior branca e as calças de ganga pretas.

Nathan Pollock deixou a Joona o seu T2 no topo do alto edifício The Corner House. Nathan nunca mencionara que, além da sua vivenda, também possuía este apartamento.

Joona olha para a igreja de Adolf Fredrik através da grande janela. A enorme cúpula, com o seu resplandecente telhado de cobre castanho, está rodeada de copas de árvores verdejantes.



Ele pensa nos movimentos compulsivos de Martin na sala de interrogatório. É como se o corpo dele não fosse capaz de albergar o que testemunhou: via-se obrigado a olhar uma e outra vez para baixo da mesa e para trás, como se estivesse a ser perseguido de uma forma verdadeiramente física.

Joona vai até à outra janela. A lua cheia surge branca no céu claro sobre a colina do Hagaparken.

Fecha os olhos por um breve instante e vê imediatamente diante de si a imagem de Jenny Lind na mesa de autópsias. A pele bizarramente branca e o sulco negro no pescoço fazem com que a memória se pareça com uma fotografia a preto e branco. Embora consiga recordar os olhos azuis e os cabelos cor de tabaco, a impressão que tem dela é incolor.

Incolor e sozinha, Jenny Lind olha para o nada.

Ele prometeu-lhe que encontraria quem a assassinara, e vai fazê-lo. Ainda que o caso não seja seu, sabe que lhe será impossível abandonar Jenny Lind. É precisamente esta chama que tem dentro de si que faz com que não consiga deixar de ser polícia, embora talvez devesse.

Joona aproxima-se da cómoda, pega no telemóvel e telefona a Lumi. O sinal de chamada toca algumas vezes até se ouvir a sua voz límpida, tão perto que parece que está ali em casa.

– *Oui, c' est Lumi.*

– É o pai.

– Pai? Aconteceu alguma coisa? – pergunta ela, preocupada.

– Não, é só que... Como estão as coisas aí em Paris?

– Tudo como de costume, mas agora não tenho tempo para falar contigo.

– Precisava só de te dizer uma coisa...

– Sim, mas não quero que continues a telefonar-me, pensava que compreendias. Não temos nenhum conflito, mas acho que preciso mesmo

de uma pausa.

Joona passa a mão pela boca e engole em seco. Depois apoia-se no tampo de vidro frio da cómoda e inspira.

– Queria só dizer que tens razão, que percebi que tens razão... Estou envolvido numa nova investigação. Não te vou contar o que é, mas fez-me perceber que não sou capaz de deixar de ser polícia.

– Nunca acreditei que fosses.

– Acho que é bom que te mantenhas afastada do meu mundo... Ele mudou-me, fez-me mal, mas eu...

– Pai, a única coisa que te peço é que me dês algum tempo – interrompe ela, com a voz embargada. – Eu sei que tinha uma imagem idealizada de ti e agora tenho muita dificuldade em fazer com que tudo bata certo.

Lumi desliga a chamada e Joona fica em silêncio.

A filha afastou-se por ele lhe ter mostrado quem realmente era e aquilo de que era capaz. Viu-o matar um homem indefeso sem julgamento, sem misericórdia. Ela nunca compreenderá que a crueldade foi o preço que Joona foi obrigado a pagar, o preço estabelecido por Jurek. As suas palavras finais, aquele sussurro misterioso antes de cair, são testemunho disso. Foi nesse momento que Joona mudou. Apercebe-se disso com mais intensidade a cada dia que passa.

Com uma sensação de vazio, Joona olha para o telemóvel e liga para um número que nunca pensou voltar a marcar. Depois, sai do apartamento.

\*

Joona sai da estação de metro de Vällingby para o ar quente da tarde. Põe os óculos de sol e atravessa a calçada da praça com o seu padrão de grandes círculos brancos.

O centro comercial consiste em edifícios baixos com restaurantes, supermercados, uma ourivesaria e uma tabacaria. Nos placares dos jornais veem-se imagens do rosto de Martin e títulos que afirmam que o Carrasco foi apanhado.

Às vezes, o trabalho policial parece uma longa deambulação solitária por um campo de batalha sangrento. Joona para ao pé de cada corpo e é obrigado a reviver o sofrimento da vítima e a tentar compreender a crueldade do assassino.

Alguns jovens em calções de banho fumam de pé em frente a uma igreja moderna. Joona passa por dois edifícios altos antes de parar à frente de um prédio de apartamentos com uma fachada que parece borracha de espuma suja. Tem a mesma cor que os muros em volta da prisão de Kumla. Olha para as pequenas janelas com grades até ao chão. As cortinas estão corridas, mas a luz da cave passa através do tecido. Joona carrega no botão do intercomunicador.

– Laila, sou eu, o Joona – diz para o microfone, em voz baixa.

A fechadura emite um zumbido e ele entra. Um homem com a barba por fazer e as faces encovadas está sentado nas escadas a dormir. Tem a *T-shirt* molhada de suor em torno do pescoço. Quando a porta se volta a fechar com um estrondo, abre os olhos pesados e olha para Joona com as pupilas dilatadas. Ele desce as escadas até chegar à porta da cave, que está presa com uma vassoura. Tira a vassoura para passar e a porta fecha-se pesadamente atrás dele como um cofre-forte. Continua a descer as escadas e entra numa divisão espaçosa, com paredes de betão pintadas de amarelo-claro e plástico industrial no chão, que cheira a produtos de limpeza e a vomitado.

Laila trabalha como professora de substituição do liceu e encontra-se sentada em frente ao computador a corrigir testes de Química. Está quase a fazer setenta anos, tem cabelo grisalho curto, as faces enrugadas e círculos

escuros por baixo dos olhos. Veste umas calças de pele justas e uma blusa cor-de-rosa.

Junto à parede mais interior, há um sofá-cama velho. A cama de casal está armada e coberta por uma lona verde. Mal se vê o mundo exterior através das cortinas que tapam as pequenas janelas junto ao teto. No chão, há uma caixa de plástico com pauzinhos e restos de *sushi*.

A cadeira de escritório range quando Laila a faz girar cento e oitenta graus e olha para Joona com os seus tranquilos olhos castanho-claros.

– Queres começar? – pergunta-lhe.

– Acho que sim – responde ele, pendurando num gancho o *blazer* e o coldre com a pistola.

– Deita-te.

Joona vai até ao sofá-cama, ajeita as almofadas de veludo castanho por baixo da lona, pega num lençol, estende-o e prende-o por baixo do colchão, enquanto Laila liga o ventilador na *kitchenette*, tira um balde do armário por baixo do lava-louça e o põe ao lado da cama. Ele descalça os sapatos com os pés e, ao deitar-se, ouve a lona ranger por baixo do lençol. Laila acende uma lamparina com uma chaminé de latão afunilada e pousa-a na mesa de cabeceira ao lado dele.

– A relojoaria era mais agradável – diz Joona, tentando sorrir.

– Isto aqui é agradável – responde ela, e volta para a *kitchenette*.

Vai ao frigorífico, traz um pequeno embrulho de celofane e senta-se na beira da cama. Depois de o ecrã do computador entrar em modo de descanso, a lamparina passa a ser a única fonte de luz. A sua luminosidade ondulante dissipa-se para os lados e um pequeno sol bruxuleia no teto.

– Tens dores? – pergunta, pousando o olhar nele.

– Não.

Havia muito tempo que Joona não se via obrigado a ir ter com Laila. Costuma ser capaz de lidar com a tristeza e com a dor. Normalmente, não

precisa de se anestesiá-lo a si mesmo. Porém, neste preciso momento, não sabe como gerir a consciência de que mudou. Não o queria reconhecer, mas sabe que é verdade e que Lumi viu a mudança acontecer.

A chaminé do cachimbo consiste numa bola suja de cinza, grande como uma lima. Laila inspeciona-a e encaixa-a num tubo de raiz de bétula.

– Preciso só de relaxar – murmura Joona.

Laila abana a cabeça, desenrola o plástico que envolve o ópio cru, cor de bronze, e tira uma pequena pitada. Ele ajeita a almofada, deita-se de lado e tenta alisar a lona enrugada debaixo de si.

Apercebeu-se de que o seu mundo o fez mudar tanto que nem sequer é capaz de o abandonar pela filha.

«Ela vê-me como uma parte da força que quer o bem, mas faz o mal», pensa. «Mas talvez a vontade não interesse, talvez eu seja muito simplesmente uma parte da força que faz o mal.»

Tenta pôr-se numa posição mais confortável.

«Tenho de me abandonar a mim mesmo para ver com clareza», diz para consigo.

Laila rola uma bolinha pegajosa entre o polegar e o indicador, espeta-a numa agulha enegrecida e aquece-a na lamparina. Quando a bola amolece, pressiona-a contra o pequeno orifício da chaminé do cachimbo e achata as extremidades. Depois, retira cuidadosamente a agulha e dá o cachimbo a Joona.

Da última vez que recorreu a Laila, foi ficando sempre mais fraco a cada cachimbo que fumava. Apesar de sentir que a vida se lhe esvaía, não queria parar. Laila dissera-lhe que ele só pararia quando se encontrasse com a velha da morte, Jambe Akka, que tinha tecidos para lhe mostrar. Lembra-se de ter começado a sonhar com a velha da morte, com as suas costas curvadas e o rosto cheio de rugas. Com movimentos serenos, ela estendia os

diferentes panos diante de Joona, que não era capaz de parar de olhar para eles.

Não sabe como conseguiu voltar à vida, mas sempre se sentiu muito grato por isso. E, no entanto, aqui está ele outra vez com o cachimbo nas mãos.

É invadido por um ataque de angústia ao levar o cachimbo até à chaminé da lamparina, onde o calor se concentra numa coluna estreita. Está prestes a pisar um limite que nunca pensou voltar a passar. Valeria ficaria terrivelmente triste se o visse agora.

A massa negra borbulha com um som crepitante. Joona põe o tubo na boca e inala os vapores do ópio.

O efeito é imediato.

Joona expira e sente um formigueiro agradável atravessar-lhe o corpo. Põe outra vez o cachimbo por cima da lamparina e enche os pulmões. Tudo se tornou bonito e extremamente confortável. Cada pequeno movimento está repleto de prazer, os pensamentos são criativos e harmoniosos. Sorri ao ver que Laila rola outra bolinha entre o indicador e o polegar. Inala mais fumo, fecha os olhos e sente-a a tirar-lhe o cachimbo das mãos.

Pensa em quando era criança e ia de bicicleta até ao lago Oxundasjön para tomar banho com os amigos assim que saíam da escola. Vê as libelinhas cintilantes caçarem a uma velocidade alucinante sobre a superfície lisa da água. Na sua memória, a imagem tem uma beleza tranquila.

Joona fuma, ouve o borbulhar do ópio e pensa na primeira vez que viu duas libelinhas formarem um círculo para acasalar. Durante alguns segundos, os seus corpos longos e finos assumiram a forma de um coração.

Acorda, pega no cachimbo que Laila lhe entrega, coloca-o por cima da lamparina, ouve o crepitar e inala os vapores adocicados. De olhos fechados, sorri e sonha com uma tapeçaria com um padrão de libelinhas,

pálidas como a lua cheia. Quando o ângulo da luz muda, vê que uma das libelinhas parece uma cruz fina, mas depois é presa por outra e as duas formam um anel.

\*

Oito cachimbos depois, está deitado sem se mover, entrando e saindo dos sonhos durante várias horas. Por fim, esta maravilhosa sonolência dá lugar a um mal-estar angustiante. A transpirar e a tremer de frio, procura sentar-se, vomita no balde, deita-se outra vez de lado e fecha os olhos. Todo o quarto parece girar com sacões bruscos em diferentes direções.

Joona permanece imóvel, concentra-se e depois levanta-se da cama. O quarto oscila para cima e para baixo, ele desequilibra-se para o lado, derruba a mesa de cabeceira e cai no chão sobre um ombro. Põe-se de gatas, vomita para o pavimento de plástico, rasteja, mas acaba por cair. Depois, fica deitado, imóvel e arquejante.

– Preciso de mais um cachimbo – murmura.

Vomita novamente, sem conseguir erguer a cabeça do chão. Laila aproxima-se dele, ajuda-o a voltar para a cama, desabotoa-lhe a camisa completamente suja e limpa-lhe a cara com ela.

– Só mais um bocadinho – pede ele, a tremer com arrepios.

Em vez de lhe responder, Laila desabotoa a blusa, pendura-a nas costas da cadeira de escritório e tira o sutiã. Depois, deita-se ao lado dele e agarra-o por trás para o aquecer. Joona sente o estômago às voltas, mas não vomita mais. Sem se mexer, ela abraça-o muito levemente, impedindo-o de se tentar esquivar aos movimentos bruscos do quarto. O corpo de Joona treme e está coberto de suor frio. Os seios dela parecem-lhe escorregadios contra as suas costas molhadas. Laila sussurra-lhe em finlandês junto à nuca.

Ele mantém-se imóvel e vê a luz oscilar quando alguém passa do lado de fora das janelas baixas. Aos poucos, o calor dela penetra-lhe o corpo. Lentamente, os arrepios cessam e o mal-estar dissipa-se. Laila tem um braço à volta do tronco dele e trauteia uma canção.

– Já estás de volta a ti mesmo – sussurra ela.

– Obrigado.

Laila levanta-se e veste-se. Joona deixa-se estar deitado a olhar para o plástico espesso que cobre o chão de cimento. Num canto, por baixo da janela, há um balde vermelho com uma esfregona. Ao lado da secretária, no chão, está a caixa com restos de *sushi*. A tampa de plástico transparente reflete a luz e projeta um círculo branco no teto.

Joona tenta recordar-se de algo que vislumbrou no meio dos sonhos com libelinhas pálidas. Tinha algo que ver com o homicídio. Fecha os olhos e lembra-se de ter começado a pensar em três fotografias do patologista de Örebro que vira por acaso alguns anos antes.

Uma rapariga morta jazia numa mesa de autópsias. Tratava-se de um suicídio.

Recorda-se perfeitamente de ter parado para observar uma das fotografias: ela estava de barriga para baixo, e ele pensou que o fotógrafo orientara mal o *flash*, porque o reflexo de um objeto branco tinha ido parar ao cabelo escuro que cobria a parte de trás da cabeça da rapariga.

Mas talvez não fosse um reflexo, talvez fosse cabelo branco.

Joona força-se a sair da cama e explica que tem de se ir embora. Cambaleia até à *kitchenette*, lava a cara e passa a boca por água no lava-louça.

As fotografias estavam na secretária de Nålen, juntamente com uma carta e um envelope rasgado.

Joona nunca chegou a saber qual foi a causa direta da morte. Lembra-se de Nålen lhe dizer que se tratava de um suicídio no preciso instante em que



o colega, Samuel Mendel, entrou na sala.

– Tenho de ir – repete, secando o rosto com papel de cozinha.

Laila tira uma *T-shirt* branca de uma caixa de cartão aberta e dá-lha. Ele agradece e veste-a rapidamente. As gotas de água que tem no peito são absorvidas pelo tecido branco, formando manchas cinzentas.

– Tu sabes que não quero que venhas cá – diz ela. – Não pertences a este lugar, tens coisas importantes para fazer.

– Já não é assim tão simples – responde Joona, apoiando-se nas costas do sofá. – Estou mudado, não sei explicar, mas há qualquer coisa em mim que não controlo.

– Até aí já percebi, e estarei aqui se vires que é necessário fazê-lo outra vez.

– Obrigado, mas agora tenho de trabalhar.

– Parece-me bem – concorda Laila, acenando com a cabeça.

Ele tira o coldre com a pistola do gancho na parede, prende-o no ombro direito e depois veste o *blazer*.

Joona apanha um táxi diretamente para o edifício da Polícia em Kungsholmen. Tem de falar com Margot e com a procuradora sobre a rapariga morta da fotografia do serviço de Medicina Legal de Örebro. O caso não está encerrado só porque Martin Nordström confessou o homicídio.

Não há tempo a perder.

Os pneus atroam sobre a estrada quando o táxi ultrapassa um autocarro e muda para a faixa da direita, pondo-se atrás de um *Mercedes* antigo.

Joona dormiu durante muito tempo, mas tem o corpo cansado devido ao efeito do ópio e as mãos ainda tremem com a ressaca.

Sabe que não pode dizer a Margot que nunca largará o caso de Jenny Lind. Também não lhe dirá que o interrogatório a Martin e toda a sua confissão estão totalmente errados. É evidente que Martin não tem qualquer recordação daquela noite e disse apenas aquilo que achava que Aron queria que ele dissesse.

Uma pedra ressalta e bate na janela do carro, deixando uma estrela azul-clara no vidro.

Joona pensa na fotografia que viu há tantos anos e em como imaginou o *flash* a disparar.

Tomara como certo que a mancha branca na parte de trás da cabeça da rapariga morta não passava de luz refletida, mas agora está convencido de que se tratava de outra coisa. A morte da rapariga foi categorizada como suicídio. Contudo, ela foi marcada a frio e, com toda a probabilidade, assassinada. Precisamente como Jenny Lind.

Joona repete para si mesmo que tem de ser humilde quando falar com Margot. Dir-lhe-á que respeita o trabalho da Polícia de Norrmalm, admitirá

que tem dificuldade em desistir das coisas e depois pedir-lhe-á que o deixe fazer só mais isto, para a sua própria paz de espírito.

Trata-se apenas de ter permissão para pedir informações sobre aquela morte antiga, um único telefonema.

«Mas o que faço se ela me disser que não?», pergunta-se.

O carro vira e os edifícios projetam sombras profundas no asfalto. Joona encosta-se ao banco e sente uma tontura persistente girar-lhe no cérebro como as esferas oleadas de um enorme rolamento.

Pega no telemóvel e telefona para a Polícia da região de Bergslagen. Alguns segundos depois, a chamada é passada a uma colega que se chama Fredrika Sjöström.

– Joona Linna – repete, depois de ele se identificar. – Como posso ajudá-lo, Joona Linna?

– Há catorze anos, uma rapariga cometeu suicídio em Örebro. Não me lembro das circunstâncias exatas, mas acho que foi num balneário, talvez numa piscina pública.

– Nada de que eu me recorde – diz Fredrika.

– Pois, mas será que podia procurar o relatório e as fotografias da autópsia médico-legal?

– Não sabe o nome da rapariga?

– Não estive de modo algum envolvido na investigação.

– Esqueça, encontrei-a, não é algo que aconteça muito por aqui... Só tenho de fazer o *login* – acrescenta Fredrika. – Diz que foi há catorze anos...

Joona ouve a colega de Örebro falar para si mesma e o ruído que as pontas dos seus dedos fazem no teclado do computador.

– Deve ser isto – diz Fredrika, pigarreando ligeiramente. – Fanny Hoeg... enforcou-se no balneário feminino no Pavilhão Desportivo de Örebro.

– Estava pendurada?

– Sim.

– Tem aí as fotografias?

– Não estão digitalizadas... mas tenho um número de registo. Dê-me um minuto e já lhe telefono de volta.

Joona desliga a chamada, fecha os olhos e sente os solavancos suaves do carro. Apesar de esta poder ser uma pista importante, talvez decisiva para a investigação, ele espera estar enganado. É que, se tiver razão, existe um padrão. Nesse caso, estão à procura de um assassino que se repetiu, que talvez seja ou venha a ser um assassino em série.

O telemóvel, que Joona ainda tem na mão, começa a tocar. Abre os olhos e atende.

– Olá, é a Fredrika outra vez – diz ela, pigarreando brevemente. – Não foi feita uma autópsia, só um exame regular ao cadáver.

– Mas encontrou as fotografias?

– Sim.

– Quantas são?

– Trinta e duas, incluindo fotografias de pormenor.

– Tem-nas à sua frente?

– Sim.

– Isto vai soar-lhe estranho, mas há algo de errado nelas? Vê algum dano causado pelo processo de revelação ou reflexos anormais?

– Como assim? – pergunta Fredrika.

– Manchas esbranquiçadas, reflexos brilhantes, círculos de luz.

– Não, parecem-me bastante normais... espere, uma das fotografias tem uma pequena mancha branca.

– Onde?

– Na margem superior da fotografia.

– Referia-me a que zona do corpo da Fanny.

- No meio da parte de trás da cabeça.
- Há mais fotografias da parte de trás da cabeça?
- Não.

O rosário pendurado no espelho retrovisor oscila quando o carro passa por cima de uma lombada.

- O que diz o relatório?
- Não muito.
- Leia-mo – diz ele.

O táxi encosta à berma e para junto ao muro de pedra natural da Polhemsgatan. Joona sai para o passeio e deixa passar uma família com um carrinho de bebé cheio de flamingos insufláveis, pistolas de água e chapéus-de-sol.

Atravessa a estrada e entra no átrio envidraçado da polícia enquanto ouve Fredrika ler as escassas notas sobre a morte.

Há catorze anos, uma rapariga de dezoito anos, chamada Fanny Hoeg, foi encontrada enforcada no balneário feminino do Pavilhão Desportivo de Örebro.

Estava em contacto com a Igreja da Cientologia, por isso, quando fugiu de casa, os pais convenceram-se de que se tinha juntado à seita. A Polícia não conseguiu localizá-la e, meio ano depois, no dia em que fez dezoito anos, deixaram de tentar encontrá-la. Quando regressou a casa, os pais estavam de férias. Já tinha passado mais de um ano desde que desaparecera. Talvez precisasse de ajuda para abandonar a Cientologia, mas sentiu-se completamente sozinha por os pais estarem fora.

A teoria da Polícia era que ela, como último recurso, tinha ido ao Pavilhão Desportivo à procura da sua treinadora de futebol. Como não a encontrou, enforcou-se. Quer os técnicos forenses quer o médico-legista tinham considerado que se tratava de um suicídio, e a Polícia encerrou a investigação.

Joona pede a Fredrika o nome do médico-legista e depois agradece a chamada. Para em frente ao elevador e apoia as mãos na parede ao sentir uma onda de arrepios percorrer-lhe o corpo.

As grandes portas de vidro do átrio da sede da Polícia abrem-se e fecham-se ininterruptamente. Conversando em voz alta, um grupo de pessoas apressa-se em direção ao recinto envidraçado. Joona ouve-os como se estivesse num sonho. Depois concentra-se, carrega no botão do elevador, limpa a boca e passa a mão pelo cabelo.

Fredrika garantiu não ter visto reflexos em nenhuma das outras trinta fotografias, além da única que mostrava a parte de trás da cabeça de Fanny. É provável que o que lhe ocorreu durante a ressaca esteja correto: ela foi marcada a frio e, depois, executada por enforcamento.

O mesmo assassino, o mesmo *modus operandi*.

Joona entra no elevador e telefona ao médico que examinou o corpo há catorze anos. Na altura, trabalhava na clínica de Patologia que agora está integrada na Clínica de Medicina Laboratorial do Hospital Universitário de Örebro. No preciso instante em que a porta do elevador se abre e Joona sai para o corredor em que fica o seu gabinete, um homem com uma voz aguda atende a chamada.

– Mister Kurtz.

Joona para e sente um vestígio do ópio apoderar-se dele, enquanto expõe o motivo do telefonema.

– Lembro-me perfeitamente dela – responde o médico. – Ela e a minha filha foram colegas de turma no liceu.

– Ela tinha uma mancha de cabelo branco.

– Correto – responde o médico, surpreendido.

– Mas não lhe rapou o cabelo – diz Joona, recomeçando a andar.

– Não tinha nenhuma razão para o fazer e não havia qualquer dúvida em relação ao que tinha acontecido. Além disso, pensei nos familiares que...

Cala-se e respira com dificuldade.

– Pensei que ela tivesse simplesmente descolorado algumas madeixas – confessa.

– O senhor enganou-se em quase tudo.

Ao passar pelo seu gabinete, Joona pensa em como o assassino manteve duas mulheres cativas, que depois matou. «Não é impossível que planeie raptar uma terceira mulher ou que já a tenha em cativeiro», diz para si mesmo, enquanto vai até à porta de Margot Silverman, bate e entra.

– Margot – diz, quando ela olha para ele. – Tu sabes que eu tenho dificuldade em desistir das coisas que não estão concluídas. Só queria pedir-te autorização para solicitar informações à Polícia da região este sobre uma morte antiga com possíveis ligações ao homicídio da Jenny Lind.

– Joona – suspira Margot, olhando para ele com os olhos vermelhos.

– Eu sei que a procuradora ficou responsável pelo caso.

– Vê este *e-mail* – pede, virando o computador para Joona.

Ele avança e lê uma mensagem enviada por um rymond933, reencaminhada para Margot por Aron.

Li que vocês apanharam o porco a que os jornais dão a alcunha de O Carrasco. Se querem saber a minha opinião, ele devia era ser condenado a prisão perpétua e ser deportado.

Ora, acontece que eu sou taxista e, naquela mesma noite, estava sentado no McDonald's da Sveavägen a filmar umas gralhas engraçadas através da janela. Mas quando vi o vídeo hoje, reparei que se via o porco ao fundo e pensei que agora o advogado dele bem pode tentar salvá-lo.

Joona clica no vídeo e vê o lago vazio, o muro e a empena da Escola de Economia por trás dos reflexos do restaurante de *fast food* iluminado. Algumas gralhas movem-se sobre o pavimento de pedra, à volta de uma

caixa de piza fechada. Ao longe, para lá das gralhas e do lago, vê-se Martin de pé, imóvel, com o guarda-chuva na mão e o labrador pela trela. O parque infantil não é visível deste ângulo. Martin larga a trela e dá um primeiro passo em frente, o que significa que são três e dezoito da manhã. Dentro de dois minutos, Jenny Lind estará pendurada na estrutura para trepar.

Martin entra no ângulo morto e avança sobre a relva molhada.

Estes são os poucos minutos que faltavam. É agora que vão ver se ele contornou a casa de brincar e seguiu em frente até à zona do parque que não é visível e onde se encontra a estrutura para trepar. Ainda tem tempo de se aproximar do guincho e dar à manivela.

Martin detém-se ao lado da casa de brincar, olha fixamente na direção da estrutura para trepar, dá mais alguns passos e depois fica parado com o guarda-chuva sobre a cabeça.

A árvore por cima dele cintila com uma luz branca. A água escorre-lhe do guarda-chuva para as costas. A câmara estremece. Trabalhando em conjunto, as gralhas conseguem abrir a caixa de piza.

Martin permanece completamente imóvel durante um longo momento, antes de se virar e começar a andar na direção do Pressbyrån. Tudo o que fez foi olhar. Nunca chegou a estar perto de Jenny. São três e vinte e cinco quando Martin deixa o local, e Jenny Lind já está morta há cinco minutos.

Arrastando a trela atrás de si, o cão segue Martin quando este desaparece da imagem na direção da entrada do metro.

A câmara continua a filmar e segue uma gralha que levanta voo com um pedaço de piza, antes de o vídeo terminar de repente.

– Queres ficar com este caso, Joona Linna? – pergunta Margot asperamente.

– Eu tinha razão – diz ele.

– O quê?

– Isto não é apenas um homicídio isolado.



Pamela tira da despensa uma garrafa fechada de *Absolut Vodka*, arranca a película de plástico à volta da tampa, vai buscar um copo e senta-se à mesa da cozinha. Pensa que devia parar, que devia deixar de beber durante a semana, mas mesmo assim enche o copo. Observa o líquido claro e a sombra luminosa que projeta na mesa.

«Este é o último copo», está ela a pensar quando o telemóvel toca.

No ecrã lê-se Dennis Kratz.

Pamela sente uma angústia súbita dar-lhe a volta ao estômago. Estava bastante embriagada quando o convidou para ir lá a casa no dia anterior. Fragmentos de recordações da noite e da manhã vêm-lhe à mente: fizeram sexo e depois ficaram deitados lado a lado, ofegantes.

Traiu Martin com Dennis.

Pamela ficou a fixar as rosetas do teto enquanto o quarto rodopiava como uma jangada num remoinho. Depois adormeceu e acordou, mais tarde, com uma sensação de perigo. No quarto, a escuridão era quase total. Nua debaixo do edredão, tentou lembrar-se do que fizera durante a tarde. Sem realizar o mínimo movimento, escutou o som sibilante da antiga conduta de ventilação no *closet*. A luz cinzenta da cidade via-se através da fresta das cortinas corridas. Pamela pestanejou, tentou focar o olhar e julgou discernir a marca de uma mão de criança no vidro da janela. As tábuas do soalho rangeram atrás dela. Virou silenciosamente a cabeça na direção oposta e viu um vulto alto no meio do quarto, com o sutiã dela numa mão.

Demorou alguns segundos a perceber que era Dennis e, no mesmo instante, lembrou-se do que tinha acontecido.

– Dennis – sussurrou.

– Tomei um duche – disse ele, pendurando o sutiã nas costas da poltrona.

Pamela sentou-se na cama e sentiu que tinha o interior das pernas pegajoso. Humedeceu os lábios e viu-o apanhar o vestido dela do chão e pô-lo direito.

– É melhor ires-te embora – diz-lhe.

– OK – responde ele.

– Preciso de dormir – explica Pamela.

Enquanto se vestia, Dennis tentou dizer-lhe que não queria que ficasse desiludida com ele ou que se arrependesse de alguma coisa.

– Quer dizer, pela minha parte foi lógico – disse, abotoando a camisa. – Porque sempre fui apaixonado por ti, mesmo que talvez não o tenha admitido a mim mesmo.

– Desculpa, mas não sou capaz de ter esta conversa agora – disse ela, com a boca seca. – Nem sequer consigo compreender que tenhamos feito o que fizemos porque não corresponde à imagem que tenho de mim própria.

– Não tens de ser a mais forte em todas as situações, e é isso que tens de aceitar.

– Se eu não for, quem o será?

Depois de ele sair, Pamela levantou-se e, a cambalear, foi trancar a porta. Tirou as lentes de contacto e deitou-se outra vez.

Dormiu um sono pesado e sem sonhos até o despertador tocar. Depois, levantou-se, tomou um duche, arrumou os copos de vinho, fez a cama com lençóis lavados, pôs as roupas do dia anterior no cesto da roupa suja, levou o cão à rua e foi a correr para o trabalho.

Após uma reunião de construção, subiu ao telhado por cima de umas águas-furtadas, fez alguns esboços e entrou no elevador provisório. A estreita jaula de aço abanava ruidosamente ao descer pela cremalheira até à rua. Pamela tirou o capacete e os pensamentos começaram de novo a revolver-se em torno da sua traição a Martin e da necessidade de lhe contar tudo.

Agora, está sentada à mesa da cozinha com a *vodka* diante de si e o telemóvel a tocar na mão.

– Pamela – diz ao atender.

– Acabei de falar com a Polícia e parece que a procuradora vai retirar a acusação e libertar o Martin – informa-a Dennis.

– Agora?

– Costuma ser bastante rápido depois de a decisão ser tomada. De certeza que sai da prisão daqui a uns vinte minutos.

– Obrigada.

– Como estás?

– Bem... mas agora não posso falar.

Depois de desligarem a chamada, Pamela pega no copo e pensa em pôr a *vodka* de novo na garrafa, mas está tão stressada que a despeja simplesmente no lava-louça. Vai à entrada buscar a mala e as chaves, sai apressadamente, tranca a porta e entra no elevador.

Através da grade, vê o chão desaparecer para cima quando o elevador desce a ranger até ao quarto andar. As luzes estão apagadas, mas ela consegue ver um carrinho de bebé fora de uma das portas.

Quer chegar à prisão antes de Martin ser libertado.

Vira-se para o espelho a fim de verificar a maquilhagem e tira o pó da mala, enquanto passa pelo terceiro andar. De súbito, o elevador enche-se de uma luz intensa, ao mesmo tempo que se ouve o zumbido de uma máquina fotográfica.

Pamela vira-se para trás, mas já só consegue ver um par de botas pretas, antes de o elevador chegar ao segundo andar.

O coração bate-lhe agitado. Não compreende a sua própria reação. Deve ser o *stress* que a faz perceber tudo como uma ameaça. Provavelmente, era só um agente imobiliário a tirar fotografias.

Quando o elevador para no piso da entrada, Pamela afasta a grade, desce a correr para a garagem, entra no carro e conduz em direção à rampa, ao mesmo tempo que carrega no controlo remoto.

– Vá lá – murmura ela, enquanto a porta da garagem desliza lentamente para o lado.

Sobe a rampa, passa por cima do passeio na curva, sai para a Karlavägen e acelera.

Os pensamentos sucedem-se rapidamente. Vão libertar Martin e retirar a acusação. Ela tem de recorrer da decisão do Conselho dos Serviços Sociais e telefonar a Mia para lhe dizer que tudo se vai resolver.

O semáforo fica amarelo, mas Pamela carrega no acelerador em vez de abrandar. Uma mulher de burca faz um gesto irritado e alguém buzina demoradamente.

Segue em frente pela Karlbergsvägen e vira para a Dalagatan, quando um polícia de mota se coloca ao lado do carro e lhe faz sinal para parar. Pamela encosta à berma e vê o polícia descer da mota, tirar o capacete branco e avançar na sua direção. Ela baixa o vidro quando ele se aproxima. Tem um ar amigável, um olhar cético e o rosto bronzeado.

– Ia um bocadinho depressa de mais, não deu por isso? – pergunta-lhe.

– Desculpe, é que estou extremamente stressada.

– Posso ver a sua carta de condução?

Pamela procura dentro da mala com movimentos descoordenados. Pousa as chaves e a caixa dos óculos de sol no assento do lado, encontra a carteira, abre-a, mas só consegue puxar para fora a carta depois de tirar do compartimento o cartão de crédito e vários cartões de cliente.

– Obrigado – diz o agente, e compara a fotografia com o rosto dela. – A senhora passou à frente de uma escola a setenta e quatro quilómetros por hora.

– Meu Deus... Não reparei, não devo ter visto os sinais.

– Seja como for, sou obrigado a apreender a sua carta de condução.

– OK, compreendo – declara, sentindo o suor começar a escorrer-lhe pelas costas. – Mas estou com imensa pressa. Será que podia ficar com ela mais um pouco, só hoje?

– Acho que pode contar com quatro meses sem carta, no mínimo.

Pamela olha para o polícia e tenta compreender o que ele lhe está a dizer.

– Mas... deixo simplesmente o carro aqui?

– Onde mora?

– Na Karlavägen.

– Tem estacionamento para residentes?

– Garagem.

– Eu sigo-a até à garagem.

Martin está sentado no chão ao lado da cama, todo encolhido, com os braços em torno dos joelhos. Tem vestidas as roupas verdes da prisão. As pantufas de sola rasa estão por baixo do lavatório. Como não dormiu durante a noite, os olhos ardem-lhe de cansaço. A roupa de cama e as toalhas embaladas em plástico permanecem intocadas ao lado do saco com sabão e uma escova de dentes.

Antes de a prisão ter sido construída nos anos setenta, neste lugar ficava a instituição de acolhimento para crianças pobres fundada pela princesa herdeira Luísa.

Durante a noite, os meninos mortos tinham a companhia de grandes grupos de crianças nos corredores da prisão. Andavam de um lado para o outro a bater a todas as portas, antes de se juntarem do lado de fora da cela de Martin. Os rapazes empurravam e puxavam a porta de aço e depois deitavam-se no chão para espreitar por baixo da porta. Como não conseguiam entrar, queriam estabelecer contacto visual com ele. Mas Martin virava-se de costas e tapava os ouvidos até de manhã.

Agora, ouve passos pesados a aproximarem-se no corredor e, depois, o chocalhar espaçado de chaves. Fecha os olhos com força quando a porta é aberta por um guarda prisional.

– Olá, Martin – diz um homem com sotaque finlandês.

Martin ainda não se atreve a olhar para cima, mas vê a sombra do homem deslizar sobre o chão quando ele entra e, depois, parar à sua frente.

– Chamo-me Joona Linna. Encontrámo-nos brevemente na sala de interrogatório – continua o homem. – Estou aqui para te dizer que a procuradora não vai deduzir acusação. Suspendeu a investigação contra ti, por isso vais ser imediatamente libertado... Mas antes de ir, queria pedir-te

desculpa por tudo isto e perguntar-te se gostarias de nos ajudar a encontrar quem matou a Jenny Lind.

– Se puder – responde Martin em voz baixa, olhando para os sapatos e para a parte de baixo das calças pretas do homem.

– Eu sei que não gostas muito de falar – diz Joona. – Mas, da última vez que nos encontrámos, ias dizer-me qualquer coisa. Fomos interrompidos pelo meu colega, mas ias descrever-me a Jenny Lind quando ela estava de pé à chuva.

– Não me lembro – murmura Martin.

– Podemos voltar a isto mais tarde.

– Está bem.

Martin tem o corpo rígido ao levantar-se do chão.

– Queres que contacte alguém para informar que vais ser libertado?

– Não, obrigado.

Não ousa pronunciar o nome de Pamela porque a porta para o corredor está entreaberta. As crianças mortas vão querer ficar com o nome dela se o disser, vão ficar zangadas se não o puderem ter nas suas campas.

O polícia com sotaque finlandês deixa Martin entregue a um guarda que o leva à receção, onde recebe um saco com a roupa, os sapatos e a carteira. Cinco minutos depois, sai para a Bergsgatan. O portão fecha-se atrás dele com um zumbido. Avança pelo passeio ao longo da fila reluzente de carros estacionados. Ouve-se um cão ladrar ao longe.

Um rapaz com o rosto cinzento está de pé junto à enorme grade da ventilação. Escorre-lhe água dos cabelos molhados para o casaco cinzento, e as calças de ganga sujas estão rotas nos joelhos. Os dedos de uma das mãos esticam-se espasmodicamente.

Martin vira-se e começa a andar na direção oposta. Atrás de si, ouve passos rápidos. Alguém se aproxima dele pelas costas e, instantes depois, sente uma mão agarrar-lhe a roupa. Quando tenta soltar-se, recebe um soco

na face. Desequilibra-se para o lado, cai e esfola as palmas das mãos no asfalto ao tentar amparar a queda. Sente um rugido nos ouvidos como se tivesse caído dentro de água e lembra-se de que o frio repentino sob o gelo dá a sensação de se ter sido atropelado.

Quando se tenta levantar, um homem de olhos arregalados e lábios retesados dá-lhe um murro na cara. O punho cerrado atinge-o num dos lados do nariz. Martin tenta proteger-se com as mãos e põe-se de pé. Não vê nada de um dos olhos e o sangue escorre-lhe sobre a boca.

– Que raio lhe fizeste durante cinco anos – grita o homem. – Cinco anos! Eu mato-te, percebes, eu...

Com a respiração acelerada, agarra em Martin pelo casaco e os dois vão aos tropeções para o meio da estrada.

– Responde-me!

É o pai de Jenny Lind.

Martin reconhece-o de quando ele e a mulher apareceram na televisão a implorar ao raptor que libertasse a filha.

– É um mal-entendido, eu não...

O homem dá-lhe um soco em cheio na boca e Martin desequilibra-se para trás, indo contra uma bicicleta presa a um poste por um cadeado. Ao bater nela, ouve a campainha soar.

Dois polícias aproximam-se a correr sobre a relva, vindos da piscina pública.

– Ele levou a minha filha, ele matou a minha filha – berra o homem, apanhando do chão uma pedra solta do passeio.

Martin limpa o sangue da cara e vê que o pequeno rapaz está em cima da faixa de relva amarelecida a filmá-lo com o telemóvel.

A luz refletida pelo espelho retrovisor de um dos carros estacionados ofusca Martin. Ele desvia o olhar e pensa na luz do sol fragmentada que atravessava o gelo.



Os policiais mandam o homem largar a pedra e acalmar-se. Ofegante, ele olha para a pedra como se não percebesse de onde ela veio e deixa-a cair no passeio.

Um dos policiais afasta Martin para o lado, pergunta-lhe como se sente e se precisa que chame uma ambulância. O outro inspeciona a carta de condução do homem e diz-lhe que vai ser acusado de agressão.

– Não passa de um mal-entendido – diz Martin, afastando-se apressadamente.

Passaram todo o dia a ouvir o som de uma pá a cavar e de gravilha a ser despejada no carrinho de mão. Caesar acabou de decidir que vão construir um *bunker* onde todos se possam esconder quando o fim chegar. Está a trabalhar com mais afinho do que o habitual, e ontem empurrou a avó para o chão por achar que ela estava demasiado lenta.

Apesar do calor que está dentro da jaula, Kim estremece quando Blenda começa a pentear-lhe o cabelo com os dedos. Tem dificuldade em suportar que alguém esteja atrás de si e tenta concentrar-se na faixa de luz por baixo da porta.

Na passagem entre as jaulas, ouve-se o zumbido das moscas à volta do balde com pedaços de pão e peixe seco. A avó trouxe-o esta manhã, mas ainda não lhes deram de comer.

– Posso olhar para ti? – pergunta Blenda.

Embora estejam ambas com sede, Blenda pega na garrafa de plástico, despeja as últimas gotas na mão em concha e lava o rosto de Kim.

– Vês? Afinal ainda há aí uma rapariga – diz ela com um sorriso.

– Obrigada – murmura Kim, lambendo a água dos lábios.

Kim cresceu em Malmö e joga andebol. A equipa dela estava a caminho de um jogo em Solna. O *minibus* parou na estação de serviço de Brahehus para almoçarem. Havia uma longa fila para as casas de banho e Kim não conseguia esperar, por isso pegou num guardanapo e entrou na orla da floresta. Havia papel usado por todo o lado, e ela embrenhou-se um pouco mais até deixar de ver os edifícios e os carros.

Lembra-se perfeitamente da clareira em que parou, da luz quente do sol sobre os arbustos de mirtilo e o musgo, das teias de aranha reluzentes e das copas escuras dos abetos.

Baixou as calças e as cuecas até aos pés e agachou-se com as pernas afastadas. Com uma mão, afastou a roupa do jato luminoso e das pequenas gotas que respingavam do chão. Ouviu um ramo a partir-se e percebeu que havia alguém por perto, mas tinha de acabar de urinar.

Os passos aproximaram-se por detrás dela, pinhas e paus estalavam sob os sapatos e ramos roçavam nas pernas das calças.

Aconteceu tudo tão depressa: de repente, ele pôs-lhe um pano na boca e puxou-a de costas para o chão. Tentou libertar-se e sentiu a urina escorrer-lhe entre as coxas antes de perder os sentidos.

Kim está ali há dois anos. Passou os primeiros seis meses sozinha numa cave, mas depois deixaram-na sair para a parte de cima da casa. Lembra-se de quando a avó lhe contou que as buscas para a encontrar tinham cessado. Kim começou a partilhar o quarto com Blenda, que, como já ali estava havia muito mais tempo, tinha uma pulseira de ouro e pôde aprender a conduzir o camião. Viviam no andar de cima, faziam limpezas e lavavam a louça, mas não tinham contacto com as outras mulheres na casa.

As rodas do carrinho de mão chamam no pátio e elas ouvem a avó a gritar a Amanda que quem não trabalha não come.

– Conhece-las? – pergunta Kim em voz abafada.

– Não – responde Blenda. – Mas, pelo que percebi, a Amanda fugiu de casa por achar que tudo era um bocado aborrecido. Queria ver o mundo, viajar pela Europa e cantar numa banda.

– E a Jasmin?

– Ela é do Senegal e, não sei, diz palavrões em francês.

Desde que Jenny Lind tentou fugir, as coisas mudaram. Ficaram todas sem os seus privilégios e já não podem viver na casa. Agora vivem em jaulas apertadas, como animais.

Todas viram polaroides de Jenny a debater-se e do seu cadáver.

No preciso instante em que Blenda começa a entrançar o cabelo de Kim, a barra da porta é levantada e Caesar entra no pavilhão. A luz do dia que chega pela porta fá-las pestanejar e elas veem o machete balançar junto a uma das suas pernas. A lâmina pesada brilha com reflexos negros.

– Kim – diz ele, parando em frente à jaula.

Ela baixa o olhar, como a avó lhes ensinou a fazer, e sente que respira demasiado depressa.

– Está tudo bem? – pergunta ele.

– Sim, obrigada.

– O que achas de almoçares comigo?

– Adorava.

– Podemos tomar já um aperitivo se te apetecer – diz-lhe, abrindo a jaula.

Kim rasteja para fora, salta para o chão, sacode lixo e palha das calças de fato de treino e sai com ele para a luz do sol no quintal. Sente os dedos dos pés dormentes por causa do fluxo de sangue.

O carrinho de mão tombou, a gravilha espalhou-se e Jasmin está no chão. A avó bate-lhe com a bengala sem proferir uma palavra. Amanda apressa-se a levantar o carrinho, pega numa pá e começa a apanhar a gravilha.

– O que é isto? – pergunta Caesar, apontando com o machete.

– Foi só um acidente – responde Amanda, olhando para ele.

– Um acidente? Porque é que foi um acidente?

A avó para de bater, recua alguns passos e respira pela boca. Jasmin fica no chão a olhar fixamente para a frente.

– O dia está quente e nós precisamos de água – responde Amanda.

– Espalhaste a gravilha para receberes água? – pergunta Caesar.

– Não...

Com dedos trémulos, Amanda abotoa o botão superior da blusa encharcada em suor.

– Assim que eu viro as costas, vocês comportam-se como se não houvesse regras – diz Caesar. – Qual é o vosso problema? O que é que fariam sem mim? Cuidavam de vocês mesmas, faziam a vossa própria comida e compravam as vossas próprias joias?

– Desculpa, mas nós só precisamos de água.

– Então não achas que Deus sabe de que é que vocês precisam? – questiona ele, levantando a voz.

– É claro que...

– Primeiro fica-se insatisfeito – interrompe-a. – E quando se está insatisfeito, começa-se a pensar em fugir.

– Ela não fez por mal – tenta intervir a avó. – Ela é...

– Foram vocês que me obrigaram a agravar o castigo – grita Caesar. – Eu não quero que as coisas sejam assim, não quero trancar-vos.

– Eu nunca vou fugir – garante Amanda.

– És um cão? – pergunta ele, lambendo os lábios.

– O quê?

– Os cães não fogem, pois não? – questiona ele, observando-a. – Se és um cão, não devias pôr-te na posição de um cão?

Com uma expressão ausente, Amanda coloca a pá no carrinho de mão e põe-se de gatas à frente dele.

A blusa desprende-se da saia e a parte inferior das costas está brilhante do suor.

– A Fanny tentou fugir, a Jenny tentou fugir, mais alguém quer tentar? – pergunta Caesar.

Agarra-a pelos cabelos, levanta-lhe a cabeça e corta-lhe o pescoço com o machete. O som faz lembrar o de um machado a cair sobre um pedaço de

lenha. Amanda cai para frente, batendo com o rosto no chão. O corpo estrebucha por instantes e depois fica imóvel.

– Eu trato dela – murmura a avó, pondo a mão sobre o seu colar.

– Tratar dela? Ela não merece ser sepultada: vai ficar a apodrecer ao lado de uma autoestrada – diz-lhe ele, começando a caminhar em direção à casa.

Kim está de pé a tremer ao lado do cadáver de Amanda. Vê Caesar trazer uma extensão comprida para o quintal e ligar uma rebarbadora. Passam a hora seguinte como que numa neblina. Caesar serra o corpo em várias partes, Kim e Jasmin metem-nas em sacos de plástico, fecham-nos com fita adesiva e carregam-nos para o atrelado.

Para dentro do último saco, que contém a cabeça e o braço direito, Caesar atira uma garrafa de água, algumas joias e uma mala. Depois, diz à avó que a deixe num lugar bem longe dali.

Mia Andersson está sentada diante da sua supervisora numa das salas do rés do chão. A caneca de café que segura com as duas mãos já arrefeceu.

O seu sentimento de solidão segue-a a cada passo que dá. Ninguém cuidou dela quando era pequena. Cabia-lhe a si mesma manter-se limpa e arranjar o que comer. Com sete anos, encontrou os pais mortos na casa de banho. Tinham tido uma *overdose* de fentanil. Foi parar a um lar de acolhimento e, duas semanas depois, entregaram-na a uma família adotiva em Sandviken, no entanto, acabou por entrar em conflito com outra criança.

Mia é loura como a mãe, mas tem o cabelo pintado de azul e cor-de-rosa. Preenche as sobrancelhas e usa muito lápis e rímel. O rosto tem uma expressão doce, mas os dentes tortos dão-lhe um ar cruel quando sorri. Veste calças de ganga pretas, botas e camisolas largas.

Aprendeu que as pessoas não são boas. Usam-se simplesmente umas às outras. Não existe amor verdadeiro nem compaixão real. Tudo é superficial e feito por interesse.

«Uma atitude salutogénica focada na solução, graças a métodos baseados nas evidências», como está escrito na brochura.

Ela detesta este sistema. Ninguém quer certas crianças, e isso é perfeitamente compreensível. E os que as querem são uns inaptos do caraças, como é óbvio.

Não atendeu quando Pamela lhe ligou hoje, e bloqueou o número dela quando voltou a telefonar cinco minutos depois.

– Mia, em que estás a pensar?

– Em nada.

A supervisora social é uma mulher na casa dos cinquenta, com o cabelo cinzento cortado à pajem e os óculos pendurados numa corrente dourada sobre os enormes seios.

– Eu percebo que estejas triste por o Conselho não ter aprovado o pedido.

– Não há problema.

A única vez que sentiu que tinha uma família foi quando estava com Micke. Contudo, depois de ele ter ido parar à prisão, não conseguia compreender como é que pôde gostar dele. Micke só era bom para ela por causa do dinheiro que Mia fazia em roubos e assaltos.

– Estiveste em duas famílias de acolhimento antes de vires para aqui.

– Não funcionou – responde Mia.

– Porquê?

– Pergunte-lhes.

– Estou a perguntar-te a ti – diz a mulher.

– É suposto uma pessoa ser querida e simpática, mas eu sou diferente. Às vezes sinto-me frustrada, como quando as pessoas querem mandar em mim sem compreenderem porra nenhuma.

– Vamos fazer uma avaliação psiquiátrica complementar.

– Eu não sou perturbada, disso tenho a certeza. Só ainda não encontrei uma família onde encaixasse como sou.

– Mas aqui encaixas – declara a supervisora, sem sorrir.

Mia coça a testa e pensa em como os diretores do centro de acolhimento de menores dizem preocupar-se com ela. Mas não são os seus pais e não o querem ser, têm os seus próprios filhos. Isto é o trabalho deles, a forma como ganham dinheiro. Não há nada de errado nisso, mas, no fim de contas, o problema de Mia é apenas a fonte de rendimento deles.

– Quero ir para uma casa a sério – diz Mia.

A supervisora olha para os seus papéis.

– Já estás numa lista de espera, e tenho a certeza de que vais continuar a estar. Para ser franca, as tuas hipóteses não são enormes, tendo em conta que estás quase a fazer dezoito anos.



– OK, percebo, é o que é – declara Mia, engolindo em seco.

Levanta-se, agradece, despede-se da supervisora com um aperto de mão e sai da sala. Atravessa o corredor e senta-se nas escadas do andar de cima, pois não é capaz de subir quando Lovisa está a ter um dos seus ataques.

Está sentada a ver *memes* no telemóvel quando recebe a notificação de uma notícia: Aron Beck, responsável pela investigação do homicídio de Jenny Lind na Polícia de Estocolmo, afirma que a procuradora cometeu um erro ao ordenar a detenção de Martin Nordström. Este foi inteiramente ilibado de qualquer suspeita de crime e é agora considerado a testemunha mais importante na investigação subsequente.

Mia desce as escadas e sai pela porta da rua. O ar está quente, e a relva, os ruibarbos e os lilases que pendem da pérgula exalam o seu odor. Passa pelos dois carros estacionados no pátio de cascalho, desce a entrada, toma o atalho à esquerda através da erva alta e chega à Varvsgatan. Olha por cima do ombro: um homem idoso com cabelo grisalho e comprido está na berma da estrada a fotografar os zangões à volta dos tremoceiros altos.

Ela avança ao longo da orla da floresta, olha por entre os troncos e continua a sentir-se observada. Contornando a área florestal, a estrada leva-a à zona industrial com retalhistas de materiais de construção e oficinas de automóveis. Mia avança junto aos antigos reservatórios de gás. O ar quente treme sobre as cúpulas.

Um carro aproxima-se por trás dela. A gravilha sobre o asfalto crepita sob os pneus que rodam lentamente. Mia vira-se para trás, tapa o sol com a mão e vê que está um táxi parado a vinte metros de si. Começa a andar mais depressa ao longo da vedação e ouve o carro segui-la, acelerar e pôr-se ao seu lado.

Está a considerar trepar a vedação e correr até ao cais quando o vidro do carro desce revelando o rosto de Pamela.

– Olá, Mia – cumprimenta ela. – Preciso de falar contigo.

O táxi para e Mia senta-se no banco de trás ao lado de Pamela.

– Eu vi que libertaram o Martin – diz a jovem.

– Já o divulgaram? O que é que diziam?

– Que ele não tinha feito nada... mas que era, tipo, uma testemunha importante.

– Podiam ter-me perguntado logo desde o início – declara Pamela com um suspiro.

Mia acha que o rosto dela é bonito, mas os olhos são tristes e a testa está marcada por uma rede de rugas.

– Tentei ligar-te várias vezes.

– Ai sim? – murmura Mia.

O carro retoma o movimento e Mia olha pela janela, sorrindo para si mesma ao perceber que Pamela veio de Estocolmo de táxi só por não lhe ter atendido o telemóvel.

– Contactei um advogado que vai recorrer da decisão do Conselho dos Serviços Sociais.

– Isso vai funcionar? – pergunta Mia, olhando de lado para Pamela.

– Não sei o que vão dizer do Martin... Ele é uma pessoa muito sensível, teve problemas psicológicos. Já to disse, não disse?

– Sim.

– Mas tenho medo de que ele piore outra vez por ter sido fechado numa cela – explica.

– E ele o que diz?

Enquanto o táxi avança lentamente pelas ruas de Gävle, Pamela conta-lhe que Martin foi agredido pelo pai de Jenny Lind à frente da prisão. Pamela andou à procura dele até às duas da manhã e ligou para todos os hospitais. De manhã cedo, ele foi encontrado a dormir num pequeno barco na marina de Kungsholms Strand. Quando a Polícia o foi buscar, estava extremamente confuso e não sabia dizer o que estava ali a fazer.

– Fui às urgências psiquiátricas, mas... o Martin não queria falar, não dizia quase nada e estava com demasiado medo de ir comigo para casa.

– Mas deve ser mesmo horrível para ele – diz Mia.

– Acho que precisa de uns dias para se recompor e perceber que tudo aquilo de que foi acusado não passou de um erro.

O táxi passa pela praça Stortorget, onde algumas raparigas riem enquanto correm sobre o pavimento de pedra a perseguir bolas de sabão.

– Para onde estamos a ir? – questiona Mia, olhando pelo vidro lateral.

– Não sei. O que queres fazer? – pergunta Pamela, a sorrir. – Tens fome?

– Não.

– Queres ir a Furuvik?

– Furuvik? O jardim zoológico? Sabes que tenho quase dezoito anos, não sabes?

– Eu tenho quarenta e adoro montanhas-russas.

– Eu também – admite Mia, esboçando um sorriso.

São nove da noite quando o táxi deixa Pamela na Karlavägen. Entra no prédio e vai de elevador até ao quinto andar. Tem o rosto bronzeado e o cabelo em desalinho. Ela e Mia andaram mais de dez vezes na montanha-russa e comeram pipocas, algodão-doce e piza.

Pamela destranca a fechadura de segurança, apanha o correio do chão, tranca a porta e pendura a chave no gancho. Enquanto desaperta os sapatos, decide tomar um duche e deitar-se na cama a ler.

Começa a ver o correio e, de súbito, gela por dentro: no meio dos envelopes está uma polaroide de Mia com uma expressão feliz e o cabelo azul preso atrás de uma orelha. Ao fundo, vê-se a entrada da casa assombrada de Furuvik.

A fotografia tem de ter sido tirada há apenas algumas horas.

Pamela vira-a e vê que há qualquer coisa escrita em letras minúsculas na parte de trás. São tão pequenas que não consegue lê-las. Vai à cozinha, acende o candeeiro de teto, pousa a fotografia na mesa, onde a luz incide com mais intensidade, põe os óculos e inclina-se sobre ela.

se ele falar, ela vai ser castigada

Com o coração acelerado, Pamela tenta compreender o que as palavras e a fotografia significam. Não há dúvida de que é uma ameaça de alguém que quer assustá-la a ela e a Martin.

Durante a tarde, os *sites* de notícias e os escaparates encheram-se de títulos e de artigos breves sobre o facto de Martin ser agora considerado uma testemunha-chave. Alguém quer assustá-la e fazer com que impeça Martin de testemunhar.

Deve ser o assassino. Ele está a vigiá-los, sabe onde vivem e conhece Mia.

Este pensamento deixa-a maldisposta de medo. Pega no telemóvel a fim de telefonar à Polícia, explicar o que aconteceu e pedir para protegerem Mia, mas apercebe-se no mesmo instante de que não será assim. Eles vão ouvi-la, tomar nota da participação e depois explicar que o que aconteceu não é suficiente para obter proteção policial.

Ela até compreende que assim seja: é só uma fotografia e uma ameaça genérica, sem nome ou outros pormenores. No entanto, quem matou Jenny Lind tem medo do testemunho de Martin, e Mia vai ser castigada se ele contar o que viu.

Pamela pousa o telemóvel na mesa e olha outra vez para a fotografia. Mia parece feliz, com a fila de argolas na orelha a brilhar à luz intensa do sol. Vira a fotografia, passa o dedo por cima das letras e vê-as desaparecer da superfície lisa. As pontas dos dedos estão azuis e as palavras apagaram-se.

Levanta-se e sente as mãos tremerem-lhe enquanto se dirige para a despensa para tirar a garrafa aberta de *Absolut Vodka*. Olha para ela, depois esvazia-a no lava-louça e deixa a torneira correr até o cheiro do álcool desaparecer. Regressa à mesa e pega no telemóvel para telefonar a Mia e pedir-lhe que seja especialmente cuidadosa.

Joona leva pouco mais de uma hora a chegar de carro ao porto de Kapellskär, onde apanha um barco-táxi até à área militar restrita na costa nordeste da ilha Idö. A superfície do mar de Åland está espelhada e ofuscante. Quando atracam, as gaivotas-pardas levantam voo do pontão de cimento.

Ele sobe até ao edifício de madeira alcatroada e com linhas modernas. Depois de carregar no intercomunicador, deixam-no entrar. Identifica-se na receção e senta-se na fresca sala de espera. Esta é uma instituição muito exclusiva para políticos de alto gabarito, militares e chefes das autoridades públicas que necessitem de diferentes tipos de reabilitação.

Cinco minutos depois, uma mulher em uniforme vem buscá-lo e condu-lo a uma das oito suítes.

Saga Bauer está sentada numa poltrona com uma garrafa de água mineral na mão e, como de costume, olha para o horizonte através das enormes vidraças.

– Saga – diz Joona, sentando-se na poltrona ao seu lado.

Nos primeiros meses que passou nesta clínica, limitava-se a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado e repetia que queria morrer. Agora já não diz nada e passa os dias sentada à janela a contemplar o mar. Joona visita-a regularmente. No início, lia-lhe em voz alta, depois começou a falar-lhe de si, mas a primeira vez que se apercebeu de que ela estava realmente a ouvi-lo foi quando ele mencionou um caso. Desde então, tem-lhe contado as investigações que conduz e descrito exhaustivamente as suas teorias.

Saga ouve-o e, na última vez que Joona lá esteve, sorriu um pouco quando ele referiu a descoberta da marcação a frio. Desta vez, Joona fala-lhe de Martin Nordström, que assistiu de perto ao homicídio, tem uma

doença mental grave e foi forçado a reconhecer o crime do qual agora se sabe que é inocente.

– Foi agredido ao sair da prisão e está de volta à unidade de Psiquiatria – prossegue ele. – Não tenho a certeza de poder vir a interrogá-lo... neste momento, as coisas parecem um pouco estagnadas, mas descobri um caso antigo que está relacionado com este...

Sem dizer nada, Saga continua a olhar para a água e Joona põe duas fotografias na mesa ao pé dela.

Fanny Hoeg tem um olhar sombrio e sonhador. Jenny Lind olha diretamente para a fotografia e parece conter um sorriso.

– Fanny foi enforcada precisamente como Jenny, mas catorze anos antes – informa Joona. – Não temos fotografias de pormenor da marca, mas é evidente que foi marcada a frio. Uma madeixa dos seus cabelos escuros estava completamente branca.

Joona diz a Saga que as duas mulheres eram aproximadamente da mesma idade, tinham amigos, mas não namorado, e ambas eram ativas nas redes sociais.

– Tinham constituições diferentes, olhos de cores diferentes e uma era loura e a outra morena – diz ele. – Quando Jenny foi raptada, a opinião geral era que a escolha tinha sido aleatória... mas, quando comparo as duas fotografias, elas têm qualquer coisa em comum... qualquer coisa no nariz e nas maçãs do rosto, talvez a linha do cabelo.

Saga só agora vira o olhar na direção das fotografias em cima da mesa.

– Estamos, como é óbvio, à procura de mais homicídios, suicídios e desaparecimentos que possam ser associados ao mesmo perpetrador – continua Joona. – Porém, além do que sabemos até agora, ele não é especialmente ativo. Talvez ainda não se tenha tornado um assassino em série, mas segue um padrão, tem um método... e eu sei que não vai parar.

\*

No caminho de regresso, Joona faz um desvio para ir a Rimbo falar com uma criadora de cavalos chamada Jelena Postnova. Uma alameda estreita conduz a um parque de estacionamento junto a uma cerca de madeira. Encostado a um *Mercedes-Benz* prateado, Aron Beck ergue o olhar do telemóvel quando Joona estaciona e sai do carro.

– A Margot achou que eu devia vir até aqui pedir-lhe desculpa – diz Aron. – Lamento ter-me portado como um idiota. Devia tê-lo deixado interrogar o Martin antes de chamar a procuradora.

Joona põe os óculos de sol e olha para o estábulo vermelho-escuro. Um homem novo está a montar um garanhão preto num *paddock* vedado. A poeira do solo ressequido paira entre as árvores e tinge de cinzento as patas do cavalo.

– A Margot diz que lhe cabe a si tirar-me ou não da equipa, e compreendo perfeitamente se o fizer – continua Aron. – Mas eu estou-me a cagar para o prestígio, o meu único objetivo é apanhar este porco, e se me der uma nova oportunidade, vou matar-me a trabalhar até me dizer para parar.

– Soa-me bem – diz Joona.

– A sério? Que fixe, caraças – exclama ele, aliviado.

Joona começa a descer o caminho de gravilha em direção ao estábulo. Aron segue-o e caminha ao seu lado enquanto recapitulam juntos o estado da investigação.

A equipa da NOA fez uma pesquisa nos registos dos últimos vinte anos, mas não encontrou nenhum homicídio, suicídio ou morte que encaixasse no padrão. Na Suécia, suicidam-se em média quarenta jovens mulheres por ano, e cerca de vinte e cinco por cento delas mata-se por enforcamento.



Além de Jenny Lind e Fanny Hoeg, durante todo este período só três mulheres foram mortas por enforcamento, mas todas no contexto de uma relação amorosa destrutiva. Fizeram-se autópsias exaustivas, porém não foram reportadas quaisquer marcas a frio ou alterações de pigmentação em nenhuma das três mulheres.

O caminho de gravilha conduz a uma ampla curva entre o grande edifício e uma pastagem com oito cavalos. Está muito calor ao sol. Os gafanhotos estridulam na valeta e as andorinhas rasgam o ar por cima do telhado.

– É mais complicado com as mulheres que se suspeita que tenham sido raptadas – prossegue Joona. – Quando aplicámos um filtro para eliminar os casos evidentes de raparigas que foram levadas para fora do país a fim de serem forçadas a casar, restaram várias centenas.

– Havemos de os investigar a todos.

– Mas só há seis deles que parecem ser mais concretamente casos de rapto.

Do estábulo sai uma mulher já velha com uma sela na mão. Atira-a para a caixa de uma carrinha enferrujada e vira-se para eles com o sobrolho franzido.

Tem cabelo branco muito curto, calças de montar manchadas, botas de cabedal e uma *T-shirt* com uma fotografia de Vladimir Vysotskij.

– Ouvi dizer que sabe quase tudo sobre criação de cavalos – diz-lhe Joona, mostrando a sua identificação.

– Mais de *dressage*, mas também percebo um pouco de criação – responde ela.

– Seria ótimo se nos pudesse ajudar.

– Se puder, terei todo o gosto – afirma, conduzindo-os ao estábulo. – Está um pouco mais fresco aqui dentro.

Um odor intenso a cavalo e a feno vem ao seu encontro. Joona tira os óculos de sol e olha para um corredor com vinte baias na penumbra. Uma brisa forte assobia sob a cumeeira do teto. Os cavalos resfolegam e batem pesadamente com os cascos no chão.

Passam pela sala das selas e pela zona de lavagem molhada antes de se deterem. Uma fila de pequenas janelas deixa entrar alguma luz através dos vidros sujos.

– Como é que marcam os vossos cavalos? – pergunta Joona.

– Se estivermos a falar de cavalos de trote, a marcação com *microchip* substituiu a marcação a frio – responde ela.

– Quando é que pararam de marcar a frio?

– Não me lembro, há oito anos, talvez... mas ainda fazemos marcação com triângulo.

– O que é isso? – pergunta Aron.

– Quando um cavalo sofre uma lesão ou se torna demasiado velho para ser usado como um verdadeiro cavalo de sela, em vez de o abatermos, podemos pedir a um veterinário que o marque a frio com um triângulo.

– OK.

– Vejam a *Emmy* – diz Jelena, indo à frente deles até uma das baias mais afastadas.

Uma égua velha resfolega e levanta a cabeça, desconfiada, quando eles param ao pé dela. Um triângulo branco reluz nitidamente no pelo castanho-avermelhado, na parte superior da coxa esquerda.

– Isto significa que ela já está reformada. Ainda serve para cavalo de passeio. Às vezes monto-a na floresta...

Uma mosca pousa no canto do olho da égua. Ela abana a pesada cabeça, dá uma volta sobre si mesma e bate com o flanco na parede, fazendo tilintar as cabeçadas, rédeas e estribos pendurados.

– Como é o processo de marcação?

– Varia um pouco, mas nós usamos nitrogénio quase a duzentos graus negativos, damos uma anestesia local e pressionamos o carimbo contra a pele durante cerca de um minuto.

– Conhece alguém que use esta marca – pergunta Joona, mostrando-lhe uma fotografia de pormenor da parte de trás da cabeça de Jenny Lind.

Jelena inclina-se para a frente, com uma ruga vincada entre as sobrancelhas.

– Não – responde ela. – Posso dizer que ninguém marca cavalos dessa maneira na Suécia, e provavelmente em nenhum lugar do mundo.

– Então o que pensa sobre este carimbo?

– Não faço ideia – responde. – Não conheço a indústria da carne de outros países, mas esta marca não tem números que permitam identificar e localizar o animal.

– Não.

– Associa-a sobretudo à marcação com ferro em brasa que, no passado, era usada na América pelos criadores de gado – diz ela. – Podia muito bem parecer-se mais ou menos com esta, talvez não tão detalhada.

Ao voltarem para os carros, Joona pensa em como Jelena Postnova tinha razão quando disse que a marca da vítima não é de identificação, mas sim de posse. O assassino quer mostrar que a mulher marcada lhe pertence mesmo depois de morta.

– Estamos a trabalhar demasiado devagar. Mais mulheres vão morrer se não o encontrarmos – diz Joona ao abrir a porta do carro.

– Eu sei, e sinto-me mal por isso.

– Talvez ele já tenha uma nova prisioneira.

Pamela paga e sai do táxi em frente ao Hospital de Sankt Göran. Entra pela porta número 1, espera um minuto no lado de dentro para verificar se está a ser seguida, depois sobe de elevador até à Unidade 4, identifica-se na receção e entrega o telemóvel.

Martin está sentado na sala de convívio a jogar às cartas com um homem forte, de cadeira de rodas. Ela reconhece o homem, pois é um paciente frequente daquela unidade. Tem uma pequena cruz tatuada em cada ponta dos dedos e é conhecido como o Profeta.

– Olá, Martin – cumprimenta-o, sentando-se à mesa.

– Olá – responde Martin, em voz baixa.

Pamela põe-lhe a mão no antebraço e consegue reter-lhe o olhar por alguns segundos antes de ele virar a cara. Martin ainda tem o penso na testa, mas a nódoa negra na face já começou a amarelecer.

– Como estás? – pergunta ela.

– Não sinto nada – responde o Profeta, batendo na coxa com a mão.

– Estou a falar com o Martin.

O Profeta empurra os óculos para cima com o dedo, recolhe as cartas e começa a baralhá-las.

– Jogas uma partida? – pergunta-lhe ele, enquanto corta o baralho.

– Queres jogar? – pergunta ela a Martin.

Ele anui com a cabeça e o Profeta dá as cartas. Um auxiliar com braços muscudos está de pé junto a outra mesa, ao lado de uma mulher idosa que pinta uma mandala. Um homem de barba grisalha está sentado a dormir em frente à televisão. Os aplausos da repetição do concurso «Quem sabe mais» ressoam debilmente nas colunas.

– Dez – sussurra Martin, olhando para a porta de vidro.

– Queres os meus dez? – pergunta Pamela a sorrir. – Tens a certeza? Podes escolher os nove...

Martin abana rapidamente a cabeça e ela dá-lhe três dez.

Pamela espreita o relógio e sente um peso angustiante no diafragma ao pensar que em breve Martin começará a gritar e a ter espasmos.

– Vai pescar, vai pescar – diz o Profeta, no preciso instante em que a porta se abre.

Pamela ergue o olhar e vê entrar Primus, o homem que a assediou da última vez. Vem acompanhado por um auxiliar, tem o cabelo grisalho solto e traz um saco de desporto ao ombro. Faz uma vénia ao Profeta, ajeita as calças de ganga justas entre as pernas e põe-se atrás da cadeira de Pamela.

– Fui internado hoje e tenho alta hoje – informa ele, com um sorriso.

– Fazes o que te mandam – diz o Profeta, baixando o olhar para as suas cartas.

– Ah, caraças, vou foder tanto – sussurra Primus, e chupa o dedo indicador.

– Fica aqui ao pé de mim – diz o auxiliar.

– OK, mas afinal que horas são? – pergunta ele.

Quando o auxiliar olha para o relógio, Primus aproveita para acariciar a nuca de Pamela com o dedo húmido.

– Está na hora de ires. Vá, despede-te – responde o auxiliar.

– Não preciso de ir a pé, eu consigo voar – diz Primus.

– Mas não és livre – comenta o Profeta num tom sério. – Não passas do ordenança do Caesar, uma mosca a zumbir à volta do seu senhor...

– Para – murmura ele, nervoso.

Pamela observa Primus enquanto ele segue o auxiliar, que tira o seu cartão de funcionário, marca um código e abre a porta.

Martin continua sentado com as cartas gastas na mão.

– Os teus três – balbucia ele.

– Os meus três – diz o Profeta, tirando as suas cartas de cima da mesa.

– Sim.

– Vai pescar – diz ele, virando-se novamente para Pamela. – Podes dar-me todos os teus setes?

– Vai pescar.

– Faz-se muita investigação na área dos gínoídes... os andróides femininos – declara o Profeta, coçando a testa com uma carta. – Um cientista chamado McMullen criou um robô sexual que ouve e memoriza o que dizemos, fala, franze a testa e sorri.

Pousa as cartas e levanta as palmas das mãos. Pamela não consegue deixar de olhar para as dez pequenas cruzes nos dedos dele.

– Podes dar-me os teus reis? – diz Martin.

– Em breve, não vamos ser capazes de distinguir entre um gínoide e uma rapariga real – afirma o Profeta. – Vamos erradicar as violações, a prostituição e a pedofilia.

– Não tenho assim tanta certeza disso – diz Pamela, levantando-se da cadeira.

– A nova geração de robôs vai ser capaz de gritar, chorar e implorar. Vão debater-se, transpirar de medo, vomitar e mijar-se, mas...

Cala-se quando uma enfermeira de rosto largo e rugas de expressão em torno dos olhos entra na sala de convívio e pede a Martin e Pamela que a sigam.

– Não comeste nada hoje? – pergunta rotineiramente a enfermeira, enquanto Martin se deita numa das camas de hospital na sala de tratamentos.

– Não – responde ele, olhando para Pamela.

Com o rosto fatigado, fecha os olhos numa atitude de desamparo quando a enfermeira lhe coloca um cateter no braço esquerdo e depois desaparece.

Dennis explicou a Pamela em que consiste uma terapia eletroconvulsiva. Com a ajuda de corrente elétrica, provoca-se um ataque epilético controlado para restabelecer o equilíbrio dos neurotransmissores do cérebro. Agora que Martin teve de voltar a ser internado passados apenas alguns dias, o psiquiatra vê a ECT como um último recurso.

– O Primus diz que... eu vou para... para a prisão.

– Não, foi aquele polícia, Aron, que te manipulou para confessares coisas que não tinhas feito – explica-lhe ela.

– Pois foi – murmura Martin.

Pamela dá-lhe palmadinhas na mão e ele abre os olhos.

– Não precisas de falar com mais polícias, a menos que queiras...

– Não há problema – diz ele.

– Mas tens todo o direito do mundo de recusar, depois do que te fizeram passar.

– Mas eu quero – murmura Martin.

– Eu sei que queres ajudar, mas não acho que...

Pamela cala-se ao ver entrar dois auxiliares que dizem que está na hora. Quando levam Martin para a sala de tratamento, ela acompanha-os caminhando ao lado da cama.

De uma tomada de plástico amarelecido pende um laço de cabos que vão dar a uma estante com monitores. Um anestesista com sobrancelhas grisalhas está sentado num banco a ajustar o ângulo dos ecrãs. A cama é colocada na posição certa e uma enfermeira anestesista liga Martin a vários aparelhos de medição. Pamela repara que ele está agitado e segura-lhe a mão.

– O tratamento demora cerca de dez minutos – diz a outra enfermeira, aplicando a anestesia através do cateter.

Os olhos de Martin fecham-se e a mão fica mole. A enfermeira espera alguns segundos e depois injeta um relaxante muscular. Ele dorme

profundamente, com o maxilar um pouco descaído. Pamela acaricia-lhe a mão e afasta-se. A enfermeira anestesista coloca-lhe um ventilador com balão sobre o nariz e a boca e dá-lhe oxigénio.

O psiquiatra entra na sala e cumprimenta Pamela. Tem os olhos encovados, os ossos malares proeminentes e o pescoço vermelho por ter feito a barba. No bolso do peito da bata, estão cinco canetas de plástico transparentes.

– Pode ficar aqui dentro – diz ele. – Mas alguns familiares acham que a reação dos músculos à corrente é uma visão horrível. Garanto-lhe que não causa dor, mas ainda assim quero que esteja preparada.

– Já estou – afirma, olhando-o nos olhos.

– Ótimo.

A enfermeira hiperventila Martin para aumentar os níveis de oxigénio no cérebro. Depois, retira o ventilador e coloca-lhe um protetor bucal. O psiquiatra liga a máquina de TECH, regula a intensidade da corrente, a largura dos impulsos e a frequência. Depois, põe os dois elétrodos na cabeça de Martin. O candeeiro do teto pisca e ele flete os braços junto ao corpo, com um movimento brusco. As mãos tremem de uma forma pouco natural e as costas curvam-se. Os maxilares ficam cerrados, o queixo é pressionado contra o peito, os cantos da boca são puxados para baixo e os tendões do pescoço ficam tensos.

– Meus Deus – murmura Pamela.

É como se ele tivesse posto uma máscara distorcida na cara. Os olhos estão fechados com tanta força que aparecem rugas completamente novas no rosto de Martin. O pulso dispara e ele recebe mais oxigénio. As pernas começam a debater-se e as mãos tremem. A cama range e o resguardo sai do lugar, deixando a descoberto a pele sintética fendida do colchão.

O estado espasmódico de Martin cessa subitamente. Tal como quando se sopra uma vela, um fio de fumo sobe lentamente em espiral para o teto.



Martin vira a cabeça e vê a janela e o candeeiro fugirem pelo canto do olho como água a fluir. Não voltou a comer nada além da sandes de queijo e do sumo de morango que lhe deram quando acordou da anestesia.

Pamela esteve uns minutos sentada ao seu lado antes de ir a correr para o trabalho.

Assim que conseguiu manter-se de pé, Martin foi pintar para a sala de terapia. Sabe que não é nenhum artista, mas a pintura tornou-se uma rotina importante.

Pousa o pincel e o tento para pintar ao lado da paleta, dá um passo atrás e observa a tela. Pintou uma pequena casa vermelha, mas já não se lembra porquê. Na janela, por trás das cortinas, vislumbra-se um rosto.

Martin limpa a tinta acrílica das mãos e dos braços e sai da sala de terapia. Embora não se possa comer entre as refeições, por vezes entra sorrateiramente no refeitório e vai ao frigorífico.

Avança pelo corredor vazio. A sala de grupos está silenciosa, porém, ao passar pela porta, Martin repara que as cadeiras estão dispostas como se um público invisível estivesse sentado nelas a assistir a um espetáculo.

Desde que Martin ali chegou, os meninos têm estado escondidos. Nem sequer os ouviu durante a noite. Talvez lhes agrade que esteja de volta à ala psiquiátrica.

Detém-se a olhar para o gabinete do psiquiatra através do vidro da porta. O Dr. Miller está de pé no meio da sala a olhar para o vazio com os seus olhos claros. Martin decide bater à porta e dizer que quer voltar para casa, mas de repente já não se lembra do seu próprio nome. Sabe que o médico se chama Mike. Chamam-lhe M&M.

Mas o que se passa? Ele sabe que é um paciente da Unidade 4, é casado com Pamela e vive na Karlavägen.

– Martin, chamo-me Martin – diz, recomeçando a andar.

Uma nova tontura percorre-lhe o cérebro. Os grandes armários de metal deslizam para o lado e desaparecem.

Cruza-se com uma das novas auxiliares – uma mulher baixa com braços brancos e rugas austeras em torno da boca –, mas ela nem sequer repara nele.

Ao chegar à porta do refeitório dos pacientes, vira-se para trás e vê que está uma cama com correias do lado de fora da sala de grupos. Há poucos instantes, não estava lá.

Martin sente um arrepio e abre cuidadosamente a porta do refeitório. As cortinas grossas bloqueiam a luz do sol, mergulhando a sala numa penumbra baça. As cadeiras de plástico estão dispostas em torno de três mesas redondas com toalhas impermeáveis de padrão floral e guardanapos decorados num suporte.

Ouve-se algures um estalido e depois um rangido ténue. Soa como um sobe-e-desce a balançar para cima e para baixo. O frigorífico está atrás da bancada baixa com cubas de aço inoxidável.

Martin avança sobre o chão de vinil brilhante, mas detém-se ao pressentir um movimento no canto mais afastado. Sustém a respiração e vira-se lentamente nessa direção.

Uma pessoa extremamente alta está de pé, imóvel, com os braços esticados para cima. Só os dedos se mexem. Imediatamente a seguir, percebe que é o Profeta. Está em cima de uma cadeira e tira qualquer coisa de um armário.

Martin recua silenciosamente, vê-o descer com um pacote de açúcar e sentar-se na cadeira de rodas, cujo assento range sob o seu peso. Ao chegar à porta, abre-a devagar e ouve a dobradiça chiar ligeiramente, como um mosquito a voar junto ao ouvido.

– Vê-o como um milagre divino – diz o Profeta atrás dele.

Para, larga a porta e vira-se para trás.

– Precisava de vir buscar umas coisinhas antes de me ir embora – declara ele, deslocando-se de cadeira de rodas até ao balcão.

Despeja o açúcar no lava-louça, tira um saco de plástico com um telemóvel que estava escondido no pacote, sacode-o, mete-o no bolso e abre a torneira.

– Vou ter alta daqui a uma hora.

– Parabéns – murmura Martin.

– Todos temos vocações diferentes na vida – diz o Profeta, aproximando-se de Martin. – O Primus é uma mosca que precisa de cadáveres onde pôr os seus ovos, ao passo que eu ponho os meus nas almas das pessoas... e tu estás a tentar apagar-te a ti próprio com eletricidade.

São cinco horas e Pamela encontra-se sozinha no escritório. Fechou as cortinas e está sentada ao computador a desenhar janelas que dão para um terraço verdejante, quando o telefone toca.

– Ateliê de Arquitetura Roos – diz ao atender.

– Joon Linna, do Departamento Nacional de Operações da Polícia... Quería começar por dizer que lamento imenso o que os meus colegas vos fizeram passar, a si e ao seu marido.

– OK – responde friamente.

– Eu compreendo que não lhe reste qualquer confiança na Polícia e sei que disse que não quer falar connosco, mas pense na vítima e nos familiares, porque no fim são eles que sofrem.

– Eu sei – diz, suspirando.

– O seu marido é a nossa única testemunha ocular. Ele viu tudo de perto – começa Joon. – E eu acho que a maior parte das pessoas se sente mal a carregar dentro de si coisas que...

– Ah, então agora estão preocupados com ele – interrompe-o.

– Só estou a dizer que foi um crime horrível e que ele tem todas essas imagens na mente.

– Eu não quis...

Pamela cala-se e pensa que a ameaça dirigida a Mia a fez começar a olhar por cima do ombro como Martin. Comprou gás pimenta com o intuito de o dar a Mia para que ela se possa defender caso seja atacada.

– Pensamos que o perpetrador manteve Jenny Lind presa durante cinco anos antes de a matar – prossegue o comissário. – Não sei se se lembra de quando ela desapareceu. Escreveram-se rios de tinta sobre isso e os pais dela viraram-se para os meios de comunicação para apelar ao raptor.

– Lembro-me – declara Pamela, em voz baixa.

– Só puderam ver a filha agora, na morgue.

– Não posso falar mais – diz ela, sentindo uma onda de pânico crescer dentro de si. – Tenho uma reunião daqui a cinco minutos.

– Mas depois disso, dê-me meia hora.

Para conseguir desligar imediatamente a chamada, Pamela concorda em encontrar-se com ele na Espresso House, às seis e um quarto. Quando se tranca na casa de banho, as lágrimas já lhe correm pelas faces.

Não tem coragem de contar à Polícia que foi ameaçada, pois sente que deixará Mia e Martin em perigo se o fizer.

Alguém a seguiu até Gävle e fotografou-a no parque de diversões.

Tudo o que queria era dar a Mia uma oportunidade na vida – aquela que Alice nunca recebeu –, mas em vez disso acabou na mira de um assassino.

\*

Joona observa Pamela enquanto bebe café e segura a chávena com as duas mãos, de forma a conseguir pousá-la no pires sem tremer demasiado. Parecia nervosa quando chegou e insistiu para que mudassem para uma mesa na parte mais interior do piso de cima.

Os cabelos castanho-avermelhados caem-lhe em grandes caracóis sobre os ombros. Tentou esconder com maquilhagem os sinais de ter estado a chorar há pouco tempo.

– É claro que os erros podem acontecer, mas isto... – começa ela. – Vocês obrigaram-no a confessar um homicídio e, quer dizer, ele tem uma doença mental grave.

– Concordo, as coisas não se deviam ter passado assim – diz Joona. – E isso vai ser investigado internamente pelo Ministério Público.

– A Jenny Lind... não sei, ganhou um lugar especial no meu coração... e tenho muita pena dos familiares dela, mas...

Pamela interrompe-se e engole em seco.

– Pamela, eu tenho de falar com o Martin num ambiente tranquilo... de preferência na sua presença.

– Ele voltou para a unidade de internamento – informa simplesmente.

– Segundo percebi, ele sofre de uma síndrome de *stress* pós-traumático complexa.

– Ele tem psicose paranoide e vocês prenderam-no e assustaram-no.

Pamela vira o rosto para a janela e observa o fluxo de pessoas na Drottningatan. Joona nota que ela sorri ligeiramente ao seguir duas jovens mulheres com o olhar. Uma água-marinha em forma de lágrima oscila-lhe na orelha.

Quando Pamela se volta novamente para ele, Joona percebe que os sinais que pensava serem duas marcas de nascença, mesmo por baixo do olho esquerdo, são na verdade tatuagens.

– Disse que a Jenny Lind tem um lugar especial no seu coração – diz Joona.

– Quando ela desapareceu, tinha a mesma idade que a minha filha Alice – conta ela, engolindo em seco.

– Compreendo.

– E apenas algumas semanas depois, a minha própria filha morreu.

Pamela olha para os olhos cinzento-claros do comissário. Tem a sensação de que ele a conhece e de que compreende o que as grandes perdas fazem a uma pessoa. Antes de ter tempo de se perguntar porquê, afasta a chávena e começa a falar-lhe de Alice. As lágrimas caem sobre a mesa quando descreve a viagem a Åre até ao dia em que a filha se afogou.

– É verdade que a maior parte das pessoas acaba por sofrer grandes perdas na vida – afirma ela. – Porém, ultrapassamo-las. Talvez no início não pareça, mas é possível seguir em frente.

– Sim.

– No entanto, o Martin... é como se ainda estivesse na primeira fase do choque inicial – confessa. – E eu não quero que ele fique pior do que já está.

– Pense que isto pode fazê-lo sentir-se melhor – sugere Joona. – Eu posso ir à ala psiquiátrica falar com o Martin. Fazemo-lo com cuidado, nos termos dele.

– Mas como vai interrogar alguém que não tem coragem de falar?

– Podemos experimentar a hipnose – propõe Joona.

– Não me parece – responde Pamela, sorrindo involuntariamente. – É a última coisa de que ele precisa.

Mia inspeciona a sua roupa, prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha e não consegue deixar de sorrir para si mesma ao bater na porta entreaberta do escritório do centro de acolhimento.

– Entra e senta-te – diz a supervisora sem olhar para ela.

– Obrigada.

O chão range quando Mia avança, puxa a cadeira e se senta diante da supervisora. O escritório está quente depois de mais um dia com temperaturas perto dos trinta e cinco graus. A janela, que dá para a floresta, está aberta e bate levemente contra o gancho enferrujado da fechadura. Depois de escrever qualquer coisa no computador, a supervisora ergue o olhar.

– Já verifiquei a situação com o Conselho dos Serviços Sociais, mas eles não receberam nenhum pedido de recurso da Pamela Nordström.

– Mas ela disse que...

Mia interrompe-se, baixa os olhos e tira uma lasca de verniz da unha do polegar.

– Pelo que percebo – continua a supervisora –, o pedido foi rejeitado porque o Conselho determinou que o ambiente familiar é inseguro por causa do marido dela.

– Mas ele é inocente, porra. Está em todo o lado.

– Mia, eu não sei quais são os argumentos do Conselho, mas, em todo o caso, não chegou nenhum pedido de recurso... e, portanto, o que conta é a recusa, como é óbvio.

– Compreendo.

– Não há nada que possamos fazer.

– Já disse que compreendo.

– Mas o que pensas em relação a isso?



– Que é como de costume.

– Seja como for, estou contente por poder ter-te cá por mais algum tempo – declara a supervisora, tentando animá-la.

Mia acena com a cabeça, levanta-se, despede-se com um aperto de mão, como é habitual, fecha a porta ao sair e começa a subir as escadas. Ainda antes de se aproximar, ouve Lovisa gritar furiosamente e atirar coisas para o chão. Tem PHDA, e ela e Mia estão constantemente a entrar em conflito.

Mia começou a pensar que Lovisa seria capaz de a matar. Na noite anterior, acordou com ela a entrar sorrateiramente no seu quarto. Ouviu os passos no escuro, até Lovisa parar à frente da cama e sentar-se depois na cadeira ao lado da cómoda.

Sobe ao primeiro andar e entra no quarto. Ao ver que a gaveta inferior da sua cómoda está aberta, olha lá para dentro.

– Mas que merda – resmunga, saindo do quarto.

O soalho gasto range sob as suas botas. Abre de rompante a porta do quarto de Lovisa e para de repente. Ela está de joelhos diante do conteúdo da sua mala de ombro, que despejou no chão. Tem o cabelo despenteado e arranhou-se nas costas das mãos.

– Posso saber porque é que entraste no meu quarto e tiraste as minhas cuecas? – pergunta Mia.

– De que raio estás a falar? Não bates bem da cabeça! – exclama Lovisa, levantando-se.

– Na verdade, quem tem um diagnóstico de doença mental és tu.

– Cala-te – diz ela, coçando a face.

– Podes devolver-me a minha roupa interior, se fazes favor?

– Acho que a ladra és tu, que me debes ter roubado a *Ritalina* – replica Lovisa.

– OK, perdeste os comprimidos outra vez. Foi por isso que me roubaste as cuecas?

Com o *stress*, Lovisa anda às voltas e puxa as mangas rotas da camisa.

– Não mexi nas tuas cuecas nojentas.

– Mas tu, tipo, não controlas os teus impulsos e...

– Cala-te – grita Lovisa.

– Ficas tão fora de ti que não sabes o que fazes quando...

– Cala-te!

– De certeza que escondeste os comprimidos num sítio qualquer e, agora que não os encontras, pões as culpas em mim...

– Vai à merda – berra Lovisa, dando pontapés nas suas próprias coisas espalhadas pelo chão.

Mia sai do quarto e desce as escadas. Atrás dela, Lovisa grita que vai matar toda gente em casa. A outra veste à pressa o seu casaco militar, apesar de estar demasiado calor, e depois sai.

Como de costume, vai até à zona industrial pelo atalho que passa pela floresta e vira para os antigos reservatórios de gás. Há já muitos anos que os dois edifícios cilíndricos de tijolo são usados para mostras de cinema, representações de peças de teatro e concertos.

Mia tenta afastar a desilusão enquanto desce até à água, por trás do reservatório maior. O baixo e a bateria começam a ouvir-se muito antes de ela chegar ao lote abandonado.

A sua parca fica presa num arbusto com espinhos, mas solta-se quando Mia segue em frente.

Maxwell e Rutger estão de pé a olhar para um grelhador descartável fumegante. Pertencem a um pequeno gangue em que todos sonham ser *rappers* famosos. Maxwell ligou uma coluna ao telemóvel e está a tentar fazer *rap* ao ritmo do *beat*, mas para e ri-se. Algumas garrafas de cerveja estão enterradas na areia. Rutger aguça um ramo com o seu machado.

Mia trepa o muro baixo, aproxima-se dos dois rapazes e apercebe-se de dois vultos no meio do mato, no outro lado do antigo caminho de ferro. Ao

avançar, vê que é Shari que está ajoelhada à frente de Pedro. Antes de ter tempo de desviar o olhar, vislumbra o pénis dele na boca aberta da rapariga.

A luz dos holofotes de um guindaste na ponte de um navio é fragmentada por uma árvore. Maxwell começa a fazer *rap* com um grande sorriso quando vê Mia aproximar-se. Ela põe-se a dançar lentamente enquanto avança. Acha-os ridículos, no entanto finge-se sempre impressionada e bate palmas após cada verso. Na verdade, só se dá com eles porque lhe pagam invulgarmente bem pelas pequenas quantidades de estimulantes do sistema nervoso central que consegue roubar no centro.

– O meu contacto está um pouco nervoso com a possibilidade de virem a descobrir que faltam medicamentos, mas dá-vos prioridade como clientes, ou pelo menos é o que ele me diz – explica Mia, e tira um saco com dez cápsulas de *Ritalina* que roubou a Lovisa.

– Não sei, Mia, essa merda é... Acho que já começa a ficar cara como o caraças – reclama Maxwell.

– Digo isso ao meu contacto? – pergunta Mia, voltando a meter o saco no bolso.

– Se te dermos uma grande carga de porrada, talvez ele perceba o que queremos dizer – responde-lhe.

Ao fingir que tem um contacto no centro, Mia conseguiu subir o preço das drogas até um valor abusivo.

– Qual é o drama? – pergunta Pedro, parando à frente do grelhador.

## 41

Começou a tocar um novo *beat* e os graves ribombam na coluna. Rutger coça a barba com o machado e diz qualquer coisa a Pedro. Mia promete silenciosamente a si mesma que nunca mais vai vender drogas a este gangue. São os maiores idiotas de Gävle, mas estão a ficar desconfiados.

Shari aproxima-se deles, cumprimenta Mia com um aceno da cabeça e fixa-a por um instante. Tem o queixo sujo de batom. Quando se baixa para pegar numa das garrafas de cerveja que estão no chão, Maxwell retém-na com a mão e ri-se.

– A minha garrafa não, depois do que estiveste a fazer.

– Que engraçadinho.

Shari cospe para o chão, pega na garrafa de Pedro e bebe.

– A minha garrafa não – diz Rutger com um risinho.

O reflexo de um guindaste de porto flutua na superfície da água entre as barcaças.

– Temos negócio ou não? – pergunta Mia.

– Faz-me um preço melhor – exige Maxwell, pondo seis salsichas a grelhar.

– Não há outro preço – diz Mia, começando a abotoar a parca.

– Mas que porra, eu posso pagar essa merda – resmunga Rutger, fazendo girar o machado preto na mão antes de o atirar para o chão.

Ouve-se o som do metal a bater contra a areia.

Pega na carteira e tira algumas notas, porém afasta-as quando Mia estende a mão.

– Tenho de me ir embora – diz ela.

Rutger mantém as notas no ar e começa a fazer um *rap* sobre a *dealer* que tem de se ir embora por ser uma pessoa requisitada e muito ocupada. Pedro marca o ritmo com palmas e Shari começa a balançar as ancas.

Rutger passa a vez a Maxwell, que tenta fazer uma rima sobre uma rapariga que tem tanta sede que quer beber de todas as garrafas.

– Idiota – diz Shari, dando-lhe um empurrão.

– *Suck my bottle* – troça ele às gargalhadas.

Rutger dá o dinheiro a Mia e ela conta-o, mete-o no bolso interior e entrega-lhe o saco.

– Mais logo há uma festa e eu quero que venhas – diz Maxwell.

– Que honra – murmura ela.

Mia não tem a intenção de voltar a ir a festas com eles e não percebe porque é que ele a convida. Na única vez em que aceitou ir, Maxwell tentou violá-la quando estava muito embriagada e adormeceu no sofá. Disse-lhe que ia à Polícia, mas ele limitou-se a responder que não era violação porque ela não tinha dito que não.

Maxwell vira as salsichas, queima-se nas pontas dos dedos, levanta-se a praguejar e abana a mão.

– Vens à festa ou não? – pergunta ele.

– Olha aqui – diz Mia, pegando no telemóvel. – Isto é a lei sueca... Código Penal, artigo 6, parágrafo 1... Diz que quem tentar ter relações sexuais com alguém que está a dormir ou embriagado...

– Deixa de ser cabra, sua cabra – interrompe ele. – Tu não disseste que não, pois não? Deixaste-te estar deitada e...

– Já chega dessa história de eu não ter dito que não – atalha, mostrando-lhe o telemóvel. – Lê o que aqui está. Foi uma tentativa de violação, que dá cadeia até...

Mia leva uma bofetada tão forte que a derruba. Cai sobre a anca e ouve o som da cabeça a bater contra a areia. Sem conseguir ver nada, vira-se de barriga para baixo e põe-se de gatas.

– Maxie, acalma-te – tenta Pedro.

A visão regressa, Mia sente a cara a arder, encontra o telemóvel e tenta recompor-se.

– Nem vale a pena violar-te – grita Maxwell.

Mia levanta-se e começa a caminhar na direção dos reservatórios.

– Não passas de uma puta de merda, sabias? – grita-lhe ele.

Ao chegar à estrada, Mia para e sacode a areia do cabelo e da roupa. A boca sabe-lhe a sangue. Vai pela zona industrial até à grande rotunda na Södra Kungsvägen. Os guarda-sóis vermelhos em frente ao *Burger King* abanam com o vento. Mia atravessa o parque de estacionamento vazio, entra pelas portas de vidro e sente o cheiro a queijo derretido e a fritos.

Pontus está na caixa com uma camisa preta de manga curta e um boné. Antes vivia no mesmo centro que ela, mas depois foi colocado numa família de acolhimento, voltou a ir à escola e conseguiu este *part-time*.

– O que é que aconteceu? – pergunta ele.

Mia percebe que tem a cara vermelha por causa da bofetada e encolhe os ombros.

– Tive uma pequena briga com a Lovisa – mente.

– Deixa-a estar, ela fica nervosa por tudo e por nada.

– Eu sei.

– Já comeste?

Ela abana a cabeça.

– O chefe disse que ia sair às seis e meia – diz Pontus, baixando a voz. – Tens dinheiro para comprar qualquer coisa para poderes esperar cá dentro?

– Um café.

Ele regista o pedido na caixa, Mia paga com uma das notas que Maxwell lhe deu e Pontus vai buscar um copo de café.

Mia come ali quase todas as tardes em que Pontus trabalha. Espera sempre em frente à bomba de gasolina da Circle K até ele sair. Costumam ir chutar uma bola contra uma parede no parque ao pé da estação de

tratamento de águas. Antes falavam de fugirem juntos e viajarem pela Europa, porém, agora que tem uma família, Pontus já não está interessado nisso.

– Como está aquilo de Estocolmo? – pergunta ele.

– Não deu em nada.

– Tu disseste que ela ia recorrer.

– Nunca o chegou a fazer – diz-lhe, sentindo as orelhas a aquecerem.

– Mas porque é que...

– Não sei – interrompe-o.

– Não fiques chateada comigo.

– Desculpa, só queria que ela tivesse sido sincera. Eu gostava dela e acreditei que o que me disse era verdade – confessa Mia, virando-se para que Pontus não veja que tem o queixo a tremer.

– Ninguém é sincero. Tu és?

– Quando me convém.

– Mas não estás apaixonada por mim.

– Para ser sincera, acho que nem sou capaz de me apaixonar – responde ela, olhando de novo para ele. – Mas, se me apaixonasse, seria por ti, já que és a única pessoa com quem gosto de estar.

– Mas vais para a cama com os *rappers*.

– Não vou nada.

– Não confio em ti – diz ele a sorrir.

– Podemos fazer sexo, se é isso que queres.

– Sabes bem que não é isso.

Mia pega no copo de café, senta-se a uma mesa e olha para a estrada movimentada.

Bebe o café lentamente e, pouco depois, o chefe vai-se embora. Dois minutos mais tarde, Pontus pousa um saco na mesa de Mia e diz que volta dentro de meia hora.

– Obrigada – agradece, e sai para o ar da tarde.

Uma carrinha suja de caixa aberta vira para o parque de estacionamento e para junto à entrada do restaurante. Mia atravessa a luz vermelha dos faróis traseiros e passa por cima de um pequeno relvado. Como de costume, senta-se num bloco de cimento junto a alguns contentores do lixo, ao lado da bomba de gasolina, e olha para dentro do saco. Tira com cuidado o copo de *Coca-Cola*, pousa-o no chão, põe o saco de batatas fritas em cima do joelho e desembulha o papel que envolve o hambúrguer. Como está com fome, Mia engole um pedaço tão grande que sente uma espécie de espasmo na garganta e tem de esperar um pouco até poder continuar a comer.

Um veículo de carga entra no posto de abastecimento e passa lentamente à frente da bomba. Por trás dos vidros, a cabina está estranhamente escura. É como se o camião não tivesse condutor. Um dos espelhos laterais foi arrancado e pende de alguns cabos.

Mia é encandeada pelos faróis quando o camião dá a volta e começa a avançar em direção a ela. Bebe um pouco de *Coca-Cola* e pousa novamente o copo no chão.

O veículo pesado põe-se à frente dela e tapa a luz da bomba de gasolina com o alto atrelado. Range ao parar e o motor desliga-se. No interior do atrelado, uma corrente oscila e tilinta ao bater contra a estrutura de aço que sustenta a cobertura de lona. Os travões chiam, mas o condutor permanece sentado. Talvez tenha parado ali para dormir.

Mia sacode alguns pedaços de alface da parca.

A porta do outro lado da cabina abre-se e ela ouve o condutor descer, respirar fundo e começar a caminhar na direção da bomba de gasolina.

Os restos de uma garrafa partida brilham na valeta quando um carro dá a volta à rotunda.

Mia mete batatas fritas na boca e ouve os passos a afastarem-se. Ao baixar-se para pegar no copo, repara em qualquer coisa no chão, mesmo por



baixo da cabina. É uma carteira cheia de notas que o condutor deve ter deixado cair ao descer do camião.

Aprende a não hesitar. Mete o resto do hambúrguer no saco e põe-se de cócoras ao lado do camião, junto às rodas da frente. Consegue ver parte de um eixo de transmissão sujo. Cheira a poeira da estrada e a óleo. Olha para as bombas e para a loja iluminada com as casas de banho ao lado. Não há sinais de movimento.

Rasteja para baixo do camião, arrasta-se para a frente, estica o braço e agarra a carteira no preciso instante em que ouvem os passos do condutor. A gravilha crepita contra o asfalto sob a sola dos sapatos.

Ela fica completamente imóvel, de barriga para baixo e com os pés de fora. Assim que ele se sentar no assento do condutor, ela lança-se para fora e corre por entre os contentores até chegar ao passeio. Tem a respiração demasiado acelerada e o pulsar do sangue a atroar-lhe nos ouvidos.

Agora ouvem-se passos ao lado dela. A ideia de ter caído numa armadilha vem-lhe à mente no preciso instante em que alguém lhe agarra as pernas e a puxa para fora com tanta força que ela esfolia o queixo no asfalto.

Mia tenta levantar-se, mas recebe uma pancada violenta entre as omoplatas e fica sem ar. Agita as pernas convulsivamente, dá um pontapé no copo de *Coca-Cola* e algumas pedras de gelo vão parar debaixo do camião.

Sente um joelho pesado nas costas antes de ele lhe agarrar os cabelos e puxar a cabeça para trás. Ouve o seu próprio grito cessar ao mesmo tempo que sente o rosto ficar gelado. Com a boca a arder, Mia perde os sentidos.

Quando acorda, está completamente escuro. Encontra-se maldisposta e sente pancadas estranhas pelo corpo. De alguma forma, percebe que está deitada no chão do atrelado do camião.

Cheira a carne podre.

Tem a boca amordaçada de tal forma que os cantos estão esticados ao máximo. Apesar de não conseguir mover-se, tenta espernear, contudo, está demasiado fraca e perde novamente os sentidos.

Pamela sai do ateliê de arquitetura às dez para as seis, tranca a porta e começa a descer a Olof Palmes Gata no ar quente da tarde. Dentro de vinte minutos, vai encontrar-se com o chefe e com um cliente importante no restaurante Ekstedt.

Ela sabe que a sua vigilância desde que foi ameaçada começa a roçar a paranoia. Porém, neste preciso instante, a sensação de estar a ser observada provoca-lhe um arrepio ao longo das costas. Os passos e o som dos motores são opressivos.

Cruza-se com uma jovem de calções de ganga com franjas que está a ser repreendida ao telemóvel. A respiração e a resposta arrependida dela passam muito perto do seu ouvido.

– Só te amo a ti...

Pamela finge virar-se para segui-la com o olhar e vê um homem novo com óculos de sol azuis a observá-la e a levantar a mão como se fosse acenar. Ela vira-se para frente. Ao longe, ouve-se uma sirene e uma espécie de tufo de penugem rola ao longo da estrada.

Apressa o passo enquanto observa o jovem pelo reflexo das montras no outro lado da rua. Ele segue-a não de muito longe.

Pamela pensa na fotografia de Mia, na *vodka* a desaparecer pelo ralo abaixo, no sonho em que alguém a ofuscava com uma lanterna. Sabe que talvez esteja a imaginar que o homem a segue, mas mesmo assim decide mandar parar o próximo táxi livre.

Do lado de fora da porta das traseiras de um restaurante, há beatas de cigarros e tabaco para mascar no passeio. Um pombo afasta-se a esvoaçar.

Apesar de o semáforo estar verde para os carros, Pamela atravessa a Sveavägen a correr e os condutores buzina demoradamente. Algumas pessoas param a fim de a seguirem com o olhar. Passando rapidamente pelo

Urban Deli, entra na rua estreita que termina na porta para o túnel por baixo do Brunkebergsåsen.

A respiração de Pamela está agora mais acelerada. Ao empurrar a porta com a mão, vê o homem refletido no vidro. Entra apressadamente na passagem deserta, ouvindo a porta oscilar para trás e para a frente até parar. O longo túnel é arredondado como o buraco feito por um verme, com os lados revestidos por placas de metal abauladas e amarelas e um teto prateado. Os seus passos apressados ecoam entre o chão de mosaico e as paredes.

Ela devia ter escolhido outro caminho.

Pamela ouve alguém entrar no túnel, olha por cima do ombro e vê a porta mover-se para trás e para a frente.

A pessoa atrás dela surge como um vulto contra o vidro riscado.

O túnel vira agora para a esquerda, e a pessoa deixa de conseguir vê-la enquanto não chegar à curva. A saída está a duzentos metros e uma luz esbatida atravessa as portas de vidro. Pamela passa por cima da ciclovía e detém-se junto à parede. Ouve a pessoa que a segue começar a correr. Ouvem-se os ecos abafados dos passos rápidos.

Pamela procura na mala o gás pimenta de Mia, encontra a embalagem e rasga-a com as mãos trémulas. Fica a olhar para lata de *spray*, tentando perceber como funciona.

Os passos aproximam-se depressa e uma sombra avança. O homem dá a volta à esquina com os óculos de sol na cabeça. Pamela move-se rapidamente para o lado e estende a mão com a lata à sua frente. Assim que ele vira o rosto, ela pressiona o *spray*.

Atingido pelo *spray* avermelhado diretamente na cara, o homem grita, leva as mãos aos olhos, cambaleia para trás e bate com as costas na parede de chapa. A mala que traz cai ruidosamente no chão.

Pamela vai atrás dele, sempre a pressionar o *spray*.

– Pare – grita ele, tentando afastá-la com uma mão.

Deixa cair a lata no chão e dá-lhe um pontapé entre as pernas. Ele cai de joelhos, depois tomba para o lado e fica deitado a gemer, com as mãos nos genitais. Tem o rosto completamente vermelho-sangue. Pamela pega no telemóvel, tira-lhe uma fotografia e envia-a para si mesma.

Uma mulher na casa dos setenta aproxima-se e arqueja de medo ao ver a cara do homem.

– É só tinta – diz Pamela.

Apanha a mala dele do chão, encontra a carteira, olha para o documento de identidade, tira uma fotografia e envia-a também para si mesma.

– Pontus Berg – conclui ela. – Queres explicar-me porque é que me estavas a seguir, antes que eu chame a Polícia?

– É a Pamela Nordström, certo? – geme o homem.

– Sim.

– Alguém levou a Mia – diz ele, sentando-se com um suspiro.

– Como assim? De que é que estás a falar? – pergunta ela, sentindo um arrepio nas costas.

– Parece um disparate, mas tem de acreditar em mim quando...

– Diz de uma vez o que aconteceu – interrompe-o, levantando a voz.

– Eu liguei cinco vezes para a Polícia de Gävle, mas ninguém me ouve. Estou no registo deles por causa de uma série de merdas... Não sabia o que fazer, tipo, ouvi dizer que houve merda com o pedido de acolhimento, mas a Mia disse que você se preocupava com ela e por isso pensei que...

– Diz-me porque é que achas que alguém levou a Mia – atalha ela. – Compreendes que isto é muito, muito sério?

O rapaz levanta-se, sacode a roupa e pega desajeitadamente na mala.

– Foi ontem à tarde. Saí do trabalho e ia ter com ela... Costumamos encontrar-nos atrás de uma bomba de gasolina que fica mesmo ali ao pé.

– Continua – diz Pamela.

– Mas quando lá cheguei, quase fui atropelado por um camião que ia a sair... E quando virou para a estrada 76, a lona levantou-se... uma das correias tinha-se soltado e... eu consegui ver o interior do atrelado, só por alguns segundos, mas tenho quase a certeza de que a Mia estava lá caída no chão.

– No camião?

– Em todo o caso, eram as roupas dela, aquele casaco militar que tem sempre vestido... E eu sei que vi uma mão com corda preta à volta, aqui assim, à volta do pulso.

– Meu Deus – murmura Pamela.

– Era demasiado tarde para correr atrás do camião e gritar, ou o que quer que pudesse fazer... e eu também não conseguia perceber bem o que tinha visto, mas quando cheguei àquela coisa de cimento onde a Mia se costuma sentar à minha espera, estavam lá os restos da comida e o copo de *Coca-Cola* vazio caído no chão... E agora já passaram vinte e duas horas e ela não atende o telemóvel, e também não voltou para o centro de acolhimento.

– Contaste isto tudo à Polícia?

– Bem, eu tinha tomado a minha medicação, que estava a começar a bater naquele preciso instante... Não sou viciado, tenho receita e tudo, mas fico um bocadinho estranho, tipo, na primeira hora – diz, passando a mão pela boca. – Eu sei que arrasto um bocadinho a voz e me perco no que estou a dizer... Mas quando telefonei outra vez, era bastante óbvio que eles já tinham visto no registo que a Mia fugiu várias vezes de lugares diferentes... Disseram só que ela ia de certeza aparecer alguns dias depois, quando o dinheiro acabasse. Eu não sabia o que fazer, percebo o que é que isto parece do ponto de vista deles, e então pensei que, tipo, a Polícia a ouviria a si se falasse com eles.

Pamela pega no telemóvel outra vez e liga a Joona Linna, do Departamento Nacional de Operações da Polícia.

## 43

São dez e meia da noite quando o carro chega aos arredores de Gävle. Ao telefone, Pamela falou a Joona da polaroide de Mia e da ameaça que vinha escrita no verso.

Sem a repreender por não lho ter contado antes, Joona pediu-lhe que descrevesse a fotografia, a caligrafia e a palavras usadas na mensagem.

Durante todo o caminho, Pontus contou a Joona tudo o que viu e respondeu pacientemente às perguntas que ele fez sobre cada detalhe. Pontus manteve o mesmo relato, e era evidente que se encontrava agitado e se preocupava realmente com Mia.

– A Mia é a tua namorada? – pergunta Joona.

– *I wish* – responde ele, com um sorriso no canto dos lábios.

– Ele costuma cantar-lhe por baixo da janela – diz Pamela.

– Isso explica tudo – brinca Joona.

Pamela esforça-se por manter uma conversa normal, apesar de sentir um aperto no coração. Tenta convencer-se a si mesma de que, em breve, tudo se revelará um mal-entendido e que Mia já terá voltado para o centro Storsjögården.

– Tenho de tirar a tinta da cara antes de ir para casa.

– Pareces o Homem-Aranha – diz-lhe Pamela, conseguindo esboçar um sorriso.

– A sério? – pergunta Pontus.

– Não – responde Joona, virando para o parque de estacionamento junto ao posto de abastecimento ao lado do Burger King.

A faixa vermelha em torno do telhado plano ilumina a escuridão baça. O parque de estacionamento está deserto e poeirento.

Joona sabe que muito em breve descobrirão se Mia Andersson foi raptada ou não. Se o tiver sido, trata-se provavelmente do mesmo

perpetrador. Nesse caso, porém, o seu *modus operandi* mudou.

Começou por enforçar Fanny Hoeg e fazer com que parecesse um suicídio. Catorze anos depois, correu um grande risco ao matar Jenny Lind num espaço público. E agora rapta uma terceira mulher na tentativa de silenciar uma testemunha ocular.

Joona pensa que a ameaça a Pamela e Martin é uma peça que redefine todo o *puzzle*. Agora, o assassino surge subitamente como afetivo. Nesse caso, o homicídio não é frio, mas antes uma ação emotiva.

Seja como for, algo desencadeou uma mudança: está mais ousado e mais ativo. Talvez esteja a dirigir-se conscientemente para sua própria ruína, mas ao mesmo tempo faz tudo para que não o parem.

Há uma boa testemunha ocular do rapto de Jenny Lind. Uma colega da escola encontrava-se quarenta metros atrás do camião e foi capaz de descrever a cobertura de lona azul e a matrícula polaca. Ela viu um homem robusto, com o cabelo preto ondulado até aos ombros, óculos de sol e um sobretudo de cabedal com uma mancha cinzenta nas costas, que fazia lembrar chamas ou folhas de salgueiro.

Quando Joona, Pamela e Pontus saem do carro, o ar noturno está quente e cheira a gasolina. Um autocarro passa na rotunda e os faróis varrem o asfalto manchado.

- A Mia costuma sentar-se naquela coisa de cimento – afirma Pontus.
- E tu vieste dali – diz Joona, apontando com o dedo.
- Sim, atravessei por cima da relva, passei por aqueles atrelados todos e parei ali ao fundo precisamente quando o camião ia a sair.
- E ele virou naquela direção, para a E-4.
- O mesmo caminho por onde nós viemos – confirma Pontus.

Entram na loja do posto de abastecimento, onde há prateleiras com guloseimas, frigoríficos, máquinas de café, bolos e rolos de salsicha em expositores de vidro.



Joona abre o botão superior do *blazer*, tira a carteira e mostra a identificação à rapariga da caixa.

– Joona Linna, do Departamento Nacional de Operações da Polícia – diz. – Vou precisar de alguma ajuda sua.

– OK – responde a mulher, com um sorriso interrogativo.

– Também quero ser polícia – murmura Pontus.

– Precisamos de aceder às vossas câmaras de vigilância – diz Joona.

– Mas eu não sei nada sobre isso – declara a mulher, corando.

– Suponho que têm um contrato com uma empresa de alarmes.

– A Securitas, acho eu... mas posso telefonar ao meu chefe.

– Por favor.

Ela pega no telemóvel, procura o número na lista de contactos e liga.

– Não atende – declara, segundos depois.

Pamela e Pontus vão com Joona para trás do balcão. A rapariga cruza o olhar com o de Pontus e baixa os olhos. O comissário olha para o monitor que está ao lado da caixa. Oito pequenas imagens reproduzem o que cada câmara de vigilância capta em tempo real. Duas delas encontram-se dentro da loja, quatro estão a apontar para as bombas, uma para o posto de lavagem automática e outra para o parque de atrelados.

– É preciso um código? – pergunta Joona.

– Sim, mas não sei se tenho autorização para o dar, sabe?

– Eu telefono para a companhia de alarmes.

Joona marca um número e explica a situação ao operador da Securitas. Assim que a sua identidade é verificada, recebe ajuda para fazer o *login*. Seleciona uma das câmaras minimizadas e a imagem surge imediatamente em ecrã inteiro.

Entre um pilar que sustém o telhado plano e uma bomba de limpa-vidros, veem-se os contentores do lixo azuis e um dos mastros de bandeira. Nenhuma outra câmara está virada nessa direção.

Joona puxa a gravação para trás até ao momento em que Mia desapareceu, e Pontus inclina-se para a frente.

Um vulto entra na imagem do lado esquerdo. É uma rapariga com o cabelo pintado de cor-de-rosa e azul, uma parca militar grande e botas pretas.

– É ela, é a Mia – diz Pamela, engolindo em seco.

Mia tem uma expressão pensativa e caminha lentamente. Ao passar pelas bombas, fica completamente tapada, mas volta a aparecer quando se senta no bloco de cimento. Pousa cuidadosamente no chão o copo de *Coca-Cola*, afasta o cabelo da cara, tira o hambúrguer do saco e desembulha o papel.

– Não sei porque é que ela se senta sempre ali quando come – diz Pontus em voz baixa.

Mia olha para a estrada, enfia umas batatas fritas na boca, dá outra dentada no hambúrguer e depois vira o rosto para a entrada. É ofuscada durante alguns segundos pela luz de uns faróis, que faz brilhar o contentor azul atrás dela. Pega no copo de *Coca-Cola*, bebe e depois pousa-o no chão, ao mesmo tempo que um camião entra e a oculta por completo.

Pamela junta as mãos e, em silêncio, pede a Deus para que nada de mal aconteça a Mia, e que tudo isto não passe de um mal-entendido.

O veículo para e o ar à frente do radiador estremece com o calor.

Mia já não aparece em nenhuma câmara.

Como a cabina do condutor fica escondida por detrás de bombas e mangueiras, mal se consegue perceber a porta a abrir-se e alguém a descer. Veem-se apenas as calças de fato de treino pretas e largas do condutor quando ele dá a volta ao veículo.

Há qualquer coisa a reluzir no chão debaixo do camião.

Pouco depois, o homem aparece, passa pela cabina, vai até ao semirreboque e bate com força na cobertura com uma mão. O tecido de

*nylon* abana. Ele move-se ligeiramente para o lado e, de súbito, veem-se-lhe as costas. No sobretudo de cabedal preto, há uma mancha que faz lembrar chamas cinzentas.

– É ele – diz Joona.

O homem sobe novamente para a cabina, liga o motor, carrega algumas vezes no acelerador para aumentar a pressão nos travões e depois põe o veículo em movimento. O camião dá a volta e sai da área da bomba de gasolina.

Mia desapareceu.

O copo com *Coca-Cola* tombou e há pedras de gelo a brilhar no asfalto.

– Foi ele quem matou a Jenny Lind? – pergunta Pamela, com a voz trémula.

– Sim – responde Joona.

Pamela não consegue respirar e tem de sair de trás do balcão. Vai contra uma estante, deitando ao chão pacotes de guloseimas, sai para o ar da noite e dirige-se ao bloco de cimento onde Mia estava sentada. Não consegue organizar os pensamentos. Não compreende porque é que ele levou Mia, visto que Martin não falou com a Polícia.

Pouco depois, Joona sai e para ao lado de Pamela. Ficam os dois a olhar para a rotunda e os edifícios industriais iluminados.

– Lançámos um alerta nacional – informa Joona.

– Tem de ser possível localizar o camião – exclama ela.

– Estamos a tentar, mas desta vez ele leva um grande avanço.

– Parece duvidar de que o alerta seja suficiente.

– Não é – responde ele.

– Então tudo depende do Martin – conclui Pamela, como que para si mesma.

– Não temos quaisquer pistas técnicas, o criminoso não pode ser identificado através dos vídeos de vigilância e não há mais nenhuma

testemunha ocular.

Pamela respira fundo e tenta manter a voz firme.

– E se o Martin vos ajudar, a Mia morre.

– A ameaça é para levar a sério, mas também mostra que o assassino está convencido de que o Martin será capaz de o identificar.

– Mas há uma coisa que não percebo: o que é que vocês fariam se não tivessem encontrado o Martin? Vocês são polícias, não são? Tem de haver outra maneira. ADN, o computador de bordo do camião, este vídeo que vimos... Sei lá, não quero parecer mal-educada... mas façam a merda do vosso trabalho.

– É o que estamos a tentar fazer.

Pamela desequilibra-se e Joona segura-lhe o braço.

– Desculpe, estou só revoltada.

– Eu compreendo, não há problema.

– Tem mesmo de falar com o Martin.

– Ele viu o homicídio do princípio ao fim.

– Sim – reconhece ela com um suspiro.

– Podemos fazer um interrogatório secreto na ala psiquiátrica... sem polícias à vista e sem qualquer contacto com os meios de comunicação.

O sol esconde-se atrás das nuvens e a sala de estar da Unidade 4 escurece de repente. Martin está sentado no sofá a olhar para baixo e tem as mãos apertadas uma na outra entre as pernas. Pamela está ao seu lado com uma chávena de chá na mão.

Joona avança lentamente até à janela e olha para o edifício de tijolo com a entrada das ambulâncias e as urgências psiquiátricas.

Erik Maria Bark chega-se para a frente na poltrona, debruça-se sobre a mesa baixa e tenta reter o olhar de Martin.

– Não me lembro de nada – murmura Martin, olhando na direção da porta.

– Chama-se...

– Desculpe.

– A culpa não é tua. Chama-se amnésia retrógrada e é comum numa PSPT complexa – explica Erik. – Mas se receberes a ajuda adequada, vais começar a lembrar-te e a falar outra vez. Já o vi acontecer imensas vezes.

– Ouviste? – pergunta Pamela, em voz baixa.

– A hipnose talvez soe um pouco esotérica, mas não passa de um estado natural que consiste no relaxamento e na concentração interior – continua Erik. – Já explico como funciona na prática, mas o princípio básico é que ponhas de lado uma grande parte da atenção que prestas ao mundo que te rodeia, mais ou menos como quando vais ao cinema... mas na hipnose dirigimos a atenção para dentro, em vez de acompanharmos o filme... e é essencialmente isso.

– OK – murmura Martin.

– E quando estiveres relaxado desta forma de que estou a falar, vou ajudar-te a começar a organizar as tuas memórias.

Erik observa o rosto tenso e pálido de Martin. Sabe que a hipnose pode tornar-se muito assustadora para ele.

– Vamos fazê-lo juntos, tu e eu – diz Erik. – Vou acompanhar-te o tempo todo e a Pamela vai estar aqui. Podes virar-te para ela e falar com ela a qualquer momento... ou simplesmente interromper a hipnose, se quiseres.

Martin balbucia qualquer coisa ao ouvido de Pamela e depois olha para Erik.

– Ele quer tentar – diz Pamela.

Erik Maria Bark é especializado em Psicotraumatologia e Psiquiatria de Catástrofe. Pertence a uma equipa que tenta ajudar pacientes com traumas e perturbações pós-traumáticas graves. Na verdade, está de sabática para escrever uma obra de referência exhaustiva sobre a hipnose clínica, mas abriu uma exceção quando o seu amigo Joona lhe pediu ajuda.

– Martin, deita-te de costas no sofá para eu te explicar o que se vai passar – pede Erik.

Pamela muda de lugar enquanto Martin descalça as pantufas e se deita com a nuca apoiada no braço do sofá, num ângulo desconfortável.

– Joona, podes correr as cortinas, por favor? – pergunta Erik.

Ouve-se o som das argolas a raspar no varão de madeira e a sala mergulha numa ligeira penumbra.

– Tenta pôr-te numa posição mais confortável. Coloca uma almofada por baixo do pescoço – diz Erik a sorrir. – As pernas não devem estar cruzadas e os braços têm de estar em repouso ao lado do corpo.

As cortinas oscilam um pouco e depois ficam imóveis. Martin está deitado de costas a olhar para o teto.

– Antes da hipnose propriamente dita, vamos fazer alguns exercícios de relaxamento. Tenta atingir um ritmo respiratório constante e mantém-no.

Erik começa sempre com um relaxamento normal que, pouco a pouco, conduza à indução e a uma hipnose profunda. Nunca diz ao paciente

quando é que passa de um estado ao outro. Por um lado, porque não existem limites absolutos entre os dois; por outro, porque é muito mais difícil se o paciente estiver à espera da transição ou se tentar ter consciência da mudança.

– Pensa na parte de trás da tua cabeça, sente o peso e a almofada quase a fazer pressão para cima – diz Erik com um tom de voz calmo. – Descontraí o rosto e as faces, o maxilar e a boca... Sente as pálpebras a ficarem mais pesadas cada vez que respiras. Deixa descair os ombros e repousa os braços no sofá, as tuas mãos tornam-se moles e pesadas...

Erik percorre calmamente todas as partes do corpo, procura sinais de tensão com o olhar, regressa várias vezes às mãos, nuca e boca.

– Respira lentamente pelo nariz, fecha os olhos e sente o peso das pálpebras.

Erik tenta não pensar que a vida de uma rapariga está em jogo e que precisam de conseguir uma descrição detalhada do autor do crime. Estudou o caso, viu o vídeo em que Martin aparece perto do parque infantil e percebeu que ele viu o homicídio do princípio ao fim. Está tudo armazenado na memória episódica do cérebro. A dificuldade será retirar uma descrição coerente daquilo que ele observou, porque o próprio trauma vai oferecer resistência.

A voz de Erik torna-se cada vez mais monótona à medida que repete o quão repousante e calmo tudo está e o quão pesadas as pálpebras de Martin parecem. Depois de terminar os exercícios de relaxamento, passa à indução e tenta fazer com que Martin pare de pensar no que o rodeia, nas coisas que se encontram na sala e naquilo que é esperado dele.

– Ouve apenas a minha voz a dizer-te que estás profundamente relaxado... mais nada é relevante – diz-lhe. – Se ouvires alguma coisa além disso, focas-te mais na minha voz, ficas mais relaxado e mais concentrado no que eu digo.

Uma estreita faixa do céu de verão surge entre as cortinas azul-claras.

– Vou começar a contar para trás. Vais ouvir cada número, e a cada número vais ficar mais relaxado – diz Erik. – Noventa e nove... noventa e oito, noventa e sete.

Erik observa a barriga de Martin, segue os movimentos respiratórios lentos e conta ao ritmo deles, abrandando um pouco.

– Sentes-te extremamente confortável e escutas a minha voz com atenção... Imagina que estás a descer umas escadas e, a cada número que ouves, desces um degrau e sentes-te mais calmo e com o corpo mais pesado. Cinquenta e um... cinquenta, quarenta e nove...

Erik sente um formigueiro de prazer no ventre quando mergulha Martin num profundo repouso hipnótico, próximo da catalepsia.

– Trinta e oito, trinta e sete... Continuas a descer as escadas.

Martin parece dormir, mas Erik percebe que ele ouve tudo o que diz. Passo a passo, ambos penetram cada vez fundo num estado delimitado de alerta interior.

– Quando eu chegar ao zero, vais estar a passear com o teu cão na Sveavägen e viras junto à Escola de Economia, na direção do parque infantil – diz Erik num tom monótono. – Estás calmo e descontraído, podes observar sem pressa e contar-me o que vês... não há aqui nada de perigoso ou ameaçador.

Os pés de Martin saltam.

– Cinco, quatro... três, dois, um, zero... estás a andar sobre o pavimento de pedra, passas o muro e vais para a relva.



O rosto de Martin permanece imóvel, como se ele já não estivesse a ouvir a voz de Erik. Está deitado no sofá com os olhos fechados. Na escura sala de estar, todos o observam. Joona está em pé, de costas para a janela, e Pamela está sentada na poltrona com os braços à volta do corpo.

– Já contei até zero – relembra Erik, inclinando-se para a frente. – Estás em cima do relvado... ao lado da Escola de Economia.

Martin abre um pouco os olhos. O olhar cintila sob as pálpebras pesadas.

– Estás profundamente relaxado... e podes contar-me o que estás a ver neste preciso momento.

A mão direita de Martin move-se ligeiramente, os olhos voltam a fechar-se e a respiração torna-se mais lenta. Pamela olha interrogativamente para Erik, e Joona está completamente imóvel.

Erik observa a expressão apática de Martin e pergunta-se sobre o que o estará a refrear. É como se lhe faltasse a força para dar o primeiro passo. Mesmo assim, decide começar a dar ordens dissimuladas a Martin, sugestões formuladas como comandos.

– Estás ao lado da Escola de Economia – repete ele. – Estás totalmente seguro aqui e se quiseres... conta-me o que estás a ver.

– Está tudo a brilhar na escuridão – diz Martin em voz baixa. – A chuva está a bater contra o guarda-chuva e faz a erva restolhar.

A sala está completamente silenciosa. Todos parecem sustar a respiração.

Há cinco anos que Martin não falava de forma tão coerente. Pamela fica com lágrimas nos olhos, pois já não acreditava que ele ainda fosse capaz de o fazer.

– Martin – diz Erik – Foste passear com o cão ao parque infantil, a meio da noite...

– Porque é a minha responsabilidade – afirma, abrindo estranhamente a boca.

– Passear o cão?

Martin faz que sim com a cabeça, dá um passo em frente e fica parado sobre a relva molhada. Debaixo do guarda-chuva, o ruído é ensurdecedor.

O rafeiro quer seguir em frente, a trela fica esticada e Martin vê a própria mão erguer-se ligeiramente.

– Conta-me o que vês – diz Erik.

Martin olha em seu redor e, no escuro, vê uma mulher sem-abrigo na subida para o Observatório.

– Está uma pessoa ali em cima no passeio... com um monte de sacos num carrinho de compras.

– Agora olhas para o parque infantil – diz Erik. – E vês exatamente o que está a acontecer, sem te assustares.

Martin começa a respirar mais superficialmente e surgem-lhe gotas de suor na testa. Pamela olha inquieta para ele e cobre a boca com a mão.

– Respiras devagar e escutas a minha voz – diz Erik, sem forçar o ritmo.  
– Não há qualquer perigo e tu estás totalmente seguro aqui. Leva o tempo de que precisares e... conta-me o que vês.

– Ali mais à frente, há uma casa de brincar vermelha com uma pequena janela, e a água escorre do telhado para o chão.

– Mas ao lado da casa veem-se escorregas – diz Erik. – Baloios, uma estrutura para trepar e...

– As mães estão a ver os filhos brincar – murmura Martin.

– Mas é de noite... A luz vem de um candeeiro de rua – explica Erik. – Agora largas a trela e aproximas-te do parque...

– Passo por cima da relva molhada – diz Martin. – Vou até à casa vermelha e paro...

Por entre a chuva, Martin vê vagamente o parque à luz fraca do candeeiro. As gotas pesadas fazem borbulhar a poça de água que tem diante dos pés.

– O que vês? O que está a acontecer? – pergunta Erik.

Martin olha para a casa e vê as cortinas com flores na janela escura. No preciso instante em que vai dirigir o olhar para estrutura para trepar, tudo fica negro.

– De que cor é a estrutura para trepar?

Martin ouve o ruído rítmico das gotas a bater no guarda-chuva, porém não vê absolutamente nada.

– Não sei.

– De onde estás, consegues ver a estrutura – diz Erik.

– Não.

– Martin, estás a olhar para uma coisa difícil de compreender – continua Erik. – Mas não tens medo e contas o que vês, mesmo que seja apenas um pequeno fragmento.

Martin abana lentamente a cabeça, os lábios empalideceram e o suor corre-lhe pelas faces.

– Está alguém no parque infantil – diz Erik.

– Não há nenhum parque infantil – responde Martin.

– Então o que vês?

– Só escuridão.

Erik pergunta-se se não haverá realmente algo a tapar-lhe a vista. Talvez esteja a segurar o guarda-chuva num ângulo que o impeça de ver em frente.

– Mas há um poste de luz lá ao fundo.

– Não...

Martin fita a escuridão, inclina o guarda-chuva para trás e sente a água fria da chuva escorrer-lhe pelas costas.

– Olha para a casa outra vez – tenta Erik.

Martin abre os olhos cansados e fica a olhar fixamente para o teto. A poltrona range quando Pamela se mexe.

– Ele fez um tratamento de ECT, e eu acho que isso afeta a memória – diz ela em voz baixa.

– Quando? – pergunta Erik.

– Anteontem.

– OK.

Erik pensa em como é muito comum que a expressão linguística da memória episódica se deteriore imediatamente após a ECT. Porém, nesse caso, ele devia procurar ilhas de memória enevoadas, em vez de estar simplesmente mergulhado na escuridão.

– Martin, deixa que as recordações venham à superfície e não te preocupes com a escuridão que há entre elas... sabes que estás à frente do escorrega, das escadas de corda e da estrutura para trepar... mas se não os estás a ver agora, talvez estejas a ver outra coisa.

– Não.

– Vamos aprofundar o relaxamento... Quando eu tiver contado até zero, vais abrir a memória a todas as imagens que associas a este lugar... Três, dois, um... zero.

Martin está prestes a dizer que não vê nada, quando se apercebe de um homem alto com algo estranho na cabeça. Está de pé, no escuro, a alguns passos do círculo desenhado pela luz fraca do candeeiro. Aos pés dele, estão dois meninos sentados no chão lamacento.

Subitamente, ouve-se um tiquetaque metálico, como quando se dá corda a um brinquedo mecânico. O homem vira-se para Martin. Tem uma cartola na cabeça e veste roupas de um antigo programa infantil. Da aba da cartola

pende uma cortina de teatro de veludo vermelho que, por estar corrida, esconde o rosto do homem. Farripas de cabelo grisalho aparecem sob a franja da cortina. Ele começa a caminhar na direção de Martin com passos indecisos.

– O que estás a ver? – pergunta Erik.

Martin respira mais depressa e abana a cabeça.

– Conta-me o que estás a ver.

Martin faz um movimento amplo com o braço como se estivesse a tentar defender-se de um golpe, cai do sofá e bate pesadamente no chão com um baque. Pamela dá um grito, mas Erik já está ao pé dele e ajuda-o a voltar para o sofá. Martin ainda está hipnotizado. Os olhos estão abertos, mas virados para o interior.

– Não há problema, correu tudo bem – diz Erik, tranquilizando-o. Depois apanha a almofada do chão e põe-na debaixo da cabeça de Martin.

– O que é que aconteceu? – sussurra Pamela.

– Fecha os olhos e relaxa – prossegue Erik. – Não há qualquer perigo, estás totalmente seguro aqui... Vou retirar-te da hipnose passo a passo e, quando o tiver feito, vais sentir-te bem e repousado.

– Espera um pouco – diz Joona. – Pergunta-lhe porque é que ele era responsável por ir ao parque infantil.

– Sou eu que quero que ele passeie o cão – responde Pamela.

– Mas eu quero saber se, naquela noite, alguém o fez ir precisamente naquela direção – insiste Joona.

Martin balbucia qualquer coisa e tenta sentar-se.

– Deita-te outra vez – diz Erik, exercendo pressão com a mão no ombro dele. – Relaxa o rosto, escuta o que eu digo e respira lentamente pelo nariz... Lembras-te de que falámos sobre tu teres ido até ao parque infantil quando estavas a passear o cão à noite... e disseste que era a tua responsabilidade.

– Sim...

Um sorriso tenso esboça-se nos lábios de Martin e as mãos começam a tremer.

– Quem é que te disse que tinhas de ir naquela direção?

– Ninguém – murmura Martin.

– Alguém te tinha falado do parque antes de lá teres ido?

– Sim.

– Quem?

– Foi... o Primus. Ele estava sentado na cabina telefónica... a falar com o Caesar.

– Queres... contar o que eles estavam a dizer?

– Disseram várias coisas.

– Ouviste-os aos dois?

– Só o Primus.

– E o que disse ele, exatamente?

– «Isso já é de mais» – diz Martin num tom sombrio, e depois cala-se.

Os lábios movem-se, mas só se ouve um murmúrio débil. De repente, abre os olhos, olha cegamente em frente e repete as palavras de Primus.

– «Eu sei que disse que queria ajudar, Caesar... mas ir até ao parque infantil e serrar as pernas da Jenny enquanto está pendurada a espernear...»

Martin interrompe-se com um grito atormentado, levanta-se a cambalear, derruba o candeeiro, dá alguns passos e vomita no chão.

Joona atravessa rapidamente o corredor na companhia de uma auxiliar, aguarda enquanto ela introduz o seu código num leitor de cartões e depois entra com ela na área administrativa.

A conduta de ventilação vibra por cima do teto falso.

É evidente que Martin ouviu mais do que foi capaz de transmitir, mas o pouco que veio à tona talvez seja o essencial.

Algo se agita no coração de Joona, como quando remexemos em brasas quase apagadas e o fogo se ateia de novo. A investigação entrou numa nova fase. De um momento para o outro, passaram a ter dois nomes ligados ao homicídio.

Nenhum dos funcionários com quem Joona falou se lembra de um paciente chamado Caesar na unidade de Psiquiatria, mas Primus Bengtsson esteve internado sete vezes nos últimos cinco anos.

Enquanto segue a mulher ao longo de um segundo corredor, idêntico ao primeiro, Joona pensa na situação complicada de Martin.

Os pacientes não podem ter os telemóveis consigo na ala psiquiátrica, mas existe uma cabina telefónica comum. Por mero acaso, Martin ouviu Primus a falar ao telefone com Caesar sobre o que fariam com Jenny Lind. Por isso, tinha o dever de tentar salvá-la. Como a sua síndrome obsessiva não lhe permitia contar o que ouvira, foi obrigado a ir ao parque infantil para tentar impedir o homicídio. Contudo, quando lá chegou, apenas conseguiu ser uma testemunha paralisada: ficou de pé à chuva, como que congelado, enquanto Jenny era executada diante dos seus olhos.

A auxiliar conduz Joona através do refeitório do pessoal. A luz do sol inunda as mesas, revelando as marcas secas do pano da louça. As cortinas azul-claras com a bainha suja oscilam com o ar condicionado. Continuam

por outro corredor com um quadro branco na parede e caixas de papel de impressão num carrinho de carga.

– Truz-truz – diz a auxiliar, fazendo o gesto contra uma porta fechada.

– Obrigado – agradece Joona, batendo à porta e entrando de seguida.

O chefe do serviço de Psiquiatria, Mike Miller, encontra-se sentado à secretária em frente ao computador. Está a ler descontraidamente quando Joona se apresenta.

– Introduzíamos isto no lobo frontal, através da órbita, com um martelo – diz ele, apontando para um instrumento emoldurado na parede, que faz lembrar um picador de gelo fino com o espeto metálico graduado.

– Até meados dos anos sessenta – acrescenta Joona.

– Eles tinham acabado com os métodos antiquados e viviam no mais moderno dos tempos... tal como nós agora – diz o médico, inclinando-se para a frente.

– Vocês trataram o Martin com ECT.

– É de facto um pouco lamentável se vocês realmente acreditam que ele testemunhou um homicídio.

– Sim, mas ele foi capaz de indicar um outro paciente vosso como estando diretamente implicado no crime.

– Sob hipnose? – pergunta Mike, erguendo as sobrancelhas com um ar divertido.

– Primus Bengtsson – diz Joona.

– Primus – repete o psiquiatra, quase inexpressivamente.

– Ele está cá agora?

– Não.

– Visto que se suspeita do seu envolvimento num homicídio, o sigilo médico deixa de ser válido – declara Joona.

Com uma expressão séria, Mike tira uma caneta do bolso do peito e olha para Joona.



– Como posso ajudá-lo?

– Diz que o Primus teve alta? Isso significa que está saudável?

– Isto não é um serviço de psiquiatria forense – responde Mike. – Quase todos os pacientes estão aqui por vontade própria... por isso, é óbvio que, em princípio, damos alta aos que querem ter alta, mesmo quando sabemos que acabarão por voltar. São seres humanos, têm direitos.

– Preciso de saber se o Primus estava aqui na clínica ou se teve alta em três períodos concretos – diz Joona, indicando a seguir as datas em que Jenny Lind desapareceu e em que foi assassinada, e o dia em que Mia desapareceu.

Mike toma nota num *post-it* amarelo, e os dois ficam em silêncio enquanto ele faz *login* e procura nos ficheiros do computador. Ao fim de um momento, pigarreja e declara que Primus não se encontrava na clínica em nenhuma das três datas.

– Não tem nenhum álibi da nossa parte – conclui.

– Mas ele está cá com muita frequência.

O médico desvia o olhar do computador e recosta-se na cadeira de secretária. A luz do sol que entra pela janela bate obliquamente no seu rosto magro, acentuando-lhe as rugas numerosas.

– Devido a psicoses recorrentes. É uma situação bastante cíclica... Ele costuma querer ficar uma ou duas semanas... depois de uns meses fora, começa a desleixar-se com a medicação e volta para cá.

– Preciso da morada dele, número de telefone e assim.

– Sim, mas, tanto quanto sabemos, ele não tem uma morada fixa...

– E número de telefone, moradas alternativas, contactos?

O médico afasta uma taça com uma rosa flutuante, vira o ecrã para Joona e mostra-lhe as linhas vazias do formulário de contactos.

– A única coisa que sei é que ele costuma visitar a irmã Ulrike... por quem tem uma grande fixação.

– Em que sentido?

– É capaz de passar horas a falar do quão bonita é, da sua forma de se mover, entre outras coisas.

– Alguma vez tiveram um paciente ou um funcionário chamado Caesar?

– pergunta Joona.

O médico anota o nome, enche as bochechas de ar, faz duas pesquisas no computador e abana a cabeça.

– Fale-me do Primus.

– Não sabemos nada da vida privada dele, mas, além das psicoses, foram-lhe diagnosticadas síndrome de Tourette e coprolalia – responde ele.

– É violento?

– A única coisa que ele faz quando cá está é falar de fantasias sexuais extremamente exageradas e bizarras.

– Envie-me o relatório dele – pede Joona, deixando um cartão de visita.

Dirige-se depois para a porta, detém-se e olha mais uma vez para o médico. Os olhos encovados transmitem um certo comedimento.

– O que é que não me está a dizer? – pergunta.

– O que não lhe estou a dizer – repete Mike com um suspiro. – Não está no relatório, mas comecei a interrogar-me se, na verdade, o Primus não acreditará nas suas próprias palavras e se o que consideramos serem provocações obsessivas não se tratará de uma imagem exagerada de si mesmo... o que, nesse caso, apontaria para uma variante extrema de uma perturbação de personalidade narcisista.

– Considera-o perigoso?

– A maior parte das pessoas acha-o terrivelmente desagradável... e se a minha assunção estiver correta, ele pode sem dúvida tornar-se perigoso.

Joona sai do gabinete com uma forte sensação de que a caça começou. Apressa-se ao longo do corredor até à receção, pega no telemóvel e lê uma mensagem da sua equipa.

Primus Bengtsson não se encontra em nenhum registo policial. Como não tem nenhum telefone registado, não é possível localizá-lo através das chamadas. Não tem uma morada fixa, mas a irmã vive em Bergvik, na comuna de Södertälje.

Os vídeos das câmaras de vigilância do posto de abastecimento em Gävle foram analisados, porém revelaram apenas que é possível determinar o modelo do camião. Não se pode excluir a possibilidade de Primus ser o condutor, mas, ao mesmo tempo, é impossível confirmá-lo.

Apesar do alerta nacional, não há qualquer rasto de Mia. No entanto, se encontrarem Primus, não é impossível que ela esteja com ele.

Joona sai do elevador para o ar quente. A caminho do carro, telefona a Tommy Kofoed, que pertenceu à Comissão Nacional de Homicídios até se ter reformado há dois anos. Kofoed ouve e vai anuindo com «hum-hum» taciturnos enquanto Joona lhe fala do caso, de Mia Andersson e do que descobriram durante a hipnose.

– Não me parece que Primus seja o autor do crime, mas está envolvido de alguma forma no que aconteceu no parque infantil – conclui ele.

– Parece-me um bom progresso – murmura Kofoed.

– Estou a caminho da NOA para falar com a Margot sobre os recursos de que preciso, mas quero que se dê imediatamente início à investigação.

– Claro.

– A irmã é o único ponto de referência fixo que o Primus tem... Desculpa ter de te pedir, mas será que podias ir até lá e manter-me informado?

– Faço qualquer coisa para não ter de me encontrar com os meus netos.

Já é de noite quando Joona estaciona à frente da entrada principal da Direção Nacional da Polícia, passa pelas portas de vidro e corre para os elevadores. Acabou de informar Aron sobre o novo desenvolvimento e ambos decidiram abordar Margot juntos.

Percorre apressadamente o corredor do oitavo andar da sede da Polícia. O ar que desloca ao passar agita os papéis afixados num quadro.

Aron já está à espera à porta do gabinete de Margot.

– O Primus não está nos nossos registos – diz-lhe Aron. – Mas encontrei precisamente a irmã dele, Ulrike, no registo de investigação.

– Por que motivo? – pergunta Joona.

– Ela é casada com Stefan Nolic, que faz parte de um clube de motociclismo com atividade criminosa.

– Bom trabalho.

Joona bate à porta, abre e entra acompanhado de Aron. Margot tira os óculos de leitura e ergue o olhar para eles.

– A investigação entrou numa nova fase e temos um padrão bastante assustador – declara Aron. – Este assassino ainda não acabou. Ele rapta raparigas e mantém-nas presas até as executar.

– Eu soube da rapariga em Gävle – diz Margot.

– Mia Andersson – informa Aron, mostrando uma fotografia. – Provavelmente, será ela quem vamos encontrar da próxima vez.

– Eu sei – responde Margot.

– Mas voltando à Jenny Lind – começa Joona, sentando-se numa das poltronas. – Agora sabemos que o Martin Nordström foi ao parque infantil porque ouviu um paciente da mesma unidade psiquiátrica a falar ao telefone sobre o homicídio antes de ter acontecido.

– E foi lá para ver ou o quê? – pergunta Margot.

– Ele tem uma doença mental. Ouviu a conversa por acaso e sentiu-se obrigado a ir lá para impedir o homicídio, mas ficou paralisado.

Margot recosta-se na cadeira.

– Já identificámos o indivíduo que estava a falar ao telefone? – pergunta ela.

– Sim, chama-se Primus Bengtsson e estava a falar com alguém chamado Caesar – responde Aron, sentando-se na outra poltrona.

– E detivemos esse Primus?

– Ele já tinha tido alta e não tem nenhuma morada – informa-a Joona.

– Mas que merda – diz Margot, soltando um longo suspiro.

– Por enquanto, o Caesar não passa de um nome, mas achamos que ele tentou convencer o Primus a ajudá-lo com o homicídio – diz Aron.

– Estamos a falar de dois assassinos? – pergunta Margot.

– Não é possível saber. Na maior parte das vezes, os assassinos em série agem sozinhos, mas por vezes têm um seguidor, passivo ou ativo – responde Joona.

– Mas estamos a falar de homicídios em série? – questiona ela.

– Sim.

Ouve-se um bater cuidadoso na porta.

– É verdade, eu pedi ao Lars Tamm que viesse cá ter – informa Aron.

– Porquê? – pergunta Margot.

– O Primus está frequentemente na casa da irmã, Ulrike, que consta no registo de investigação por causa da sua ligação a um clube de motociclismo com atividade criminosa.

Batem de novo à porta, quase inaudivelmente.

– Entra – grita Margot.

Lars Tamm espreita para dentro como se esperasse uma agradável surpresa. Tem o rosto repleto de manchas de pigmentação e as sobrancelhas

são brancas. É procurador-chefe da Unidade Nacional contra o Crime Internacional e Organizado desde a sua fundação.

Entra cautelosamente na sala, cumprimenta todos com um aperto de mão e senta-se na cadeira livre.

– O que sabes do clube de motociclismo? – pergunta Joona.

– São conhecidos simplesmente como O Clube e são uma sociedade criminosa violenta que se estabeleceu na Suécia, na Dinamarca e na Alemanha – responde ele. – O marido da Ulrike, Stefan Nicolic, é um dos elementos mais influentes no seio do ramo sueco e... o que mais posso dizer... O Clube tem ligações aos Tyson, que controlam o tráfico de estupefacientes à volta do Järvaåltet, e aos Roadrunners polacos.

– E em que tipo de negócios estão envolvidos? – pergunta Margot.

– Clubes de jogo ilegais, lavagem de dinheiro, mercado paralelo de crédito, cobrança de dívidas, tráfico de armas e de uma série de drogas.

– E tráfico de pessoas, não?

– Que nós saibamos, não... mas claro que há prostituição e...

Joona sai da sala, avança um pouco pelo corredor e tenta telefonar a Kofoed, mas vai parar diretamente ao *voice mail*. Envia-lhe então uma mensagem de texto sobre a ligação de Stefan Nicolic a O Clube e pede que lhe ligue de volta assim que puder. Depois, volta para o gabinete de Margot.

– Mas quão bem informados estão vocês? – pergunta Aron, levantando-se. – Ou seja, é possível que o Primus faça parte d'O Clube sem nós sabermos?

– O Clube pertence à categoria de crime organizado a que chamamos autodefinidora... cada um escolhe o tipo de relação que tem com eles, mas muitas vezes são precisos vários anos para alguém se tornar um membro de pleno direito... no entanto, ao mesmo tempo, a camada inferior da hierarquia é muito numerosa.

– Então ele talvez pertença à camada inferior?

– Se tiver alguma coisa para oferecer – responde Lars.

Joona tenta telefonar outra vez a Kofoed e ouve o sinal de chamada. Quando está prestes a desligar, ouve-se um estalido e depois um zunido.

– Começo a perceber o que é ter um pai polícia – responde Kofoed em voz baixa.

– Preciso de ir aí salvar-te? – pergunta Joona, saindo novamente da sala.

Kofoed dá uma gargalhada abafada.

– Então... ainda não sei nada do Primus – anuncia. – Mas a Ulrike está no rés do chão, e primeiro achei que ela estava sozinha em casa, mas depois pareceu-me ver outra pessoa... esperei e agora acabei de conseguir tirar-lhe uma fotografia... a qualidade da imagem é péssima, mas parece ser a Mia Andersson.

– Envia-me a fotografia e mantém-te à distância. Tem cuidado – pede Joona.

– OK.

– Tommy? Leva a sério o que te estou a dizer.

– Há dois anos que não me divertia tanto.

O sinal de mensagem toca, Joona abre-a e olha para a fotografia da casa de Ulrike. Vê uma fachada vermelha revestida de tábuas horizontais, com os caixilhos das janelas brancos. A madeira está rachada e a tinta a lascar. Numa janela, vê-se uma jovem mulher em meio perfil. Joona amplia a imagem, mas a resolução é muito má. Observa a forma do rosto e a luz sobre a ponta do nariz. É possível que seja Mia, tal como Kofoed disse. Não podem excluir a possibilidade de a terem encontrado.

Joona volta para o gabinete de Margot com o telemóvel na mão e interrompe o relato de Lars Tamms.

– Ouçam – pede. – Eu pus o Tommy a vigiar a casa da Ulrike e...

– Não devia estar surpreendida – comenta Margot.

– E ele acabou de me enviar esta fotografia – diz Joona, dando-lhe o telemóvel.

– Quem é que é suposto eu ver aqui? – pergunta ela, pondo os óculos.

Aron põe-se atrás dela e debruça-se sobre o telemóvel.

– Pode ser a Mia Andersson, não pode? Não há dúvida de que se parece com ela – afirma.

– Podemos dar a fotografia aos técnicos – diz Joona. – Mas se for realmente a Mia, não vai lá ficar muito tempo porque essa vivenda só pode ser um ponto de passagem.

– Invadimos imediatamente o local – sugere Aron.

– Tenho de discutir o assunto com o Serviço de Inteligência Criminal e a Polícia de Segurança.

– Discutir? – repete Aron, levantando a voz. – Então depois podes ir cortar os cabos de aço quando tirarmos o corpo mutilado da Mia do...

– Cala-te – atalha Margot, pondo-se de pé. – Eu compreendo a gravidade da situação. Isto deixa-me bastante perturbada e não estou para aceitar mais raparigas mortas, mas se decidirmos intervir, as coisas têm de ser feitas como deve ser.

– Mas se ficarmos sentados à espera...

– Não vamos ficar sentados à espera. Não é o que estou a dizer, ou é? Não vamos esperar – diz ela ríspidamente, passando depois as costas da mão pela boca. – Joona, o que achas? O que fazemos?

– Temos de enviar agentes para lá imediatamente e, ao mesmo tempo, preparar uma operação.

– OK, é o que vamos fazer – confirma Margot. – Vocês os dois metam-se num carro e vão até lá enquanto eu falo com Força Nacional de Intervenção.



Joona abotoa o corta-vento por cima do colete à prova de bala e põe a sua *Colt Combat* num envelope almofadado da UPS. Aron está sentado em cima de uma pilha de paletes e balança uma perna nervosamente.

São onze e oito da noite e o céu escureceu. Estão três carros na penumbra do parque de estacionamento inclinado, à frente do edifício da Södertälje Elektriska Lda.

Margot Silverman elevou a operação ao estatuto de incidente especial, embora os técnicos da NOA não tenham conseguido confirmar que a jovem mulher fotografada por Kofoed seja Mia Andersson.

Já chegaram dois dos nove operacionais da Força de Intervenção Nacional. Estão à espera atrás de uma carrinha ferrugenta de caixa aberta, com o nome da empresa Franzéns Rör escrito na parte traseira. Dizem chamar-se Bruno e Morris, são quase tão altos como Joona e ambos vestem calças de farda azuis e camisolas polares. Bruno tem a cabeça rapada e a barba loura; Morris tem cabelo curto e escuro, as faces vermelhas e um crucifixo pendurado num fio ao pescoço.

Joona detém o comando da operação e comunica constantemente com Margot e com o centro de comando. Porém, todos estão com muita dificuldade em avaliar a situação. Não foi avistada nenhuma outra pessoa além de Ulrike e da jovem mulher, mas a casa é grande e só foi vigiada de um lado.

– O nosso principal objetivo é resgatar a mulher que poderá ser a Mia Andersson – diz Joona. – A nossa segunda missão é deter o Primus, se ele se encontrar no local, e levá-lo para ser interrogado.

Está escuro junto aos carros estacionados no asfalto inclinado, mas não muito longe há um candeeiro de zinco na fachada verde-menta do edifício. Os quatro homens reúnem-se no círculo de luz debaixo do candeeiro e

olham para o mapa. Joona recapitula a operação e indica o trajeto de entrada, o ponto de encontro e o sítio em que a ambulância estará. Depois, põe uma planta da casa por cima do mapa e aponta para as portas da rua, a entrada e as restantes divisões do piso térreo.

– As escadas são problemáticas – afirma Morris.

– Mas temos de subir aos pares mesmo que sejam estreitas – diz Joona.

– Concordo – responde Bruno, cofiando a barba loura.

Estão à espera dos outros sete operacionais da Força Nacional de Intervenção. Com espingardas de precisão, três deles ocuparão posições estratégicas no exterior da casa. Todos os restantes formarão a unidade que vai inspecionar a casa em simultâneo.

Aron deixa cair o telemóvel, que bate ruidosamente contra o asfalto ao lado da pilha de paletes. Apanha-o rapidamente e verifica se o vidro está intacto. Morris examina os carregadores da sua espingarda automática para confirmar que todas as munições são *full metal jacket*, e depois tira a mira do saco de desporto.

– Mas que porra – resmunga ele, apontando a lente para a luz. – Tenho uma merda qualquer na mira.

– Deixa-me ver – pede Bruno.

– Uma gosma qualquer – diz o outro.

– Se calhar dá para fumar – sugere Bruno.

Os dois costumam fazer piadas sobre como Morris era antes de ter ganhado juízo e se ter tornado polícia. Quando não conseguia arranjar haxixe, tentava fumar tudo, desde fios de banana a cogumelos amanita-mata-moscas. Certa vez, misturou noz-moscada ralada com aguarrás e secou a pasta no forno.

Joona abre um envelope e distribui fotografias de Mia Andersson, de Primus, de Ulrike Bengtsson e do marido, Stefan Nolic.

– O Nicolic é considerado muito perigoso e anda sempre armado... Foi investigado pela morte de um colega nosso, alvejado na própria cama no ano passado.

– Ele é meu – diz Morris.

– Têm acesso fácil a armas pesadas – continua Joona, tirando do bolso o telemóvel a vibrar. – Tenho de atender, é o Kofoed.

Quando atende, ouve o som de algo a raspar e alguém a respirar junto ao microfone.

– Ouves-me? – pergunta Kofoed com a voz abafada. – Chegou um carro à casa. Agora mesmo, uma carrinha fechada com vidros escurecidos parou na entrada e ficou ali... Como não estou lá muito bem posicionado, não consigo ver se alguém saiu nem o que está a acontecer.

– Fica onde estás – ordena Joona, e desliga a chamada.

– O que é que ele disse? – pergunta Aron.

– Chegou uma carrinha fechada à casa. Devem estar a pensar levar a Mia agora – responde Joona, e contacta novamente o centro de operações.

Enquanto fala com eles sobre os novos desenvolvimentos, repara que os dois operacionais da Força Nacional de Intervenção estão a sussurrar nervosamente um com o outro. Os olhos de Morris brilham, e as faces e as orelhas estão vermelhas. Ele sopra a sujidade da base Picatinny e encaixa a mira. A luz do candeeiro de zinco preso à parede incide obliquamente nos ombros largos e nas costas de Bruno. Aron mete uma saqueta de tabaco para mascar debaixo do lábio superior.

– Ouçam – ordena Joona aos três. – A Margot quer que entremos imediatamente.

– O resto da equipa está quase a chegar – diz Morris.

– Eu sei, mas o centro de operações pondera o risco de Mia Andersson ser levada para a carrinha... O bloqueio das estradas está atrasado e eles querem evitar a todo o custo uma perseguição de carro.

– Que merda – lamenta Morris, com um suspiro.

– A ordem que temos é para dar imediatamente início à operação – repete Joona.

– OK, que se lixe – diz Bruno, virando-se para Morris com um olhar tranquilizador.

– Eu e o Aron entramos pela porta da frente, vocês os dois bloqueiam a entrada com o carro e dão-nos cento e vinte segundos antes de irem atrás de nós. Nada de granadas de atordoamento e nada de gritos, mas estejam preparados para fogo de retaliação.

– A equipa está aqui em vinte minutos – insiste Morris.

– Vá lá, nós não temos vinte minutos – afirma Aron, levantando a voz. – Vamos deixá-los desaparecer com esta miúda e depois encontrá-la enforcada daqui a uns anos?

– Temos ordens explícitas para entrar agora – diz Joona, dando a Aron um auricular sem fios. – Assegurem-se de que me ouvem e têm o RAKEL Sistema de radiocomunicação utilizado pela Polícia sueca. (*N. do T.*) no modo direto.

Com o envelope na mão, Joona começa a caminhar em direção à Bergsgatan, acompanhado por Aron.

– Tens uma *Sig Sauer*, não é?

– Da última vez que vi, sim – responde Aron.

– Mantém-na escondida até estarmos dentro da casa.

Os dois operacionais veem-nos desaparecer na escuridão e depois ficar novamente visíveis à luz de um candeeiro de rua mais à frente. Morris dá alguns passos nervosos, apoia-se na fachada verde-menta com as duas mãos e respira fundo várias vezes.

– *I smoke two joints before I smoke two joints* – diz Bruno.

– *And then I smoke two more* – responde Morris, sem sorrir.

– Vamos safar-nos desta – afirma Bruno com a voz abafada.

- Eu sei – diz Morris, beijando o crucifixo.
- Conseguiu tirar a gosma da mira?
- Não tem importância, nem sequer vou precisar de a usar.

Pegam nos sacos com as armas, põem-nos na caixa, entram na carrinha, fazem marcha-atrás e saem do parque de estacionamento.

Em silêncio, Joona e Aron viram à esquerda e começam a subir em direção ao topo da colina. As vivendas do início do século XX aglomeram-se na encosta. Algumas janelas estão iluminadas e a luz dos candeeiros de rua brilha na calçada.

– Quando é que foi a última vez que treinaste isto? – pergunta Joona, saltando por cima de uma trotinete deitada no chão.

– Não é uma coisa que se esqueça – responde simplesmente Aron.

Atravessam a estrada e continuam por uma rua estreita sem saída, com o asfalto fendido. Depois de passarem uma pequena parede rochosa, veem a casa de Ulrike Bengtsson na encosta íngreme. Ergue-se com o seu telhado afilado contra o céu escuro.

Joona pensa na fotografia de Ulrike. É uma mulher alta, na casa dos sessenta, com cabelo louro, *piercings* nas sobrancelhas e braços tatuados. Ulrike e o irmão Primus são parecidos, com os seus rostos esguios e bocas que parecem ter dentes a mais.

Passam pelo último candeeiro, com um cesto de basquetebol improvisado preso ao poste. As sombras alongam-se diante dos dois homens até se fundirem com a escuridão. O único som que ouvem é o rangido dos seus próprios passos.

Há dois caixotes do lixo verdes debaixo de um telheiro e, ao lado do portão, está pendurada uma placa ferrugenta onde se lê Zoo & Tattoo. A carrinha preta está estacionada na rampa da entrada. Vê-se uma luz fraca na janela do quarto no andar de baixo.

Joona avança e bate no vidro negro da carrinha. Aron posiciona-se ao lado da porta traseira, tira a pistola do coldre, destrava-a e mantém-na escondida junto ao corpo. Joona volta a bater, depois dá a volta ao carro e espreita pelo vidro.

– Não está ninguém – diz ele.

Aron trava outra vez a pistola e segue Joona pelas escadas de pedra que conduzem à casa. Sente o suor correr-lhe pelas faces.

Os ramos das árvores movem-se em frente a uma das casas vizinhas e a luz numa das janelas pisca incessantemente.

O coração de Aron bate depressa e oprime-lhe o peito. Sente as têmporas a pulsar e uma tensão estranha nos dentes. Lembra-se das rotinas de todos os treinos que fez, mas nunca participou numa operação tão intensa como esta.

Joona olha para a janela do quarto do andar de baixo. Viu algo mover-se pelo canto do olho, como se um pedaço de tecido preto tivesse caído do telhado.

Sobem as escadas até ao alpendre por baixo da varanda. Joona pressiona o puxador da porta para baixo e empurra.

– Está trancada – sussurra Aron.

Joona abre a sua mochila preta, tira a gazua automática, introduz a ponta no canhão, pressiona o gatilho até todos os pinos se soltarem, põe o tensor e destranca a fechadura.

Abre a porta cinco centímetros e espreita para a entrada escura. Guarda a gazua na mochila, tira uma toalha e um corta-cavilhas, põe a toalha no chão, na fresta da porta, e corta a corrente de segurança. Os pedaços de metal caem silenciosamente em cima da toalha.

– Vamos entrar agora – diz Joona para a unidade de rádio.

Tira a pistola do envelope, destranca-a, deixa a mochila no patamar das escadas e entra. Passam por cima de um par de botas de motociclismo e chegam a um *hall* longo e estreito, com escadas para o andar de cima e a entrada para uma sala de estar.

Ouve-se um arrulho e depois um pássaro a cantar ao longe.

Joona fixa o ângulo da arma e faz sinal para que Aron o siga pelo lado esquerdo. Os olhos habituam-se lentamente à escuridão e Aron espreita para o andar de cima por entre as ripas das escadas. Joona segue em frente e aponta a pistola às roupas escuras que estão penduradas em ganchos ao longo de uma das paredes.

O soalho está coberto por uma camada de penugem de ave e pó fino.

Aron agacha-se e aponta a arma para o espaço escuro por baixo das escadas, de onde vem um pequeno som de algo a raspar. A pistola começa a tremer-lhe na mão. Qualquer coisa reluz tenuemente. Ele julga ver um movimento lento e desloca o dedo do guarda-mato da pistola para o gatilho. Fica sem fôlego ao ser surpreendido por uma grande ave preta que sai a voar do escuro. O pássaro colide com o candeeiro de teto apagado, bate ruidosamente na parede e voa para outra divisão.

Aron endireita-se com a arma apontada para o chão e tenta recompor-se e respirar mais devagar. Foi por pouco que não disparou. Joona olha para ele sem desviar a pistola da porta à sua frente.

Alguns pequenos pássaros voam pelo *hall* com um roçar de asas e sobem para o andar de cima.

– Que raio de sítio é este? – sussurra Aron, limpando o suor dos olhos.

– Concentra-te.

Aron acena com cabeça, levanta a arma e aponta-a para a porta. Quando avança, as tábuas do chão rangem sob os seus pés. Em cima de uma secretária estão umas quantas chaves de roquete enferrujadas. Joona faz sinal a Aron para se manter junto à parede da esquerda.

Os arrulhos dos pássaros saem da sala de estar mesmo em frente.

\*



No preciso momento em que Joona os informou de que ele e Aron iam entrar na casa, Bruno e Morris viraram para a Byggmästaregatan. A carrinha enferrujada avançou a ranger e parou à frente dos caixotes do lixo, atravessada na rua para bloquear a saída.

– Isto não me agrada, não me agrada nada – confessa Morris.

– Estamos a fazer o nosso trabalho – diz Bruno, engolindo em seco.

– E depois? Não podemos revistar o andar de cima e a cozinha ao mesmo tempo sem nos separarmos...

– Tem calma – diz Bruno. – O Joona quer que fiquemos atrás quando ele entrar, isso é óbvio. Para começar, cagamos no andar de cima, não há outra maneira. Revistamos divisão a divisão e protegemos a retaguarda.

– Eu sei, e até percebo. Só queria ter esperado pelo resto da equipa.

– Já passaram cento e vinte segundos.

Morris tenta sorrir e finge dar uma passa num charro antes de sair do carro.

Passam lentamente pelos caixotes do lixo e sobem a encosta em direção à casa. Quando já não podem ser vistos de nenhuma janela, pousam os sacos no passeio do jardim, põem rapidamente os capacetes e tiram cada um a sua espingarda automática da *Heckler & Koch*. Correm silenciosamente para a casa e sobem as escadas até à porta da frente.

Bruno ajusta o auricular, abre a porta e aponta a arma para as escadas escuras. Morris entra e inspeciona a parede com as roupas penduradas e a porta para a sala de estar. Tudo está silencioso e imóvel.

Antes de fechar a porta da entrada, Bruno espera que Morris reviste o vão das escadas. Dejetos de ave escorreram pela treliça, misturaram-se com penugem e depositaram-se ao longo da trave longitudinal. Por curiosidade, Bruno toca com o cano da espingarda numa formação solidificada. Pedacos secos caem no chão.

– Talvez se possa misturar com aguarrás e fumar – diz Morris em voz baixa.

Ajoelha-se, dirige a arma para a escuridão por baixo das escadas e arrepende-se de não ter montado a lanterna da espingarda antes de entrar.

A janela está tapada por cortinas opacas e a ampla sala de estar encontra-se mergulhada numa penumbra acinzentada. Há pássaros empoleirados ou meio adormecidos na mesa de bilhar e outros chilreiam junto ao teto.

Joona e Aron avançam, lentamente, a quatro metros de distância um do outro. O chão range ligeiramente. Joona segue em frente com cautela, olha para Aron e depois agacha-se a fim de espreitar para debaixo da mesa.

Quando esteve na carreira de tiro pela última vez, detetou um problema na alimentação de munições da pistola. Ao chegar a casa, mudou a mola recuperadora para evitar uma falha durante um tiro, mas ainda não teve oportunidade de a testar.

Ao mesmo tempo que Aron entra, Joona revista o lado esquerdo da sala. Pequenas penas e pó rodopiam no ar e ele repara que Aron fixou o olhar num papagaio amarelo que está a trepar pelo escuro candeeiro de teto. Demorar-se demasiado em diferentes detalhes é perigoso.

Aron estende a mão esquerda e remove uma penugem branca do rebordo da mesa de bilhar.

Algures lá dentro, há uma luz acesa.

Seguem em frente e passam por um fogão de sala iluminado. Cascas de sementes estão acumuladas em montículos no chão e, misturadas com penas e dejetos, formam taludes contra a parede.

– Alguém se passou um bocado – murmura Aron.

Um papagaio verde anda às voltas em cima de um carrinho de chá de latão, entre garrafas de bebidas alcoólicas, decantadores e copos.

Enquanto aponta a arma para os dois lados, Aron sente um medo de morte crescer-lhe no estômago como uma sensação de mal-estar. Olha para os movimentos suaves de Joona, que se mantém junto à parede com a

pistola apontada para frente, numa linha perfeita na direção do corredor. O soalho envernizado range sob o peso dos dois, e depois faz-se silêncio total quando pisam a carpete verde do corredor.

Joona vê as cortinas de uma janela a agitarem-se ligeiramente e percebe que Bruno e Morris fecharam a porta da rua ao entrar.

– Revistem a cozinha, o corredor de serviço e a sala – diz-lhes ao microfone.

Aponta para um dos quartos onde Kofoed viu a rapariga pela última vez. Os dois avançam devagar para não assustar as aves. Joona faz sinal a Aron para que se mantenha atrás dele na diagonal. Aron limpa o suor do lábio superior. Percebe que tem de vigiar a lavandaria enquanto Joona inspeciona o quarto.

Um pequeno pássaro passa a voar pelo corredor.

Joona estende o braço e empurra a porta com a mão. Assim que entra, vira rapidamente a pistola para a direita e depois para a esquerda. Um enorme espelho está preso ao teto, por cima de uma cama de casal de pinho envernizado. No varão das cortinas, estão empoleirados vários periquitos azul-claros. Na mesa de cabeceira, há um preservativo usado.

A mulher não está lá, a menos que se tenha escondido num dos guarda-fatos dispostos ao longo da parede do lado direito.

Joona olha para trás, vê o rosto pálido de Aron no corredor e espera que ele ocupe a sua posição. Não precisa de se aproximar mais da lavandaria, basta que se ponha do outro lado do corredor.

Um papagaio começa a gritar incessantemente na sala de bilhar.

Aron olha para Joona e acena com a cabeça, continua em frente em direção à porta da lavandaria e detém-se. Uma luz está acesa algures do lado direito. No chão de vinil, há uma espécie de placa de fibra de vidro debaixo da qual aparecem tubos que se ligam às máquinas de lavar e de secar roupa. Na outra parede, há uma cabina de duche em vidro fosco.

Aron desloca-se para o lado, fixando o olhar num espelho com moldura dourada e ornamentada. Uma catatua branca move-se descontraidamente de lado ao pé do duche.

De súbito, o seu coração começa a bater com força, ao ponto de lhe doerem os ouvidos. Pelo espelho, vê uma mulher deitada numa marquesa, imediatamente à esquerda da porta, mas ela ainda não se apercebeu da sua presença. Tem a camisa de noite puxada para cima até ao peito, está nua da cintura para baixo e tem os tornozelos cruzados. O ventre move-se lentamente ao ritmo da respiração.

Aron faz sinal a Joona, sem conseguir desviar o olhar da mulher. Tem o monte de vénus depilado e vermelho por estar a ser tatuado com a imagem de um colibri.

As paredes de plástico do duche rangem levemente. Joona ainda tem a pistola apontada aos guarda-fatos quando se vira para Aron e o vê dar um passo para o interior da lavandaria sem controlar o lado direito da entrada.

Um movimento de ar inesperado faz deslizar pó e penas sobre o chão.

– Aron – diz Joona. – Não podes...

Uma faca crava-se de lado no pescoço de Aron. A ponta sai imediatamente abaixo da orelha. Um jorro de sangue acompanha a lâmina quando a faca é puxada para fora. Ele cambaleia para trás e tosse sangue.

Alguém ri frouxamente, um móvel tomba e ouvem-se passos rápidos a afastarem-se. Joona corre para a lavandaria e examina-a empunhando a pistola. Uma mulher alta, na casa dos sessenta anos, recua com a faca apontada para ele, bate com um ombro na cabina de duche e continua a andar para trás até chegar à parede.

Alguém saiu da lavandaria pela outra porta e correu em direção ao *hall*.

Sem desviar a mira da mulher, Joona consegue aperceber-se de uma marquesa vazia e de uma pequena mesa com tintas de tatuagem. Solicita um helicóptero-ambulância e repete que é urgente porque há um colega

gravemente ferido. Aron senta-se num banco, deixa cair a pistola no chão e tosse sangue sobre o peito. Ao procurar apoiar-se com a mão, deita abaixo uma caixa de detergente para a roupa, espalhando o pó branco.

A mulher segura a faca com as duas mãos e olha ora para Joona, ora para Aron. Devia estar escondida no duche quando ele entrou.

– Polícia – diz Joona, em voz baixa. – Pousa a faca no chão.

Ela abana a cabeça e Joona ergue a mão com um gesto tranquilizador. A mulher tem a respiração acelerada e tenta cerrar os lábios sobre os dentes tortos.

– Ulrike, ouve-me – diz ele, aproximando-se lentamente. – Preciso de saber quem é que está na casa para ninguém se magoar.

– O quê?

– Pousa a faca no chão.

– Desculpa – murmura ela e, confusa, baixa a faca.

– Quantas pessoas estão...

Com um movimento oblíquo ascendente, Ulrike investe com a faca contra a parte lateral do tronco de Joona. É um ataque inesperado e potente. Ele contorce-se e vê a lâmina golpear-lhe o corta-vento ao passar como a ponta de uma seta reluzente.

Joona agarra-lhe o braço com a mão esquerda, parte-lhe a clavícula com a coronha da pistola e passa-lhe uma rasteira que a faz tombar de costas no chão.

Morris sente a boca seca ao atravessar a sala de bilhar em direção à porta da cozinha, seguido por Bruno. Precisam de entrar na cozinha e revistá-la sem perderem de vista o *hall*. Ele tem a espingarda automática erguida e o dedo no gatilho. O ponto vermelho da mira coincide sempre com o alvo.

Algumas aves levantam voo do chão e vão para o *hall*.

Morris e Bruno ouviram a curta ordem transmitida pela unidade de rádio. Jooná solicitou um helicóptero-ambulância porque Aron foi gravemente ferido.

Asseguram-se rapidamente de que não há ninguém à esquerda e à direita, e a seguir Morris entra numa cozinha espaçosa com pavimento de mosaico cinzento-escuro. A máquina de lavar louça é branca e tem a porta aberta. Ao lado do fogão, está uma jarra com espátulas de plástico preto e dois pequenos pássaros brancos comem migalhas de pão em cima do balcão.

Bruno olha para Morris através da porta e faz-lhe sinal para esperar e aproximar-se com cuidado.

Um papagaio cinzento com as penas da cauda vermelhas está pendurado de cabeça para baixo no candeeiro por cima da mesa da cozinha.

Ouvem-se pancadas surdas vindas do outro lado da casa. Uma mulher berra e, no instante seguinte, a voz de Jooná regressa aos auriculares.

– Há dois homens com armas pesadas na casa – informa Jooná. – Repito, há...

Ouve-se um grande estrondo vindo da sala e, logo a seguir, a carrinha de Morris e Bruno explode em frente ao edifício. Sentem na garganta o impacto da onda de choque, as janelas vibram e todas as aves levantam voo. Sobre a estrada, chovem pedaços de chapa e partes do motor. Um pneu cai

com um baque na encosta e afasta-se aos saltos. Paira no ar uma nuvem de fumo e poeira.

Tudo o que resta da rampa da entrada é uma cratera e uma porta da carrinha.

Morris respira calmamente, continua a avançar pela cozinha e sente as pontas dos dedos frias por causa da adrenalina. Viu apenas um breve clarão através de uma das janelas, mas sabe que um canhão sem recuo foi disparado a partir do interior da casa.

A porta da sala moveu-se alguns centímetros.

Os papagaios grandes voltam aos seus lugares. Canários cruzam o ar num roçar de asas.

– Tenho de levar o Aron lá para fora. Conseguem proteger a passagem?  
– questiona Joona nos auriculares.

Por gestos, Morris diz a Bruno que acha que o atirador se encontra na sala e que tem a intenção de forçar a porta. Bruno abana a cabeça e faz-lhe sinal para se abrigar, vigiar a entrada e esperar.

Morris humedece os lábios com a língua e, em vez de fazer o que Bruno lhe recomendou, dá um passo cuidadoso em frente. A escuridão parece pulsar no interior da sala de estar.

Quando ele se aproxima, as aves movem-se nervosamente em cima do frigorífico. Morris repete para si mesmo que tem de parar o homem com o canhão para que não abata o helicóptero. Avança em direção à porta como se estivesse em transe. O ponto vermelho da mira estremece na fresta escura da porta, à altura do peito. Atrás dele, Bruno diz qualquer coisa em voz alta e Morris apercebe-se de um movimento pelo canto do olho.

Um homem com ombros robustos, barba entrançada e uma caçadeira sai do seu esconderijo ao lado do frigorífico. Morris é atingido num dos lados da cabeça. O capacete partido bate contra a parede atrás dele e cai no chão com ruído. O sangue salpica as portas dos armários inferiores. O corpo



tomba pesadamente e fica numa posição semissentada contra a máquina de lavar louça aberta.

A maior parte da cabeça de Morris foi arrancada, mas restam ainda um pedaço da parte de trás do crânio e o maxilar inferior descaído sobre o peito.

– Foda-se – diz, ofegante, o homem com a espingarda semiautomática.

Joona arrasta Aron até à sala de bilhar e Bruno volta para a cozinha a passos largos, sentindo as pernas a tremer. Por entre o zumbido que o estrondo lhe deixou nos ouvidos, ouve o canto flauteado dos pássaros.

O homem que saiu de trás do frigorífico está parado a olhar para o corpo de Morris e para o sangue que aspergiu as paredes e os armários. Com a caçadeira apontada para o chão, vira lentamente o olhar na direção da sala de bilhar, ao mesmo tempo que Bruno aperta o gatilho e o sente estremecer em conjunto com a espingarda automática.

As balas *full metal jacket* trespassam o peito e a barriga do homem e partem a janela atrás dele. Os vidros estilhaçam-se num turbilhão e o caixilho fica despedaçado. Só são precisos dois segundos para esvaziar o carregador com trinta tiros. Os cartuchos vazios tilintam contra os mosaicos.

O homem com barba entrançada cai para trás e bate no chão. Uma nuvem de gotículas de sangue fica a pairar no ar.

Bruno recua até à sala de bilhar enquanto desencaixa o carregador vazio. Estava convencido de que tinha a arma no modo de rajadas de três tiros. Com o sangue a pulsar-lhe nos ouvidos, fixa o olhar no capacete desfeito com os restos da cabeça do colega.

– Porra, Morris – diz ele ofegante, tirando um carregador novo.

A porta da sala mesmo em frente é aberta de par em par por um homem com cabelo louro comprido e óculos com armações pretas. Veste calças de

cabedal e um colete verde-escuro à prova de bala. Na mão direita, tem uma *Glock 17*.

Bruno desloca-se para trás, tropeça na carpete verde, cai e bate com a cabeça no rebordo da mesa. O carregador vai parar ao chão com uma pancada surda e desliza para baixo do móvel pesado.

Joona larga Aron, corre ao longo de uma das paredes e coloca-se do lado direito da porta da cozinha.

Bruno rebola para se desviar da linha de fogo, desliza para trás e procura um novo carregador no bolso da perna das calças.

Completamente imóvel, Joona permanece com a pistola apontada para a porta, enquanto um reflexo mais escuro se move na tinta brilhante da ombreira.

Quando Joona amarrou Ulrike a um dos grossos tubos de água, ela revelou que havia dois guarda-costas na casa.

Ele cortou um pedaço da mangueira do chuveiro e introduziu-o na traqueia de Aron, entre as cordas vocais, a fim de criar uma via respiratória relativamente segura. Arrastando-o em cima de um tapete de trapos, saiu da lavandaria e entrou na sala de bilhar no preciso instante em que o tiroteio começou.

Ouve-se o ruído do helicóptero por cima da casa. Há um cheiro intenso a pólvora no ar.

O homem louro com a *Glock* entra na sala de bilhar e fica a olhar para Aron, que está deitado no chão com as mãos à volta do pescoço e o sangue a escorrer entre os dedos. Aponta a arma para a esquerda, mas Bruno escondeu-se atrás da mesa de bilhar.

Joona avança rapidamente por trás do homem, agarra-lhe o pulso na diagonal, puxa-lhe o braço para trás, encosta a sua *Colt Combat* à articulação do ombro e dispara. O corpo estremece, o sangue salpica a parede, o braço afrouxa e a arma cai ruidosamente no chão. O homem grita

de dor, mas Joona puxa-o para o lado pelo braço ferido, vira-lhe o corpo e golpeia-o com o cotovelo esquerdo na face e no queixo.

A pancada é dada com força. A cabeça é projetada para trás, os óculos saem a voar, o suor respinga na mesma direção que o golpe e os dois desequilibram-se para o lado. O homem vai contra a taqueira e cai no chão. Aterra sobre a anca, usa as mãos para amparar a queda e depois cai no chão.

O cartucho vazio descreve um amplo semicírculo ao rolar pelo chão e vai parar ao pé da ponta do nariz do homem.

Bruno acabou de conseguir tirar um novo carregador: insere-o na espingarda e levanta-se por detrás da mesa de bilhar.

Aron encontra-se pálido e suado, inspira dolorosamente através da mangueira e está prestes a entrar em choque circulatório.

Joona revista apressadamente o homem caído no chão, arrasta-o até à janela e prende-o ao radiador. Depois, volta para junto de Aron, olha-o nos olhos tomados pelo pânico, repete que vai ficar tudo bem, agarra no tapete e arrasta-o pelo *hall*. Bruno acompanha-o, verifica rapidamente as escadas e depois mantém a arma apontada na direção da sala de bilhar.

Ouvem-se pancadas pesadas vindas do andar de cima.

O sangue que corre do pescoço de Aron ensopou o tapete, que vai deixando um rasto vermelho brilhante no chão.

Uma pomba branca afasta-se e depois levanta voo ao sentir-se encurralada.

O som ritmado do helicóptero aumenta de intensidade e a janela para o pátio vibra enquanto Joona arrasta Aron para lá das escadas. Por entre o ruído da aeronave, ouvem-se as gargalhadas de uma mulher no andar de cima. Bruno baixa-se, apoia um joelho no chão e aponta a arma para a passagem escura.

– Leva o Aron para fora – diz-lhe Joona, segurando a porta da rua para Bruno passar.

O helicóptero paira sobre o jardim e o estrépito repetitivo do rotor ressoa entre as casas. Poeira e folhas dispersam-se num círculo e as fortes rajadas dobram os arbustos. Entre o jardim e a casa, uma maca está a ser descida com um guincho. Bruno carrega Aron sobre os ombros e sai a correr agachado.

Joona fecha a porta e o som ritmado do helicóptero diminui um pouco.

Na lavandaria, Ulrike grita qualquer coisa e Joona começa a subir as escadas com a pistola apontada para a passagem. Os dejetos secos das aves crepitam sob os seus sapatos.

Segundo a planta da casa, o andar de cima é constituído por uma suíte com uma grande sala de estar, um quarto e uma casa de banho.

Ouve-se novamente o riso arrastado da mulher. Soa como se estivesse a dormir e a sonhar com uma coisa divertida.

Joona continua a subir até ficar com os olhos ao nível do chão e conseguir ver toda a sala de estar. As tábuas envernizadas do soalho estão cobertas de pó e penugem. A porta do quarto está fechada, mas a da casa de banho está entreaberta. Ele vira-se com a arma apontada para a frente. O conjunto de sofás, a televisão e a secretária veem-se entre as ripas do corrimão. Joona continua a subir.

Um odor suave a perfume e fumo paira no ar. Ao mesmo tempo, o rotor acelera: o helicóptero está prestes a partir.

Os últimos degraus rangem sob o peso de Joona. Ele move-se rapidamente, posiciona-se ao lado da porta fechada do quarto e fica à escuta. As dobradiças fazem um ruído ligeiro, como se estivessem a raspar em alguma coisa, quando tenta abri-la com cuidado.

Joona desloca-se para o lado, olha para o interior do quarto escuro e abre um pouco mais a porta, empurrando-a com o cano da pistola. Pestaneja e espera que os olhos se adaptem. Adivinham-se paredes e chão brancos num reflexo desfocado. A forma de uma cama sobressai contra a parede da direita. Em frente a uma janela aberta, um cortinado fino agita-se com o vento, ondulando lentamente. O caixilho da janela range, o gancho raspa no parapeito de metal e uma luminosidade cinzenta entra no quarto.

Um menino com cerca de cinco anos está de pé no meio da divisão, completamente imóvel e com as mãos atrás das costas. Veste apenas umas calças de pijama de seda branca. Os ombros magros e o cabelo penteado captam um pouco de luz. Olha para Joona e respira aceleradamente.

Junto ao teto, voam uns dez canários amarelo-claros. O roçar das asas faz lembrar o som de folhas secas apanhadas por um turbilhão de vento.

As cortinas enfunam-se, deixando entrar mais luz. Joona vê que o quarto está vazio e prepara-se para entrar quando se apercebe de um pé descalço no caixilho da janela: alguém está de pé no lado de fora.

O vento levanta as cortinas e fá-las deslizar ligeiramente no varão, deixando ver uma jovem mulher que subiu para a janela e agora está de pé sobre a base do caixilho, segurando-se com uma mão ao pinázio central e sorrindo com uma expressão sonhadora.

Não é Mia, mas trata-se provavelmente da mulher que Kofoed fotografou. Usa uma camisa de noite branca, e, sobre o monte de Vénus, o tecido está manchado de sangue. As suas pupilas estão tão pequenas que mal se veem.

Joona entra e avança lentamente sobre o soalho pintado de branco, mantendo a pistola apontada para a porta atrás de si.

O queixo da criança começou a tremer.

– Não podes matar a minha mãe – diz ele, por entre a respiração acelerada.

– Não tenho a intenção de matar ninguém – responde Joona. – Mas quero que ela desça da janela antes que caia e se magoe.

– Mãe, ele é simpático.

Ela escorrega no caixilho, tenta recuperar o equilíbrio, bate com força no vidro com qualquer coisa e depois ri-se frouxamente. Inclinando-se para trás agarrada ao pinázio com uma mão, afasta o corpo da fachada da casa. A madeira rachada range.

Só agora Joona repara que ela tem um pequeno revólver na mão livre. Ele aproxima-se devagar.

O cortinado oscila suavemente. A mulher vira-se de novo para o interior do quarto e coça a cabeça com o cano do revólver.

– Com quem estás a falar? – pergunta ela, ensonada.

– Chamo-me Jooná Linna, sou polícia. Estou aqui para te ajudar e quero que atires o revólver para o chão e voltes para o quarto.

– Se me tocas, mato-te – diz ela.

– Ninguém te quer magoar. Vou avançar e ajudar-te a descer.

– Puxa a argola – murmura ela.

Uma pequena cavilha munida de uma argola tilinta ao cair no chão. A cortina enfuna-se e a luz incide sobre o rapaz, que estende uma granada de fragmentação, de fabrico sueco, na direção de Jooná. A mão pálida aperta com força a alavanca flexível. Se a soltar, a granada explode em três segundos e meio.

– Não largues a alavanca – ordena Jooná.

– Não a podes matar – diz o menino, a soluçar.

– Se a soltares, morremos todos.

– Estás só a tentar enganar-me – diz o rapaz, respirando nervosamente.

– Eu sou polícia – declara Jooná, aproximando-se muito devagar. – Só quero que...

– Para – interrompe o menino.

A respiração acelerada da criança faz com que o seu peito plano estremeça ao encher-se de ar. Está demasiado longe para que tenha tempo de o alcançar e tirar-lhe a granada. Jooná olha para a mulher na janela. Tem as pálpebras pesadas e o revólver pende frouxamente da sua mão livre, junto à anca.

– Vá, tem cuidado – pede Jooná ao rapaz, pondo a pistola no coldre por baixo do casaco. – Vamos resolver isto, não há problema. Só tens de continuar a agarrar nisso precisamente como estás a fazer.

– Atira-lhe com ela – murmura a mãe.

– Não faças nada – diz imediatamente Jooná. – Não a podes largar, e sobretudo não a podes mesmo atirar. Se o fizeres, ninguém sobrevive neste quarto.

– Ele tem é medo – diz a mulher a sorrir.

– Não a ouças... a tua mãe não sabe como uma granada de fragmentação funciona. Eu sou polícia e sei que ela nos vai matar a todos neste quarto.

O rapaz começa a chorar e a mão com a granada estremece.

– Atira-a já – sussurra ela.

– Não tenho coragem, mãe...

– Queres que ele me viole e te serre as pernas? – pergunta-lhe com a voz arrastada.

– Eu juro que não vos vou fazer mal – garante Joona.

– Ele mente com quantos dentes tem na boca – diz ela a sorrir, e aponta a pistola à sua própria têmpora.

– Desculpa – diz o menino, e atira a granada.

Joona dá um passo em frente, apanha-a no ar com a mão esquerda, vira-se e lança-a na direção da sala de estar. A granada bate na ombreira da porta e ressalta para dentro da divisão adjacente. Ele atira-se para cima do rapaz a fim de o proteger, ao mesmo tempo que o detonador inflama a carga de hexolite. O enorme estrondo é ensurdecedor. A porta solta-se das dobradiças e é projetada para dentro do quarto; o impacto da onda de choque nos pulmões deixa-os sem ar. São fustigados por poeira e estilhaços de madeira.

Rebolando para o lado, Joona ergue a pistola e aponta-a para a janela. O quarto está repleto de pó e fumo. As cortinas brancas ondulam lentamente contra a escuridão.

A mulher desapareceu.

Joona levanta-se e corre para a janela. Ela está deitada de costas na erva e aponta indolentemente para o céu com uma mão. Dois homens da Força Nacional de Intervenção aproximam-se a correr. A onda de choque projetou-a de costas pela janela e ela caiu através dos ramos da bétula,



aterrando na erva alta. O revólver ficou preso na caleira, no meio das folhas molhadas.

O rapaz põe-se de pé e fica a olhar para as aves ensanguentadas que estão no meio dos destroços da porta e do caixilho.

A onda de calor fez com que as folhas das árvores do parque Vanadislunden escurecessem e se enrolassem sobre si mesmas. Pamela e Dennis caminham lentamente à volta do grande reservatório de água. A poeira do trilho seco sobre a relva envolve-lhes as pernas. Na noite anterior, combinaram encontrar-se ao almoço, e Dennis traz um saco com sandes e sumo de laranja natural.

Um homem magro com uma antiga caixa de chapéus debaixo do braço seguia-os de perto, mas agora Pamela já não o vê.

Sentam-se à sombra num banco de jardim e Dennis dá a Pamela uma sandes embrulhada. Ela agradece e observa o parque aquático mais abaixo, com o escorrega rachado onde se acumularam lixo e folhas enegrecidas. Parece ter sido ontem que ela e Mia andaram de montanha-russa juntas.

O recurso de Pamela foi enviado para o Tribunal Administrativo. Demorou algum tempo a obter todos os certificados e pareceres necessários, mas agora o processo está em curso e é possível que a decisão do Conselho dos Serviços Sociais seja alterada.

A ameaça chegou assim que Martin foi referido pelos meios de comunicação como testemunha ocular, e Mia desapareceu antes de que Pamela tivesse tempo de agir.

Uma angústia paralisante invade-a com frequência quando o seu cérebro começa a imaginar as coisas aterrorizadoras a que Mia deve estar a ser exposta neste momento. Não sabe se tomou a decisão certa ao tentar ajudar a Polícia. E se Mia for castigada por isso?

Ao mesmo tempo, têm de fazer tudo o que for possível para a encontrarem.

Joona Linna diz que Martin é a chave. E a sua transformação sob hipnose foi extraordinária. De repente, foi capaz de falar coerentemente e

recordar fragmentos do que aconteceu no parque infantil.

– Pareces triste – diz Dennis, afastando-lhe uma madeixa da face.

– Estou bem... ou não o estou de todo – contradiz-se ela. – Não estou bem, não suporto a ideia de que ele tenha levado a Mia e, ainda por cima, sei que a culpa é minha.

– Não, a culpa...

– Mas é – interrompe ela.

– Porque é que haveria de ser?

– Porque nós ajudámos a Polícia – responde-lhe.

– Mas foram vocês quem realmente o fez?

– O Martin contou-lhes que ouviu um paciente da ala psiquiátrica falar sobre a Jenny Lind... foi por isso que ele foi até ao parque infantil a meio da noite.

– Estavas presente? Ouviste o Martin dizer isso? – pergunta ele, limpando o canto da boca.

– Sob hipnose – responde ela.

– Eles que vão à merda – diz Dennis, revoltado. – Primeiro, obrigam-no a confessar um homicídio, e agora tentam...

– Mas não foi assim... – interrompe ela. – Foi... não sei explicar. Eles tinham de encontrar a Mia e, de repente, o Martin conseguia falar sob hipnose... Para dizer a verdade, foi inacreditável: ele formulou frases longas.

– Foi um médico que o hipnotizou? – pergunta Dennis, cético.

– Sim, foi.

– O Martin consentiu?

– Claro que sim.

– Mas ele compreendia de que se tratava? Compreendia que não teria controlo sobre as suas próprias palavras, que seria manipulado para que dissesse aquilo que o polícia queria ouvir?

– Mas não foi de todo assim que as coisas se passaram – protesta Pamela.

– OK, ainda bem... Só sou extremamente cético em relação à hipnose. Vi pacientes tornarem-se psicóticos por sentirem que as palavras que lhes saíam da boca não eram suas... e esse sentimento pode surgir várias semanas mais tarde.

– Ninguém nos disse isso.

– Não quero dizer que vai acontecer. Só estou a dizer que há riscos e que talvez os devessem considerar antes de concordarem em fazer mais sessões de hipnose.

– Ninguém falou de o fazermos várias vezes. Tentámos só uma vez, mas ao mesmo tempo... o Martin tem tido mais facilidade em falar mesmo depois da hipnose.

– Mas eu acho que isso está relacionado com o tratamento de ECT.

– Talvez.

Pamela percorre com o olhar os telhados dos prédios com chaminés de ventilação resplandecentes e o ar a estremecer em torno delas. Pensa em como é responsável por Mia, independentemente do que digam. Se não tivesse entrado na vida da rapariga, nada disto teria acontecido.

– É como se estivesses sempre a fechar-te – diz Dennis.

– Desculpa, eu...

– Não tens de pedir desculpa.

Ela pousa a garrafa no chão ao lado do banco e respira fundo.

– Tu conheces-me, eu não sou assim, mas aconteceu tudo ao mesmo tempo e não estava preparada. Andava a beber demasiado e acabei por ir para cama contigo. O que é que se passa comigo?

– Pamela – tenta ele interpor.

– Eu sei que me avisaste, que tentaste parar.

– Porque não queria que te arrependesses – responde ele, pondo a mão sobre a dela. – Eu gosto do Martin, mas é contigo que me preocupo, e que sempre me preocupei.

– Desculpa-me por ter estragado tudo – pede Pamela, retirando a mão.

– Visto de fora, talvez não tenha sido a coisa mais simpática que já fizemos – declara Dennis. – Mas foi humano e compreensível.

– Para mim não. Sinto-me envergonhada e só queria...

– Só que para mim não é assim – interrompe ele. – Não sinto vergonha, porque, para ser sincero, eu sempre fui apaixonado por ti.

– Dennis, eu percebo que devo ter dado sinais ambíguos e assim. É algo que detesto em mim mesma e...

– Para, por favor.

– E sinto-me envergonhada porque não tenho a intenção de deixar o Martin... Se tivesse, seria diferente, mas não parece ser o caso.

Pamela sacode da perna algumas migalhas de pão.

– Respeito o que dizes – responde ele, engolindo em seco. – Mas talvez seja melhor não teres grandes esperanças de que o Martin volte a ser o que era. Com a ECT e a medicação certa, talvez venha a não precisar de estar internado, mas...

– Dennis, eu adoro-te como amigo e não te quero perder.

– Não te preocupes – diz ele, levantando-se.

\*

Pamela está em casa sentada em frente ao computador, a ler artigos sobre a busca de Jenny Lind, publicados logo depois do seu desaparecimento.

Tira os óculos, olha para a janela, contempla os telhados de zinco pretos e vermelhos e pensa novamente na terrível ligação: Mia corre o risco de

morrer por Martin ter tido a infelicidade de testemunhar o homicídio de Jenny Lind.

Jenny já está morta, mas Mia vive.

Tem de acreditar que Mia vai escapar. E vai, desde que o assassino não saiba que estão a tentar ajudar a Polícia. Se cederem à ameaça, ninguém lutará por Mia, e então ela ficará verdadeiramente sozinha. Não tem pais que apareçam na televisão a fazer um apelo que leve todo o país a envolver-se e o Governo a oferecer recompensas.

Pamela experimenta procurar detetives privados suecos na Internet. Nunca pensou que eles realmente existissem, como é natural. Fazem verificações secretas de antecedentes e investigam casos de fraude, espionagem e infidelidade. Todos eles procuram crianças, familiares e amigos desaparecidos.

Vai até à cozinha, abre o armário e olha para a fila de garrafas de bebidas alcoólicas. Se houver algo que possa fazer para salvar Mia, nada a impedirá. Desta vez, não ficará sentada a beber champanhe num *spa*. Prefere morrer a voltar a odiar-se.

Pamela pondera despejar a *vodka* toda no lava-louça, mas depois diz a si mesma que é melhor que as garrafas estejam no armário a devolver-lhe o olhar para que assim a escolha seja ativa.

Senta-se à mesa da cozinha e liga a Joona Linna. Ele atende e Pamela ouve o quão desequilibrada soa ao perguntar-lhe sobre o trabalho que a Polícia está a fazer, se a informação que obtiveram durante a hipnose levou a algum lado e qual é o próximo passo. Ele responde pacientemente a todas as questões e não lhe diz que se acalme, apesar de ela se estar a repetir e de a voz se lhe embargar.

– Peço desculpa por me estar a meter, mas comecei a pensar nos pais da Jenny Lind, em como eram extremamente ativos no início. Apareciam em todo o lado e, de repente, fez-se silêncio total – diz Pamela. – Sempre

presumi que os meios de comunicação tivessem perdido o interesse quando já não acontecia nada de novo e o caso tivesse arrefecido. Bem, é provável que tenha sido o que aconteceu, mas as coisas não deixam de existir só porque os *media* passaram à frente em busca de outras novidades.

– É verdade.

– Pus-me a pensar naquela polaroide da Mia, em como o assassino entrou em contacto comigo antes de a raptar... Vocês têm a certeza de que ele nunca contactou os pais da Jenny Lind? Falaram com eles depois de a Mia desaparecer?

Pamela ouve o comissário mexer-se na cadeira.

– Eles rejeitam qualquer contacto com a Polícia – declara ele. – Eu compreendo-os. Nós não conseguimos encontrar a Jenny e agora ela está morta.

– E se eles não tiverem contado tudo? Afinal o assassino é o mesmo. Imagine que ele também os ameaçou e exigiu que não colaborassem com a Polícia... talvez tenha sido por isso que eles se retiraram.

– Na verdade, investiguei a mesma possibilidade, porém...

– Talvez tenham recebido... desculpe interrompê-lo, mas eles talvez tenham recebido uma fotografia da Jenny pelo correio antes de ela desaparecer. Se calhar nem sequer se aperceberam do texto na parte de trás. As letras eram incrivelmente pequenas.

– O problema é que eles desligam logo a chamada quando nós telefonamos – diz ele. – Não querem ter nada que ver com a Polícia.

– E se eu os contactar? – sugere Pamela antes de ela própria ter tempo de pensar bem nas consequências.

– Acho que vai dar ao mesmo.

– Mas é que eu acho que... se conseguir pelo menos que eles me ouçam por um instante, de maneira a compreenderem realmente que o que está em causa é a vida de outra rapariga...

Assim que termina a chamada, Pamela entra no *site* da edição digital do jornal *Katrineholms-Kuriren*, clica num separador com o título «em memória» e procura nos registos mais antigos até encontrar o breve obituário de Jenny Lind, com a data e a hora do serviço fúnebre.



Ao acordar no chão de cimento da jaula, Mia recorda-se da viagem aos solavancos no camião como se fosse um sonho. Taparam-lhe a boca com fita adesiva e as mãos e os pés foram amarrados com abraçadeiras pretas. Como esteve quase sempre a dormir, perdeu a noção de quanto tempo estiveram em movimento. A última coisa que recorda com clareza é o bloco de cimento ao pé da bomba de gasolina. Estava lá sentada à espera de Pontus quando o camião entrou e parou diante dela.

Era uma armadilha.

O condutor deixou cair a carteira no chão e deu a volta ao atrelado. O facto de ter rastejado para baixo do camião talvez não tenha feito qualquer diferença. Talvez ele a tivesse apanhado na mesma. Porém, deitada sobre a barriga debaixo do veículo era uma presa fácil, pois não podia fugir nem defender-se.

Bateram-lhe, puseram-lhe um trapo na cara e é provável que depois tenha levado uma injeção. Não sabe como foi parar à jaula.

A memória fragmentada de um pátio e de uma fila de edifícios alongados sem janelas cruza-lhe a mente. Estava semi-inconsciente quando sentiu um frio estranho ao mesmo tempo que qualquer coisa era pressionada com força contra a parte de trás da cabeça. Uma hora depois, começou a sentir um formigueiro e um ardor no couro cabeludo. Depois, durante quase dois dias, teve a sensação de ter uma queimadura. Tal como todas as outras, fora marcada.

Agora, Mia está deitada no chão de cimento coberto de palha suja e tem como almofada a sua parca enrolada. Ergue um pouco a cabeça e bebe água de uma garrafa de plástico. Nota que os seus dedos ainda têm o cheiro do hambúrguer.

O sol já nasceu e o telhado de zinco do pavilhão estala. Ontem estava tanto calor lá dentro que as suas têmporas latejavam. As roupas ficaram molhadas de suor e só secaram a meio da noite.

– Hoje não há nenhuma inspeção? – pergunta Mia.

– Ela já vem – responde Kim.

– Calem-se – diz Blenda, na outra jaula.

Por entre as grades, Mia olha para a moldura de luz em torno da porta trancada numa das empenas do pavilhão, para o balde com pão e milho e para o armário de medicamentos na parede.

Partilha a jaula com uma mulher de vinte e dois anos chamada Kim, ou melhor, Kimball. Os pais são do México, mas ela nasceu e cresceu em Malmö. Kim joga andebol e foi raptada quando a sua equipa estava a caminho de um jogo.

É parecida com a mãe, mas tem o rosto mais esguio. Nas grades de cada jaula, há fotografias de pais ou irmãos. A mãe de Kim foi fotografada na cama. Deve ter acordado imediatamente antes de o *flash* ter iluminado o quarto. Tem os olhos muito abertos e uma expressão assustada e confusa na boca.

Pamela foi fotografada através de um espelho, por entre as grades da porta de um elevador. É evidente que Caesar não sabe que a candidatura dela foi rejeitada.

Mia interrogou Kim, mas ainda não conseguiu perceber porque é que isto lhes acontece, se o cativoiro tem um plano subjacente ou um objetivo futuro.

A avó parece fazer tudo por Caesar. Às vezes, desaparece um dia inteiro com o camião. Talvez tenham sido a brutalidade e o sobretudo de cabedal preto que a fizeram pensar que fora um homem a raptá-la. Porém, agora já percebeu que foi a avó, que às vezes chega com novas raparigas.

Não lhe parece que mais tarde sejam vendidas: fica-se ali até à morte.

Kim não sabe há quanto tempo isto dura, mas quando chegou, há dois anos, encontrou uma mulher chamada Ingeborg que já lá estava há sete.

A existência ali é sempre a mesma. Não acontece nada de especial. Umas quantas mulheres são obrigadas a viver ali contra a sua vontade e, um par de vezes por mês, Caesar chega no seu *Valiant* cinzento e viola algumas delas.

Até há bem pouco tempo, algumas viviam na mansão e recebiam roupas caras e joias de ouro, no entanto, desde que Jenny Lind tentou fugir, Caesar tornou-se extremamente violento e fechou-as a todas em jaulas.

Sabem que Caesar tem contactos na Polícia. Blenda diz que Jenny terá provavelmente pensado que estava segura em Estocolmo e, por isso, telefonou para o 112.

Viram fotografias da noite de chuva em que ela foi castigada. Na primeira, parece estar convencida de que vai ser perdoada. Depois segue-se a luta: os olhos muito abertos e a boca estirada, o sangue a escorrer pelo pescoço e, por fim, a lassidão pesada do corpo.

«A avó está diferente», diz Kim. No início, às vezes era simpática e chamava-as para lhes oferecer guloseimas, mas agora é severa e está sempre irritada.

Tem uma bengala com uma ponta envenenada. Se se levar uma picada profunda, dorme-se durante várias horas. Mas se for só um arranhão ou se a ampola não estiver cheia, perdem-se os sentidos apenas por uns minutos.

Mia perguntou se não seria possível influenciar Caesar, fazê-lo ter pena delas, persuadi-lo a libertá-las, mas todas dizem que ele é muito pior do que a avó e que é ele quem decide.

Na semana passada, zangou-se e matou Amanda. Quando Kim lhe contou isto, começou a chorar e não parava de dizer que tinha sido como um pesadelo.

Ouve-se um cão a ladrar lá fora e uma mulher a gritar descontroladamente num dos outros pavilhões. Kim geme de medo e Mia segura-lhe a mão.

– Vai tudo correr bem se tiverem fé no Senhor – diz Blenda.

Blenda é mais velha e tenta fazer com que elas se adaptem à nova vida para que não se metam em apuros. É como uma irmã mais velha: assegura-se de que se lavam o melhor possível e obriga-as a comer e beber bem, independentemente do sabor. Partilha a jaula com uma rapariga romena chamada Raluca, que não fala sueco, mas sabe umas quantas palavras em inglês e algumas frases em alemão. Ela chama Baba-Jaga à avó, como se já a conhecesse antes.

– Sentem-se, ela vem aí – avisa Blenda.

O chiar do carrinho de mão da avó aproxima-se e depois deixa de se ouvir. O cão arfa e ela põe comida numa manjedoura com uma pá.

– Nunca sonhei ter uma avó – brinca Mia.

– Silêncio.

– Baba-Jaga – sussurra Raluca, encolhendo-se.

A avó levanta a tranca, encosta-a à parede, abre a porta e deixa entrar a luz ofuscante do sol. O pó rodopia no ar.

Ela traz a manjedoura para dentro, pousa-a no banco, pega na bengala, vai até à jaula delas, abre a portinhola e deixa entrar o cão.

Kim veste umas calças de fato de treino vermelhas sujas e uma *T-shirt* com uma fotografia da Lady Gaga. Afasta as pernas quando o cão vai ter com ela e olha para baixo com uma expressão ausente. O cão cheira-a, vira a cabeça, lambe o focinho e depois aproxima-se de Mia. Ela está sentada com as pernas cruzadas e fica a olhar para a avó enquanto o cão pressiona o focinho contra os seus genitais e depois volta para trás. Quando a inspeção termina, dão graças pela comida e recebem feijão com carne de alce seca e um pouco de pão.

Hoje, Mia e Kim são as primeiras a ir para o recinto vedado no exterior. Têm os pulsos atados com grossas abraçadeiras de plástico que lhes cortam a pele. Já não estão habituadas a estar de pé e a mexer as pernas, todavia, tentam mover-se o mais possível antes de terem de regressar às jaulas.

Há uma rapariga deitada numa banheira branca no meio do pátio de gravilha. Considera-se que um longo banho de imersão tem um efeito calmante. No início, ela passava as noites a gritar, mas calou-se depois de duas semanas no banho.

– Se a Jenny conseguiu chegar a Estocolmo, tem de ser possível fugir – diz Mia.

– Não fales sobre isso – sussurra Kim.

– Pois, mas eu não tenho a intenção de ficar aqui à espera de ser violada – declara.

Como o solo está seco, os sapatos delas levantam pó. Estão de mãos dadas para a abraçadeira não lhes cortar a pele.

– Alguém já viu realmente as famosas armadilhas na floresta? – pergunta Mia.

– Tu ainda não entendes.

Passam pela rapariga na banheira, que olha para elas com uma expressão apática. Debaixo de água, a pele está completamente esponjosa e soltou-se dos pés e dos joelhos.

– Nós somos diferentes... Tu sabes que os teus pais nunca vão parar de te procurar – diz Mia. – Mas de mim ninguém está à procura.

Martin acompanha o auxiliar até à sala de convívio e entra na cabina telefónica. Trata-se de um pequeno espaço cuja única janela dá para o corredor. Fecha a porta, senta-se e pega no auscultador.

– Olá – diz ele.

– Estás bem? – pergunta Pamela.

– Sim – responde, baixando depois a voz. – E tu?

– Um pouco cansada. Estou na cama a beber um chá.

Ouve-se um ligeiro roçar ao telefone quando ela muda de posição.

– Planos de construção – diz ele.

– Ouviste o barulho das folhas? Tenho saudades de quando te deitavas aqui ao meu lado a olhar para os planos, e eu podia ir apontando para eles enquanto te explicava as minhas ideias.

Martin abre a porta da cabina, espreita para fora e certifica-se de que o corredor está vazio antes de continuar a falar.

– Eles encontraram o Primus? – sussurra ele.

– Parece que não.

– Não consigo compreender como é que não me lembrava de o ter ouvido a dizer aquilo.

Martin olha para superfície riscada da mesa, para o lápis e para o papel amarrotado.

– Na segunda-feira é a cerimónia de homenagem e o funeral da Jenny Lind, e eu estou a pensar ir – diz Pamela.

– Não vai ser estranho?

– Um pouco, mas queria perguntar uma coisa à mãe dela.

– Tem que ver com a Mia?

– Só estou a pensar fazer-lhes algumas perguntas diretas. Eles até podem não responder, mas não vou ficar em paz comigo mesma se não fizer

tudo o que puder – responde Pamela. – Queres ir comigo? Acho que seria bom.

– Porquê?

– Não precisas de ir se achares que não és capaz, mas pensei que talvez se sentissem um pouco culpados ao ver-te.

Martin ri-se.

– Posso pôr um penso no nariz para terem um bocadinho mais de pena de mim.

– Foi bom ouvir-te rir – diz ela.

Martin espreita para o corredor e pensa que os meninos vão castigá-lo, alegando que se riu por eles não terem sepulturas.

– Se queres, eu vou contigo – diz ele.

– Achas que o médico vai achar que não há problema?

– Até parece que estou em internamento compulsivo...

– Estou só a dizer que talvez devas consultá-lo, visto que é um funeral.

A intenção não é que piores.

– Eu consigo, tenho de sair deste lugar – diz ele.

– O Dennis leva-nos.

– Ele é o maior.

Joona segue um guarda prisional com um carrinho de comida até à cela número 8404, pega no tabuleiro e entra. A porta fecha-se atrás dele e ouve-se o som da fechadura a ser trancada. Pousa a comida na mesa, inicia a gravação, diz quem está presente e indica a hora e a data.

A irmã de Primus, Ulrike Bengtsson, está sentada na cama e veste a roupa de algodão dos reclusos. Tem o braço num suporte e tiraram-lhe todas as joias. O cabelo escorrido está puxado para trás e o rosto não tem maquilhagem.

Ulrike está casada com Stefan Nicolic há trinta e cinco anos e não tem filhos.

Olha indolentemente para Joona, sem ser capaz de unir os lábios sobre o excesso de dentes na boca.

A camisa cinzenta do comissário fica-lhe justa nos peitorais e nos ombros. Deixou o *blazer* no carro e enrolou as mangas da camisa até aos cotovelos. A pele está arrepiada com o ar frio. Nos braços e nas mãos de Joona veem-se cicatrizes esbranquiçadas deixadas por cordas de paraquedas e facadas.

– Espero que tenhas alguém para tratar dos pássaros – diz-lhe ele.

– O Stefan que o faça, é o projeto dele... Eu cá não entendo como é que se pode gostar de pássaros. Para mim não passam de pequenos dinossauros feios... Mas ele é um ornitólogo experiente. Devias ouvi-lo quando se põe a falar deles: «são perfeitos», «imagina que podias voar», «eles enchem o esqueleto de ar quando respiram», blá, blá, blá.

– E tu tens um estúdio de tatuagem – afirma Joona.

– Sim.

– E o negócio corre bem?

Ela encolhe os ombros.



– Seja como for, tinhas uma cliente – diz ele.

– A Lena? Ela não é bem uma cliente. É namorada do Stefan e queria fazer-lhe uma surpresa com uma tatuagem.

– Namorada do teu marido?

– Por mim, pode ficar com o lugar... Já chupei o Stefan tantas vezes que sofri as consequências disso no meu desenvolvimento – diz ela, mostrando os dentes.

A jovem mulher que caiu da janela chama-se Lena Stridssköld e o menino de seis anos é filho dela. Ambos saíram ilesos, mas a criança foi entregue aos serviços sociais e Lena foi levada para a prisão de Kronoberg, em Estocolmo, tal como Ulrike e o guarda-costas que sobreviveu.

– Vais ser acusada de tentativa de homicídio – informa Joona.

– Vá lá – suspira ela. – Foi em legítima defesa. Vocês invadiram a minha casa. O que é que era suposto eu pensar? Não é como se se tivessem apresentado e mostrado as vossas credenciais... Pensei que me iam violar e serrar os pés.

– Mas não foi isso que aconteceu, pois não?

Um dos agentes da Força Nacional de Intervenção foi alvejado na cabeça com uma espingarda semiautomática e morreu imediatamente. Por sua vez, o atirador foi morto pelo outro polícia dez segundos depois. O estado de Aron ainda é grave, no entanto encontra-se estável. Joona salvou-lhe a vida ao manter a via respiratória aberta com a mangueira do duche.

Margot sente-se enganada por se ter tornado evidente que Mia não se encontrava na casa. A Força Nacional de Intervenção já a notificou de que a operação vai ser investigada internamente.

– Partiste-me a clavícula – diz Ulrike, apontando para o suporte do braço.

– Isso sara.

– Agora és médico?

Joona coloca na pequena mesa as duas sopas de feijão, as colheres e os copos, tira o plástico que envolve os pratos com sandes de queijo e, por fim, põe os guardanapos.

– Vamos comer antes que isto arrefeça? – pergunta ele.

Os métodos modernos de interrogatório incluem uma fase inicial que consiste em ouvir o interrogado. Joona dá-lhe mais importância do que a maior parte dos outros polícias. Está a tentar colocar Ulrike numa situação em que já disse tanto que, subitamente, lhe parecerá sem sentido não contar o resto.

Joona come a sopa, para e olha para ela com um sorriso.

– Está boa – diz.

Ela pega na colher, mexe a sopa e prova também.

– O que é que me podem oferecer se eu colaborar? – pergunta, limpando um pouco de sopa dos lábios com o guardanapo de papel.

– De que forma estás disposta a colaborar?

– Conto tudo se não me acusarem e me derem uma nova identidade.

– Tudo o quê? – pergunta Joona, tirando a sandes do prato.

– Vi e ouvi muita coisa ao longo dos anos – explica Ulrike.

– Nós sabemos que o Clube se dedica ao tráfico de droga, à lavagem de dinheiro e à extorsão.

– O costume – diz ela, comendo mais uma colher de sopa.

– OK, mas sabes se eles raptam raparigas para um fim qualquer? – pergunta Joona.

A colher tilinta contra os dentes tortos de Ulrike.

– Eles não fazem tráfico de pessoas, se é isso que estás a perguntar – responde ela.

– Se calhar o Stefan esconde-te algumas coisas.

– Ele na verdade não passa de um *nerd* que, por azar, tem o tipo errado de amigos de infância. Ele acha que é fixe pousar uma pistola na mesa antes

de se sentar...

Joona acaba de comer a sandes e bebe o seu sumo de maçã.

– Conheces a Jenny Lind?

– Não, quem é?

– O teu irmão conhece-a.

Ela ergue o olhar da tigela.

– O Primus?

– Sim – responde Joona, olhando-a nos olhos.

Ao debruçar-se de novo para continuar a comer, Ulrike fica com uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

– Ouviste falar da Mia Andersson? – pergunta Joona.

Sem responder, Ulrike continua a comer e, segundos depois, inclina a tigela para conseguir encher a colher com o resto da sopa.

– Quero tudo por escrito antes de dizer mais – declara ela, pousando o talher.

– O quê?

– Que não vou ser acusada e vou receber uma nova identidade, uma nova vida.

– Na Suécia, não temos esse sistema, não temos delação premiada. Não se pode escapar a uma pena por se ter testemunhado contra outros.

– Então devo sentir-me enganada?

– É possível, por ti mesma.

– Não seria a primeira vez – murmura.

Joona começa a levantar a mesa e percebe que chegaram ao momento em que ela acaba de compreender que já lhe disse uma parte da verdade. Agora só tem de aceitar que não se trata de uma negociação, mas sim de uma confissão unilateral.

– Fazemos uma pausa?

Joona recorda o que o filósofo Michel Foucault escreveu sobre a verdade não pertencer ao domínio da força, estando antes relacionada com a liberdade. A confissão é uma libertação.

– Eu tentei matar o polícia que entrou no meu estúdio – diz Ulrike, em voz baixa. – Dei-lhe uma facada no pescoço e tentei esfaquear-te na barriga.

– De quem tens medo? – pergunta ele, metendo ambos os guardanapos num copo de plástico. – Do Stefan Nicolic?

– Do Stefan? De que é que estás a falar?

– As luzes estavam apagadas na casa toda... tinhas uma faca no duche e dois guarda-costas.

– Não os temos todos? – diz ela, com um sorriso.

– Tens medo do Primus?

– Tens a certeza de que és comissário?

Joona coloca a tigela de Ulrike em cima da sua, põe a colher lá dentro e encosta-se à cadeira.

– Primeiro querias uma nova identidade e agora queres ficar na prisão – diz-lhe. – Talvez te possa ajudar se me disseres de quem tens medo.

Ela limpa as migalhas da mesa com a mão e depois fica sentada de olhos baixos por um longo momento antes de voltar a olhar para ele.

– Há um homem chamado Caesar – declara.

Ulrike abana o pé direito até a pantufa da prisão cair no chão e depois descalça a meia. Uma ferida percorre-lhe a perna na diagonal, imediatamente acima do tornozelo. Foi suturada há muito pouco tempo. O sangue entre as margens inchadas escureceu e a fila de pontos faz com que a ferida tenha o aspeto de arame farpado grosso.

– Ele escondeu-se debaixo da minha cama e, a meio da noite, saiu para me fotografar.

– O Caesar?

– Eu estava a dormir e acordei com ele a tentar serrar-me o pé... Ao início, não percebi o que estava a acontecer, sentia uma dor horrível... Gritei, bati-lhe e tentei empurrá-lo, mas não serviu de nada, ele continuou a serrar e a cama estava toda molhada de sangue... Não sei bem como, mas consegui carregar no alarme pessoal... Ele parou quando o alarme começou a soar pela casa toda, atirou a serra para o chão, deixou uma fotografia polaroide em cima da mesa de cabeceira e foi-se embora... Foda-se... quer dizer, quem é que faz uma coisa destas? Não é? Deve ser completamente louco para se esconder debaixo da cama e tentar serrar os pés a uma pessoa.

– Viste-o?

– Estava demasiado escuro.

– Mas ainda assim deves ter uma noção de como ele era.

– Não faço ideia, foi a meio da noite e eu achava que ia morrer.

Ulrike volta a calçar a meia com cuidado.

– O que aconteceu depois de ele se ir embora?

– Apertei o cinto por cima da ferida e consegui estancar o sangue... A empresa de segurança chegou muito antes da ambulância, mas claro que o Caesar já lá não estava... Debaixo da cama havia um saco de plástico com ferramentas que ele tinha trazido.

– Que tipo de ferramentas?

– Não sei. Vi um dos seguranças pegar numa chave de fendas e numa coisa com uma manivela e um cabo de aço.

– Um guincho?

– Não sei.

– Onde é que está esse saco de plástico?

– O Stefan ficou com ele.

– Como é que conheces o Caesar?

– Não conheço. Foi o Primus que depois me falou dele, mas o Stefan tem a certeza de que ele pertence a um gangue rival. Era por isso que

tínhamos guarda-costas e um monte de armas.

– Mas nunca tinhas visto nem ouvido falar do Caesar antes?

– Não.

– E o que é que o Primus disse sobre ele? Como é que eles se conhecem?

– Entraram em contacto de alguma forma através das redes sociais...

Trocaram opiniões sobre a sociedade ou assim.

– Isso não me soa a um gangue rival.

– Eu sei, mas o Stefan acha que sim e diz-me a mim e à Lena que vamos ser violadas.

– E tu, o que achas?

O rosto de Ulrike tem uma expressão cansada e séria.

– No início, o Primus dizia que o Caesar era um rei, mas depois disto já só tem medo dele e queimou o telemóvel no meu micro-ondas.

– E tu tens tanto medo do Caesar que queres ficar na prisão.

– Ele disse ao Primus que, da próxima vez, vai serrar-me a cabeça.

– Porque é que a ameaça é dirigida a ti?

– Para castigar o Primus, que está sempre a dizer o quão bonita eu sou, mas é só uma coisa que ele tem naquela cabeça. Quer dizer, eu era querida em criança, mas isso já lá vai, definitivamente.

– E porque é que o Caesar havia de castigar o teu irmão?

– Acho que o Primus lhe prometeu coisas que não pode cumprir, ele tagarela sempre demasiado, mais ou menos como eu agora.

– É bom que estejas a dizer a verdade.

– Para quem?

– Estás segura enquanto estiveres na prisão e, se me ajudares a encontrar o Primus, eu talvez consiga apanhar o Caesar.

– Encontrar o Primus?

– Onde é que ele vive quando não está internado?

– Não sei.

– Não fica em tua casa?

– O Stefan não quis... Ele dorme onde pode: em casa de um amigo, numas escadas, no metro... mas amanhã o Ninho da Águia está aberto, e ele vai lá estar.

– O Ninho da Águia?

– A bófia ainda não sabe? Vocês são mesmo bons – comenta ela, com um sorriso. – Uma data de gente junta-se lá para apostar dinheiro em... no início eram lutas de galos. Adivinha quem é que teve a ideia? Mas nem toda a gente é tão fascinada por aves como o Stefan, por isso agora são sobretudo MMA Sigla inglesa por que são normalmente conhecidas as artes marciais mistas. (*N. do T.*) e cães de luta...

– Onde é que fica esse lugar?

– No porto... no porto sul de Södertälje. Eles são donos de uma transportadora, e é lá que têm a oficina e fazem o transbordo... O Stefan tem um acordo com a companhia de segurança.

– E achas que o Primus vai estar no Ninho da Águia?

Ulrike inclina-se para trás com os braços cruzados. Os círculos escuros por baixo dos olhos estão mais marcados e ela parece completamente exausta.

– Se não estiver morto ou fechado no manicómio, então vai, definitivamente, estar lá.

Martin não olha para o reflexo de Pamela no espelho enquanto os dois descem de elevador. Ela observa-o e pensa em como o rosto dele tem uma expressão solitária, quase indefesa. A luz pisca, o elevador abranda e depois para.

As portas deslizam para os lados. Martin apanha a mochila do chão e enfia as alças num ombro. Atravessam juntos a entrada.

Dennis está à espera atrás do carro, na zona de inversão de marcha. Veste um fato cinzento-escuro e tem os óculos de sol postos.

– Há quanto tempo – diz ele, cumprimentando Martin com um aperto de mão.

– Eu sei.

– É bom ver-te.

– Igualmente – murmura Martin, e olha por cima do ombro.

– É incrivelmente simpático da tua parte levar-nos até lá – afirma Pamela, enquanto se dirigem ao carro.

– A Pamela andou a conduzir um bocadinho «fast and furious» de mais – brinca Dennis.

– Ouvi dizer – responde Martin.

– O que achas de deixares a Unidade 4? – pergunta Dennis, pegando na mochila de Martin.

– É bom.

Dennis põe-na no porta-bagagens e fecha-o.

– Queres ir à frente, Martin? – pergunta Pamela.

– É indiferente.

– Mas vai, para poderem conversar – diz ela.

Dennis abre a porta da frente para Martin entrar, espera até ele se instalar, fecha-a e depois abre a porta de trás a Pamela.



– Sentes-te bem? – pergunta ele, baixando a voz.

– Acho que sim.

Antes de ela ter tempo de se sentar, Dennis agarra-a por trás, retém-na e beija-a na nuca. Pamela contorce-se para se soltar e senta-se com o coração acelerado de angústia. Dennis fecha a porta, dá a volta e instala-se no lugar do condutor, liga o carro e sai da unidade psiquiátrica.

Pamela tem de pedir a Dennis que não faça este tipo de coisas. Enquanto vê os edifícios desfilarem pela janela do carro, pergunta-se se terá dado sinais errados quando lhe telefonou a perguntar se podia dar-lhes boleia. Talvez ele tenha confundido a energia dela com um *flirt*.

O trânsito está lento na ponte que liga as ilhas Lilla Essingen e Stora Essingen. O fumo dos escapes e o vapor que sai do asfalto quente retiram vivacidade ao brilho do sol sobre os carros. Estão atrás de um camião-cisterna em cujo atrelado cilíndrico alguém desenhou um grande pénis na sujidade. Sempre se perguntou quem é que se sentiria impelido a fazer estes desenhos.

Depois de Södertälje, as filas dispersam-se, a velocidade aumenta e lá fora vão surgindo casas suburbanas, barreiras sonoras e campos desportivos.

– O que achaste de ser hipnotizado? – pergunta Dennis.

– Não sei, só queria ajudar, mas senti alguma ansiedade depois...

– Disso não tenho dúvidas. Garanto-te que a hipnose não te faz bem.

– Mas eu talvez a esteja a confundir com a ECT – diz Martin, passando a mão pelo nariz.

– Martin, é claro que deves ajudar a Polícia, mas não aceites a hipnose, é só isso que estou a dizer – esclarece Dennis. – Ou nos lembramos ou não nos lembramos... Tentar desenterrar memórias reprimidas é meio caminho andado para nos lembrarmos de coisas que nunca aconteceram.

– Mas eu lembrei-me do que o Primus disse – afirma Martin.

– Pois, mas se o que viste sob hipnose é uma memória real, então também está lá sem hipnose... e assim pelo menos sabemos que não foram eles que a sugeriram.

Um táxi com os faróis traseiros partidos põe-se mesmo à frente deles e obriga Dennis a travar, o que faz com que o cinto de segurança aperte o ombro de Pamela.

É incrível que Martin tenha começado a construir frases completas. Pamela não sabe se isso se deverá aos choques elétricos, à hipnose ou ao facto de ele estar a tentar ajudar a Polícia a encontrar Mia.

– Só me lembro de ter ido passear o rafeiro à chuva – declara Martin.

Pamela inclina-se para frente entre os assentos deles.

– Mas quando chegaste a casa, fizeste um desenho do que viste – diz ela.

– Também não me lembro disso.

– Não, mas isso significa que viste a Jenny. Talvez não tenhas visto o homicídio, porém viste-a lá pendurada.

– Dizes isso, mas...

– Só quero que tentes realmente lembrar-te – diz Pamela, encostando-se para trás de novo.

– É o que estou a fazer, estou a tentar, mas vejo tudo escuro.

O ar fresco no interior da igreja de Katrineholm tem odor a pedra. Pamela senta-se num banco vazio com Martin e Dennis mesmo antes de a cerimónia começar.

É um pequeno funeral só para a família e amigos próximos. Não há mais de vinte pessoas sentadas nos bancos de madeira, que rangem constantemente. Os pais de Jenny Lind vislumbram-se nos lugares da frente. Quando se ouvem os sinos da igreja ressoar através das paredes, Pamela vê as costas do pai dela serem sacudidas pelo choro.

Durante a cerimónia, a luz de verão move-se lentamente sobre as paredes até fazer resplandecer os vitrais do coro.

O pastor fala com a voz abafada, embora esteja a tentar transmitir consolo e esperança. A mãe de Jenny cobre o rosto com as mãos, e Pamela sente um arrepio ao pensar que ela foi raptada a apenas alguns minutos de onde o seu caixão se encontra agora. Depois fica angustiada quando ouve o som da terra que o padre deixa cair em forma de cruz sobre a tampa do caixão. Desde o funeral de Alice que não ia a uma cerimónia fúnebre.

Fica sentada com o rosto virado para o chão e os olhos cerrados com força durante todo o salmo final, enquanto Martin lhe segura a mão e a aperta com firmeza. Depois, ouve os parentes mais próximos levantarem-se. Pamela recompõe-se, ergue o olhar e vê a família de Jenny avançar numa fila lenta para pôr flores sobre o caixão.

O ar parado no adro da igreja está muito quente. O pai de Jenny sentou-se no carro, mas a mãe ainda está de pé a receber os pêsames.

Duas mulheres conversam com o pastor, um homem de cadeira de rodas está à espera de transporte adaptado e uma menina levanta poeira ao dar pontapés no cascalho.

Pamela espera até as últimas pessoas saírem da igreja e depois vai ter com a mãe de Jenny, levando Martin consigo. Linnea Lind tem o rosto atravessado por rugas e a boca cristalizada numa expressão de tristeza.

– Os meus sentimentos – diz Pamela.

– Obrigada – responde Linnea, fixando o olhar em Martin. – São vocês? Eu... desculpe, lamento imenso que o meu marido o tenha atacado.

– Não tem importância – responde Martin, olhando para o chão.

– Nem parece do Bengt, ele até é uma pessoa bastante reservada.

Um pequeno grupo de pessoas demora-se entre a igreja e o parque de estacionamento.

– Eu sei que não é o melhor momento – começa Pamela. – Mas gostaria de falar um minuto consigo. Talvez possa telefonar-lhe amanhã.

– Venham a nossa casa para um pequeno lanche – convida Linnea, olhando para ela com os olhos inchados.

– Obrigada, mas...

– Eu soube que vocês perderam a vossa filha no mesmo ano em que a Jenny desapareceu... portanto sabem que não é nada fácil.

– Não passa.

As pessoas que vão ao lanche fazem o curto trajeto de carro até à casa dos pais de Jenny e estacionam no parque para as visitas.

– Como vais fazer? – pergunta Pamela a Dennis, ao sair do carro com Martin.

– Eu espero aqui – diz ele. – Tenho de responder a um *e-mail*.

O pequeno grupo entra num prédio amarelo-claro e apanha o elevador em conjunto até ao quinto andar.

Pamela segue Linnea até à cozinha e tenta dizer que a cerimónia foi bonita.

– Pois foi – diz ela, num tom de voz distante.

Linnea liga a máquina do café e abre as latas de bolachas com movimentos bruscos.

A mesa de centro da sala de estar encontra-se posta com um serviço de café antigo, chávenas sobre pires, uma taça com cubos de açúcar, leite num pequeno jarro e um prato de três andares para as bolachas.

O velho sofá range quando os convidados se sentam, e, por todo o lado, há bibelôs, recordações de viagens, plantas de interior e panos de renda.

O pai traz as quatro cadeiras da cozinha e pede a todos que se sentem. Contudo, embora as poucas pessoas presentes tentem conversar umas com as outras, o silêncio acaba sempre por prevalecer. Uma colher tilinta dentro de uma chávena de café, alguém menciona a onda de calor e outra pessoa tenta fazer uma piada sobre as alterações climáticas.

Linnea Lind mostra uma fotografia emoldurada da filha e tenta manter um discurso sobre como Jenny era diferente.

– Era o feminismo e a comida vegetariana... e nós e a nossa geração estávamos errados, usávamos as palavras erradas e andávamos em carros a gasolina e... e eu tenho tantas saudades disso.

Cala-se e fica sentada com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. O marido passa-lhe a mão nas costas.

Quando uma mulher idosa se levanta e diz que tem de regressar a casa para passear o cão, os outros convidados aproveitam para agradecer e despedir-se. Linnea Lind diz-lhes que deixem tudo na mesa, mas todos levam as suas chávenas para a cozinha.

– Será que se vão todos embora agora? – sussurra Pamela para Martin.

Ouvem vozes na entrada, a porta a fechar-se e depois faz-se silêncio antes de Linnea e Bengt voltarem.

– Talvez também esteja na hora de irmos – diz Pamela.

– Não vão já – diz Bengt, com a voz rouca.

Abre um armário, põe duas garrafas e quatro copos na mesa e, sem perguntar, serve *vodka Renat* para si e Martin, e licor de cereja para as senhoras.

– Martin, quero que saiba que lamento tê-lo atacado – diz ele, empurrando o copo na direção de Martin. – Não é desculpa para o que fiz, mas estava convencido de que... bem, você sabe... e depois vi-o sair da prisão e saltou-me a tampa...

Esvazia o copo, esboça um sorriso ao sentir o calor da bebida forte e a seguir pigarreia.

– Como disse, lamento imenso... e espero que aceite as minhas desculpas.

Martin assente com a cabeça e olha para Pamela como se quisesse que respondesse por ele.

– Foi a Polícia que errou, e bastante – afirma ela. – O Martin é doente e eles manipularam-no para que confessasse coisas que não fez.

– Eu achava que... como disse – hesita Bengt. – Não é que sirva de desculpa...

– Não – diz Pamela bruscamente.

– Dá-me um aperto de mão? – pergunta Bengt, olhando para Martin.

Martin acena com a cabeça, estende a mão e sobressalta-se ligeiramente quando Bengt a aperta.

– Podemos pôr isto para trás das costas?

– Da minha parte, está tudo bem – responde Martin em voz baixa.

Pamela finge provar o licor e depois pousa novamente o copo na mesa.

– Souberam que ele raptou outra rapariga? – pergunta.

– Mia Andersson – diz imediatamente Linnea.

– Sentimo-nos mal – murmura Bengt.

– Eu sei – diz Pamela num fio de voz.

– Mas viu-a ou não? – pergunta Bengt. – Martin? Você estava lá, não estava?

– Estava demasiado escuro – responde Pamela.

– O que é que a Polícia diz sobre isto tudo? – pergunta Linnea.

– A nós? Não muito – responde Pamela.

– Claro que não – suspira Bengt, tirando uma migalha de bolacha de cima da mesa e metendo-a na boca.

– Há uma coisa que me tenho perguntado – começa Pamela. – Depois de raptar a Jenny, ele nunca entrou em contacto convosco?

– Não, como assim? – questiona Linnea nervosamente.

– Não receberam nenhuma carta ou telefonema?

– Não...

– Ele não passa de um louco – declara Bengt, desviando o olhar.

– Mas contactou-vos antes de ela desaparecer?

– Não estou a compreender – diz Linnea, franzindo a testa.

– Posso ter percebido mal, mas acho que ele tirou uma fotografia da Mia, a rapariga que desapareceu... como um aviso – diz Pamela, apercebendo-se de que está a começar a enredar-se nas suas próprias palavras.

– Não recebemos nada do tipo – responde Linnea, pousando o copo na mesa com um pouco de força a mais. – Todos dizem que foi um acaso infeliz a nossa Jenny estar a caminho de casa precisamente quando o camião passou.

– Sim – concorda Pamela com um aceno da cabeça.

– A Polícia tinha a certeza de que o homem teve a ideia ao vê-la – continua, com a voz trémula. – Mas não foi assim que as coisas se passaram, não foi um acaso, eu tentei dizer-lhes. Eu sei que tinha dito uma série de coisas contraditórias, que estava zangada e revoltada, mas ainda assim eles podiam muito bem ter-me ouvido.

– Pois – finaliza Bengt, enchendo novamente o seu copo.

– Porque é que não foi um acaso? – pergunta Pamela, aproximando-se um pouco mais de Linnea.

– Vários anos depois, encontrei o diário da Jenny, que ela tinha escondido debaixo da cama. Apareceu quando nos mudámos para cá... Telefonei para a Polícia, mas já era demasiado tarde, ninguém quis saber.

– O que dizia o diário? – pergunta Pamela, olhando-a nos olhos.

– A Jenny estava assustada e tentou falar connosco, mas nós não a ouvimos – conta Linnea, com lágrimas nos olhos. – Não foi um acaso, foi planeado. Ele tinha escolhido a Jenny, seguia-a no Instagram, tinha-a espiado, sabia a que horas ela saía da escola, que percurso fazia.

– Ela escreveu isso?

– Ele tinha entrado na nossa casa, tinha-a observado e tirado roupa interior da gaveta dela – continua Linnea. – Uma noite, quando chegámos da salsa, ela tinha-se trancado na casa de banho... estava extremamente perturbada, e a minha reação foi proibi-la de ver filmes de terror.

– Eu também o teria feito – afirma Pamela em voz baixa.

– Mas ela escreveu no diário o que tinha acontecido – prossegue Linnea. – Na altura, vivíamos numa vivenda e ela estava sentada na cozinha a fazer os trabalhos de casa ao anoitecer. Tínhamos um pequeno candeeiro de mesa à janela, mas estava apagado... Sabe como é: se não houver luz no interior, vê-se tudo no jardim mesmo que já esteja escuro... e ela julgou ter visto uma pessoa de pé entre as bétulas.

– Compreendo.

– Ela pensou que tinha sido só a imaginação dela, que se tinha assustado a si mesma ali sentada e, por isso, acendeu a luz da janela... Foi então que viu claramente o homem. Ficaram a olhar um para o outro e, logo a seguir, ele virou-se e desapareceu... Ela levou alguns segundos a perceber o que se tinha passado: se ela tinha conseguido vê-lo com a luz acesa, então a janela



tinha funcionado como um espelho e ele devia estar atrás dela dentro da cozinha.

Joona caminha pela sombra húmida debaixo da ponte Centralbron. Os carros passam velozmente por ele e o ar está saturado de gases de escape. Junto aos pilares de betão da ponte, há roupas sujas, sacos-cama, latas de conserva vazias, sacos de batatas fritas e seringas usadas.

Quando o telemóvel toca, Joona já o tem na mão. Vê que a chamada é de Pamela Nordström e atende. Ela tem a voz estridente de excitação ao relatar o encontro com os pais de Jenny Lind e o conteúdo do diário que a mãe encontrou.

– Ele tinha estado dentro da cozinha, atrás dela – conta-lhe. – Só cruzaram olhares por um segundo e não há nenhuma descrição do rosto dele, mas... mas ele tinha vestido um casaco sujo com gola de pelo negra e umas galochas verdes.

– Deixaram-na ler o diário? – pergunta Joona.

– Sim, porém não há mais nada sobre ele, ainda que tenha escrito em várias ocasiões que se sentia observada... Mas o mais interessante é que uma noite foi acordada por uma luz, só que, quando abriu os olhos, estava tudo escuro... Ela estava convencida de que alguém a tinha fotografado enquanto dormia, que tinha sido acordada pelo *flash* de uma máquina.

Um autocarro passa e levanta um turbilhão de poeira cor de chumbo.

– Sempre tive dificuldade em acreditar que a escolha das vítimas fosse impulsiva – diz Joona. – Ele viu-as em algum lado... e é evidente que começou a segui-las.

– Sim.

– Ainda não encontrámos o Primus e precisamos de nos encontrar com o Martin outra vez, se ele estiver preparado.

– Ele quer ajudar, está sempre a dizê-lo, mas um amigo nosso que é psicólogo acha que não devemos aceitar que seja hipnotizado porque pode

fazer-lhe mal.

– Então tentamos sem hipnose – diz simplesmente Joona.

O eco dos seus passos desaparece quando sai para o sol da tarde no cais. A água flui suavemente e exala odores húmidos. Bandeiras pendem frouxamente dos mastros e até as folhas dos choupos estão imóveis.

Joona segue o Strömmen, passa pelo Parlamento, olha para o Strömparterren e recorda-se da água fria muitos anos antes.

É conduzido através da imponente sala de refeições do Operakällaren, passa por um painel dourado e sai para a esplanada envidraçada que dá para o rio e para o palácio. À volta de uma mesa isolada, estão sentados Margot, o chefe da Polícia de Segurança, Verner Zandén, o procurador-chefe Lars Tamm, e o diretor distrital, Gösta Carlén. Estão a erguer os copos de champanhe para fazerem um brinde quando Joona para à frente deles.

– Não precisavas de ter vindo cá porque a resposta continua a ser não – declara Margot antes de ele ter tempo de falar. – Ninguém conhece o Ninho da Águia. Acabei de perguntar aqui ao Verner e ao Lars, além de ter falado com o departamento 2022 do Serviço de Inteligência.

– No entanto, parece existir – insiste Joona.

– Todos aqui estão informados do caso, incluindo da operação catastrófica na vivenda que, segundo alguns, era tão essencial.

– Temos três casos de rapto de pessoas, duas das quais foram assassinadas...

Joona cala-se e desvia-se para o lado quando os empregados de mesa vêm servir o primeiro prato e encher os copos. Sabe que tem de ser cuidadoso ao fazer o pedido uma vez que todos estão cientes de que foi Margot quem deu a ordem de entrada na casa de Ulrike antes de toda a equipa da Força de Intervenção estar presente, levando a que houvesse baixas.

– *Foie gras* grelhado com alçaçuz e molho de gengibre – explica uma empregada de mesa. – Espero que gostem.

– Obrigado – agradece Verner.

– Lamento estarmos a comer enquanto conversamos – diz Lars. – Mas estamos a despedir-nos do Gösta, que vai para a Europol.

– A culpa é minha, mas não vos incomodaria se não fosse urgente – desculpa-se Joona.

Fica de pé, calado, enquanto eles começam a comer, e espera até Margot erguer o olhar na direção dele para continuar a falar.

– O ponto de partida é o facto de a nossa testemunha ocular, o Martin Nordström, ter ouvido uma conversa entre o Primus e um homem chamado Caesar – diz ele. – Estavam a discutir sobre a Jenny Lind e o parque infantil apenas alguns dias antes do homicídio.

– Isso já percebemos – diz Verner, passando um pedaço de *foie gras* no molho com o garfo.

– E tu continuas a achar que foi o Primus ou esse Caesar quem matou a Jenny Lind, é isso? – pergunta Margot.

– Acho que foi o Caesar – responde Joona.

– Mas andas à procura do Primus – diz Margot, limpando um canto da boca com o guardanapo.

– Porque achas que foi o Caesar? – pergunta Verner.

– Porque ele castigou a Ulrike Bengtsson quando o Primus não lhe obedeceu cegamente... Foi a casa dela a meio da noite e tentou serrar-lhe uma perna.

Lars Tamm põe um pouco de cebola assada no garfo, mas depois não é capaz de o levar à boca.

– Isso corresponde ao perfil do suspeito? – pergunta Gösta.

– Ele tinha um guincho consigo – responde Joona.

– Então é ele – conclui Verner.

Ficam em silêncio quando um empregado se aproxima, retira os pratos da entrada, limpa as migalhas de pão para um prato prateado e enche os copos de água.

– O que sabemos sobre o Caesar? – pergunta Margot depois de o homem se afastar.

– Nada – diz Joona. – Se o verdadeiro nome dele for realmente Caesar, então nunca esteve internado nem trabalhou no Serviço de Psiquiatria... e não há ninguém com esse nome no clube de motociclismo do Stefan nem nas organizações rivais.

– Um perfeito desconhecido – murmura Gösta.

– Tenho de encontrar o Primus porque é a única pessoa que me pode dizer quem é o Caesar – declara Joona.

– Faz sentido – concorda Verner, com a sua voz grave.

– O Primus não tem casa, mas a irmã diz que ele vai sempre, sem falta, ao Ninho da Águia.

Os empregados voltam a sair silenciosamente para a esplanada e servem *Riesling* fresco, lucioperca assado no forno com creme de brócolos e pickles de rutabaga.

– Provamos o vinho? – pergunta Margot.

Pegam nos copos, brindam discretamente e bebem.

– É excelente – diz Verner.

– Em todo o caso, é impossível requisitar a Força Nacional de Intervenção com um fundamento tão fraco – explica Margot.

– Temos mesmo de ser mais cuidadosos com eles durante algum tempo – murmura Gösta.

– Então vou eu como agente infiltrado – diz Joona.

– Agente infiltrado – suspira Margot.

– Eu vou encontrar o Primus e preciso de ter a autorização.

– Desculpa, mas não me parece – diz ela com um sorriso.

– Além disso, é demasiado perigoso – salienta Verner, bebendo mais vinho.

– Não temos outra alternativa – afirma Joona. – É esta noite que o Ninho da Águia está aberto. Depois disso, teremos de procurar o Primus em escadas e estações até ele ir parar novamente à ala psiquiátrica... e isso pode levar meses, se ele seguir os seus ciclos habituais.

– Estou a tentar perceber isto – diz Lars, pousando os talheres. – Será possível que o Clube encomende raptos e homicídios ao Primus e ao Caesar?

– Não creio – responde Joona.

– Mas o Clube vende drogas e organiza apostas... e multiplica o lucro através de operações de crédito ilegais.

– É o costume – diz Verner.

– E para que funcione, as dívidas têm de ser coletadas – prossegue Lars.

– Se existir a mínima possibilidade de não se pagar, toda a operação colapsa.

– Mesmo assim, raptar raparigas parece um pouco excessivo – objeta Margot.

– Para eles não – diz Lars. – Consideram-no meramente como o derradeiro método para recuperarem o seu dinheiro, quando mais nada funciona.

– Independentemente de quais parecem ser os motivos subjacentes – começa Joona –, neste momento só existe uma pessoa que pode fazer a investigação avançar.

– O Primus – diz Verner.

– Porque é que havemos de acreditar que o Primus vai estar nesse lugar? – pergunta Margot.

– A irmã diz que ele vai sempre ao Ninho da Águia – responde Joona.

– E se estiver lá, como é que vais conseguir trazê-lo contigo?

- Eu arranjo uma maneira.
- Tu improvisas um pouco quando...

Voltam a calar-se quando o empregado se aproxima para levantar os pratos.

- Excelente – diz Gösta em voz baixa.
- Muito obrigado – responde o empregado antes de se afastar.

Todos olham para Margot quando ela roda lentamente o seu copo de vinho. A luz refratada espalha-se sobre a toalha branca.

– Fazer uma operação *undercover* hoje à noite parece-me um pouco precipitado – declara, olhando para Joona. – E é possível que nem sequer nos leve ao Primus.

- Eu vou encontrá-lo – diz Joona.

– Porém, eu tenho as minhas dúvidas... Costumo dizer sempre que devemos confiar no trabalho normal da Polícia, na grande e lenta maquinaria.

- Mas é só hoje à noite que...
- Espera, Joona... haverá mais noites no Ninho da Águia, e então...
- Mas então a Mia Andersson talvez já esteja morta – interrompe Joona. Margot olha para ele com uma expressão séria.
- Se me voltares a interromper, tiro-te o caso.
- OK – responde Joona.
- Compreendes o que te estou a dizer?
- Sim, compreendo.

Instala-se um silêncio desconfortável. Gösta aventura-se a dizer algumas palavras sobre a renovação de uma casa de férias à beira-mar na ilha de Muskö, porém desiste passado um momento.

Quando chega o prato seguinte, permanece um silêncio inquietante. O empregado apresenta rapidamente o filete de borrego da Gotlândia

acompanhado de um ragu de lentilhas e avelãs, e o vinho tinto da margem oeste do estuário da Gironda, em Bordéus.

– Agora temos a intenção de continuar o nosso jantar – declara Margot, pegando nos talheres.

– Podemos falar mais logo sobre a operação? – pergunta Joona. – Só preciso de um pequeno grupo... entramos sem chamar a atenção, isolamos o Primus e apanhamo-lo.

Margot aponta para ele com o garfo e uma gota de molho cai-lhe em cima do sapato.

– Joona, tu és esperto, mas eu descobri a tua fraqueza – diz-lhe. – Quando te apaixonas por um caso, tornas-te vulnerável porque a partir desse momento não és capaz de o largar, estás disposto a fazer o que quer que seja, infringir a lei, ser despedido ou até morrer.

– Isso é uma fraqueza? – pergunta ele.

– Não autorizo uma operação *undercover* hoje à noite.

– Só que eu tenho de...

– Acabaste de me interromper? – atalha ela.

– Não.

– Joona Linna – diz ela lentamente. – Eu não sou o Carlos, não tenho a intenção de perder o trabalho por tua causa. Tenho de sentir que tu compreendes que sou a tua chefe, que as minhas ordens são para ser cumpridas, mesmo que não concordes com elas.

– É o que vou fazer.

– Ótimo.

– Tens um pouco de molho no sapato – diz-lhe Joona. – Queres que o limpe?

Como Margot não responde, ele tira um guardanapo de pano branco de um carrinho de serviço e ajoelha-se à frente dela.

– Isto não tem piada – objeta Verner.



– Tenho de protestar – reclama Gösta, stressado.

Joona limpa o molho com cuidado e depois começa a polir meticulosamente o sapato.

Alguém murmura com indignação na mesa do lado, todas as pessoas que estão na esplanada envidraçada pararam de falar, Lars fica com os olhos húmidos e Verner olha fixamente para o tampo da mesa.

Sem pressa, Joona passa ao outro sapato e dá-lhe lustro antes de se levantar e dobrar o guardanapo.

– Podes levar duas pessoas contigo – declara Margot, impassível, começando depois a comer. – Só esta noite, e nada pode correr mal. Informa-me amanhã de manhã.

Três motorizadas avançam em fila por uma área industrial, em direção ao porto sul de Södertälje, e passam pela Shell Truck Diesel, pela Scania e pela Trailerservice. O som dos motores de um cilindro ecoa entre as fachadas planas.

O ar noturno está quente e abafado. Do outro lado do estreito vê-se a central de cogeração.

Joona vai à frente e os dois colegas seguem-no lado a lado. A missão consiste em infiltrar o Ninho da Águia, localizar Primus e isolá-lo para que o possam deter sem despertar as atenções.

Quatro horas antes, Joona reviu o plano com Edgar Jansson e Laura Stenhammar. Ele nunca trabalhou com nenhum dos dois, mas lembra-se de quando, há dez anos, Laura foi proibida de exercer funções no exterior depois de ter lançado uma granada de mão para dentro de uma carrinha com um laboratório de anfetaminas. Posteriormente, foi recrutada para o departamento de defesa constitucional da Polícia de Segurança, onde mapeia e infiltra meios extremistas. Edgar tem apenas vinte e cinco anos e trabalha para o serviço de inteligência da divisão de estupefacientes, na região de Estocolmo.

Requisitaram documentos de identidade, dinheiro e três motos *Husqvarna Vitpilen* de setecentos centímetros cúbicos de cilindrada.

Os três mudaram de roupa antes da operação. Laura vestia uma túnica de renda quando se encontraram, mas agora tem umas calças de pele justas, botas de motociclismo e um *top* branco. Edgar trocou as suas calças castanho-claras e a camisola axadrezada por umas *jeans* pretas, umas botas de *cowboy* e um blusão de ganga gasto. Joona vestiu umas calças de camuflado preto e branco, umas botas pesadas e uma *T-shirt* preta.

Laura conseguiu comprar a um dos seus informadores um cartão de acesso que funcionará como uma espécie de bilhete de entrada.

Estudaram fotografias de Primus Bengtsson e Stefan Nicolic, examinaram imagens de satélite da área do porto e familiarizaram-se com a posição relativa dos edifícios, as estradas, a vedação alta, a extensão do cais e a área de contentores ISO.

No canal, três militares do Grupo de Operações Especiais esperam num semirrígido, podendo chegar ao porto do Ninho da Águia em menos de cinco minutos, caso Primus seja encontrado.

Joona, Edgar e Laura passam de mota por baixo da ponte ferroviária e seguem uma vedação com placas de uma empresa de segurança e câmaras de vigilância.

As três motas abrandam e param em frente ao portão de um terminal de transbordo para contentores e carga a granel. Laura tira o cartão, passa-o num leitor preso a um poste isolado e sente um misto de nervosismo e alívio quando o portão se abre. Entram e estacionam num parque que já está repleto de motas pesadas. Ouvem-se urros e gritos vindos de um edifício que faz lembrar um hangar.

– Se tivermos uma oportunidade, colocamos um transmissor no Primus, mas não corram riscos, esperem o tempo que for preciso – repete Joona enquanto se dirigem para a porta.

O plano é separarem-se e procurarem o Primus sem dar nas vistas.

O céu noturno está claro, porém a zona está mergulhada numa penumbra sem sombras.

Os três polícias avançam ao longo do caminho de ferro no cais de betão.

Um grupo de homens com barba, tatuagens e coletes de cabedal caminha descontraidamente à sua frente na direção do controlo de segurança.

– Que constrangedor – afirma Edgar com um sorriso, ajeitando o blusão de ganga.

Põem-se na fila para a entrada. Laura tira o elástico que lhe prende o rabo de cavalo e deixa o cabelo vermelho *henna* cair sobre os ombros nus. Quatro seguranças com espingardas automáticas supervisionam a passagem pelo pórtico detetor de metais. O homem alto à frente deles entrega uma pistola e aceita um recibo que guarda na carteira.

Os gritos e aplausos vindos do interior do hangar ouvem-se agora mais alto, como ondas a rebentar numa praia.

Do outro lado do controlo, espera-os uma mulher loura e alta que dá as boas-vindas a todos e distribui senhas para bebidas, feitas com rolo de filme cortado.

– Boa sorte – diz, demorando o olhar em Joona.

– Obrigado.

Está muito mais escuro no interior do recinto do que no exterior. O público aglomera-se em torno de um ringue de boxe no centro do hangar.

Ouve-se um sino de latão tocar brevemente e os pugilistas regressam aos seus cantos do ringue. Estão ofegantes e as ligaduras brancas que lhes envolvem as mãos estão ensanguentadas nos nós dos dedos.

Os três polícias abrem caminho até ao bar por entre uma multidão de braços tatuados, cabeças rapadas, roupas de cabedal preto, barbas e orelhas com *piercings*.

– Adoro *cosplay* – diz Laura num tom seco.

No chão molhado, há copos de plástico, saquetas de tabaco de mascar e talões antigos.

Laura segura um dos seus fragmentos de filme contra a lâmpada sobre o bar e vê que se trata de um filme pornográfico: uma mulher está a ser penetrada por um *dildo* preso a uma vara que, por sua vez, está ligada a uma máquina qualquer.

Trocam as senhas por cerveja em copos de plástico, avançam um pouco mais entre a multidão, separam-se e continuam em direções diferentes.

O ringue está iluminado, o público comprime-se e os rostos dos que estão mais à frente captam uma parte da luz.

Joona aproxima-se do combate e, quando um dos pugilistas ataca, ouve-se uma rápida sucessão de pancadas surdas no chão do ringue. Um corretor com o cabelo comprido e chapéu de coco anda de um lado para o outro a recolher as apostas do público.

No outro lado do amplo recinto, os portões do hangar estão completamente abertos para o cais. As andorinhas entram a voar junto ao teto para apanhar insetos.

Ele observa os dois lutadores e percebe que o homem do canto vermelho do ringue vai vencer.

Joona olha para a entrada com o controlo de segurança e o bar, mas já não consegue ver os colegas.

Ao longo de um dos lados do hangar, num nível superior, há um escritório com grandes janelas viradas para o piso de trabalho. Joona consegue adivinhar pessoas na luz quente do interior e sombras a mover-se no vidro.

O homem do canto azul do ringue grita qualquer coisa, dá um pontapé baixo e depois outro circular que atinge o oponente na face. A cabeça oscila, ele cambaleia para o lado, parece ficar um pouco confuso, alcança as cordas e esquiva-se no preciso instante em que a ronda acaba.

O corretor de apostas com chapéu de coco vai de pessoa em pessoa, fecha rapidamente negócio e deixa um recibo.

– O canto vermelho vai ganhar o combate com um *knockout* – diz Joona quando os seus olhares se cruzam.

– Dois ponto cinco – responde ele.

– OK.

Joona recebe um recibo pelo dinheiro que apostou e o corretor afasta-se.

O pugilista do canto vermelho cospe sangue para um balde. Cheira a suor e linimento. O lutador adversário coloca a proteção de dentes.

Ouve-se de novo o sino tocar e o chão ecoa sob os pés descalços.

O comissário observa sistematicamente a audiência, demorando-se em cada rosto para que Primus não lhe escape. Todos estão concentrados nos lutadores.

Por trás do canto azul do ringue, no chão, está um homem magro que veste uma camisola preta com o capuz puxado para cima. Não se lhe consegue ver o rosto, porém ele não parece de modo algum estar a reagir ao combate. Joona começa a abrir caminho na direção dele.

De súbito, o público grita e levanta os braços. O pugilista do canto vermelho desferiu uma série de golpes fortes contra as costelas do oponente.

Joona é empurrado para o lado e deixa de conseguir ver o homem de capuz.

O lutador do canto azul recua e tenta proteger as costelas com o cotovelo. Baixa um pouco as mãos quando o outro se curva com o soco que ele lhe dá.

Ouve-se um estalo, como se alguém tivesse batido palmas com as mãos molhadas.

O *uppercut* atinge a face do lutador do canto azul e ele cambaleia para o lado. Um dos joelhos cede quando recebe um novo *uppercut* na têmpora e cai com força no chão.

Joona continua a avançar enquanto vê, por entre os braços erguidos da audiência, o lutador do canto vermelho espezinhar várias vezes o rosto do adversário caído.

O público grita, alguns aplaudem. Um copo de cerveja meio cheio é lançado para o ringue e o líquido espumante derrama-se sobre a lona.

Já não consegue ver o homem de capuz em lado nenhum.

A maior parte das pessoas do público atira os recibos para o chão. Ele olha atentamente para cada rosto enquanto vai entregar o seu recibo para receber aquilo que ganhou. Ergue novamente o olhar para o escritório. Um homem que poderia ser Stefan Nicolic está à janela a observar o ringue. Não é muito mais do que uma silhueta, mas o seu rosto reflete um pouco da luz quente.

Edgar deixa Laura no bar, vislumbra Joona no meio do público do combate e adentra-se no hangar. Segue o fluxo de pessoas que sai para a área do cais através dos portões levantados.

Um cão ladra agressivamente algures. Edgar procura Primus com o olhar, passa por uma longa fila de sanitários portáteis em polietileno e depois atravessa uma vasta área com contentores e gruas portuárias. Um homem magro com um colete de cabedal está a vomitar para cima da tampa de um caixote do lixo. Tem as calças de ganga encharcadas de urina e, antes de desviar o olhar, Edgar repara nas marcas do consumo de heroína nos seus braços.

Há barcaças e navios de carga atracados ao cais. Todos parecem estar a ir na direção de um grande armazém com telhado abobadado. As portas da fachada principal estão abertas e ouvem-se gritos e latidos vindos do interior. Edgar passa por uma grande pá carregadora e segue o fluxo de pessoas para dentro do enorme armazém. Na verdade, trata-se de um depósito de sal para estradas e por isso todo o interior faz lembrar uma paisagem de neve. A metade mais afastada do armazém está cheia de sal densamente compactado, empilhado até ao teto de acrílico amarelecido, a quinze metros do chão. Na parte da frente, foi construído um recinto delimitado por barreiras de controlo de multidões amarradas umas às outras.

No chão branco, há marcas profundas feitas por um trator e veem-se taludes de sal junto às paredes.

Cerca de cinquenta homens estão apinhados em torno da área vedada. Grandes cães de luta com pescoços e mandíbulas extremamente poderosos aguardam em jaulas, irrequietos e agressivos.

Edgar começa a procurar Primus entre os rostos excitados do público. Através da multidão, vê um dos treinadores entrar no recinto. Segurando a



trela e a coleira com as duas mãos, escorrega para a frente quando o cão faz força com as patas traseiras e se ergue.

As apostas decorrem a um ritmo intenso. Os homens da audiência gritam e apontam. Por seu lado, os cães ladram e puxam a trela com tanta violência que se engasgam.

Um juiz com um casaco axadrezado levanta a mão. O treinador solta a trela, sem tirar a mão da coleira, e grita qualquer coisa ao cão, que o arrasta um pouco mais para a frente.

Edgar não consegue ver o outro lado da zona vedada, mas percebe que o treinador adversário faz o mesmo.

O juiz faz a contagem decrescente e baixa a mão. Os dois treinadores largam as coleiras. Os cães precipitam-se um contra o outro, ladram e tentam morder-se. O público grita e comprime-se contra o gradeamento. Os dois animais levantam poeira e erguem-se sobre as patas traseiras, assentando as dianteiras sobre o outro e ferrando-se repetidamente.

O cão castanho-escuro consegue apanhar a orelha do adversário, puxando e abanando a cabeça sem a soltar. Voltam a ficar sobre as quatro patas e andam aos círculos enquanto o sangue escorre para o chão branco. O de pelo mais claro gane e o seu ventre move-se depressa ao ritmo da respiração. O outro não o larga, sacode a cabeça, arranca um pedaço da orelha e afasta-se a correr com ele na boca. O homem ao lado de Edgar dá uma gargalhada.

Com o coração acelerado, Edgar segue em frente e, de súbito, vê Primus ao longe num armazém. Reconhece-o imediatamente das fotografias. Não há dúvida de que é ele: o rosto esguio, os dentes tortos e o cabelo grisalho comprido. Veste um casaco de cabedal vermelho e parece estar a discutir sobre qualquer coisa com um homem mais baixo.

Os treinadores gritam, os cães ladram excitados e atacam-se de novo. O mais claro cai e acaba com o outro em cima dele.

Edgar vê Primus entregar um envelope grosso e receber algumas notas de gorjeta.

O cão castanho-escuro abocanhou a garganta do mais claro. O público grita. O animal atacado treme e debate-se tomado pelo pânico, no entanto as mandíbulas do outro não lhe largam o pescoço.

Edgar está tão agitado que fica com lágrimas nos olhos enquanto tenta chegar até junto de Primus. Vê-se o casaco de cabedal vermelho entre a multidão.

Limpando as lágrimas com a mão, Edgar pensa que, no meio de tanta gente, não será difícil colocar um transmissor em Primus.

– Qual é o teu problema? – pergunta-lhe um homem de barba, agarrando-o pelo braço.

– Nenhum – responde Edgar, olhando-o nos olhos embriagados.

– São só cães – comenta o homem com um sorriso.

– Vai para o inferno – diz Edgar, soltando bruscamente o braço.

– Sabes o que é que fazem às pessoas lá em baixo no...

– Vai-te foder – atalha ele, e continua em frente.

– Copinho de leite – ouve atrás de si.

Primus já não está no mesmo lugar. Edgar olha em redor e vê-o prestes a sair. Continua a avançar, pedindo licença para passar, e depois segue o sulco que se abriu na multidão quando o treinador passou a arrastar o seu cão morto.

Ao sair para o ar noturno, Edgar ouve novamente cães a ladrar no interior do armazém de sal. Em todo o cais há pessoas a andar de um lado para o outro, ao fundo junto às pilhas de contentores e à volta da entrada do hangar grande.

Avista outra vez Primus e apressa-se em direção a ele.

Um homem velho com uma suástica tatuada na testa bebe *Fanta* de uma garrafa de plástico, arrota e limpa a mão na barriga.

Primus vira para uma das passagens entre os contentores e Edgar segue-o. A acústica muda tão subitamente que é como se lhe tivessem posto tampões nos ouvidos. Cheira a fezes e vomitado. As paredes metálicas vermelhas, amarelas e azuis erguem-se com uma altura de quinze metros. Numa passagem transversal, Edgar vê uns dez homens em fila à frente de um contentor aberto. Numa cama revestida de plástico, está deitada uma mulher nua com um homem robusto em cima. Outra, com uma saia de vinil, é levantada e levada ao colo. Uma mulher alta com uma peruca loura sai a cambalear com um preservativo pendurado entre as pernas.

O rabo de cavalo de Primus balança sobre as costas do casaco vermelho a cada passo que dá. Depois de avançar mais cem metros pelo caminho estreito, ele desaparece dentro de um contentor.

Edgar segue em frente, hesita, mas depois segue-o no escuro. Move-se cuidadosamente junto a uma parede e detém-se. Ouve movimentos de pessoas muito perto de si e vozes abafadas que chegam de várias direções. Há um odor a fumo químico no ar estagnado. Uma lanterna pendurada emite uma luz fraca e acastanhada.

Quando os olhos se adaptam à escuridão, consegue adivinhar umas dez pessoas sentadas junto à parede ou deitadas no chão. Primus está de pé no canto mais interior, à frente de um homem com a barba entrançada.

Edgar tira uma nota do bolso, avança devagar sobre o chão de contraplacado e vê Primus comprar um tubo de plástico cujo conteúdo é provavelmente Base Livre. O homem com a barba entrançada conta novamente o dinheiro. Primus bate nervosamente com os pés no chão e penteia uma mecha de cabelo grisalho para trás da orelha.

Depois de passar por cima de um homem adormecido, Edgar aproxima-se de Primus, finge apanhar uma nota do chão e dá-lha.

– Deixaste cair isto – avisa-o.

– Hã? OK, obrigado. Porra, que simpático da tua parte – diz Primus, guardando a nota.

Dando-lhe uma pancadinha nas costas, Edgar prende-lhe o transmissor por baixo do colarinho do casaco. Primus ergue o tubo contra a luz da lanterna e senta-se no chão, encostado à parede com os joelhos levantados. Começa a preparar um pequeno cachimbo de vidro. Um jovem está de pé por baixo da lanterna a tentar fazer um cone de papel de alumínio com as mãos trémulas.

Edgar observa o perfil do rosto magro de Primus, as rugas nas faces e o cabelo comprido e desgrenhado sobre os ombros.

Quando trabalhava como operacional da Polícia de Narcóticos, viu muitas vezes isto. Não se pode fumar cocaína porque os sais precipitados têm um ponto de fusão demasiado elevado. Porém, se se adicionar amónia e benzeno, a mistura estratifica-se. No topo, forma-se uma camada de cocaína quase pura. Assim que os solventes se evaporam, resta uma pasta branca que se desfaz facilmente e dá uma moca breve, mas extremamente intensa.

Primus abre o fecho do casaco, tira um isqueiro do bolso interior e debruça-se sobre o cachimbo. Edgar repara então que o transmissor desceu do colarinho do casaco e está quase a soltar-se. Tem de o prender melhor e, por isso, aproxima-se um pouco mais dele.

Primus fica com a boca húmida quando põe o isqueiro por cima do cachimbo para o aquecer. Uma rodopiante nuvem de vapor forma-se no recetáculo arredondado do cachimbo. Ele encosta-se para trás e fuma. As lágrimas começam a correr-lhe pelas faces e, de repente, o maxilar contrai-se e os lábios ficam brancos. Começa a murmurar nervosamente para si mesmo e o pequeno cachimbo treme-lhe na mão.

Edgar ajoelha-se ao seu lado e põe-lhe uma mão no ombro.

– Como é que isso está a correr? – pergunta-lhe, pressionando o transmissor para que fique bem preso.

– Não sei – responde Primus enquanto aquece novamente o cachimbo. – Não, isto não funciona, que se lixe, podes tentar tu.

– Obrigado, mas...

– Rápido, rápido, ou essa merda desaparece – interrompe-o ele, impaciente, e mete o cachimbo na boca de Edgar.

Antes de ter tempo para refletir sobre as consequências, Edgar inala o vapor e vê o recipiente de vidro ficar translúcido de novo.

O efeito é imediato: os músculos ficam pesados e ele senta-se contra a parede, ao lado de Primus. O pânico brota no seu interior. Decide manter-se imóvel e esperar que a pedra passe, antes de ir à procura de Joona.

Uma intensa euforia espalha-se a partir dos dedos dos pés e sobe-lhe por entre as pernas. O pénis endurece, o coração bate com mais força e um formigueiro invade-lhe os lábios.

– Eu tomo uma data de medicamentos – explica Primus, em voz baixa. – E às vezes, quando fumo, só sinto um estalo na cabeça e o maxilar a puxar...

Edgar ouve a voz de Primus e tem a mente perfeitamente sóbria. Sabe que o acesso de felicidade não passa de um efeito da droga, mas ainda assim sorri para si mesmo. O seu membro latejante faz pressão contra as calças de ganga.

Há pessoas a conversar em voz baixa no escuro. Uma mulher com a cabeça coberta de tranças finas sorri-lhe.

Edgar inclina a cabeça para trás, fecha os olhos e sente alguém abrir-lhe a braguilha, enfiar a mão quente nas calças, agarrar-lhe o pénis e apertá-lo suavemente. Ele respira tremulamente pelo nariz e o coração bate mais depressa. O prazer é tão avassalador que tudo o resto deixa de importar. A mão desliza para baixo e para cima com movimentos delicados.

Edgar abre os olhos, pestaneja na escuridão e vê Primus debruçar-se sobre ele para pôr o pénis na boca. Empurra-o, levanta-se cambaleante, puxa as calças para cima e abotoa-as sobre a ereção enquanto sai aos tropeções.

É invadido por um terrível medo de se perder a si próprio, sabendo que o que pretende fazer é um erro. Tem as pernas a tremer e a pulsação atroa-lhe nos ouvidos. Edgar caminha apressadamente, vira para a passagem entre os contentores, passa pela fila de homens, entra no contentor e para à frente de uma mulher. Sem dizer nada, agarra-lhe no braço e puxa-a para o lado.

– Bem, estamos um bocadinho apressados – comenta ela.

Dá-lhe todo o dinheiro que tem consigo, repara no espanto dela antes de a virar contra a parede, mete as mãos por baixo da minissaia de vinil e puxa-lhe as cuecas vermelhas até aos joelhos.

A ereção é quase dolorosa. Com as mãos trémulas, desaperta as calças e desliza para dentro dela.

Ele não se compreende a si mesmo: não quer fazer isto, mas não consegue controlar-se. A droga percorre-o como água gelada, cada pequeno pelo fica arrepiado e as endorfinas pulsam-lhe através do corpo.

Edgar move-se rapidamente e soluça ao ejacular. É como se os jorros e as contrações nunca fossem ter fim.

Joona põe-se ao lado do homem de capuz no bar, dá-lhe um encontro, olha-o nos olhos e pede desculpa. Não era Primus, mas sim um jovem com bigode louro e *piercings* nas bochechas. Volta então para o ringue com o seu copo de plástico na mão.

Dois homens com o rosto e o tronco cobertos de cicatrizes andam em círculos, um diante do outro, sob a luz intensa dos holofotes. Ambos têm na mão uma garrafa de vidro partida. Um usa umas calças de ganga azuis e o outro uns calções pretos. Apesar dos gritos do público, estão bastante hesitantes. As suas tentativas de ataque são sempre interrompidas a meio.

Um homem alto com a cabeça rapada e o pescoço tatuado toca no ombro de Joona. Veste uma *T-shirt* verde e calças de fato de treino largas.

– Desculpa – pergunta amigavelmente. – Mas... não me reconheces?

– Não sei, talvez – responde Joona, voltando-se outra vez para o ringue.

O homem tem um pouco mais de dois metros de altura e pesa muito mais do que Joona. Os braços enormes estão cobertos de tatuagens verde-escuras.

Joona sabe quem ele é: é conhecido como Ponytail-tail e pertencia à irmandade da prisão de Kumla, porém foi transferido para Saltvik precisamente quando Joona acabara de lá chegar.

– Tenho a certeza de que já nos encontrámos – garante Ponytail-tail.

– É possível, mas não me lembro mesmo – diz Joona, virando-se novamente para ele.

– Como te chamas?

– Jyrki – responde Joona, olhando-o nos olhos.

– A mim chamam-me Ponytail-tail.

– Eu lembrar-me-ia disso – diz Joona, desviando o olhar para o combate quando o público grita.

O homem de calções pretos dá um pontapé alto, mas o outro agarra-lhe o pé com a mão livre, faz-lhe um corte por cima dos dedos com a garrafa e depois larga-o.

– Porra, que estranho, és-me tão familiar...

Ponytail-tail começa a andar na direção do bar, contudo, alguns passos depois, vira-se e volta para trás.

– Costumas estar cá? – interroga ele.

– Não muito – responde Joona.

– Sou mesmo estúpido, não percebo – diz ele com um sorriso e coçando a nuca.

– Talvez eu me pareça com alguém que...

– Espera, eu sei que já te vi – atalha Ponytail-tail.

– Tenho de ir – diz bruscamente Joona.

– Já lá chego – insiste ele, tocando com o dedo na têmpora.

Joona começa a dirigir-se para os grandes portões do hangar e vê que o lutador de calções pretos deixa longos rastros de sangue atrás de si no ringue.

Ponytail-tail segue-o e agarra-lhe o braço. Joona vira-se com uma expressão dura. O enorme homem levanta as palmas das mãos em jeito de desculpas.

– Só quero olhar para ti outra vez, dá-me um segundo – pede ele.

– Estás a fazer disto uma grande coisa.

– Viveste em Gotemburgo?

– Não, não vivi – responde Joona, impaciente.

– OK, *sorry* – desculpa-se ele, com uma ligeira vénia que faz oscilar o martelo de Thor pendurado na corrente que tem ao pescoço.

Joona vê-o virar-se novamente e dirigir-se ao bar.

O público à volta do ringue grita. Os dois homens deslocam-se ao longo das cordas. O lutador de calças de ganga faz um corte profundo na mão ao



agarrar a garrafa do adversário para a manter afastada. O sangue escorre-lhe pelo antebraço. Sem a largar, tenta atingir o rosto do outro com a sua garrafa, mas falha sempre.

Laura afasta-se do ringue, abrindo caminho em direção à entrada. Um homem põe-lhe o braço tatuado à volta dos ombros. Não consegue ouvir o que ele lhe sussurra ao ouvido com a voz arrastada, mas julga poder adivinhar a ideia geral. Soltando-se do braço dele, não consegue afastar a fantasia de o ex-marido a ver no meio de todos aqueles homens, em calças de pele e *top* branco.

«O mais provável era ele nem erguer o olhar do telemóvel», pensa logo a seguir.

Um homem novo cai para trás e bate com a cabeça no chão do ringue com um forte baque. A proteção de dentes ensanguentada salta-lhe da boca e vai parar-lhe ao cabelo.

A assistência grita e vaia-o. O jovem não se mexe, apesar de lhe estarem a atirar copos de cerveja e lixo. O segundo está ao pé dele e ajuda-o a levantar-se. Ele parece não compreender onde se encontra e os joelhos cedem quando tenta andar.

Laura ganhou bastante dinheiro com o combate e apostou-o todo no jovem pugilista. Olha outra vez para o recibo, amarrota-o e atira-o para o chão. Decide comprar outra cerveja e contorna o grupo de homens em frente a um monitor que está mais ao fundo no hangar. Assim que começa a avançar na direção do bar, um homem alto com cabelo branco retém-na.

– O Stefan Nicolic convida-te para um copo na sala *vip* – diz-lhe ele.

– Está bem, obrigado, mas daqui a nada vou-me embora – responde Laura.

– Ele quer cumprimentar-te – insiste o homem de cabelo branco, com tom de poucos amigos.

– OK, claro, fixe.

Laura segue-o por entre o público, afasta um homem corpulento e sente a *T-shirt* encharcada de suor contra a sua mão.

Um grupo dispersa-se ao ver o homem de cabelo branco aproximar-se e deixa-os passar em direção a uma porta no fundo do hangar. Dois homens com coletes à prova de bala e pistolas guardam a entrada. Laura sente o pulso acelerar. Não faz a mínima ideia do que Stefan Nicolic querará dela.

O homem insere um código e entra. Seguindo-o, Laura sobe umas escadas estreitas com luzes em todos os degraus. Acedem à sala *vip* passando por uma cortina de contas cor de vinho.

A iluminação fraca e amarelada reflete-se nas poltronas de pele castanho-escuras e na mesa de centro baixa, onde repousa um livro sobre aves. No ar, há um estranho cheiro a ranço.

Stefan Nicolic está de pé junto a uma das janelas que dão para o hangar e observa o ringue e a multidão. Uma mulher magra com um penteado quase esférico está ao lado de um aparador com garrafas, copos e um balde de gelo. Veste roupas de desporto brancas e tem calçados uns chinelos de praia pretos.

– Olá – diz Laura com um sorriso.

Sem responder ou mudar de expressão, a mulher esfrega um copo com um pano branco até ficar brilhante e depois coloca-o ao lado dos outros.

Junto à parede interior, está uma águia-real dentro de uma enorme gaiola com grades grossas. A plumagem castanho-escura eriçada mal se vê na obscuridade, mas a cabeça amarelo-dourada e o bico recurvo captam um pouco de luz. A gigantesca ave parece seguir com os seus olhos brilhantes tudo o que se passa na sala.

Quando Stefan se vira, Laura vê que ele tem na mão uns binóculos com revestimento de plástico verde. Sem dizer nada, aproxima-se das poltronas e pousa os binóculos na mesa. Com olheiras e a boca descaída, parece não dormir há vários dias. Tem o cabelo grisalho muito curto, nota-se que partiu

a cana do nariz mais do que uma vez e exhibe várias cicatrizes numa das faces.

– Está tudo bem? – pergunta, olhando para Laura.

– Sim, tudo ótimo... ou se calhar não assim tão fantástico depois do último combate – responde-lhe, acenando com a cabeça na direção da janela.

– Nunca te vi aqui antes.

– Não?

– Sou muito bom a lembrar-me de caras.

– Tens razão, é a primeira vez – admite Laura com um sorriso.

– Senta-te.

– Obrigada.

Laura senta-se e olha para o ringue intensamente iluminado lá em baixo e para as torrentes escuras de pessoas no hangar.

– Costumo apresentar-me a quem perde dinheiro pela primeira vez – esclarece Stefan. – Ou seja... algumas pessoas acham que os combates são combinados, mas não são, juro. Temos um enorme lucro independentemente de quem vence.

Stefan cala-se, olha para a outra mulher, levanta dois dedos por alguns segundos e depois senta-se de pernas abertas na poltrona diante de Laura.

– Mas se uma pessoa tiver jeito para avaliar combates, pode sair daqui rica...

Sem pressa, a mulher deita *whisky* de uma garrafa para dois copos, tira pedras de gelo com a pinça e um pouco de água com gás do sifão.

Do candeeiro por cima da mesa, pendem dois pequenos punhais presos a tiras de couro. Tilintam ao chocar um com o outro a cada movimento de ar.

– Para a luta de galos – explica Stefan, que tinha seguido o olhar de Laura.

– OK – diz ela com um tom inquisitivo.

– Amarramo-los às patas dos galos, como esporões.

A mulher aproxima-se da mesa com uma expressão totalmente neutra e dá um copo a Stefan e o outro a Laura.

– Obrigada.

– As nossas probabilidades são excelentes – continua Stefan –, tal como viste, mas a maior parte das pessoas que jogam perde periodicamente. Por isso, emprestamos dinheiro... mas os juros são elevados, digo-te já. Assim sendo, recomendo um empréstimo de prazo muito curto: pagas amanhã ou depois de amanhã.

– Vou pensar – responde Laura, provando o *whisky*.

– Faz isso.

Stefan põe o pé direito em cima do joelho esquerdo e pousa o copo no tornozelo. Tem as calças de ganga gastas junto ao calcanhar de tanto serem pisadas. O guarda-costas com cabelo branco aponta para Laura e contrai os lábios.

– Não gosto dela – declara em voz baixa.

– Será que faz parte daquele grupo de cobardes de merda que foram a minha casa? – pergunta Stefan.

– Não, ela tem mais ar de Polícia de Narcóticos, ou talvez do Serviço de Inteligência Criminal... Tem algum dinheiro para apostar, mas não pede nenhum empréstimo, não consome drogas.

De repente, o público em torno do ringue grita tão alto que os vidros das janelas vibram. Stefan pega nos binóculos e observa a audiência.

– O René perdeu o dinheiro que lhe restava – afirma ele secamente.

– Queres que vá buscá-lo?

– É melhor.

– OK – responde o guarda-costas, e sai da sala *vip*.

Sem olhar para Laura, Stefan pousa novamente os binóculos na mesa, pega no copo e bebe o que resta. A mulher no bar enche outro copo com *whisky*, gelo e água com gás.

Ouve-se a enorme gaiola vibrar quando a águia se move para conseguir ver melhor. Um bafo a morte espalha-se pela sala. O fundo da gaiola está coberto de dejetos e de um emaranhado de finas partes de esqueletos.

Stefan pousa o primeiro copo na mesa e recebe o novo. A mulher pega no copo vazio e regressa silenciosamente ao seu posto.

– Antes tínhamos raparigas em biquíni entre as rondas, mas depois do movimento *#metoo* já não dá – comenta, quase para si mesmo.

A *T-shirt* preta está-lhe apertada na barriga e os óculos estão pendurados na gola.

– Obrigada pelo *whisky* – agradece Laura, colocando cuidadosamente o seu copo na mesa. – Vou descer para gastar o dinheiro que me resta e...

– Ainda não – interrompe-a Stefan.

Stefan Nicolic ergue ligeiramente a mão para indicar a Laura que deve ficar sentada, quando se ouvem passos e vozes nas escadas. Os pequenos punhais por baixo do candeeiro tilintam outra vez.

– Estou-me a cagar para isso – diz o guarda-costas ao entrar na sala *vip*.

Atrás dele vem um homem esgrouviado, com um *blazer* axadrezado e sapatos castanhos. Tem cerca de quarenta anos, cabelo ralo e rosto pálido.

– O Jocke fodeu-me bem fodido – explica. – Mas eu vou fodê-lo a dobrar ou, tipo, a triplicar...

– Cala-te já – atalha o guarda-costas.

Stefan levanta-se, vai até ao frigorífico do bar, tira um pombo morto preso a uma corrente fina e pendura-o na gaiola, à frente da águia. A enorme ave emite um som estridente e começa a dar bicadas no cadáver.

– Eu pago amanhã – murmura o homem. – Prometo, amanhã tenho o dinheiro.

– Nós dissemos hoje – declara o guarda-costas.

– A culpa não é minha, eu devia ter recebido um empréstimo hoje, mas depois passou para amanhã, fui fodido pelo Jocke e...

Cala-se abruptamente ao levar uma bofetada do guarda-costas. O homem dá um passo para o lado, pestaneja umas quantas vezes e põe a mão na face.

– Isso doeu para caraças – queixa-se. – Mas agora já aprendi a lição, eu...

– Onde está o dinheiro? – pergunta Stefan, de costas para ele.

– Vais recebê-lo amanhã. Eu vou telefonar ao chefe – responde o homem, pegando no telemóvel. – Podes falar com ele.

– É demasiado tarde.

– Não, não é demasiado tarde, é só mais um dia. Porra, vá lá, tu conheces-me.

– É agora que vamos resolver isto – declara Stefan.

Laura vê o homem guardar o telemóvel, apalpar o *blazer*, tirar a carteira, procurar qualquer coisa nela com as mãos trémulas e mostrar algumas fotografias da mulher e dos filhos.

– Não sejas patético – diz Stefan.

– Só quero que vejas a minha família.

– Uma bala e cinco câmaras vazias.

– O quê? – pergunta o homem, com um sorriso desconcertado no rosto.

Stefan tira um revólver da gaveta da secretária, abre-o, despeja as munições na mão, mete cinco delas num estojo para lápis e introduz a última numa das câmaras.

– Por favor, Stefan – murmura ele.

– Pensa nisto como se fosse um diagnóstico de cancro. O prognóstico é bastante bom, oitenta e três por cento de probabilidade de sobreviveres... e o tratamento só dura um segundo.

– Não quero – diz o homem num fio de voz quando Stefan lhe dá o revólver.

– Acho que ele já percebeu a gravidade – intervém Laura, levantando a voz.

– Está calada – diz o guarda-costas.

O homem esgrouviado fica de pé com o revólver na mão direita. O rosto perdeu a cor e o suor pinga da ponta do nariz.

– Cuidado com a águia – avisa Stefan.

O guarda-costas agarra-lhe nos ombros, fá-lo girar noventa graus, depois afasta-se, pega no telemóvel e põe-se a filmá-lo.

– Agora – diz-lhe.



O revólver treme nas mãos do homem quando ele o aponta à têtpora. Tem a respiração acelerada e as lágrimas começam a correr-lhe pelas faces.

– Não sou capaz, por favor, eu pago com juro, eu...

– Despacha isso de uma vez – ordena Stefan.

– Não – diz ele a chorar, e baixa a arma.

O guarda-costas suspira, mete o telemóvel no bolso e tira-lhe a arma.

– Podes fazê-lo tu – diz Stefan a Laura.

– O quê?

– Ajudá-lo.

– Eu não tenho nada que ver com isto – tenta objetar Laura.

– É o que um bôfia diria – comenta o guarda-costas, estendendo-lhe a arma.

– Não tenho a intenção de dar um tiro em alguém que não me fez merda nenhuma.

– Ele não é uma pessoa, é só um ratinho que vende haxixe e *speed* – diz Stefan.

– Bôfia de merda – exclama o guarda-costas.

Quando recebe a arma do guarda-costas, Laura sente um zumbido na cabeça e um mal-estar a subir-lhe do estômago.

– Portanto, vocês querem que eu dê um tiro a um *dealer* insignificante para provar que não sou polícia. Eu pensava que isso era precisamente o que a bôfia costuma fazer – diz ela, com a boca seca.

Stefan ri-se num tom de aprovação e depois fica novamente sério.

– Encosta o cano à testa dele e...

– Dou-lhe um tiro no joelho – sugere Laura.

– Eu é que te dou um tiro no joelho se não fizeres o que o Stefan te está a dizer – ameaça o guarda-costas.

A mulher ao pé do bar está completamente imóvel a olhar para o chão. Os pensamentos sucedem-se vertiginosamente na cabeça de Laura quando

ela aponta a arma ao homem aterrorizado. A luz amarela cintila no metal baço.

– Não faças isso – pede o homem. – Pelo amor de Deus, não faças isso... amanhã tenho o dinheiro, vou arranjá-lo amanhã, prometo.

Laura baixa a arma e considera a possibilidade de alvejar o guarda-costas, mas sabe que pode ter de disparar cinco vezes até o conseguir, se tiver azar.

– Bófia de merda – diz o guarda-costas, levantando a voz.

Laura ergue novamente o revólver e vê a ponta esbranquiçada do seu dedo no gatilho. O guarda-costas dá-lhe um empurrão por trás e Stefan tapa com uma mão o ouvido que está mais próximo dela. O coração de Laura bate-lhe com força no peito quando encosta o cano à testa do homem. Ele tem os olhos muito abertos e ranho a escorrer-lhe sobre os lábios trémulos.

Laura aperta o gatilho. O tambor roda e o cão do revólver volta ao lugar com um clique agudo: a câmara está vazia. O homem cai de joelhos, chora alto e cobre o rosto com as mãos.

Antes de pressionar o gatilho, Laura julgou vislumbrar um brilho de latão entre a carcaça do revólver e o tambor. Isso poderia significar que a munição se encontrava na terceira câmara. Sabe que não tem a certeza do que viu, pois foi apenas um clarão fugaz, talvez um reflexo do candeeiro amarelo que está por cima do sofá. Já tinha esta dúvida ao apertar o gatilho, mas precisava de algo a que se agarrar, pois não tinha outra saída senão obedecer. Ainda não faz ideia do efeito que este momento teve nela. Neste preciso instante, a única coisa que sente é um vazio interior.

– Trata de me arranjar o dinheiro amanhã – ordena Stefan, tirando a arma da mão trémula de Laura.

– Eu prometo – murmura o homem.

Laura vê Stefan trancar o revólver na gaveta da secretária e pensa que tem de ter uma arma, que tem de poder defender-se se isto continuar.

O guarda-costas põe o homem de pé e leva-o consigo através da cortina de contas. O choro dele ainda se ouve enquanto descem as escadas.

Stefan dirige-se descontraidamente para a casa de banho, a mulher magra segue-o sem dizer uma palavra e tranca a porta atrás de si.

Laura levanta-se, pega num dos pequenos punhais pendurados no candeeiro por cima da mesa e tenta desatar a tira de couro a que está preso, mas os nós estão muito apertados. Ela puxa, a tira salta-lhe da mão, os punhais tilintam ao baterem um no outro e o candeeiro começa a girar.

A luz bate nas paredes e nas janelas. Alguém puxa o autoclismo.

Ela pega nos punhais outra vez e corta a tira de couro com um deles. Depois, tenta imobilizar o candeeiro, mas ainda tem as mãos a tremer.

Ouve-se o ruído da fechadura da casa de banho a ser destrancada. Laura senta-se e enfia o pequeno punhal no cano da bota. Stefan sai e a mulher volta para o seu lugar. A luz do candeeiro oscila lentamente sobre a mesa.

– Se quiseres pedir dinheiro emprestado, não há problema, como te disse – declara Stefan, e põe-se à janela com os binóculos, na mesma posição em que estava quando Laura entrou.

– Conto ganhar – diz ela, levantando-se.

Como ele não lhe responde, Laura dirige-se para a cortina de contas. Quando sai da sala *vip*, apenas a águia está a olhar para ela.

Do lado de fora do controlo de segurança, a fila de pessoas que querem entrar no Ninho da Águia cresceu. Joona está no bar a beber cerveja de um copo de plástico e a tentar ver as caras dos que penetram no hangar.

Está uma vez mais a meditar na conversa que Martin ouviu entre Primus e Caesar. Talvez Primus soubesse que Martin o tinha ouvido e lhe tenha montado uma armadilha com o objetivo de ele ir ao parque, tentar salvar Jenny, deixar impressões digitais e ser filmado pelas câmaras de vigilância. Não estava nos seus planos que Martin ficasse paralisado de medo.

O ideal era que conseguissem convencer Martin a ser novamente hipnotizado. Ele viu bastante mais do que foi capaz de contar. Porém, os pensamentos de Joona interrompem-se quando vê Edgar vir na sua direção. Ao chegar ao balcão, tem as faces muito coradas e a pele dos braços áspera. Com movimentos das mãos rápidos e bruscos, procura nos bolsos um quadrado de fita de filme e entrega-o ao empregado do bar.

– Já o temos – sussurra Edgar, lambendo os lábios. – Encontrei-o e pus-lhe um transmissor.

– Ao Primus?

– Esteve quase a soltar-se, mas eu voltei a prendê-lo.

Edgar bebe cerveja a grandes tragos, pousa o copo no balcão e limpa a boca com a mão.

– Como é que te sentes?

– Bem... quer dizer, não sei, vi as lutas de cães, é doentio, estive quase a vomitar, estou um pouco perturbado, para ser sincero – responde ele demasiado depressa.

– Fica aqui – diz-lhe Joona calmamente. – Vou tentar levar o Primus lá para fora.

– Não, está tudo bem, eu vou contigo, é claro que vou contigo.

– É melhor ficares aqui a guardar a entrada – insiste Joona.  
– OK, eu fico aqui – assente Edgar, coçando a cara com força.  
– Estou a ver o sinal, bom trabalho – diz Joona, depois de olhar para o telemóvel.

– Ele tem vestido um casaco de cabedal vermelho – grita-lhe Edgar, percebendo que se está a comportar de uma forma estranha.

Joona afasta-se do bar, contorna o ringue e vê uma das mulheres levar um pontapé alto na cara. Ainda assim, avança para a outra e desfere um golpe violento que a atinge no pescoço e na face, antes de ambas se precipitarem contra as cordas.

Segundo o transmissor, Primus encontra-se na extremidade mais afastada do porto de contentores. Joona segue o fluxo de pessoas através do hangar e sai para a área vedada do cais. O ar ainda está quente. Um homem embriagado está a urinar contra a porta de um sanitário. Ouvem-se gritos exaltados ao longe, vindos do interior do armazém de sal.

Seguindo o sinal, Joona entra na cidade fechada de contentores coloridos. Empilhados em três ou quatro andares, formam quarteirões sem janelas, com ruas e travessas estreitas. Há pessoas a deslocar-se em todas as direções. Por todo o lado, o chão está coberto de restos de cápsulas de plástico, preservativos e *blisters*, pacotes de doces e garrafas vazias.

Joona olha para o telemóvel, vê que Primus se moveu e vira para uma passagem transversal. À frente de um contentor vermelho, dois homens conversam animadamente de pé. Ambos se calam quando passa por eles, esperam um pouco e retomam a conversa em voz baixa. Joona sai para a área aberta do cais, olha para o telemóvel e percebe que Primus voltou para o armazém de sal.

Trilhos brancos de rodas confluem, como a ponta de uma seta, na direção do portão aberto. Joona vê pessoas a afastarem-se para deixar

passar um homem que carrega um cão de luta ferido cujo sangue lhe escorre para as calças e para o chão branco.

Os cristais de sal rangem sob as botas de Joona quando ele entra no armazém. Um cão rosna e ladra intermitentemente. O altifalante crepita e uma voz grita que a próxima luta começa dentro de quinze minutos. Um corretor anda entre o público a recolher as apostas.

Joona varre com o olhar um dos lados do armazém e vislumbra um casaco vermelho do outro lado do recinto. Abre caminho em frente e leva um murro no braço quando um grupo barulhento de homens tenta entrar na arena.

Cheira a cerveja velha e a suor. Numa das jaulas, um *pit bull* corpulento move-se irrequieto. Um jovem tenta trepar a vertente íngreme de sal, mas cai para o chão. Joona tem de dar a volta à arena vedada antes de o combate começar. Está a passar por cima de um talude de sal quando alguém lhe agarra o braço. O homem alto conhecido como Ponytail-tail olha para ele com os olhos arregalados. Tem as duas narinas negras de sangue coagulado.

– És mecânico? – pergunta.

– Não, mas imagina que...

São ambos empurrados por uma onda que percorre o público. Mais ao fundo, um homem grita num tom agressivo.

– Foda-se, não consigo deixar de pensar nisto – diz Ponytail-tail, fitando Joona.

– Não nos podemos lembrar de tudo.

De súbito, Joona avista Primus do outro lado da arena. Está a falar com um homem que dá pontapés nervosos na barreira.

– Sei que me vou lembrar não tarda.

– Se é que não me confundiste com...

– Não confundi – interrompe Ponytail-tail, olhando fixamente para Joona.

O treinador vestido com roupa militar tirou de uma jaula um cão preto, que puxa a trela com tanta força que o ladrar fica esganiçado.

Joona repara que Primus terminou a conversa e começa a dirigir-se para a saída.

– Tenho de ir.

Ao virar-se, Joona sente uma pancada violenta e uma dor dilacerante no flanco. Olha para baixo e vê que Ponytail-tail lhe cravou uma faca no tronco, por trás na diagonal.

– Vi-te em Kumla... Tu és o bófia que...

O homem possante retira a faca curta e tenta espetá-la novamente, mas Joona consegue desviar-lhe o braço. São empurrados para trás pela multidão. Ponytail-tail agarra firmemente a *T-shirt* de Joona e desfere novo golpe com a faca.

– Morre, cabrão!

Joona torce o tronco e dá-lhe um murro imediatamente acima da laringe. Ponytail-tail perde de imediato a voz, desequilibra-se para trás, é apanhado por dois homens e aponta para Joona a tossir. As pessoas afastam-se, formando um círculo em torno deles.

A dor na ferida lateja intensamente. Ele sente o sangue quente a escorrer-lhe pela coxa por dentro das calças. Olha em volta à procura de uma arma e dá um passo em frente. A perna direita cede subitamente, ele tomba sobre a anca e ampara a queda com a mão.

O homem alto sacode o sangue da faca e aproxima-se a respirar ruidosamente. Ponytail-tail tem o olhar fixo e está preparado para sofrer dores intensas só para ter a oportunidade de lhe dar outra facada.

Joona apoia-se num joelho, levanta-se e arranha as costas na barreira de controlo de multidões. Ponytail-tail avança direito a ele, levanta a mão esquerda na direção da sua cara para que não veja a mão que segura a faca, e desfere um golpe para a frente. Joona gira sobre si mesmo para se desviar

da trajetória da lâmina e, no mesmo movimento, arremessa o cotovelo contra a nuca do homem. Usa todo o peso do corpo no ataque, conferindo uma enorme potência ao golpe.

Caem juntos por cima da barreira e vão parar ao chão da arena de luta de cães. Joona rebola para longe do homem e põe-se de pé. O lado direito das suas calças está escuro de sangue na anca e na perna. O campo de visão contrai-se-lhe e já não vê Primus. O público comprime-se contra a barreira, grita e atira copos de cerveja. Ponytail-tail levanta-se a tossir, leva uma mão à garganta e olha para a faca. O cão preto ladra e puxa a trela, fazendo com que o treinador se desequilibre para a frente.

Joona sente que as suas forças estão a esgotar-se. A bota está repleta de sangue e o pé chapinha a cada passo que dá. Sabe que tem de ir para o hospital o mais depressa possível.

Ponytail-tail aponta para Joona com a faca, no entanto não consegue proferir uma única palavra. Aproxima-se e, com a lâmina reluzente, desenha no ar um oito deitado. Joona tem de pôr-se atrás dele, puxar-lhe a camisa de alças até ao pescoço e torcê-la com força até o fluxo de sangue para o cérebro ser interrompido. O outro finta-o e projeta a faca para a frente. Ele desvia-se, mas percebe que é demasiado lento. A lâmina muda de direção e Joona é obrigado a bloqueá-la com o braço. A aresta afiada inflige-lhe um corte profundo no lado de fora do antebraço.

O cão de luta solta-se.

Gritando de dor, Joona atira-se para a frente por baixo da faca e puxa as pernas de Ponytail-tail, fazendo-o cair de costas.

O cão corre em direção a eles com a trela a arrastar pelo chão. Lança-se sobre Ponytail-tail, morde-lhe o braço, puxa-o e abana a cabeça sem o largar. Joona cai junto à barreira, segura-se a uma das barras para se pôr de pé, levanta a cabeça e vê Laura a furar a multidão em direção a ele. O



homem corpulento rebola sobre as costas e crava a faca no pescoço do cão até ele o soltar.

Joona tenta levantar-se, mas volta a cair, pois quase não lhe restam forças. Perdeu demasiado sangue e tem o coração acelerado com o pânico.

– Joona, Joona!

Laura baixa-se, abre caminho até à barreira e estende-lhe por entre as grades um pequeno punhal com uma tira de couro. Joona recebe-o e levanta-se, mas está tão fraco que tem dificuldade em manter-se de pé. Apoia-se na barreira com uma mão, tenta segurar o punhal mais firmemente, mas deixa-o cair e ouve-o bater contra as barras de metal.

Com o braço despedaçado e um fio de sangue a escorrer-lhe da mão, Ponytail-tail avança para Joona a cambalear.

– Bófia de merda – diz ele com uma voz sibilante, e coloca a mão ensanguentada à volta da nuca de Joona.

Ele tenta resistir, mas Ponytail-tail pressiona a faca contra o seu corpo e os músculos estremecem enquanto a ponta da lâmina penetra lentamente entre duas costelas. A dor é estranhamente remota. Então, Joona vê o seu punhal a cintilar no chão e apercebe-se de que ainda está a agarrar na tira de couro.

O público urra e várias secções da barreira foram derrubadas. O sangue escorre pela lâmina da faca até à mão de Ponytail-tail. Joona puxa a tira e vê que o pequeno punhal acompanha o movimento: salta do chão, descreve um arco brilhante no ar, e Joona apanha-o com a mesma mão com que segura a tira.

A assistência grita de excitação. Joona tenta afastar Ponytail-tail e, com as forças que lhe restam, desfere um golpe contra o osso frontal. Ouve-se um murmúrio e depois faz-se silêncio total em torno da arena. Ponytail-tail dá dois passos para trás. Tem a boca cerrada, o pescoço tatuado tenso e o punhal enterrado na testa. A longa tira de couro balança-lhe à frente da cara.

Começa a pestanejar espasmodicamente, levanta uma mão e depois tomba para trás. Ouve-se um baque pesado quando o enorme corpo bate no chão. O sal eleva-se no ar em redor dele.

O público brada, bate com as mãos na barreira e agita os talões das apostas. Ele afasta-se a cambalear, pressionando o flanco com a mão. A respiração está acelerada e arquejante. O sangue jorra-lhe entre os dedos. Vê fugazmente o casaco vermelho de Primus desaparecer por trás de uma grua. A cor vermelha duplica, cresce e explode perante os seus olhos.

Joona passa pela pá carregadora e sente o coração trabalhar demasiado depressa para compensar a queda da pressão sanguínea. Laura alcança-o e ele põe o braço à volta dos seus ombros para se apoiar. Os dois afastam-se do armazém de sal.

– Contacta a equipa de evacuação – pede Joona, sem fôlego. – Diz-lhes para me apanharem ao pé do cargueiro alemão *Ro-Ro*.

– Vais morrer se não receberes imediatamente assistência médica.

– Não te preocupes, eu safo-me... Tens de encontrar o Edgar e abandonar a zona o mais depressa possível.

– Tens a certeza?

Param e Joona tenta fazer mais pressão com a mão na ferida profunda.

– Ele está à espera no bar junto à saída – diz, seguindo em frente. – Está drogado e precisa de ajuda para sair daqui...

Ainda está bastante calor, mas o céu ficou nublado e as gruas e barças encontram-se mergulhadas numa escuridão acinzentada.

Joona cambaleia na direção do casaco vermelho. O farol na parte da frente do cargueiro *Ro-Ro* lança uma luz vacilante sobre dois vultos na beira do cais. Primus está de pé a conversar com um homem mais novo que tem na mão um saco de desporto de couro sintético.

Joona detém-se para tentar abrandar a sua respiração acelerada antes de se aproximar deles.

– Belo combate – diz Primus ao ver Joona.

Sem responder, este avança e bate-lhe no tórax com as duas mãos. Primus é projetado para trás e cai na água escura. Um borbotão branco eleva-se no ar enquanto o homem novo com o saco na mão se afasta perplexo.

Joona segue em frente e salta da beira do cais. Vê o seu próprio reflexo aproximar-se a grande velocidade, dilatando-se, antes de romper a superfície e desaparecer na água fria. Enquanto se afunda, vira-se, avista Primus por entre um turbilhão de bolhas e sangue e agarra-lhe os cabelos.

O som do motor de popa duplo ribomba debaixo de água. Joona bate as pernas e regressa à superfície.

A camisola interior molhada está colada às costas, o suor escorre entre os seios e pinga da ponta do nariz. Mia olha para a porta e mastiga lentamente o pão. Kim arranca um pedaço de carne seca e põe o resto no comedouro.

– Comam tudo – diz Blenda pela terceira vez.

Ela tenta cuidar delas, diz-lhes que lavem os dentes com palha e penteiem o cabelo com os dedos, e ensina-lhes longos trechos das epístolas aos Coríntios, que sabe de cor. Por vezes, a avó deixa que Blenda a ajude com outras tarefas além de escavar o *bunker* como, por exemplo, quando é preciso trazer os tapetes persas para a rua e batê-los. Até aprendeu a conduzir o camião.

Kim é a mais medrosa de todas. Contou que uma rapariga foi morta por ter sede e que outra foi gaseada na jaula de abate.

Ontem, durante o passeio, Mia e Kim foram até ao camião, na direção da orla da floresta. A avó esteve sempre a segui-las com o olhar. Ao fundo do pátio de gravilha, uma velha placa de telhado ondulada jazia no chão. Estava enferrujada e rachada nas partes em que as folhas húmidas se acumularam ao longo dos anos. Mia conseguiu ver que havia partes da chapa que podiam ser arrancadas e polidas até se transformarem em lâminas perfeitas.

Hoje, Mia arrastou Kim novamente na direção do camião. A avó e Blenda estavam a estender roupa na corda entre os pavilhões. Mia ouvia as ordens ríspidas da avó e as respostas mansas de Blenda. A gravilha rangia sob as botas.

– Vamos voltar – disse Kim.

– Só preciso de ver uma coisa – retorquiu Mia.

Entraram na sombra das árvores, sentiram o cheiro a óleo do camião e pararam. Mia pisou a placa e olhou para o pavilhão. A brisa suave enfunava um lençol branco.

– O que estás a fazer? – perguntou Kim, stressada.

Apoiando-se num joelho, Mia baixou-se, apanhou um pedaço solto de metal, enfiou-o no cano da bota e tentou arrancar outro pedaço da placa grande, movendo-o para um lado e para o outro. Kim estava com medo e tentou puxá-la para cima, porém, Mia resistiu e continuou a dobrar o fragmento de chapa para trás e para a frente. A fissura largava flocos enferrujados. O estendal rangeu sob o peso de um novo lençol. O pedaço de metal soltou-se, Mia enfiou-o rapidamente no cano da bota, levantou-se, limpou o joelho e continuou o passeio, afastando-se da placa.

Ela não pode simplesmente ficar à espera de que alguém a venha salvar, pois sabe que ninguém sente a sua falta.

Come o resto da sua dose de comida, apanha um grão de milho do chão, mete-o na boca e depois começa o seu trabalho. Lenta e metodicamente, afia o metal contra o chão de cimento debaixo da sua parca.

Mia tentou falar com as outras sobre a fuga, porém, Kim tem demasiado medo e Blenda parece acreditar que tudo vai melhorar. Diz que em breve vão poder voltar para a mansão e usar roupas lavadas e joias outra vez.

– Se formos passivas, vamos morrer aqui – declara Mia em voz baixa.

– Tu não percebes – diz Blenda com um suspiro.

– Eu percebo que somos todas controladas por uma velha e sei que ela não tem qualquer hipótese se colaborarmos.

– Ninguém vai colaborar contigo – afirma Kim, num sussurro.

– Mas nós conseguimos dominá-la com uma perna às costas – insiste Mia. – Nós as três bastamos... Eu sei exatamente o que temos de fazer.

– Não quero ouvir.

Mia cala-se e pensa que conseguirá convencer Blenda e Kim a ajudá-la quando as facas de chapa estiverem prontas. Ensinar-lhes-á que é preciso cravá-las na barriga ou no pescoço, onde o corpo é mole. Dá-se no mínimo nove facadas e conta-se alto para que se ouça.

Mia cospe para o chão, põe o casaco militar por cima da lâmina de chapa e continua a afiar o gume. No pavilhão, ouve-se o som do metal a raspar lentamente.

– Para com isso – diz Blenda.

– Estás a falar comigo? – pergunta Mia.

– Para de raspar ou lá o que é que estás a fazer.

– Não ouço nada – afirma Mia, prosseguindo.

Demorará alguns dias a polir os pedaços de metal, contudo, quando estiverem aguçados, vai rasgar tiras de tecido, humedecê-las e enrolá-las com força nos cabos. Kim e ela esconderão cada uma o seu punhal na roupa e, durante o próximo passeio, cortarão as abraçadeiras, mas continuarão de mãos dadas com as armas escondidas. Blenda escolherá o momento em que arrebatará a bengala à avó. De seguida, Mia e Kim separar-se-ão imediatamente e atacá-la-ão por trás e pela frente. Darão nove facadas cada uma antes de pararem. Quando a avó estiver morta, irão lavar-se, abrir todas as jaulas e seguirão a estrada juntas, levando água e o cão. Então ninguém as poderá deter.

Com as mãos a tremer do esforço, Mia chupa as pontas dos dedos esfoladas, esconde cuidadosamente as duas lâminas, rasteja para junto de Kim e coloca o braço à volta dos seus ombros.

– Eu sei que tens medo – sussurra-lhe. – Mas eu ensino-te exatamente aquilo que tens de fazer e prometo que cuido de ti. Vais regressar a casa, rever os teus pais, continuar a jogar andebol e...

Cala-se ao ouvir um carro entrar no pátio e parar. O cão ladra nervosamente e Mia pensa que as encontraram e que a Polícia está a

caminho, porém, ao ver Blenda lavar a cara com a água que lhe resta e começar a ajeitar o cabelo, percebe que foi Caesar quem chegou.

A barra é retirada, a porta abre-se e a avó traz um colchão para dentro do pavilhão. Lá fora está escuro, mas a luz do pátio brilha nas dobradiças e ferragens da porta.

– Não quero, não quero – choraminga Kim baixinho, pressionando os nós dos dedos contra os olhos.

Mia tenta tranquilizá-la ao mesmo tempo que observa a avó. Veste uma camisa de flanela axadrezada e calças de ganga largas. Tem o rosto sulcado por rugas profundas e o nariz pontiagudo e sombrio. O enorme amuleto oscila-lhe entre os seios quando entra a mancar.

Irritada, empurra as tinas de zinco para arranjar espaço para o colchão. Kim rasteja para longe de Mia e esconde-se no canto mais interior.

A avó vai até à outra jaula e aponta para Raluca, que avança imediatamente para a portinhola e sai. Tem a longa trança coberta de palha. Os pés descalços entreveem-se sob a bainha suja da saia comprida. Deita-se de barriga para cima no colchão, a avó molha um pano com qualquer coisa e põe-lho sobre a boca e o nariz até ela perder os sentidos.

A porta abre-se lentamente com uma corrente de ar e a luz do pátio entra no pavilhão. A avó tem a pele áspera e enrugada, os ombros e a nuca robustos, os antebraços grossos e as mãos grandes.

Segura o queixo de Raluca, olha insatisfeita para ela e depois levanta-se com a ajuda da bengala.

– Sai – ordena ela a Kim.

– Não quero, não me sinto bem.

– Temos de cumprir o nosso dever.

A avó encaixa uma ponta amarelo-pálida numa fenda na extremidade da bengala. Parece uma pequena presa de animal. Observa-a contra a luz que vem do exterior e depois dirige os seus pequenos olhos para Kim.

– Não faças isso, por favor, não me piques... Eu saio e dou graças ao Nosso Senhor, podes pôr-me o pano na cara, eu deito-me quieta – implora Kim, arrastando-se para o lado na jaula.

A avó enfia a bengala entre as grades, dá uma estocada com força e pica Kim no ombro.

– Ai...

Kim esfrega o ombro e fica com sangue na ponta dos dedos.

– Sai imediatamente – ordena a avó, desencaixando a ponta da bengala.

Kim rasteja até à portinhola da jaula, sai e caminha com passos inseguros. Tenta conter o choro, soando como se estivesse com soluços. A porta do pavilhão chia ao fechar-se e o interior fica outra vez escuro.

– Deita-te.

Mia mal se atreve a respirar. Muito quieta na escuridão, vê Kim, que parece estar extremamente fraca, apoiar-se nas grades da jaula com uma mão, ajoelhar-se em cima do colchão, deitar-se de lado ao pé de Raluca e depois ficar calma e relaxada.

A avó suspira de irritação enquanto lhes despe a saia, as calças e a roupa interior e lhes endireita o corpo sobre o colchão. Depois, levanta-se e vai-se embora.

A porta abre-se e a luz ilumina as duas mulheres deitadas lado a lado, nuas da cintura para baixo, sujas e magras.

O cão ladra, ouvem-se passos do lado de fora e algo cai ruidosamente dentro do carrinho de mão.

Ouvem-se vozes: um homem encolerizado repreende a avó.

– Que mal fiz eu? – grita ele. – Uma pessoa dá-lhes tudo, faz o que tem de fazer e...

– O problema não és tu – tenta a avó dizer. – É...

– Abato-as a todas se isto não resultar – atalha Caesar.

Os passos dele sobre a gravilha aproximam-se e a avó segue-o a mancar.



– Elas estão aqui para ti, são só tuas, juro, estão gratas e orgulhosas...

A porta é empurrada, Caesar entra, atira o machete para o chão e avança até às mulheres inconscientes no colchão.

– Se vocês soubessem o quão bonitas são – comenta com a voz rouca.

As dobradiças cham, Caesar vira a cabeça e, à luz que vem do exterior, Mia consegue ver-lhe fugazmente o queixo erguido e os lábios pálidos. Quando ele se vira novamente, os óculos cintilam no rosto escuro.

Mia move-se silenciosamente para o lado, para que a luz não incida sobre ela da próxima vez que a porta se abrir. Encolhe-se e pensa na lâmina que ainda não está suficientemente afiada para ser usada.

Caesar ajoelha-se e empurra Kim para fora do colchão sem olhar para ela.

A porta abre-se e a luz do pátio espalha-se sobre o cimento no preciso instante em que ele afasta as pernas de Raluca. Quando vê que está pegajosa de sangue entre as pernas, afasta-a e põe-se de pé.

– Está bem, percebo, mas isto não me afeta só a mim. – diz, por entre a respiração acelerada. – Posso carregar a minha cruz, tomar banho e ficar limpo...

Cospe para cima de Raluca e passa as costas da mão pela boca.

– Eu sei que vocês se acham espertas e que pensam que me podem desequilibrar. Mas isso não vai acontecer, não é assim que as coisas funcionam – declara ele.

Mia não ousa dizer-lhe que Raluca teve dores de barriga, mas que ninguém sabia que a menstruação lhe tinha aparecido.

– Oxalá pudéssemos viver outra vez todos juntos na casa – declara ele, com convicção.

Antes de a porta se fechar e a luz desaparecer, Mia vê-o apanhar o machete do chão. É difícil perceber o que está a acontecer.

– Mas se eu vos perdoar, vocês vão pensar que a lei não tem autoridade.  
– diz Caesar.

Um feixe de luz entra novamente no pavilhão, e Mia vê-o agarrar Raluca pelos cabelos e puxar-lhe a cabeça para trás.

– É assim que vocês querem que seja – afirma ele, encostando a lâmina ao pescoço dela. – Ou será que alguma de vocês quer trocar de lugar com a Raluca?

Ouve-se o som metálico dos salpicos contra o rebordo da enorme tina de zinco. O sangue jorra do corte profundo.

Com o coração a retumbar no peito, Mia tapa a boca com a mão para não gritar e fecha os olhos com força. Ele passou-lhe a lâmina pela garganta, matando-a, quando ainda estava drogada, por se encontrar menstruada. Mia não consegue compreender o que se passou. O machete cai ruidosamente no chão. O sangue atoa-lhe nos ouvidos. Quando Mia abre de novo os olhos, Caesar está em cima de Kim. O colchão absorve o sangue de Raluca e fica escuro de um dos lados.

Kim não tem consciência de estar a ser violada, no entanto sabia que isto ia acontecer e vai sentir dores nos genitais quando acordar.

Joona tem apenas fragmentos de memória do que aconteceu depois de ter saltado para a água escura. Quando o Grupo de Operações Especiais o puxou a ele e a Primus para dentro do semirrígido, estava quase inconsciente. Foi como se estivesse a equilibrar-se à beira de um precipício. Atravessaram rapidamente o estreito até à central de cogeração, onde chegaram no preciso instante em que um helicóptero-ambulância estava a descer.

Uma equipa de cirurgiões e anestesistas esperava-os no Hospital Karolinska. Nenhum órgão vital fora afetado, no entanto, a hemorragia era traumática e potencialmente fatal. Encontrava-se no estado mais avançado e grave de um choque hipovolémico. Os tecidos e vasos sanguíneos danificados foram ligados, a cavidade abdominal foi drenada, Joona recebeu uma transfusão massiva e foi tratado com cristaloídes e concentrado de fator.

No dia seguinte, Joona já estava de pé e andou pelo corredor, porém viu-se obrigado a voltar para a cama ao fim de apenas trinta minutos.

Na noite anterior, telefonou a Valeria, que estava no Rio de Janeiro. O filho dela foi pai de uma menina nessa mesma noite. Embora Joona não tenha contado nada, Valeria percebeu que ele estava ferido e perguntou-lhe se queria que ela voltasse para casa.

– Não, mas eu posso ir ao Brasil, caso precises de ajuda com o bebé – disse ele.

Joona tinha acabado de almoçar quando Margot e Verner bateram à porta e entraram, com proteções azuis nos sapatos.

– Não se pode trazer flores para a ala de internamento – queixa-se Verner.

- A Laura e o Edgar demitiram-se, e tu pareces ter levado uma tarefa minha – diz Margot.
- Mas encontrámos o Primus – replica Joona, olhando para ela.
- Bom trabalho – anui Margot.
- E consegui trazê-lo comigo.
- Incrível – murmura Verner.
- O que é que eu disse, Margot? – pergunta Joona, sem desviar o olhar dela.
- O que queres dizer?
- Tu achavas que...
- Pois achava, fui eu que dei luz verde para...
- Margot – interrompe calmamente Verner.
- O que é que vocês querem – diz ela com um sorriso.
- Quem é que tinha razão? – pergunta Joona.
- Tu tinhas razão – responde por fim, sentando-se pesadamente na cadeira para as visitas.

\*

A onda de calor que veio da Europa fixou-se sobre a Suécia. Em todo o país, é proibido fazer fogueiras e os níveis de água subterrânea estão perigosamente baixos. Fala-se de recordes de temperatura e de condições atmosféricas extremas, mas os suecos não podem deixar de estar contentes com os dias quentes de verão.

Joona apoia-se em Nålen quando os dois deixam o hospital. Os assentos em couro branco do *Jaguar* estão a ferver e o som do ar condicionado faz lembrar chuva a bater num telhado de zinco. Nålen ajuda Joona a apertar o cinto de segurança, liga o carro, passa por cima da ilha de trânsito e entra na faixa certa.

– Quando era pequeno, ofereceram-me um urso de peluche que rugia – conta Nålen. – Resisti durante três dias, mas depois abri-lhe a barriga e tirei o aparelho.

– Porque é que te lembraste disso agora? – pergunta Joona a sorrir.

– Não te preocupes, estás igual ao que é costume – assegura-lhe Nålen, acendendo os faróis dianteiros.

Joona pensa em quando Lumi era pequena e afirmava todas as manhãs ter sonhado com um urso de peluche. Ele e Summa tinham achado tanta piada da primeira vez que o mais provável é que ela tenha simplesmente decidido dar sempre aquela resposta.

Nålen vira para o Hospital de Sankt Göran, para com a roda sobre o passeio e buzina a um homem que se desvia.

Joona agradece a boleia e suspira de dor ao levantar-se para sair do carro. Dirige-se lentamente para a Entrada 1, detém-se nas escadas para recuperar o fôlego e depois apanha o elevador até à ala para pacientes com doenças mentais. Quando o Grupo de Operações Especiais tirou Primus Bengtsson da água, ele alegou ser um cão de luta e tentou morder todos os que se aproximavam dele. Depois de se consultar o procurador, Primus foi levado para o Hospital de Sankt Göran e dois polícias à paisana foram colocados à porta do quarto.

Joona sai do elevador e identifica-se na receção. Alguns minutos depois, o psiquiatra-chefe Mike Miller vem buscá-lo.

– Encontrou o Primus – constata ele.

– Sim – responde Joona. – Como é que ele está?

– Melhor do que você.

– Ótimo.

– Quer que eu esteja presente durante o interrogatório?

– Obrigado, mas julgo que não será necessário – responde Joona.

– O Primus tem uma enorme vontade de parecer seguro de si, mas infelizmente é uma pessoa muito frágil. Tenha isso em mente.

– Farei o que for necessário para salvar vidas – declara Joona.

Avançam pelo corredor, passando por portas de vidro trancadas e salas de convívio vazias até chegarem à sala de visitas.

Joona cumprimenta os dois agentes que esperam do lado de fora da porta e mostra a sua identificação a um deles. Mike Miller introduz mais um código, abre a porta e deixa Joona entrar. O quarto está na penumbra, o ar é fresco e cheira a desinfetante para as mãos. Junto à parede, há um alguidar de plástico com brinquedos velhos.

Primus Bengtsson está sentado numa das quatro cadeiras em redor de uma pequena mesa de jantar coberta por uma toalha impermeável com padrão floral. Tem o cabelo preso num rabo de cavalo e veste uma fina camisa de ganga por fora dos *jeans*. O rosto sulcado está apático, os olhos estão semicerrados e a boca aberta. No fundo da sala, está um auxiliar sentado no braço do sofá a olhar para o telemóvel.

Joona aproxima-se da mesa, puxa uma cadeira e senta-se diante de Primus. Os seus olhares cruzam-se e demoram-se um no outro. O comissário inicia a gravação, apresenta-se, indica a data e a hora e nomeia os presentes na sala.

– OK, mas eu não quero ser associado às mãos pequenas e ridículas dele – exclama Primus, com um gesto na direção do auxiliar. – Olha só para ele, quem é que quer ir para a cama com ele? É uma questão de biologia... Oitenta por cento das mulheres deseja vinte por cento dos homens, os mais bonitos, os mais bem-sucedidos... E como são as mulheres que mandam no nosso mundo, a maior parte dos homens são traídos ou ficam completamente privados delas.

Joona decide explorar a presunção narcisística de Primus. Na situação em que se encontra, não pode ter em conta quaisquer considerações éticas.

A investigação está reduzida a uma seta que aponta para Caesar através de Primus.

- Tu trabalhas para o Stefan Nicolic – diz Joona.
- Trabalhar? Vivo entre os restos e os ossos que caem no chão.
- Vimos-te entregar dinheiro aos clientes.

Primus lambe os lábios finos e olha serenamente para o comissário. Os seus olhos verde-claros assemelham-se à água de um lago pouco profundo.

– As transações grandes têm de ser supervisionadas pelo Stefan... portanto, eu só lá estou como um moço de recados. Afinal, sou família e ele confia em mim...

- Apesar de seres tu quem está em contacto com o Caesar?
- Não faço ideia de quem estás a falar. Pensava que eras uma espécie de polícia de narcóticos.

– Estamos a investigar o homicídio de Jenny Lind – esclarece Joona, calmamente.

- OK, é suposto eu reagir a isso? – pergunta Primus, coçando a testa.
- Ela foi assassinada no parque infantil do Observatoriumlunden.
- Nunca me encontrei com nenhum homem chamado Caesar – afirma ele, olhando Joona nos olhos, intensamente e sem pestanejar.
- Estamos convencidos do contrário.

– Olha para ti mesmo – diz Primus, fazendo um gesto na direção do espelho na parede. – Quando saíres daqui, vais voltar as costas ao espelho ao mesmo tempo que o teu reflexo as vira para ti... Mas o Caesar consegue fazê-lo ao contrário: o reflexo dele caminha de costas viradas para o espelho e, de repente, ele está na sala.

– Nós sabemos que falaste com ele e que sabias que a Jenny Lind ia ser assassinada.

– Isso não implica que eu o tenha feito, ou implica? – questiona ele com um sorriso.

– Não, mas faz de ti o principal suspeito, o que basta para te deter.

Primus tem um brilho nos olhos e as suas faces coram. É um sinal de que começa a desfrutar da atenção que está a receber.

– Nesse caso, não preciso de dizer nem mais uma palavra antes de poder falar com um advogado.

– Tu sabes o que estás a fazer, muito bem – elogia-o Joona, levantando-se. – Vou já arranjar-te um defensor oficioso, se sentes que precisas de ajuda.

– Na verdade, tenho de insistir que seja eu a ocupar-me da minha própria defesa – declara Primus, encostando-se para trás na cadeira.

– Desde que saibas que tens direito a ajuda.

– Eu sou o meu próprio advogado e responderei de bom grado a qualquer questão, mas é claro que não direi nada que possa ter consequências negativas para mim ou para a minha irmã.

– Quem matou a Jenny Lind?

– Não sei, mas não fui eu, isso não é a minha cena, porque gosto de miúdas... quer dizer, não digo que não a um bom *hardcore* e às vezes tenho imensas pilas, mas a sério... não percebo porque é que alguém havia de pendurar uma miúda num cabo de aço como um pescador de tubarões em Havana.

– Então quem foi?

Primus observa-o com uma expressão de triunfo. A ponta esguia da língua surge-lhe entre os lábios.

– Sei lá.

– A tua irmã tem muito medo do Caesar – continua Joona.

– Ele é Saturno que devora tudo o que está por perto... e prometeu que a penduraria no teto e lhe serraria os braços e as pernas.

– Porquê?



– Porque é que Leopoldo queria ter um reino? – diz Primus, coçando o pescoço. – Ele é um darwinista, um Chad, um patriarca do Antigo Testamento...

Primus cala-se, levanta-se, vai até à janela e detém-se a olhar lá para fora por um instante antes de voltar para a cadeira.

– Qual é o apelido do Caesar? – pergunta Joona.

– Ele nunca mo disse. E se tivesse dito, eu nunca o revelaria, pelo motivo que já mencionei – responde ele, começando a agitar incessantemente uma perna para baixo e para cima. – Ou vais abraçar-me e proteger-me quando ele vier?

– Podes receber proteção de testemunhas se se verificar que existe uma ameaça.

– Mel na ponta de uma faca – diz Primus.

– Dizes que nunca te encontraste com o Caesar, mas falaste com ele.

– Ao telefone.

– Então ele ligou-te?

– Nós temos uma cabina telefónica aqui – responde Primus.

– O que é que ele disse?

– Explicou-me o que eu tinha de fazer para o ajudar... Fez-me algumas pequenas advertências sobre o Senhor me estar a ver... e disse que tinha introduzido uma câmara no meu cérebro.

– O que é que ele precisava que o ajudasses a fazer?

– Não posso responder a isso porque pode ter consequências negativas para mim... A única coisa que posso dizer é que tirei algumas fotografias para ele.

– O que fotografaste?

– Prometi sigilo.

– Uma rapariga de Gävle chamada Mia Andersson?

– Especulação – declara Primus, levantando o dedo indicador.

– Quando é que ele te começou a telefonar?

– Este verão.

– Quando foi a última vez que ele te ligou?

– Anteontem.

– O que é que ele queria?

– Invoco o artigo seis da Convenção Europeia.

– Como é a voz do Caesar?

– Sombria, terrível – responde, coçando o peito do lado de dentro da camisa de ganga.

– Tem algum sotaque ou fala algum dialeto?

– Não.

– Costumas ouvir algum ruído de fundo?

– Uma marcha fúnebre seria apropriada, mas...

Quando alguém passa no corredor, Primus cala-se, olha para a porta e depois aperta o elástico que lhe prende o cabelo num rabo de cavalo.

– Onde é que ele vive?

– Não sei, mas imagino que seja num palácio ou numa mansão, com grandes salas e salões – responde ele, começando a roer a unha do polegar.

– Ele disse-te que vivia numa mansão?

– Não.

– O Caesar esteve internado aqui?

– Ele não é alguém que possa ser internado se ele próprio não o quiser... Contou-me que saiu de Auschwitz numa carruagem de primeira classe... como um rei, caralho – afirma Primus, ficando com os pelos dos braços arrepiados.

– O que queres dizer com Auschwitz?

– Eu tenho síndrome de Tourette e digo um monte de coisas que não têm nada que ver umas com as outras.

– O Caesar esteve internado em Säter?

– Porque dizes isso? – pergunta Primus, com um sorriso trémulo.

– Porque a clínica de Psiquiatria Forense de Säter tinha um caminho de ferro que conduzia diretamente ao recinto, tinha o seu próprio crematório e...

– Eu não te contei isso – interrompe Primus, levantando-se e derrubando a cadeira. – Eu não te disse merda nenhuma sobre isso!

– Não, mas podes acenar com a cabeça se eu...

– Cala-te! Não vou acenar com a cabeça! – grita ele, batendo na sua própria testa. – Não me podes enganar para eu dizer coisas que não quero dizer.

– Primus, o que se passa? – pergunta o auxiliar, levantando-se vagarosamente.

– Ninguém te está a enganar – prossegue Joona. – Estás a fazer o que é correto ao contares o que sabes.

– Podes por favor parar com...

– E ninguém pode... ninguém pode censurar-te por estares a ajudar-te a ti próprio – atalha Joona.

– Não te dou autorização para contares a quem quer que seja que eu conversei contigo – declara Primus com a voz trémula.

– Está bem, mas eu preciso de saber...

– Chega – grita ele.

Primus vai até à janela, bate várias vezes com a cabeça no vidro, desequilibra-se para trás e agarra-se ao cortinado para recuperar o equilíbrio. O auxiliar faz soar o alarme e avança.

Primus cai e arrasta consigo o cortinado com o varão, que bate ruidosamente no chão. Em torno do tecido, ergue-se um turbilhão de pó.

– Queres dar-me a mão para te levatares e eu poder olhar para ti? – tenta o auxiliar.

– Não me toques – diz Primus, e mantém o auxiliar à distância com uma mão enquanto se põe de pé. O sangue escorre-lhe de uma ferida na testa para o rosto.

– Vai-te foder – exclama, apontando para Joona. – Eu não disse nada... não te contei merda nenhuma...

A porta abre-se e entra um segundo auxiliar.

– Como é que estão as coisas aqui? – pergunta.

– O Primus está um bocadinho agitado – responde o outro.

– Merda – murmura ele. – Merda...

O outro auxiliar afasta Primus de Joona e leva-o para o sofá.

– Como te sentes? – pergunta-lhe ele.

– Vou ser pregado a uma cruz...

– Ouve, já tomaste *Haldol*, mas posso dar-te dez miligramas de *Zyprexa* – diz o auxiliar.

Primus acorda na sua cama com a sensação de ter a língua inchada e a boca cheia de saliva. Engole e pensa em como manipulou o comissário e se ocupou da sua própria defesa, cingindo-se à verdade, mas encriptando-a de forma genial. Foi como o quebra-cabeças lógico de Boolos. Ninguém o consegue resolver.

Contudo, depois o comissário entrou na sala, fechou os olhos, arriscou e jogou a carta certa. Mas não há problema. Tem a certeza de que ninguém reparou que ele ficou perturbado. Correu tudo bem, embora tenha dormido um pouco de mais por causa da injeção na nádega. Tem de se apressar antes que Caesar fique impaciente e zangado. Fará o que tem de fazer, porém desconhece por completo o desígnio maior da sua tarefa. Uma mão não sabe o que a outra faz.

Não se importa que o Profeta lhe chame ordenança, escravo ou mosca, porque Caesar diz que ele vai poder escolher as suas próprias esposas e concubinas de entre um montão de virgens. Ou seria uma longa fila? O Profeta recusou-se a ajudar Caesar, por isso pode ficar na sua moradia geminada de Täby Kyrkby a poupar dinheiro para comprar uma boneca sexual.

Primus desliza para o chão, enfia os pés nas pantufas e tenta olhar para a porta, mas em vez disso vê o teto falso com manchas de humidade à volta dos *sprinklers*. A medicação faz com que os olhos se revirem para cima sozinhos.

Move-se lentamente para a frente com os braços esticados, pestaneja com força e, de repente, volta a ver o chão e as portas. Então, corre para a casa de banho, cospe o excesso de saliva para o lavatório, mete a mão no tanque de água do autoclismo e tira a tesoura que roubou da enfermaria.

Deita-se de barriga para baixo junto à porta e espreita para o corredor. Do lado de fora, está um polícia sentado numa cadeira. Primus permanece imóvel e ouve a respiração do agente, as pontas dos dedos a tocarem no telemóvel e os pequenos sons das notificações e dos *likes*.

Pouco mais de uma hora depois, o polícia levanta-se e dirige-se para as casas de banho. Primus volta para a cama e carrega no botão da campainha. Apenas alguns minutos depois, a fechadura range e uma enfermeira do turno da noite chamada Nina entra no quarto.

– Como te sentes, Primus?

– Acho que tive uma reação alérgica à medicação. Tenho comichão no couro cabeludo e dificuldade em respirar.

– Deixa-me olhar para ti – diz ela, aproximando-se da cama.

Ele não decidiu bem o que fazer, mas agarra-lhe no pulso fino com uma mão e puxa-a para si.

– Larga-me o braço – ordena Nina.

Primus levanta-se da cama e consegue aperceber-se da expressão nervosa da enfermeira imediatamente antes de os olhos se revirarem para cima. De súbito, tudo o que vê é o feio candeeiro de teto com um abajur de plástico cinzento-claro.

– Nem um pio – sussurra ele, encostando-lhe a tesoura ao pescoço.

– Não faças isto.

Os olhos descem novamente para Nina e ele vê que, sem querer, lhe fez um corte com uma das lâminas da tesoura.

– Corto-te o nariz e fodo-te como um porco até o sangue te esguichar do focinho.

– Primus, acalma-te, vamos resolver...

– Preciso de sair daqui, percebes – sibila ele, vendo as gotas de saliva respingarem para a cara dela.

– Podemos falar com o responsável amanhã e...

Ele tira uma meia da cama e enfia-lha na boca. Olhando fixamente para o rosto dela, para os lábios tensos e a testa enrugada, toca-lhe com o gume afiado da tesoura nas sobancelhas e no nariz.

– Eu reparo cada vez que entras no quatro – declara ele. – Estás doidinha para me ter, mas não te atreves, achas que tens de seguir as regras da unidade, mas sempre que aqui vens sinto o cheiro da tua cona latejante, quando ela se abre e fica escorregadia...

Cospe para o chão, vira-a, põe-lhe a tesoura contra o pescoço e leva-a até à porta.

– Vamos embora – sussurra ele. – Se vieres comigo, eu dou-te tudo, podes montar a minha pila o dia todo.

Saem para o corredor deserto com a iluminação noturna no chão. Ele avança atrás de Nina, segurando-a com um braço e pressionando-lhe a tesoura contra o pescoço. Os olhos reviram-se-lhe para cima e, enquanto caminha, vê a estrutura de tubos fluorescentes apagados no teto.

Nina para e ele percebe que chegaram à primeira porta.

– Passa o cartão e marca o código.

Pestanejando com força, vê-a de novo e repara como as mãos lhe tremem quando toca nos botões iluminados. Primus aproxima-se mais dela e aperta-lhe um seio com a mão livre.

Ouve-se o zumbido da porta, entram no corredor seguinte, passam pela sala de convívio e continuam até à receção, onde não está ninguém.

Ele arrasta-a consigo através da porta da saída de emergência, desce as escadas até ao rés do chão e sai pelas traseiras. No início, só vê o céu escuro e vai contra uma floreira. Soltando Nina, Primus pestaneja várias vezes até as casas, os postes de luz e as ruas voltarem a aparecer.

– Vens comigo? – pergunta ele. – Vai ser uma aventura...

Nina afasta-se e tira a meia da boca. Ele atira a tesoura para o chão, cospe e tenta sorrir-lhe. Ela fita-o com os olhos muito abertos e abana a

cabeça.

– Puta – diz ele, e começa a correr.



O dia esteve mais uma vez extremamente quente. O calor imenso só começou a passar por volta das oito da noite. Durante a tarde, ouviram-se trovões distantes.

Magda e Ingrid terminaram as aulas a nove de junho, mas não arranjam nenhum trabalho de verão. Em agosto, vão começar o secundário em Valdemarsvik. O ócio do estio e a onda de calor fizeram parar o tempo, como na infância.

Jantaram em casa de Magda. O pai dela fez um churrasco no quintal atrás da vivenda geminada, e os três estiveram sentados à volta da mesa branca de plástico a comer espetadas de frango, salada de batata e batatas fritas.

Já passa das dez quando as duas vão até à área florestal atrás do campo de futebol, onde Magda deixou em terra a sua canoa cor de laranja. Juntas, arrastam-na sobre a erva até ao rio. Ingrid empurra-a para a água e mantém-na estável enquanto Magda sobe para o lugar mais atrás.

O lodo que se solta da margem forma uma nuvem cinzenta na água. Ingrid senta-se no banco mais à frente e afasta a canoa da margem. Viram e começam a subir o rio, que serpenteia num sulco profundo ao lado da pequena comunidade. Apenas se ouve o chapinhar suave das pagaias e os estalidos dos gafanhotos ao longo das margens.

Ingrid pensa na sua irmã mais velha, que se mudou para Örebro com o namorado em maio, e em como começou a chorar quando ela lhe disse que nunca mais voltaria.

Grandes árvores debruçam-se sobre o rio, formando um pórtico verde saturado. Magda e Ingrid param de remar e deixam a canoa deslizar silenciosamente pelas águas sombrias. O claro céu noturno cintila entre as

folhas por cima delas. Magda deixa os dedos cortarem a superfície do rio tépido.

Esta é a terceira vez que vão de canoa até ao lago Byngaren à noite. A zona balnear da comuna foi fechada quando se ficou a saber das descargas da fundição alguns anos antes. Não se podem comer batatas, vegetais, cogumelos, nem peixe de Gusum. As concentrações de metais pesados, arsénio e de PCB no solo e na água são extremamente elevadas. Porém, Magda e Ingrid adoram ter um lago inteiro só para si. Vão de canoa até à única pequena ilha, fumam um cigarro e nadam nuas nas águas de superfície espelhada.

– Quero ser fosforescente – costuma dizer Magda.

Deixam para trás o póstico verdejante. A proa arredondada da canoa fende a água, que flui lentamente. Entram a remar no túnel por baixo da autoestrada e ouvem o eco da água a bater contra o betão húmido. Magda desvia a canoa para a direita, a fim de evitar o carrinho de compras enferrujado que está entalado entre duas rochas mesmo junto à saída. Saem do túnel. As ervas da margem roçam na lateral da canoa.

– Espera – pede Ingrid, remando para trás, de modo a que a proa fique virada para a margem.

– O que se passa?

– Estás a ver a mala? Ali em cima – diz Ingrid, apontando.

– Estás a gozar.

Uma mala preta da *Prada* está caída no meio da vegetação da encosta que sobe para a autoestrada.

– É tão *fake* – comenta Magda.

– Quero lá saber – responde Ingrid, indo para terra.

Pega na corda presa à proa, amarra-a a uma bétula e começa a trepar a encosta em direção à mala.

– Que mau cheiro é este? – pergunta Magda, seguindo-a.

Ouve-se o estrépito de um veículo pesado a passar na estrada e os ramos das árvores agitam-se com a deslocação de ar.

Milhares de moscas zumbem à volta de um emaranhado de bétulas jovens e urtigas poeirentas. Ingrid pega na mala, estende-a a Magda e começa a escorregar para descer.

Magda aproxima-se do sítio em torno do qual as moscas voam. No meio dos arbustos, estão três sacos do lixo pretos. Ela apanha um ramo do chão e toca com ele no saco mais próximo. Uma nuvem de moscas eleva-se em turbilhão, arrastando consigo um cheiro nauseabundo.

– O que estás a fazer? – grita-lhe Ingrid lá de baixo.

Magda introduz o ramo num rasgo no plástico, move-o de um lado para o outro e faz um buraco grande. Várias centenas de larvas de mosca escorrem para o chão como uma massa branca. O seu coração bate mais depressa.

Tapa a boca com a mão e faz um rasgo maior no saco. Solta um gemido ao ver os braços e mãos serrados, com unhas pintadas.

Pamela e Martin continuam sentados na cozinha, apesar de já terem acabado de comer. As caixas transparentes com *noodles*, camarões e rolinhos primavera ainda estão em cima da mesa.

Martin veste apenas umas calças *chino* caqui e tem a nuca suada. Olha para Pamela quando a vê pousar o seu copo de água na mesa. A luz da vela agita-se sobre o rosto dela e, numa das faces, oscilam as sombras vermelhas do cabelo.

Quando se vira para ele, Martin apressa-se a baixar os olhos antes de que os seus olhares se cruzem.

– Fizeste a mala? – pergunta Pamela.

Ele abana a cabeça sem erguer o olhar.

– Não quero levar mais choques elétricos – responde-lhe, olhando para a entrada para confirmar que não está lá ninguém.

– Compreendo perfeitamente, mas o Dennis acha que te faz bem – afirma ela. – Posso ir contigo se te sentires nervoso.

Uma vaga de angústia fá-lo mover a cadeira para trás, escorregar para o chão e esconder-se debaixo da mesa. É impossível descrever por palavras o vazio que a eletricidade deixa, como uma fome aterrorizadora de algo desconhecido.

– É só porque tens de ficar bom agora... e quase metade das pessoas que são submetidas a um tratamento de ECT ficam sem sintomas, ficam boas. Já imaginaste? – diz ela.

Martin olha para o tecido cor de morango do vestido sobre os joelhos dela e para os pés descalços e bronzeados com as unhas vermelhas.

Pega na vela, vai para debaixo da mesa, senta-se ao pé dele e olha-o com os seus olhos afetuosos.

– E a verdade é que começaste a falar muito mais depois do tratamento.

Ele abana a cabeça e pensa que isso se deve à hipnose.

– Queres que telefone para lá a dizer que não vais hoje à noite?

Ele engole com dificuldade, quer responder, mas o nó na garganta não lho permite.

– Fala comigo, por favor.

– Quero estar em casa, eu consigo...

– Eu também acho que consegues.

– Ainda bem – murmura ele.

– Eu sei que ficas assustado quando te pergunto sobre o parque infantil, mas não consigo evitar, é a Mia que está em causa – diz ela. – Tu estiveste lá e desenhaste a Jenny Lind quando chegaste a casa.

Martin tenta reprimir a angústia e convencer-se a si mesmo de que os meninos não são reais. No entanto, o seu cérebro diz-lhe repetidamente que os nomes os incitam. Querem o nome para o gravarem numa lápide ou em qualquer outro lugar.

– Martin, não há perigo nenhum se falares – reconforta-o, pondo-lhe a mão no braço. – Tens de compreender isso. Toda a gente o faz e não acontece nada.

Ele olha para o *hall* e vê alguém mover-se rapidamente na sombra por detrás da gabardina pendurada de Pamela.

– Preciso de saber se são os meninos que te impedem de contar ou se realmente não te lembras por causa do tratamento de ECT.

– Não me lembro de nada – afirma ele.

– E pelo menos estás a tentar?

– Sim, estou.

– Mas tu estiveste lá, deves ter visto tudo e saber quem matou a Jenny Lind...

– Não – diz ele em voz alta e com lágrimas nos olhos.

– Está bem, desculpa.

– Mas quando fui hipnotizado, comecei a ver coisas...

Recorda-se que foi como se um candeeiro se tivesse acabado de apagar e ele estivesse de pé a pestanejar na escuridão. Quando Erik Maria Bark lhe disse para contar o que via, sentiu que os olhos estavam a começar a ajustar-se, no entanto, de alguma forma, ficou preso no preciso instante em que estava a discernir os primeiros contornos.

– Continua – sussurra Pamela.

– Quero encontrar-me outra vez com o hipnotizador – declara Martin, olhando-a nos olhos.

Pamela guarda as sobras no frigorífico, desaperta o sutiã por baixo do vestido e puxa-o pela manga, quando tocam à campainha.

– É o Dennis – diz Pamela. – Não consegui falar com ele, por isso ainda pensa que tem de te levar à Unidade de Psiquiatria.

Ela pega no sutiã e atira-o para o quarto antes de abrir a porta. Dennis está vestido de forma descontraída, com umas calças de ganga azuis e uma camisa havaiana de manga curta.

– Tentei telefonar-te. O Martin não vai para o Sankt Göran.

– O meu telemóvel está sempre a ficar sem bateria.

Dennis fecha a porta ao entrar, descalça os sapatos em cima do tapete e murmura qualquer coisa sobre o calor.

– Desculpa por teres vindo cá em vão – diz ela.

Vão para a cozinha. Martin está junto ao lava-louça a encher uma pequena lata com ossos cor-de-rosa para cão.

– Olá, Martin – cumprimenta-o Dennis.

– Olá – responde ele, sem se virar.

– O Martin não se sente bem com o tratamento de ECT – explica Pamela.

– Compreendo.

– Ele não quer voltar à unidade de Psiquiatria.

– Podemos fazer assim – afirma Dennis, ajeitando os óculos no nariz. – Se eu assumir a responsabilidade por agora, teremos controlo total sobre a medicação...

– OK – responde ele.

– E assim podes procurar com calma um psiquiatra de quem gostes, Martin.

– Parece-te bem? – pergunta Pamela.

– Sim.

Martin vai até ao *hall* e faz festas ao rafeiro, que está à sua espera deitado no meio dos sapatos. Pamela vai atrás dele e apanha a trela do chão.

– Não vás para muito longe – recomenda, dando-lhe a trela.

– Acho que vamos até à Gamla Stan – diz Martin, abrindo a porta.

O rafeiro levanta-se e segue-o lentamente até ao elevador. Pamela fecha a porta e volta para a cozinha.

– Vai funcionar ter o Martin em casa?

– Para dizer a verdade, não sei – responde ela, debruçando-se sobre o lava-louça. – Mas ele começou realmente a comunicar muito mais, é uma diferença incrível.

– Ótimo – diz Dennis sem entusiasmo.

– Acho que o facto de o Martin ter sentido que podia ajudar a Polícia foi essencial.

– É bem possível.

Uma gota solta-se da torneira e ouve-se um som metálico quando cai no lava-louça. Pamela dá por si a pensar na garrafa de *vodka* no armário, mas depois recompõe-se.

– Vais contar-lhe sobre nós?

– Tenho de o fazer... só que é tão difícil, sobretudo se ficares responsável pelo tratamento dele.

– Faço-o por ti, mas a verdade é que quero que o deixes e venhas viver comigo.

– Não digas isso.

– Desculpa, foi estúpido da minha parte, mas penso muitas vezes em quando a Alice era pequena, antes de teres conhecido o Martin. Eu vivia praticamente em tua casa para tu poderes estudar... talvez tenha sido a única vez em que não senti que a vida me estava a passar ao lado – diz ele, saindo a seguir do apartamento.



Martin contornou a igreja de Hedvig Eleonora e desceu até Nybroplan. O rafeiro urina contra uma caixa de eletricidade e cheira o chão por baixo de um caixote do lixo. As luzes de uma montra refletem-se-lhe no pelo preto.

Enquanto espera, Martin olha para uma tabacaria e põe-se a ler os escaparates dos jornais vespertinos. A manchete do *Expressen* é sobre a perda de peso, porém o que chama a atenção de Martin é a notícia secundária sobre Jenny Lind.

«A única testemunha da Polícia é doente mental.»

Martin percebe que a testemunha é ele e sabe que tem uma doença mental, mas não deixa de ser estranho lê-lo num cabeçalho de jornal.

Continuam a caminhar em direção à Gamla Stan e, quando estão a atravessar a ponte Strömbro, o rafeiro deita-se no chão junto ao gradeamento. A água escura flui por baixo deles. Martin ajoelha-se à frente do cão e levanta-lhe a cabeça pesada com as mãos.

– Estás bem? – pergunta, e dá-lhe um beijo no focinho. – Estás cansado? Pensei que hoje querias dar um passeio longo.

O cão levanta-se com dificuldade, sacode o corpo, volta para trás, anda um pouco e depois para.

– Apanhamos o metro? Fazemos isso, velhote?

O rafeiro dá alguns passos e deita-se novamente.

– Eu carrego-te um bocadinho.

Martin pega-lhe ao colo, volta para trás pela ponte e segue em frente ao longo do Kungsträdgården.

Na alameda está um grupo de adolescentes a fumar, conversar e rir. A alguns metros deles, no escuro por baixo de uma árvore, estão dois pequenos rapazes com rostos magros e olhos que parecem de porcelana.

Martin vira bruscamente para direita, atravessa a estrada, avança até à entrada do metro e pouso o rafeiro no chão.

– Estás um gordinho – diz-lhe, lançando um olhar rápido na direção do parque.

Passam pelas portas automáticas e param em frente à escada rolante. Martin sente um arrepio nas costas e vira-se outra vez para trás.

Ao passar um comboio trinta metros abaixo do solo, as portas vibram e depois abrem-se, apesar de não lá estar ninguém. Quando as portas se fecham novamente, Martin vê um pequeno vulto do lado de fora a olhar para ele na escuridão. Está desfocado e estremece a um ritmo acelerado. Ouve-se o estrondo subterrâneo de outro comboio a chegar à estação. As portas abrem-se novamente, mas o menino já desapareceu. Talvez esteja escondido junto à parede imediatamente do lado de fora. Martin desce pela curta escada rolante que vai dar aos canais de acesso, tira o passe e caminha depressa até à escada rolante seguinte. O rafeiro deita-se a arfar aos seus pés. Esta escada é tão alta e inclinada que não consegue ver onde acaba. Segura o cão pela coleira e sente-lhe os movimentos respiratórios através do couro apertado. Enquanto descem, um vento quente e bafiento vem ao seu encontro do interior dos túneis. O mecanismo da escada produz um ruído repetitivo.

– Estamos quase lá em baixo – diz ao avistar o fim.

Martin olha mais atentamente e vê que está alguém à espera no fundo da escada. Ainda está tão distante que apenas consegue ver dois pés de criança descalços e sujos.

O brilho da faixa de luzes no teto desfila para cima enquanto eles continuam a descer. A criança move-se para trás. Um comboio trava ruidosamente ao chegar à plataforma. Martin põe o rafeiro de pé e diz-lhe que se prepare para sair da escada rolante. A criança desapareceu. Ele sabe

que os meninos fazem parte da sua doença, mas tem uma grande dificuldade em compreender que não são reais.

Segundo o painel informativo, faltam onze minutos para a próxima partida. Seguem em frente e só param quando chegam à outra ponta do cais. Martin senta-se numa caixa de incêndio vermelha, e o rafeiro deita-se novamente no chão.

Martin olha para a plataforma deserta. Um debrum de pedra branca delimita a parte exterior do cais virada para os carris. Ele levanta-se ao ouvir o som de pés descalços a caminharem depressa. Vira-se para trás, mas não vê ninguém em lado nenhum.

Ouve-se um zumbido elétrico e sons altos ao longo dos carris. Uma onda de ansiedade percorre-o. As chicotadas metálicas relembram-lhe o som do gelo na superfície de um lago. Recorda-se de estar deitado de barriga para baixo na paisagem branca, a olhar para a água através do buraco. Duas trutas grandes saem da escuridão, aproximam-se cautelosamente do isco e voltam a desaparecer.

O vidro do relógio da estação estremece. Só faltam quatro minutos até o comboio partir. Deve chegar a qualquer momento.

Martin deixa o rafeiro deitado no chão, avança até à beira da plataforma e espreita para o túnel curvo e escuro.

Passos pesados e o tilintar de chaves ecoam entre as paredes. Ele olha para o fundo, na direção da escada rolante, porém o cais está vazio. Talvez alguém esteja escondido atrás da máquina de venda automática. Martin julga adivinhar um ombro e um pouco de uma mão amarelo-pálida, mas sabe que está provavelmente a imaginar.

Uma vibração abafada vai aumentando de intensidade. Lixo e poeira entram em movimento. Martin olha para os seus pés na beira da plataforma. Lá em baixo, carris e pedras reluzem no escuro. Ergue o olhar e vê a sua própria sombra na parede irregular do outro lado do fosso.

Pensa nas pontiagudas maçãs do rosto dos meninos e nas suas bocas cerradas com força. O mais velho tem o ombro descaído por ter partido a clavícula.

Martin chega-se um pouco mais para a beira e espreita outra vez para o túnel. Uma luz vermelha brilha ao fundo na escuridão. Subitamente, a luz pisca como se alguém tivesse passado à frente dela. Um comboio aproxima-se e o seu estrépito rítmico aumenta.

Ele olha novamente para a sua sombra na parede verde côncava mesmo em frente. Parece mais larga do que pouco antes. De repente, a sombra divide-se em duas e Martin percebe que alguém se pôs sorrateiramente atrás dele. Antes de ter tempo de se virar, recebe um empurrão violento entre as omoplatas e cai da plataforma.

Aterra nos carris, bate com um joelho no chão e ampara a queda com as mãos. As palmas das mãos ardem-lhe ao rasparem na gravilha grosseira. Levanta-se, vira-se para trás e resvala nos carris polidos.

O comboio vem direito a ele, empurrando ar sujo à sua frente.

Martin tenta subir para a plataforma, mas as mãos ensanguentadas escorregam na pedra branca. Ouve-se o ruído ensurdecido do comboio e o solo estremece.

Vê então um aviso amarelo de metal que alerta para a presença de cabos elétricos, apoia um pé na margem da placa, impulsiona o corpo para cima e sobe para o cais no preciso instante em que o comboio se precipita para a estação e chia ao travar.

Os traços brancos sucedem-se na estrada ao lado do carro, e os pneus atroam sobre o asfalto. Joona repousa a mão direita no volante. A luz intensa de verão penetra por entre as copas da floresta de abetos e cintila nos óculos de sol.

A Clínica de Psiquiatria Forense de Säter fica entre Hedemora e Borlänge, a duzentos quilómetros a noroeste de Estocolmo. Nela são internados criminosos inimputáveis e outros pacientes vindos de todo o país que requerem cuidados especiais.

Martin ouviu Primus falar com Caesar sobre matar Jenny. Graças a Ulrike, ficaram a saber que Primus estaria no Ninho da Águia.

Joona só conseguiu interrogar Primus uma vez antes de ele fugir. Era óbvio que ele sentia prazer em esquivar-se e dar respostas crípticas. A arrogância narcisística de Primus fez com estivesse convencido de ter controlo total sobre o interrogatório. Foi evidente que ficou assustado ao perceber que tinha revelado algo acidentalmente, fornecendo a Joona a primeira pista concreta sobre Caesar.

Nos últimos sessenta anos, na Suécia, não há registo de uma sentença ou internamento psiquiátrico de cariz forense relativo a um indivíduo chamado Caesar. Contudo, é evidente que Primus se referia a Säter quando falou de Auschwitz. Joona considera que tudo o que aconteceu no Ninho da Águia talvez tenha valido a pena por este pequeno pormenor.

Antes do interrogatório, Caesar não passava de um nome, mas agora Joona tem a certeza de que ele esteve em algum momento internado em Säter. Pensa nas designações que Primus usou para descrever Caesar: Saturno, Leopoldo, darwinista, Chad e patriarca. Todas elas estão associadas a uma espécie de masculinidade superior e despótica.

Joona sai da estrada 650 e entra na área de Skönvik. Passa pelo Fasta Paviljong de Säter, a antiga instituição de Psiquiatria Forense que foi desativada há trinta anos e destruída por um incêndio há treze.

O edifício, que lembra uma propriedade senhorial, tem a aparência de uma casa em ruínas com o teto desabado e grades enferrujadas em todas as janelas. A porta principal foi entaipada e o estuque caiu da fachada, expondo a parede de tijolos.

O comissário segue em frente sob a luz do sol fragmentada pelas copas das árvores, abrandando para olhar para um mapa, faz uma curva e estaciona em frente à clínica moderna. Trata-se de um grande complexo hospitalar com oitenta e oito pacientes e cento e setenta funcionários.

Os pontos da ferida no flanco doem-lhe quando Joona sai do carro e entra no átrio. Passa pelo detetor de metais, guarda os óculos de sol no bolso do peito e avança até à receção para se registar. A diretora clínica que vem receber Joona tem um alarme antiagressão no colarinho da camisa. É uma mulher alta na casa dos quarenta, com cabelo preto e testa enrugada.

– É claro que temos consciência de como Säter tem sido retratada... Toda a gente imagina pacientes drogados com benzodiazepinas e psicofármacos... Terapia Gestalt para a ansiedade e psicólogos que recriam memórias reprimidas que nunca existiram.

– Talvez sim – responde Joona.

– Muitas das críticas eram justificadas – continua a médica. – As lacunas de conhecimento na psiquiatria antiga eram enormes.

Ela passa o cartão no leitor, introduz um código e segura a porta a Joona.

– Obrigado.

– Atualmente, também não somos perfeitos, como é óbvio – afirma ela, indicando-lhe o caminho através do corredor. – É um trabalho continuado e, muito recentemente, recebemos críticas do Provedor de Justiça a respeito

das nossas medidas de coerção. Mas o que é que se faz quando um paciente tenta arrancar os seus próprios olhos assim que lhe tiramos as correias?

Ela para numa copa.

– Café?

– Um expresso duplo – responde Joona.

A diretora clínica pega em duas chávenas e liga a máquina de café.

– Agora delineámos um conjunto de valores para garantir cuidados de qualidade – prossegue ela. – E estamos a desenvolver avaliações de perigo estruturadas...

Os dois pegam nas suas chávenas, entram na sala dos médicos, sentam-se em poltronas e bebem o café em silêncio.

– Vocês tiveram um paciente chamado Caesar – afirma Joona, pousando a chávena na mesa.

A médica levanta-se, vai até à secretária, faz *login* no computador, fica sentada sem dizer nada durante alguns segundos e depois ergue o olhar.

– Não – responde ela.

– Sim.

A médica olha fixamente para Joona e, pela primeira vez, a sombra de um sorriso passa-lhe pelo rosto.

– Sabe o apelido ou o número do documento de identidade?

– Não.

– Quando é que ele cá esteve? Eu trabalho aqui há oito anos, e há vinte que os nossos registos são digitalizados.

– Têm outros registos?

– Para dizer a verdade, não sei.

– Quem é que trabalha aqui há mais tempo?

– Deve ser a Viveca Grundig, uma das nossas terapeutas ocupacionais.

– Ela está cá agora?

– Por acaso, acho que sim – responde a diretora clínica, pegando no telefone e marcando um número.

Alguns minutos depois, entra uma mulher na casa dos sessenta. Tem um rosto esguio, cabelo grisalho curto, olhos azul-claros e um ligeiro sorriso nos lábios.

– Este é Joona Linna, da Polícia Operacional Nacional – apresenta-o a diretora clínica.

– Um polícia? E eu que passei a vida toda a apaixonar-me por médicos – declara Viveca, sorrindo de tal maneira que Joona lhe sorri de volta.

– O comissário está a perguntar se nós teremos registos mais antigos dos nossos pacientes, antes da digitalização.

– Claro que sim, temos um arquivo.

– Preciso de encontrar um paciente chamado Caesar – esclarece Joona.

Ela baixa os olhos, tira um cabelo da blusa e olha novamente para ele.

– Essa parte do arquivo foi destruída – responde.

– Mas sabe de quem estou a falar, ou não?

– Não exatamente...

– Conte-me – pede Joona.

Viveca afasta o cabelo grisalho da testa e olha para ele.

– Foi quando comecei a trabalhar aqui. Desde muito cedo, ouvi falar de um tal Caesar que estava internado no Fasta Paviljon, ao cuidado do doutor Gustav Scheel.

– O que ouviu dizer?

Ela desvia o olhar.

– Eram só tolices...

– Conte-me as tolices – insiste Joona.

– Tenho a certeza de que eram apenas boatos, mas, quando decidiram encerrar o Fasta Paviljon, dizia-se que o Gustav Scheel se opôs porque não queria deixar um paciente por quem estava obcecado.



– O Caesar?

– Havia quem dissesse que estava apaixonado por ele, mas de certeza que não passava de um rumor.

– Há alguém que saiba o que realmente aconteceu?

– O melhor talvez seja perguntar à Anita, que é enfermeira cá.

– Ela trabalhava no Fasta Paviljon?

– Não, mas é filha do Gustav Scheel.

Joona segue Viveca até à sala dos enfermeiros, que fica no piso de baixo. Através das paredes, ouvem-se os gritos encolerizados de um homem idoso.

– Anita?

Uma mulher que está de pé junto ao frigorífico da copa vira-se com um iogurte na mão. Parece ter uns trinta e cinco anos, e o cabelo louro à pajem está despenteado. À exceção do rímel azul, não está maquilhada. As sobrancelhas são incolores e os lábios carnudos estão pálidos.

Pousa o iogurte no balcão, põe a colher por cima e limpa as mãos nas calças antes de o cumprimentar.

Joona apresenta-se e observa-lhe o rosto enquanto explica o que o traz ali. Ela já tem a testa enrugada, mas franze-a ainda mais ao acenar ligeiramente com a cabeça.

– Sim, claro, lembro-me de o meu pai ter um paciente chamado Caesar.

– Lembra-se do apelido?

– Ele estava registado sem nome, como N. N., mas referia-se a si mesmo como Caesar... É possível que ele não soubesse como se chamava.

– É comum haver pacientes com identidade desconhecida?

– Não, não posso dizer que seja, mas acontece.

– Preciso de ver os arquivos.

– Mas foi tudo destruído no incêndio – diz ela, como se estivesse surpreendida por ele não o saber. – O Caesar foi internado no Fasta

Paviljong no último ano em que esteve aberto... e toda essa parte do arquivo ardeu completamente alguns anos mais tarde.

– Tem a certeza de que desapareceu tudo?

– Sim.

– Você devia ser muito nova quando o Caesar foi paciente do seu pai e, no entanto, sabe como é que ele estava registado.

Anita fica com uma expressão séria e parece estar a ponderar qualquer coisa.

– Talvez seja melhor sentarmo-nos – diz ela, por fim.

Joona agradece a Viveca pela ajuda e senta-se em frente a Anita, numa das cadeiras altas dispostas em torno de uma mesa redonda com flores de tecido numa jarra.

– O meu pai era psiquiatra – começa ela, afastando a jarra para o lado. – De base freudiana, diria eu, e dedicava muito do seu tempo à investigação... especialmente nos últimos dez anos antes de se ir embora.

– Ele esteve sempre aqui em Säter?

– Sim, mas vinculado ao Hospital Universitário de Uppsala.

– E agora você trabalha precisamente aqui?

– Não faço ideia de como aconteceu – afirma ela, rindo-se. – Eu cresci aqui, numa das vivendas para professores na vila de madeira, e agora moro a cinco minutos de lá... Mudei-me para Hedemora por algum tempo, mas ainda são vinte quilómetros de distância.

– Muitas vezes é assim – diz Joona a sorrir, mas depois fica sério outra vez.

Ela engole em seco e põe as mãos no joelho.

– Já era adolescente quando o meu pai me contou como é que o Caesar se tinha tornado seu paciente... O meu pai acordou a meio da noite por ter ouvido vozes e, quando subiu, reparou que a luz do meu quarto estava

acesa... Um homem novo estava sentado na minha cama a acariciar-me a cabeça.

O ponta do nariz de Anita fica vermelha e ela olha pensativamente para o corredor.

– O que aconteceu?

– O meu pai conseguiu levar o Caesar para a cozinha. Era evidente que se tratava de um doente mental... e ele próprio o sabia porque pediu para ser internado.

– Porque é que ele recorreu ao seu pai?

– Não sei, mas o meu pai era bastante conhecido na altura e era um dos poucos que acreditava que toda a gente podia ser curada.

– Mas porque é que o Caesar foi a vossa casa em vez de ir diretamente para Säter?

– O Paviljong não tinha receção porque só se era internado lá como medida extrema... Mas acho que o meu pai ficou interessado no caso do Caesar logo naquela noite.

– Então ele cedeu a uma espécie de ameaça por curiosidade?

– Ceder talvez não seja a palavra adequada.

– Porque a melhor forma de controlar o Caesar era aceitá-lo como paciente numa instituição de internamento compulsivo – conclui Joona.

Anita anui com um aceno da cabeça.

– Antigamente, este era um lugar onde os pacientes deixavam de ter direitos humanos, não havia qualquer tipo de inspeção. Muitas vezes as pessoas permaneciam aqui até morrerem, e depois eram cremadas e enterradas no cemitério da instituição.

– O que aconteceu ao Caesar?

– Teve alta menos de dois anos depois.

Joona observa a expressão alheada da boca e a testa enrugada.

– Qual era a área de investigação do seu pai? – pergunta ele.

Anita respira fundo.

– Bem, eu não sou psicóloga nem psiquiatra e, por isso, não sei descrever detalhadamente os métodos dele... mas a principal área de interesse do meu pai estava relacionada com a síndrome de despersonalização e a perturbação de identidade dissociativa.

– PID – diz Joona.

– Não quero retirar mérito ao meu pai, mas a maior parte das pessoas diria que a visão dele sobre a psique humana está ultrapassada e pertence a outros tempos – afirma ela. – Uma das suas teorias defendia que os autores de crimes ficam traumatizados com os seus próprios atos e sofrem de diferentes formas de dissociação... Sei que ele estava a escrever um estudo de caso sobre o Caesar, a que deu o título de «O Homem-Espelho».

– O Homem-Espelho – repete Joona.

– Depois da desativação do Fasta Paviljon, o meu pai permaneceu lá – conta ela. – Já não havia pacientes, no entanto ele estava a compilar os dados de quarenta anos de investigação como psiquiatra clínico. O arquivo era enorme... mas certa noite, um quadro de eletricidade começou a arder. O meu pai faleceu no incêndio e todo o trabalho dele foi destruído.

– Sinto muito – diz Joona.

– Obrigada – murmura ela.

– Recorda-se de alguma coisa sobre o Caesar?

– Posso saber de que se trata?

– Suspeitamos de que o Caesar seja um assassino em série – responde Joona.

– Estou a ver – comenta, engolindo em seco. – Só que eu nunca mais o vi depois daquela vez quando era pequena.

– Estou a tentar ver isto da perspetiva do seu pai... Um homem com uma doença mental introduz-se na casa dele a meio da noite e senta-se a acariciar a cabeça da filha dele... deve ter ficado aterrorizado.

– Mas, para ele, foi o início de algo importante.

– Um caso de estudo.

– Lembro-me de ele sorrir quando me contou aquele primeiro encontro... O Caesar estava sentado com a mão na minha cabeça, olhou-o nos olhos e disse «as mães estão a ver os filhos brincar».

Joona suspira de dor ao levantar-se da cadeira, diz que tem de ir, agradece-lhe a ajuda e atravessa apressadamente o corredor. Lembra-se de que Martin, sob hipnose, conseguia ver as traseiras da Escola de Economia e a casa de brincar vermelha. Erik conduziu-o lentamente até à cena do crime e começou a descrever os escorregas e a estrutura para trepar. Martin acenou com a cabeça e murmurou «as mães estão a ver os filhos brincar».

Tanto Joona como Erik pensaram que estas palavras faziam parte do esforço de Martin para visualizar um parque infantil, motivo pelo qual Erik respondeu «é de noite... a luz vem de um candeeiro de rua», a fim de que Martin se focasse na memória real do parque, onde não havia mães à espera dos filhos. Contudo, ele já se encontrava na situação real. Não viu mais nada, mas ouviu o que aconteceu. Naquela noite, Martin ouviu Caesar a falar no parque.

Joona empurra a porta da entrada e corre para o carro, enquanto pensa que tem de convencer Martin a revelar mais pormenores sobre aquilo que testemunhou.

Desde que Caesar voltou a desaparecer, os dias têm sido apenas quentes e monótonos. Ontem não receberam comida porque a avó saiu com o camião, porém hoje de manhã comeram outra vez peixe salgado e batatas.

Mia está constantemente a pensar no que aconteceu, mas não consegue interiorizá-lo. Caesar cortou o pescoço a Raluca e, no minuto seguinte, ela foi completamente esquecida. Foi posta a dormir e não voltou a acordar. A seguir violou Kim, ficou deitado em cima dela a ofegar por um breve instante, depois levantou-se, abotoou as calças e foi-se embora.

A avó estava lá quando Kim começou a recuperar os sentidos e certificou-se de que ela regressava à jaula, levando a sua roupa nos braços. Como ainda não conseguia ver bem, bateu com a cabeça na parte de cima da jaula. Depois deitou-se no seu lugar e adormeceu.

O corpo de Raluca ficou lá durante a noite. Na manhã seguinte, coube a Blenda ajudar a avó a cremar Raluca no forno que está no último pavilhão. A tarefa durou o dia todo, e o fumo adocicado ficou a pairar pesadamente sobre as redondezas. Quando regressou à sua jaula, Blenda vinha com a cara suja de fuligem e a chorar. Ainda trazia consigo o cheiro a fumo.

Depois da violação, Kim ficou com dores nos genitais. No dia anterior, limitou-se a ficar sentada com as mãos no rosto quando Mia tentou convencê-la, a ela e a Blenda, a colaborarem.

– Não percebo: ele tem-nos em jaulas para não fugirmos, mas não valemos nada. No início, pensei que isto fosse uma espécie de Boko Haram, mas cristão... agora acho que não passa da merda de uma revolução *incel* – disse Mia. – Faz isto porque ninguém quer ir para a cama com ele... é completamente doentio. De certeza que ele tem um grupo de fãs no 4chan e é venerado como um deus.

- Mas agora a sério – interveio Blenda, encostando-se contra as grades.
- Alguma vez conhecestes um rapaz que dissesse que não a isto?
- A ter uma data de raparigas a chorar em jaulas?
- Não, mas como era antes, um harém. Era luxuoso e...
- Isto nunca foi luxuoso – interrompeu-a Kim.
- Porque, segundo sei, estás habituada a coisas mais finas – comenta Blenda, num tom azedo.

– Não precisamos de discutir – sussurra Mia.

Os dois pedaços de chapa já estão tão afiados quanto é possível sem uma pedra de amolar. Funcionarão certamente se forem usados com força suficiente. Mia trocou a parca que usa como almofada pela camisa de Kim, na qual fez pequenos cortes para depois desfazer o tecido.

Deixou de tentar envolver Blenda na revolta, embora precisassem dela. Por não estar suficientemente motivada, poderia hesitar ou arrepender-se num momento crítico. Porém, como Blenda é quem se move mais livremente na propriedade, Mia tenta interrogá-la sobre os outros pavilhões e o caminho para fora dali através da floresta.

– Não sei – dizia ela, simplesmente.

Mas Mia já percebeu que há raparigas em três dos outros pavilhões. No total, talvez sejam dez prisioneiras. Durante os passeios diários, vislumbrou movimentos e olhos a brilhar na escuridão, e à noite ouve-as chorar e tossir. Ontem, uma mulher jovem pôs-se à porta a olhar para elas. Segurava uma pá na mão, e o cabelo tinha um brilho avermelhado quando a luz do sol o atravessava. A avó gritou qualquer coisa e ela desapareceu.

– Viste-a? – perguntou Mia.

– Tem tuberculose, vai morrer em breve – respondeu Blenda.

A noite passada, depois de Blenda ter adormecido, Mia e Kim ficaram deitadas a sussurrar entre si. Kim mudou desde a última violação e afirma

estar disposta a ajudar com a revolta. Escutou as instruções de Mia e repetiu-as.

O passeio está próximo e Mia sente um nervosismo crescente, como um peso que se lhe agita no estômago.

Não diz a Kim que não tem qualquer experiência real com ataques deste tipo. Andou simplesmente na companhia de rapazes que estiveram presos e se viram obrigados a juntar-se a grupos para sobreviver, rapazes que foram forçados a esfaquear um rival para provar a sua lealdade ao líder.

As raparigas do terceiro pavilhão saem primeiro. Mia já lhes reconhece as vozes. Duas delas estão quase sempre a falar, ao passo que as outras duas são mais caladas e param cada vez que uma tem de tossir.

Um helicóptero passa sobre a floresta, e a avó dá um berro ao cão quando ele começa a ladrar. A manhã parece mais aborrecida do que o habitual, como se tudo demorasse mais tempo do que é costume.

Mia dá uma lâmina a Kim e assegura-se de que ela a coloca por dentro da meia de desporto, do lado interior da canela direita, e a cobre com as calças. Depois, mete a sua no cano da bota e certifica-se de que fica fixa.

Fá-lo-ão hoje se as circunstâncias forem razoavelmente favoráveis. Depende um pouco do tempo, pois não é certo que as lâminas de chapa de zinco consigam perfurar roupas grossas. Ao pequeno-almoço, a avó vestia um casaco de ganga, mas agora, com o sol já alto, está calor no pavilhão. Se a avó usar a mesma blusa que usou ontem, não há problema.

Na sua cabeça, Mia considerou mil vezes diferentes cenários. Chegou até a pensar que podia fazê-lo sem ajuda. É possível que resulte mesmo que Kim não seja capaz de levar a cabo a sua parte. Mia é mais baixa e fraca do que a avó, mas tentará, caso consiga, pôr-se atrás dela. Pode só ter tempo de a esfaquear uma vez antes de ser atirada ao chão, no entanto, talvez seja suficiente. Se a avó ficar ferida e a sangrar, Mia talvez consiga levantar-se, persegui-la e andar em círculos em torno dela até poder atacar novamente.



Kim está ajoelhada a rezar de mãos juntas, no entanto, para assim que ouve passos do lado de fora da porta.

O cão arfa. A avó levanta a barra, encosta-a à parede e calça a porta com uma pedra. Quando entra com uma tina cheia de água, vê-se a poeira pairar à luz do sol atrás dela. O talismã que traz pendurado ao pescoço produz um som metálico ao bater contra o rebordo da tina. Despiu o casaco e tem vestida uma blusa azul com as mangas enroladas para cima.

Kim avança e estende os braços. A avó prende-a à porta da jaula com uma abraçadeira, e ela desce para o chão. Mia segue-a, é presa ao pulso de Kim e desce.

A avó calça um par de luvas de lavar louça amarelas. Vai buscar uma esponja à tina e esfrega-lhes o rosto e o pescoço. A água quente tem um cheiro intenso a cloro.

– Dispam-se da cintura para cima o melhor que conseguirem.

Mia puxa o *top* para cima e, com gestos bruscos, a avó lava-lhe as axilas, as costas e os seios. A água quente escorre-lhe para dentro das calças.

Entra em pânico ao aperceber-se do que vai acontecer: se a avó tiver decidido lavá-las meticulosamente, vai obrigá-las a descalçarem-se e acabará por encontrar as armas.

Mia baixa o *top* e aguarda enquanto a avó lava o tronco de Kim. Primeiro, esfrega-a debaixo dos braços. Com a mão livre, Kim levanta a *T-shirt* e o sutiã sujo e desequilibra-se.

– Desaperta as calças e põe-nas para baixo.

A avó vai molhar outra vez a esponja, espreme-a, volta e coloca-se diante de Mia.

– Afasta as pernas – ordena ela.

A rapariga tenta apartá-las e a avó mete-lhe a esponja entre as coxas. Quando começa a esfregar, Mia fecha os olhos e geme como se estivesse a

sentir prazer. A avó para de imediato, ordena-lhes ríspidamente que se vistam e volta para a bancada. Tira as luvas, atira-as para o chão e sai com a tina.

Mia sorri brevemente para si mesma ao ouvir a avó despejar a água na sarjeta junto ao sétimo pavilhão. Não sabia se ela lhe ia bater, mas não podia arriscar que continuasse a lavá-las. Pouco depois, a avó regressa, apoia-se na bengala e manda-as dar uma volta no quintal.

Mia e Kim dão as mãos e saem do pavilhão. Está muito calor ao sol. As roupas molhadas colam-se ao corpo.

Ao pé do sétimo pavilhão, a avó está a cozer qualquer coisa numa grande panela, enquanto Blenda vai mexendo com uma longa colher. Irritada, a avó afirma que está convencida de que algumas raparigas fazem abortos em segredo, mas que o Senhor vai expô-las e começar a purga. O vapor rançoso espalha-se pelo quintal.

Mia conduz Kim até ao meio do pátio de gravilha e sente a faca a deslizar para cima no cano da bota a cada passo que dá. Apoiada na bengala, a avó observa-as. Dão a volta e caminham na sua direção. Têm de se aproximar mais e colocar-se atrás dela de uma forma natural, antes de o passeio acabar.

– Se tivermos uma oportunidade, fazemo-lo agora – diz Mia.

– Estou pronta – responde Kim com determinação.

A avó tira a colher a Blenda e vira-se para a panela. Mia para, enfia a mão no cano da bota e tira a lâmina. As mãos tremem-lhe enquanto tenta cortar a tira de plástico que lhes prende os pulsos.

– Despacha-te – sussurra Kim.

Mia vê Blenda pôr mais carvão debaixo da panela com a pá. A avó dá-lhe instruções num tom irritado e ouvem-se as pancadas cavernosas da colher a bater contra o rebordo da panela. A pulsação atroa-lhe nos ouvidos. Mia tenta mudar o ângulo da faca, corta com movimentos rápidos, ouve o

som do plástico a rebentar e a abraçadeira cai finalmente no chão. Esconde a faca junto ao corpo enquanto as duas seguem em frente de mãos dadas.

A avó olha para dentro da panela e mexe vigorosamente o conteúdo. O seu estranho colar oscila entre os seios.

As faixas de tecido à volta do cabo da lâmina secaram e compactaram-se, permitindo segurar na faca com firmeza, pelo menos até que fique embebida em sangue.

Aproximam-se devagar. Blenda olha para elas através do vapor. Mia sente que a mão de Kim está suada.

Com a colher, a avó retira a espuma da superfície do líquido e despeja-a sobre a grade enferrujada da sarjeta. O coração de Mia bate-lhe com força no peito. O cão aproxima-se e, andando em círculos, cheira-as entre as pernas, ganindo nervosamente.

A avó tem o rosto luzidio e as faces coradas por causa do vapor cada vez mais denso. Passam por ela, abrandam o passo, viram-se e largam a mão uma da outra.

Mia enche-se de uma adrenalina que a gela. Os pequenos pelos dos braços eriçam-se-lhe. De súbito, tudo se torna nítido: os sete pavilhões, a panela e a camisa azul justa nas costas largas da avó. Kim sobe a perna das calças e enfia a mão por dentro da meia. A lâmina branca da faca brilha à luz do sol. Mia olha para Kim, acena com a cabeça e precipita-se contra a avó com a faca escondida junto ao corpo. Aperta-a com tanta força que os dedos estão esbranquiçados.

O cão começa a ladrar. A gravilha range sob as botas e a colher de pau bate contra o rebordo da panela.

Kim segue-a para atacar a avó pela frente, imediatamente a seguir ao primeiro golpe. Não tem consciência de estar a gemer. A avó larga a colher e começa a virar-se. Mia tem as pernas a tremer e a respiração demasiado

acelerada. Concentra-se no tronco da avó, onde a camisa está lisa sobre a pele.

Quando puxa o braço para trás para conferir mais força ao ataque, ouve-se um estrondo. Uma pancada violenta atinge-a num dos lados da cabeça, e Mia sente uma dor no pescoço. Ao cair, tem um vislumbre de Blenda a segurar a pá com as duas mãos. Mia deixa cair a faca e vê-a, cintilante, a rebolar sobre a gravilha, desaparecendo depois entre as grades da sarjeta. A seguir, bate no chão e tudo fica escuro.

O som sibilante de um foguete inunda-lhe os ouvidos. Mia estica o corpo, lança-se para frente como um míssil, voando um decímetro acima do solo, entra a grande velocidade na floresta, passa por entre as árvores e sai para a estrada que conduz à mina.

Acorda com uma terrível dor de cabeça e percebe que afinal está deitada no chão. Tem a boca seca e o rosto empastado com uma mistura de sangue e areia. Não sabe quanto tempo esteve inconsciente.

O sol está a meio do céu e tem um halo de luz rosada.

Ela vira cuidadosamente a cabeça, vê duas cruzes desfocadas, pestaneja e pensa no Calvário. Kim e Blenda estão no meio do quintal com os braços abertos como Cristo. A lâmina de chapa está no chão aos pés de Kim, e a pá aos pés de Blenda.

Mia tenta compreender o que aconteceu.

A avó resmunga para si mesma e põe-se em frente de Kim e Blenda, sob a luz intensa do sol. O cão segue-a e deita-se ao seu lado a arfar.

– O que estavas a pensar fazer com a faca? – interroga a avó.

– Nada – responde Kim, respirando pela boca.

– Então porque é que tens uma faca?

– Para me defender.

– Acho que vocês queriam fazer mal à Mia – afirma a avó. – E o que devemos fazer se a nossa mão direita nos fizer pecar?

Kim fica a olhar para o chão sem responder. Os braços tremem-lhe do esforço e descem um pouco. A *T-shirt* com a Lady Gaga está encharcada do suor que lhe escorre do pescoço para os seios.

– Cortem os braços – berra a avó. – Fazem-no sozinhas ou precisam de ajuda?

– Fazemo-lo sozinhas – responde Blenda.

– Querem que vos pregue as mãos?

A avó contorna-as, endireita um dos braços de Kim com a bengala e regressa ao seu lugar diante delas.

Blenda titubeia e vê-se obrigada a dar um passo para o lado para recuperar o equilíbrio. A poeira que se eleva da gravilha ressequida é iluminada pela luz do sol.

– O que é que a Mia vos fez? Tu bateste-lhe com a pá na cabeça – diz a avó a Blenda, depois vira-se de novo para Kim. – O que ias fazer com a faca? Ias cortar-lhe a cara?

– Não.

– Levanta os braços!

– Não sou capaz – diz Kim a chorar.

– Porque é que queriam fazer mal à Mia? Por ela ser mais bonita do que...

– Ela queria matar-te – interrompe-a Blenda.

O apartamento está abafado e Pamela tem os olhos a arder. Passou muitas horas sentada à frente do computador, em calças de fato de treino e sutiã. Hoje tirou folga para procurar Mia na Internet.

Visitou centenas de grupos de pornografia, comunidades misóginas e *sites* de modelos, de prostituição e de *sugar dating*. Percorreu páginas com fotografias de raparigas maltratadas, expostas e amarradas. Porém, Mia não está lado nenhum e Caesar não é mencionado.

As únicas coisas que encontrou foram um ódio aterrador pelas mulheres, um desejo insondável de poder e vontade de oprimir.

Sente-se maldisposta quando se levanta e vai para a sala de estar. Martin está sentado no chão num canto, só em cuecas. Com os braços à volta do rafeiro, olha fixamente para o *hall*.

Tem grandes nódoas negras espalhadas pelos joelhos e pelas canelas. O antebraço esfolado começou a sarar, mas as mãos continuam com ligaduras. Martin ainda não contou o que aconteceu. Quando chegou a casa com as roupas ensanguentadas e ela exigiu saber o que se passara, ele apenas murmurou «os meninos». Desde então, não voltou a dizer uma palavra.

– Martin, lembras-te de me teres dito que querias encontrar-te outra vez com o hipnotizador?

Pamela agacha-se à frente de Martin e tenta fazer com que ele olhe para si.

– Eu sei que acreditas que os meninos te magoaram por causa disso – prossegue ela. – Mas não é verdade, eles não te podem fazer mal a sério.

Sem responder, Martin continua a olhar para a entrada, agarrado ao rafeiro. Pamela levanta-se e volta para o escritório. Está a começar a instalar um *software* que lhe permite aceder aos mercados ilegais da

*Darknet* quando o telemóvel vibra. É Joona Linna. Pamela atende imediatamente.

– O que é que aconteceu? – pergunta ela, e ouve o medo na sua própria voz.

– Nada, mas eu...

– Não encontraram a Mia?

– Não, ainda não – responde Joona.

– Soube que vocês apanharam o Primus, deve ser um progresso – afirma ela. – Quer dizer, ele estava lá e cometeu o crime, ou não?

Pamela encosta-se para trás, tenta respirar mais calmamente e percebe que Joona está num carro.

– Eu interroguei-o uma vez – responde o comissário. – Mas ele conseguiu fugir do Sankt Göran durante a noite, não sei como, porque tínhamos um agente a guardar a porta.

– Um passo em frente, dois passos para trás – murmura ela.

– Não exatamente, é só muito mais complicado do que pensávamos.

– Então e agora? – interroga ela, levantando-se com um frémito de ansiedade dentro de si.

– Preciso de me encontrar com o Martin outra vez para nos sentarmos a falar tranquilamente e descobrirmos o que ele viu e ouviu.

– O Martin teve um acidente – diz ela, baixando a voz. – Está coberto de nódoas negras... deixou de falar.

– Que acidente?

– Não sei, ele recusa-se a falar disso – explica. – Mas antes do acidente, o Martin disse que queria tentar outra vez a hipnose.

– Tenho uma prova de que ele ouviu o Caesar a falar no parque infantil, e talvez seja aquilo de que precisamos, compreende? Ele pode nunca ter visto o Caesar, mas ouviu-o.



Pamela volta para a sala de estar e detém-se a olhar para Martin, que ainda está sentado atrás do sofá a fitar a escuridão do *hall*.

– Vou já falar com ele – diz ela.

– Obrigado.

\*

Joona vira para o vasto recinto do Instituto Karolinska e reduz a velocidade. A luz intensa que entra pelo para-brisas inunda-lhe o rosto e reflete-se nos óculos de sol.

Há trinta anos, o homem que se chama a si mesmo Caesar introduziu-se na casa do psiquiatra Gustav Scheel, sentou-se na cama da filha dele e disse:

– As mães estão a ver os filhos brincar.

É a mesma frase que Martin proferiu sob hipnose, quando Erik tentou fazer com que ele contasse o que vira no parque. Martin não viu Caesar, mas ouviu-o falar.

Joona para e deixa o carro na estrada, a dez metros da entrada para o departamento de Medicina Legal.

O *Jaguar* branco de Nålen está tão mal estacionado que bloqueia os outros carros que estão no parque. O para-choques traseiro está solto do lado esquerdo e repousa no asfalto. Joona dirige-se rapidamente para a porta principal.

Nålen recebeu uma rapariga esquartejada que foi encontrada por duas adolescentes na E-22, nos arredores de Gusum, a quinze quilómetros de Valdemarsvik. Na parte de trás da cabeça, tem uma marca feita a frio semelhante à que Jenny tinha.

Joona vai diretamente para a ampla sala e cumprimenta Nålen e Chaya. Os ventiladores estão a funcionar ruidosamente, mas no ar ainda há um

terrível mau cheiro. Na mesa de autópsias revestida de plástico, jazem o tronco e a cabeça de uma mulher não identificada, na casa dos vinte anos. As partes do corpo encontram-se num estado avançado de decomposição: escureceram, deitam líquido e estão repletas de larvas vivas de moscas e de pupas cor de vinho. A Polícia está a comparar os restos mortais com pessoas que foram dadas como desaparecidas nos últimos dez anos, mas a identificação não vai ser fácil.

– Ainda não demos início à autópsia, mas ela parece ter sido morta com um corte nas vértebras cervicais – diz Nålen. – Uma espada, um machado... veremos.

– Depois de morta, foi esquartejada com uma rebarbadora e empacotada em quatro sacos do lixo diferentes – explica Chaya, enquanto vai apontando. – A cabeça e o braço direito estavam dentro do mesmo saco juntamente com algumas bijuterias de plástico, uma mala e uma garrafa de água.

Nålen rapou o cabelo da parte de trás da cabeça da mulher e mostra agora a Joona uma fotografia ampliada no computador. Na margem inferior, vê-se o brilho branco da marcação a frio na pele escura e com pequenos ovos amarelos em torno dos cabelos. É exatamente o mesmo carimbo, mas desta a vez a marca está mais perfeita. O que em Jenny Lind parecia um T ornamentado assemelha-se agora a uma cruz. Uma cruz invulgar, ou uma figura com um barrete pontiagudo e uma longa túnica com mangas à boca de sino. É impossível saber.

Joona observa atentamente a fotografia e pensa em vacas marcadas com ferros em brasa, marcas de contraste de prata e cruces gravadas em pedras rúnicas do século XI. Uma recordação esvoaça-lhe na mente sem que a consiga reter.

Sente uma dor aguda atrás do olho. Uma gota negra cai num mar negro.

Neste momento, têm três homicídios e um caso de rapto: não há dúvida de que Caesar entrou numa fase ativa e muito mortal.

\*

Pamela está sentada no chão a fazer festas ao rafeiro e a observar Martin. Ele fletiu as pernas e pôs os braços à volta dos joelhos. Tem a testa franzida e uma das faces suja de tinta vermelho-tijolo.

– Tu estavas no parque – começa, tentando ler-lhe a expressão do rosto.  
– Viste a Jenny, desenhaste-a... e o Joona disse que tem a certeza de que ouviste o Caesar falar.

Ele tem a boca tensa de ansiedade.

– Ouviste-o?

Martin fecha os olhos por alguns segundos.

– Já to perguntei mil vezes, mas agora tens de me contar o que ele disse.  
– afirma com rispidez na voz. – Já não é só o teu medo que está em causa: é a Mia, e eu estou a começar a ficar zangada contigo.

Ele assente com cabeça e lança-lhe um breve olhar triste.

– Isto assim não vai funcionar, pois não? – lamenta-se ela.

Algumas lágrimas correm pelas faces de Martin.

– Quero que voltes a ser hipnotizado. Sentes-te preparado para o fazer?

Martin acena ligeiramente com a cabeça.

– Ótimo.

– Mas eles vão matar-me – murmura ele.

– Não, não vão.

– Eles empurraram-me para os carris – afirma ele quase impercetivelmente.

– Que carris?

– No metro – responde Martin, e depois tapa a boca com as mãos.

– Martin – diz ela, sem conseguir esconder o cansaço na voz. – Os meninos não existem, fazem parte da tua doença. Tu sabes isso, não sabes?

Ele não responde.

– Tira as mãos da boca – pede ela.

Martin abana a cabeça e dirige novamente o olhar para a entrada. Pamela não consegue evitar um suspiro ao levantar-se e ir até ao escritório para telefonar a Dennis.

– Dennis Kratz – atende ele.

– Olá, é a Pamela...

– Fico muito contente por teres ligado – declara Dennis. – Já to disse, mas peço desculpa por me ter comportado de forma inapropriada. Prometo que não volta a acontecer... Não me reconheço a mim próprio.

– Não há problema, vamos esquecer isso – diz ela, afastando o cabelo da testa.

– Ouvi dizer que o Primus fugiu... Não sei o que é que vocês acham, mas tinha pensado perguntar se tu e o Martin queriam ir viver para a minha casa de campo até as coisas acalmarem.

– Isso é extremamente simpático da tua parte.

– Obviamente.

Pamela repara que a grande tela com a casa às riscas está encostada à parede.

– Na verdade, liguei-te para dizer que o Martin vai encontrar-se mais uma vez com o Erik Maria Bark – explica ela.

– Não me digas que é para ser hipnotizado.

– Sim.

Pamela ouve-o respirar fundo.

– Vocês sabem o que eu disse: há um grande risco de voltar a ficar traumatizado.

– Temos de fazer tudo o que for possível para encontrar a Mia.

– É claro que temos – concorda Dennis. – Só estou a pensar no Martin, mas... eu compreendo-vos, a sério que compreendo.

– É só mais uma vez.

Erik Maria Bark está sentado à sua secretária envernizada a contemplar o jardim selvagem lá fora sob o calor da tarde.

Está de licença do Hospital Karolinska, no entanto, continua a dar consultas na sua casa em Gamla Enskede. Esta manhã, o seu filho Benjamin passou lá para lhe pedir o carro emprestado. Ainda não se habituou ao facto de ele se ter tornado adulto, ter ido viver com a namorada e começado a estudar Medicina em Uppsala.

Erik tem o cabelo espetado e grisalho, olheiras e rugas de expressão profundas na boca. A camisa azul-clara está desabotoada no pescoço, e a mão direita repousa entre o teclado do computador e o caderno aberto.

Depois da chamada de Joona, telefonou a Pamela Nordström. Combinaram que ela e Martin viriam imediatamente ter com ele. Na última vez, Erik não conseguiu ultrapassar a enorme barreira que impede Martin de contar o que viu no parque infantil. Pensou que nunca hipnotizara uma pessoa tão aterrorizada. Ele sabe que Martin ouviu Caesar dizer a mesma frase que o psiquiatra de Säter ouvira trinta anos antes. Desta vez, com a voz, talvez seja possível levá-lo a dirigir o olhar para aquilo que não tem coragem de ver.

As folhas do caderno de Erik começam a virar-se com um restolhar e depois imobilizam-se novamente. Na outra extremidade da secretária, a ventoinha move-se com lentidão de um lado para o outro. No chão, ao longo de uma das paredes, jazem pilhas de livros marcados com notas aderentes coloridas, e em cima de uma cadeira há maços de cópias de relatórios de investigação e de estudos. A porta do grande armário de arquivo está completamente aberta. As prateleiras de metal contêm a investigação de Erik: cassetes de vídeo e de gravadores de voz, discos rígidos, cadernos de notas, diários e pastas com artigos não publicados.

Erik pega na adaga espanhola que está em cima da secretária, rasga um envelope e lê por alto o convite para ser leitor convidado em Harvard.

Ouve-se um rangido rítmico através da janela. Ele levanta-se, deixa o escritório, atravessa a sala de espera e sai para o jardim à sombra. Joona Linna está sentado no banco de baloiço, com os óculos de sol na mão e a balançar para a frente e para trás.

– Como estão as coisas com a Lumi? – pergunta Erik, sentando-se ao lado dele.

– Não sei... Estou a dar-lhe tempo... ou melhor, é ela que me está a dar tempo, porque tem razão: eu devia sair da Polícia.

– Mas tens de resolver este caso primeiro.

– É como um fogo – diz Joona para si mesmo.

– E tens a certeza de que queres parar?

– Estou mudado.

– Chama-se vida, ela muda-nos – diz Erik.

– Só que começo a pensar que mudei para pior.

– Continua a chamar-se vida.

– Antes de prosseguirmos, preciso de saber quanto é que isto vai custar – declara Joona, com um sorriso.

– Faço-te um preço de amigo.

Joona olha para o emaranhado de ramos por cima deles, para a luz do sol fragmentada e as folhas enroladas sobre si mesmas por causa do calor.

– Os convidados vêm aí – diz ele.

Alguns segundos depois, Erik também ouve passos no caminho de cascalho que conduz à porta principal. Os dois deixam o banco, contornam a casa de tijolo castanho e dirigem-se para a entrada.

Martin segura Pamela pela mão e olha para trás, na direção do portão de aço e da estrada. Atrás deles, vem um homem na casa dos quarenta. Tem

um olhar vigilante, nariz arqueado como um lutador de boxe e óculos com lentes fumadas. Veste umas calças brancas e uma *T-shirt* cor-de-rosa.

– Este é o nosso amigo que ficou responsável pelo tratamento do Martin – apresenta-o Pamela.

– Dennis Kratz – diz ele, cumprimentando-os com um aperto de mão.

Erik condu-los até ao consultório pelo passeio do jardim que dá a volta à casa. Joona caminha ao lado de Dennis e pergunta-lhe se conhece o doutor Gustav Scheel. Dennis ergue a mão e aperta a boca, como se quisesse dar-lhe uma nova forma ou alterar-lhe a expressão com a ajuda dos dedos.

– Ele trabalhava no Fasta Paviljong de Säter – esclarece Joona, segurando a porta.

– Isso foi muito antes de eu me tornar psicólogo – responde o outro.

Passam pela pequena sala de espera com quatro poltronas e entram no escritório. Junto à parede, ao lado das estantes embutidas, está um cadeirão de pele de ovelha. O chão de carvalho envernizado está pejado de pilhas de livros e manuscritos.

– Peço desculpa pela desarrumação – diz Erik.

– Está a fazer mudanças? – pergunta Pamela.

– Estou a escrever um livro – responde-lhe, sorrindo.

Ela ri-se educadamente e entra no escritório com os outros. Erik franze a testa e passa a mão pelo cabelo espetado.

– Fico contente por confiarem em mim para tentarmos novamente – afirma ele. – Vou fazer tudo para que desta vez funcione melhor.

– O Martin quer ajudar a Polícia a encontrar a Mia. É muito importante para ele – diz Pamela.

– Estamos-lhe muito agradecidos por isso – declara Joona, reparando que Martin esboça um sorriso sem olhar para ele.

– Ele começou a falar muito depois da primeira vez... mas agora regrediu. Não sei se deva contar o que...



– Pamela, posso falar contigo? – pergunta Dennis.

– Espera, eu só queria contar que o Martin...

– Agora, se puder ser – atalha ele.

Ela acompanha-o até à sala de espera. Dennis vai à casa de banho para os clientes e deita um pouco de água num copo de plástico.

– O que estás a fazer? – pergunta-lhe ela em voz baixa.

– Não acho que seja boa ideia contares o trauma do Martin ao hipnotizador – explica ele, e bebe água.

– Porquê?

– Por um lado, porque o Martin tem de o contar ao seu próprio ritmo e, por outro, porque o hipnotizador pode usar informação de forma errada por sugestionamento.

– Pois, só que agora o que está em causa é a Mia – afirma Pamela.

Quando Pamela e Dennis regressam para junto dos outros, Martin está sentado no divã de couro castanho a morder o penso que lhe cobre a palma da mão esquerda. Erik está encostado à secretária e Joona olha pela janela.

– Acho que podemos começar, se te parecer bem, Martin – declara Erik.

Martin anui com a cabeça e depois olha nervosamente para a porta entreaberta que dá para a sala de espera.

– Costuma ser mais confortável se se estiver deitado – observa Erik, num tom amigável.

Sem responder, Martin descalça-se, deita-se cuidadosamente no divã, com o corpo direito e a olhar para o teto.

– Sentem-se todos confortavelmente e desliguem os telemóveis – pede Erik, fechando depois a porta. – Preferia que ficassem em silêncio, mas se precisarem de dizer alguma coisa, façam-no em voz baixa.

Corre as cortinas e assegura-se de que Martin está confortável, antes de chegar a sua cadeira para a frente e dar início aos lentos exercícios de relaxamento.

– Escuta a minha voz – diz. – Neste momento, mais nada é importante... Eu estou aqui para ti e quero que te sintas seguro.

Erik pede a Martin que relaxe os dedos dos pés e vê que ele o faz. Depois diz-lhe para relaxar os gêmeos e vê que as pernas descem ligeiramente. Percorre todas as partes do corpo uma a uma para que surja um automatismo entre o que ele diz e o que Martin faz.

– Está tudo calmo e repousado, as pálpebras ficam cada vez mais pesadas...

A voz de Erik torna-se progressivamente mais monótona à medida que conduz Martin a uma espécie de sonolência recetiva, antes de passar à indução propriamente dita.

A ventoinha zumba e muda de sentido, agitando as cortinas. Um raio de luz amarela passa pela fresta e atravessa a sala, incidindo sobre as pilhas de livros e os maços de papéis.

– Sentes-te tranquilo e profundamente relaxado – diz ele. – Se ouvires alguma coisa além da minha voz, ficarás apenas mais concentrado no que estou a dizer.

Erik observa o rosto de Martin, a boca entreaberta, os lábios gretados e a ponta do queixo. Procura detetar o mais pequeno sinal de tensão, enquanto fala sobre mergulhar num repouso cada vez mais profundo.

– Agora vou começar a contar para trás... e a cada número vais ficar um pouco mais relaxado – declara, calmamente. – Oitenta e um, oitenta... setenta e nove...

Como é habitual, enquanto prossegue com a contagem decrescente, Erik tem a sensação de se encontrar debaixo de água com o paciente. As paredes, o chão e o teto dissipam-se e os móveis afundam-se lentamente na escuridão do oceano.

– Estás completamente seguro e relaxado – diz Erik. – Ouves apenas a minha voz... Imaginas que estás a descer uma longa escadaria e que gostas de o fazer... e, a cada número que eu digo, desces dois degraus e sentes-te ainda mais tranquilo e focado na minha voz.

Erik conta para trás e vê que o ventre de Martin se move devagar ao ritmo da respiração, como numa pessoa adormecida, mas sabe que o cérebro dele está simultaneamente muito ativo e concentrado na mais pequena palavra.

– Trinta e cinco, trinta e quatro, trinta e três... Quando eu tiver chegado ao zero, voltaste ao parque infantil na tua memória e és capaz de me contar sem medo o que vês e ouves... Vinte e nove, vinte e oito...

Entre os números que vão decrescendo espaçadamente, Erik entretece indicações do tempo e do espaço aos quais estão a regressar.

– Chove torrencialmente, e tu ouves o barulho dos pingos a caírem no guarda-chuva... Dezanove, dezoito... Sais do passeio e caminhas por cima da relva molhada.

Martin humedece os lábios e começa a respirar mais pesadamente.

– Quando eu tiver contado até zero, chegaste às traseiras da Escola de Economia – diz Erik suavemente. – Paras e inclinas o guarda-chuva de maneira a poderes ver nitidamente o parque.

Martin abre a boca como se tentasse gritar sem ter voz.

– Três, dois, um, zero... O que estás a ver?

– Nada – responde Martin quase impercetivelmente.

– É possível que esteja lá uma pessoa a fazer algo que te parece incompreensível, mas não há qualquer perigo para ti e, com muita calma, conta-me o que vês.

– Só escuridão – responde Martin, fixando o teto.

– Mas no parque não está escuro, pois não?

– É como se eu estivesse cego – diz ele com mais ansiedade na voz, e fazendo um movimento brusco para a esquerda com a cabeça.

– Vês alguma coisa?

– Não.

– Mas antes viste a casa de brincar vermelha... Descreve-a outra vez.

– Está tudo escuro...

– Martin, estás relaxado e calmo... respiras devagar e, enquanto eu conto de três até zero, vais sentar-te na primeira fila de uma sala de teatro... Nas colunas, ouve-se uma gravação do som da chuva e, no palco, há uma réplica do parque infantil...

Na ressonância hipnótica, Erik vê Martin afundar-se em águas escuras. Tem o rosto coberto de pequenas bolhas de ar prateadas e a boca está firmemente cerrada.

– Três, dois, um, zero – conta Erik. – O parque que está no palco é feito de papel, não é verdadeiro, mas os atores são exatamente iguais às pessoas reais, e agem e falam precisamente como elas.

O rosto de Martin fica tenso e as pálpebras começam a tremer. Pamela reconhece a expressão de dor na cara dele e pensa que talvez devesse pedir ao hipnotizador para não o pressionar demasiado.

– Há uma luz fraca que vem de um poste ali ao fundo – diz Martin. – Há uma árvore a tapar o poste, mas, quando os ramos balançam com a chuva, a estrutura para trepar fica ligeiramente iluminada.

– O que vê? – pergunta Erik.

– Uma mulher idosa vestida com sacos de plástico... Tem um colar estranho ao pescoço... e arrasta uns sacos de plástico escuros...

– Olha outra vez para o palco.

– Está demasiado escuro.

– Mas o sinal da saída de emergência ilumina um pouco o palco – declara Erik.

O queixo de Martin treme, as lágrimas começam a correr-lhe pelas faces e, quando tenta falar, a voz é quase inaudível.

– Dois meninos pequenos estão sentados no chão, numa poça de lama...

– Dois meninos? – pergunta Erik.

– As mães estão a ver os filhos brincar – sussurra ele.

– Quem é que disse isso? – interroga Erik, sentindo acelerar o seu próprio pulso.

– Não quero – diz Martin com a voz embargada.

– Descreve o homem que...

– Já chega – interrompe Dennis, baixando a voz logo a seguir. – Desculpe, mas tenho de acabar com isto.

– Martin, não há nada aqui de que tenhas de ter medo – afirma Erik. – Daqui a nada, vou tirar-te lentamente da hipnose, mas primeiro quero saber

quem é que ouviste, quem é que falou. Eu sei que o estás a ver em cima do palco à tua frente.

O tórax de Martin move-se convulsivamente. As lágrimas começam a correr-lhe pelas faces.

– Está demasiado escuro, só ouço vozes.

– Os técnicos de luz ligam um holofote e apontam-no para o Caesar.

– Ele esconde-se – diz Martin a chorar.

– Mas a luz vai atrás dele e apanha-o ao lado da estrutura para trepar e...

Erik cala-se subitamente ao notar que Martin parou de respirar. Os seus olhos reviram-se e só se vê a parte branca.

– Martin, vou contar de cinco até zero – diz Erik, olhando rapidamente para o armário com medicamentos, onde há seringas de cortisona e desfibriladores. – Não há qualquer perigo, mas tens de escutar a minha voz e fazer exatamente o que eu digo...

Martin tem os lábios brancos, a boca muito aberta sem que entre ar para os pulmões, os pés começam a estremecer e os dedos das mãos ficam esticados.

– O que se passa? – pergunta Pamela com uma voz assustada.

– Vou começar agora a contar e, quando chegar ao zero, tu respiras normalmente e sentes-te relaxado... Cinco, quatro, três, dois, um, zero...

Martin inspira profundamente e abre os olhos como se estivesse a acordar de manhã, depois de uma longa noite de sono. Senta-se, humedece os lábios e tem uma expressão grata no rosto antes de erguer o olhar para Erik.

– Como te sentes?

– Bem – responde ele, limpando as lágrimas das faces.

– Não me parece que isto tenha sido bem o que pensávamos – declara Dennis.

- Não há problema – diz-lhe Martin.
- Tens a certeza? – pergunta Pamela.
- Posso saber se... se foi o homem que se chama Caesar quem matou a Jenny Lind? – pergunta Martin, levantando-se com cuidado.
- cremos que sim – responde Erik.
- É porque eu talvez tenha visto alguém, mas no preciso instante em que olhei para a estrutura de trepar, ficou escuro. Quer dizer, gostava de tentar outra vez – afirma ele.
- Logo falamos sobre isso – diz Dennis.
- OK – murmura Martin.
- Vamos? – pergunta Dennis.
- Vou já, só quero conversar um pouco com o Erik – responde Pamela.
- Nós esperamos no carro – diz Dennis, levando Martin consigo.
- Eu deixo-vos à vontade – declara Joona.

Erik afasta as cortinas e abre a janela para o jardim. Vê Joona sair para a luz do sol e parar no meio da relva com o telefone ao ouvido.

– Peço desculpa por o Dennis ter perturbado a hipnose – diz Pamela. – Mas o Erik não conhece o Martin tão bem como ele e pressionou-o bastante.

Erik olha-a nos olhos e assente.

– Para dizer a verdade, não sei dizer o que correu mal – admite ele. – O Martin testemunhou algo terrível e agora é como se estivesse enclausurado no seu medo.

– Sim, era sobre isso que eu queria falar... É complicado, mas o que impede o Martin de falar, segundo ele próprio, são dois rapazes mortos, dois espíritos... Eles controlam-no e castigam-no fisicamente se ele falar – conta Pamela. – Viu as mãos dele? Estão esfoladas, e os joelhos estão todos negros... É provável que tenha sido atropelado por uma bicicleta ou assim,

mas para ele foram os meninos mortos que o empurraram para os carris do metro... Já assisti a isto uma data de vezes, e são sempre os rapazes.

– De onde vêm eles?

– Em criança, o Martin perdeu os pais e os dois irmãos num acidente de carro.

– Compreendo – diz Erik.

– Era só isso que queria contar-lhe. É que isto é extremamente difícil para ele – conclui ela, dirigindo-se de seguida para a porta.

Ele agradece-lhe, acompanha-a até ao jardim, vê-a apressar-se na direção do portão e depois vai ter com Joona, que está sentado a baloiçar no banco.

– Sinto-me triste – afirma Erik.

– O que aconteceu com o Martin?

– Ele pertence à parte da população que é muito suscetível à hipnose, ainda assim não tem coragem de contar o que vê – explica Erik, sentando-se ao lado de Joona.

– Tu costumavas conseguir ir além do trauma.

Joona encosta-se para trás com o telemóvel na mão e dá um impulso com as pernas para pôr o baloiço em movimento.

– A Pamela contou-me que o Martin tem uma espécie de delírio paranoico sobre dois meninos que ouvem tudo o que ele diz – esclarece Erik. – Ela acha que isso está relacionado com o facto de ter perdido os dois irmãos e os pais num acidente de carro quando era criança.

– E agora tem medo deles?

– Para ele é real. Esfolou completamente as mãos e acredita que foram os rapazes que o empurraram para os carris do metro.

– A Pamela disse isso?

– Ela disse que é o que o Martin pensa.



– Disse onde é que isso aconteceu? – pergunta Joona, endireitando-se no banco.

– Não, não creio que ela saiba. Em que é que estás a pensar?

Joona levanta-se, afasta-se alguns passos e telefona a Pamela. Ela não atende e, vários sinais de chamada depois, chega ao *voice mail*.

– Olá, Pamela, é o Joona outra vez. – diz-lhe. – Ligue-me assim que ouvir esta mensagem.

– Isso parece ser sério – comenta Erik.

– O Caesar avisou a Pamela para não colaborar com a Polícia. É possível que ele esteja a vigiá-la e tenha tentado silenciar o Martin.

Depois da oração matinal, Mia vai com Blenda para o pátio banhado pela intensa luz do sol. Mia tenta acompanhar-lhe o passo, porém, quando Blenda acha que ela está a andar demasiado devagar, puxa-a com o braço de tal maneira que a abraçadeira lhe corta a pele.

A avó está de pé a falar ao telemóvel em frente ao camião. A porta da cabina do condutor está aberta, e a peruca encaracolada da avó caiu ao chão.

Mia tem a cabeça a latejar por causa da pancada que Blenda lhe deu com a pá e sente que a face está toda inchada. Estava deitada na gravilha quando acordou. A avó obrigou Kim e Blenda a ficarem de pé com os braços abertos enquanto as interrogava. Por fim, Blenda confessou que batera em Mia com a pá para a impedir de matar a avó. Naquele momento, Mia julgou que o seu fim tinha chegado, todavia, em vez disso, a avó enfureceu-se com Blenda.

– A Mia não tem nenhuma arma – gritou. – Procurei na roupa dela e não há nada. Ela não tinha nenhuma arma, mas tu e a Kimball estavam armadas.

Mia percebeu que nenhuma delas tinha visto a faca ressaltar no chão e desaparecer na sarjeta.

Kim e Blenda ficaram lado a lado, de braços abertos, no calor do meio-dia. Transpiravam e estavam ofegantes.

A avó montou a ponta afiada na fenda da bengala e fixou-a com o aro. Todo o corpo de Kim tremia e, por fim, não conseguiu aguentar mais. A chorar, baixou os braços e murmurou um pedido de desculpas. A avó olhou para ela, deu um passo em frente e picou-a por baixo do seio direito.

– Por favor – soluçou ela, caindo no chão e deitando-se de lado a arquejar.

Mia e Blenda tiveram permissão para voltar para as jaulas. Em silêncio, esperaram por Kim até ao final da tarde, mas ela nunca voltou. Desde então não há sinal dela, e Blenda continua sem dizer uma palavra.

O fumo do forno paira, imóvel, sobre o telhado do pavilhão iluminado pelo sol. Ouve-se tossir ao longe, perto da torneira do quintal. Blenda arrasta Mia consigo até à sombra da empena da mansão. Tem a cara vermelha do calor e o suor escorre-lhe pelas faces.

A avó vem ter com elas, apoiando-se pesadamente na bengala. Os seus olhos brilham sombriamente, a boca está cerrada com força e os lábios finos estão sulcados por rugas profundas.

– Hoje têm de me ajudar – diz-lhes, tirando uma chave do molho que traz preso ao cinto.

– Claro – responde Blenda.

– Vão limpar o pavilhão sete. Blenda, ficas responsável.

– Obrigada – agradece a rapariga, estendendo a mão livre para pegar na chave.

A avó retém-na e franze os olhos para Blenda.

– Sabes bem que a impureza é contagiosa.

Blenda recebe a chave, puxa Mia e dirige-se para o pavilhão mais afastado. O sol está alto no céu e queima-lhes o couro cabeludo.

– Não foi por minha causa que vocês ficaram com as culpas. O que podia eu fazer? – pergunta Mia, em voz baixa. – Não te percebo. Se não tivesses estragado tudo, todas nós estaríamos livres.

– Livres de quê? – rosna Blenda.

– Não me vais dizer que queres ficar aqui.

Sem responder, Blenda arrasta Mia até ao último pavilhão, introduz a chave no cadeado, abre-o e prende-o no aro da porta antes de a abrir. Ao penetrarem na escuridão, são atingidas por um cheiro fétido. Mia pestaneja para tentar afastar a cegueira provocada pela luz do sol. Milhares de moscas

zumbem indolentemente; o ar estagnado está quente e saturado com o odor a carne decomposta e fezes. Blenda fica com vômitos e cobre a boca com a mão. Quando os olhos se adaptam ao escuro, Mia vê enormes pilhas de peles cor de carvão junto às paredes. Ergue o olhar e solta um gemido ao ver o corpo pendurado. Um cabo prateado passa por um bloco numa ponte rolante junto ao teto e desce até ao pescoço de Kim. O rosto dela está inchado e cinzento-azulado como argila. As moscas movem-se à volta dos olhos e da boca. Na verdade, Mia mal a reconhece a não ser pelas calças de fato de treino vermelhas e a *T-shirt* com a Lady Gaga.

– Desce-a com cuidado – ordena Blenda, arrastando Mia até ao outro lado do pavilhão.

– Hã?

– Tens de dar à manivela.

– Não estou a perceber.

Mia olha em volta e compreende que Blenda se refere a um guincho que está na parede.

– Temos de cremá-la – explica Blenda sucintamente.

Mia põe a mão na manivela e começa a puxar, porém não acontece nada. Quando ela estremece, uma vibração propaga-se pelo cabo até ao cadáver de Kim. Uma nuvem de moscas a zumbir eleva-se do corpo.

– Tens de soltar o travão e...

Blenda cala-se ao ouvir um carro buzinar na entrada. Ouvem-no avançar sobre a gravilha do pátio, buzinar mais uma vez e depois parar. Ela murmura qualquer coisa, arrasta Mia até à porta, abre-a e espreita pela frincha.

– É ele – informa Blenda.

Mia segue-a para a luz do sol como que anestesiada. Enquanto se dirigem para a mansão, sente-se maldisposta e as pernas tremem-lhe.

Um automóvel poeirento está estacionado ao lado do caminhão. A chapa cinzenta está a desfazer-se em ferrugem por cima das rodas.

– Eles estão dentro de casa – diz Blenda, com um sorriso sonhador. – Nunca lá estiveste, mas...

A jovem com o cabelo ruivo escuro atravessa o pátio. Traz aos ombros uma canga, com dois baldes pesados. Caminha devagar, para, pausa cuidadosamente os baldes no chão e tosse.

– Acho que vamos para as nossas jaulas – diz Mia, debilmente.

– Tu vais perceber...

Blenda leva Mia até à mansão quando a avó abre a porta.

– Entrem – ordena. – O Caesar quer cumprimentar-vos.

Elas sobem dois degraus e entram no *hall*. O casaco de pele da avó está pendurado num cabide de aço. Mia segue Blenda ao longo do corredor revestido por um pavimento marmoreado de vinil com mossas. Passam por uma porta entreaberta, e Mia consegue vislumbrar um pequeno quarto com as portadas da janela fechadas. No meio, está uma maca de aço com grossas correias de contenção.

Ao fundo do corredor, vê-se uma cozinha. Alguém se move à luz do dia que entra pela janela. Caesar sai para o corredor com uma sandes de fiambre na mão, acena descontraidamente e vai ter com elas. Quando para, Mia sente o odor do seu próprio suor. Tem a cara suja e o cabelo escorrido. Blenda tem sangue seco por baixo do nariz, e os seus cabelos espessos estão cheios de palha.

– Minhas queridas – diz Caesar ao aproximar-se delas.

Dá a sandes à avó, limpa as mãos nas calças e depois examina-as.

– A Blenda eu já conheço... E tu és a Mia, a Mia especial.

Blenda olha para o chão, mas Mia olha-o nos olhos por alguns segundos.

– Que olhar! Viste, mãe? – exclama ele, a sorrir.

A avó abre uma porta, condu-los a uma sala maior e contorna um biombo bipartido com papel de parede colado. Pousa a sandes num prato dourado que está em cima da mesa e acende o candeeiro de pé com um abajur cor de vinho com franjas. As cortinas estão corridas, mas a luz do dia brilha nas frestas entre elas.

Todos os móveis e molduras de gesso das paredes estão pintados com *spray* dourado, os assentos do sofá têm manchas castanhas e as almofadas têm debruns colados e borlas douradas.

– Posso oferecer-te alguma coisa? – pergunta ele.

– Não, obrigada – responde Mia.

– Nem tudo são regras e castigos – afirma Caesar. – É claro que se é castigado pelos erros que se comete, mas quem é fiel é recompensado e recebe mais do que seria capaz de sonhar.

– Tudo está nas mãos do Senhor – murmura a avó.

Ele senta-se numa poltrona revestida com estofó amarelo, cruza as pernas e observa Mia com os olhos semicerrados.

– Quero que nos conheçamos melhor e nos tornemos amigos.

– OK.

Mia sente as pernas começarem a tremer novamente e nota que o chão está coberto por um pavimento de casa de banho a imitar mosaicos, e que a sujidade se acumulou nos interstícios entre as várias tiras de revestimento.

– Relaxa – diz ele.

– Ela tem uns dentes bonitos – comenta a avó. – E uns belos...

– Despacha-te com isso – atalha ele.

A avó parte o gargalo de uma ampola, pega cuidadosamente na ponta amarelo-pálida e vira a bengala.

– Espera, tenho um presente – declara Caesar, e tira do bolso um colar com pérolas de plástico. – É para ti, Mia.

– Não era preciso – diz ela, com a voz rouca.

Blenda faz um som estranho, como um arrulho.

– Queres que te ajude? – pergunta Caesar, levantando-se.

Lentamente, coloca-se atrás de Mia e põe-lhe o colar à volta do pescoço.

– Eu sei que é difícil compreender que este colar agora é teu, mas recebeste-o, as pérolas são tuas.

– Obrigada – agradece Mia em voz baixa.

– Olha só para ela!

– Está bonita – concorda a avó.

Quando Mia vê a velha inserir a ponta na fenda da bengala e prendê-la com o aro, o coração começa a acelerar com o pânico.

– Não posso estar acordada? – pergunta Mia, olhando para Caesar. – Quero poder agradecer a Deus e olhar-te nos olhos.

Ele dá um passo para trás e observa-a com um ligeiro sorriso.

– Queres mesmo? Mãe, ouviste-a?

Mia contém ânsia de vômito quando a avó solta a ponta da bengala com um sorriso incomodado. Como sabe que Caesar está a observá-la, tenta manter-se direita, mas com os olhos baixos para mostrar virtude.

– Mia especial – diz ele.

Sente a respiração da avó na nuca quando ela corta a abraçadeira com um pequeno alicate. Passa a mão no pulso enquanto os pensamentos se sucedem descontroladamente. Diz a si mesma que pode tirar o pesado vaso do pedestal, estilhaçá-lo contra a cabeça de Caesar, abrir uma das janelas e saltar para a rua.

– Eu levo a Blenda para a jaula – sussurra a avó.

– Eu sei que estão todas um pouco desconfortáveis neste momento – declara Caesar, enrolando uma madeixa do cabelo de Mia entre os dedos. – Mas em breve... Vocês não imaginam a abundância que vos espera.

Mia controla-se para não se retrair. Ouve a avó e Blenda saírem da ampla sala e atravessarem o corredor até ao vestíbulo. A porta da rua abre-se e fecha-se, ouve-se o som da fechadura e depois faz-se silêncio.

– Vou buscar a garrafa de vinho do Porto – afirma Caesar, largando-lhe o cabelo.

– Devo ir contigo? – pergunta ela.

– Não, podes despir-te – responde ele, pragmaticamente.

Caesar dirige-se para a porta, mas Mia repara que ele se detém atrás do biombo. Ela puxa o *top* até à cabeça. As pérolas de plástico retinem ao voltarem a cair-lhe entre os seios, ficando presas a meio do aro do sutiã.

Quando ouve os passos dele afastarem-se ao longo do corredor, Mia corre para a janela com as pernas a tremer e afasta as cortinas. Tem as mãos trémulas quando tenta rodar os dois puxadores e empurrar a janela, no entanto ela não se move. Aplica todo o seu peso, faz força e ouve a armação



da janela ranger. Contudo, é impossível: só agora se apercebe de que a janela está fixada com pregos em pelo menos dez pontos do caixilho.

O pânico invade-a: não pode ficar aqui e ser violada, tem de chegar à porta da frente.

Dá a volta ao biombo e põe-se à escuta. Não se ouve nada. Aproxima-se lentamente da porta, observa a luz na parede do corredor, não vê nenhum movimento, avança e espreita para fora. Não há ninguém.

Olha para a porta da entrada, pensa em correr até ela, mas recorda-se de ter ouvido o som da fechadura quando a avó saiu da casa com Blenda. Hesita durante um segundo e esgueira-se em direção à cozinha. Ouvem-se copos a tilintar e a porta de um armário a fechar-se.

Experimenta a porta de um quarto, mas está trancada. Depois continua a avançar pelo corredor, tentando respirar silenciosamente. As sombras na cozinha mudam quando Caesar passa pela torrente de luz que entra pela janela.

Mia chega à porta seguinte. Sob o seu peso, uma tábuia range por baixo do revestimento de vinil. Pressiona o puxador para baixo e entra num quarto escuro, cuja janela está tapada com contraplacado. Encosta cuidadosamente a porta e espreita para o corredor por uma fresta estreita. Tem o coração demasiado acelerado.

Ouvem-se passos pesados, e Mia sustém a respiração quando Caesar passa e vira para a sala. Ela abre a porta e corre o mais silenciosamente possível para a cozinha.

Um forte estrondo ressoa pelas paredes da casa: Caesar grita.

Mia tropeça numa cadeira, quase cai, mas recupera o equilíbrio e chega à janela. As mãos tremem-lhe quando tenta girar o puxador e uma delas escorrega, ficando ferida no nó de um dedo. Ainda assim, consegue abrir a janela ao mesmo tempo que ouve Caesar atravessar rapidamente o corredor, os pés batendo estrondosamente no chão.

Ela trepa para o parapeito e salta. As pérolas chicoteiam-lhe os dentes quando aterra no meio da erva. Olha para a floresta escura, levanta-se e começa a correr.

Os zangões zumbem em torno dos tremoceiros altos. Atrás dela, Caesar brada à janela aberta da cozinha.

Quando está prestes a entrar na floresta, Mia ouve um breve estalido metálico no meio das urtigas. Grita ao sentir uma dor no tornozelo, olha para baixo e vê que ficou presa numa armadilha para raposas. O choque percorre-a como uma onda gelada e leva alguns segundos a compreender que os dentes de aço afiados não penetraram o cano grosso da bota. O pé está ileso.

O cão ladra desesperadamente do outro lado da casa.

Mia tenta abrir as mandíbulas com as mãos, porém a mola é demasiado forte.

O cão foi solto e contorna a casa a correr. Para à frente dela a ladrar, simula um ataque e ladra de novo, cuspidando saliva. Subitamente, morde-lhe a coxa e puxa-a para trás, fazendo-a cair.

A mancar, a avó aproxima-se dela através da vegetação, segurando a bengala com as duas mãos. A rapariga tenta afugentar o cão com o pé, mas ele dá a volta e morde-lhe o ombro. Quando a avó chega ao pé dela, Mia vê que a ponta já está inserida na bengala.

Tenta proteger-se com as mãos. A avó dá-lhe uma estocada com a bengala e a ponta perfura-lhe a palma da mão direita, que começa a doer e a latejar. Ela suga a ferida e cospe, mesmo sabendo que é inútil. Está semiconsciente ao ser arrastada para a propriedade. Deitada de costas na gravilha, tenta manter-se acordada enquanto alguém a prende com abraçadeiras resistentes a uma das pernas da banheira. As pálpebras pesadas estão constantemente a querer fechar-se. Tenta focar a visão e vê Caesar

dirigir-se para ela com o machete preto numa mão. A avó vem a cambalear ao seu lado com uma expressão perturbada.

– Eu prometo...

– Como é que elas podem respeitar o Senhor se não respeitam a lei? – berra ele.

– Elas são ignorantes, mas vão aprender e dar-te doze filhos para...

– Acaba com isso, tenho mais em que pensar do que...

Caesar é interrompido pelo toque do telemóvel. Detém-se, arquejante, deixa cair o machete no chão e afasta-se antes de atender. A chamada é muito breve. Ele acena com a cabeça e diz qualquer coisa antes de guardar o telemóvel no bolso e correr para o automóvel cinzento.

– Espera – grita a avó, mancando atrás dele.

Senta-se no carro, bate com a porta, arranca, faz inversão de marcha no pátio e desaparece.

Mia tem as faces quentes, a mão em que foi picada está completamente dormente e ela sente uma tensão anormal na axila. Ouve o rangido de passos na gravilha mesmo junto à sua cara. É a mulher com o cabelo ruivo encaracolado. Acocora-se ao lado de Mia, levanta-lhe a mão e olha para a ferida feita pela ponta afiada.

– Não tenhas medo. Levaste uma picada a sério e vais dormir durante duas ou três horas – sussurra. – Mas eu vou estar sempre ao teu lado e asseguro-me de que ninguém te faz mal...

Mia compreende que ela está a tentar confortá-la, porém, sabe que ninguém a pode proteger. Quando voltar, Caesar vai matá-la ou mutilá-la durante o sono.

– Tenho de fugir – murmura ela.

– Vou tentar encontrar uma forma de cortar a abraçadeira quando tiveres acordado... e depois tu corres pela estrada fora, não para a floresta...

A jovem mulher para de falar e tosse para a mão.

– E se conseguires...

Mia repara que os olhos dela ficam brilhantes quando tenta lutar contra o ataque de tosse. A luz do sol faz com que o seu cabelo ruivo resplandeça como cobre. Tem duas marcas de nascença na face, por baixo de um dos olhos, e os lábios estão gretados.

– Se conseguires sair daqui, procura a Polícia e conta-lhes sobre nós – diz ela, e tosse para o antebraço. – Chamo-me Alice e já estou aqui há cinco anos. Cheguei algumas semanas depois da Jenny Lind, de quem já deves ter ouvido falar...

Tosse durante um longo momento e limpa sangue dos lábios.

– Estou doente, provavelmente com tuberculose. Tenho febre e muita dificuldade em respirar. É por isso que me deixam andar à vontade. Sabem que eu nunca vou conseguir fugir – continua. – Vou dizer-te quem são todas as raparigas que estão aqui, e tu vais memorizar os nomes delas para...

– Alice, o que estás a fazer? – grita a avó.

– Estou só a ver se ela está a respirar – responde, levantando-se.

– Procura na sarjeta – sussurra Mia.

Tracy Axelsson acaba de regressar ao seu trabalho como auxiliar de enfermagem no Hospital de Huddinge depois de umas férias na Croácia. Joona combinou encontrar-se com ela num café em frente à entrada principal do hospital.

Ele tem o telemóvel ao ouvido quando pede um café. Pamela continua a não atender as chamadas.

Tracy já está sentada numa mesa redonda com uma chávena de café diante de si. Tem o rosto bronzeado e veste uma farda azul.

Quando Martin não foi capaz de contar o que viu no parque, apesar de se encontrar num estado profundo de hipnose, Erik experimentou as chamadas intervenções. Deslocou os acontecimentos do parque para um palco de teatro numa tentativa de ir além do medo de Martin.

Ele descreveu uma mulher idosa que estava vestida com sacos do lixo, tinha um colar e arrastava sacos de plástico sujos. A Polícia localizou a sem-abrigo que aparece nos vídeos das câmaras de vigilância, interrogou-a e analisou as imagens. Ela permanece sempre fora do ângulo morto das câmaras. Porém, não usava um gorro de pele nem tinha um crânio de ratazana ao pescoço, como Tracy tinha alegado.

Como ela se encontrava em estado de choque, Aron rejeitou a descrição que fez da sem-abrigo. Contudo, quando Martin descreveu pela primeira vez uma mulher idosa com um colar bizarro, tornou-se evidente que a pessoa que Tracy viu na encosta não era a sem-abrigo, mas sim uma mulher que se encontrava no ângulo morto. Uma mulher que havia ido até ao parque e partido sem ser captada pelas câmaras.

«Talvez seja ela a mãe que está a ver os filhos brincar», pensa Joona, «o Caesar a brincar».

O comissário pega no café, cumprimenta Tracy e apresenta-se antes de se sentar à sua frente.

– Queria só dizer que vos telefonei a perguntar se podia viajar – explica ela. – Falaram comigo uma única vez, e foi tudo... Ninguém me disse mais nada, não me perguntaram se me tinha lembrado de outros pormenores, nada...

– Agora estamos aqui – diz Joona, num tom amável.

– Fui eu quem a encontrou e tentou salvá-la... e, no entanto, ela morreu, eu sei, foi horrível... Eu talvez precisasse de alguém que me perguntasse como me sentia, mas tudo o que fiz foi ir para casa chorar.

– Costumamos oferecer apoio às testemunhas – afirma Joona.

– É possível que o tenham feito, mas eu devia estar demasiado chocada para perceber – diz ela, e bebe um pouco de café.

– Não era eu quem estava à frente da investigação na altura... mas agora o caso passou para mim e para a Polícia Operacional.

– Qual é a diferença?

– Eu faço mais algumas perguntas – responde, olhando para o telemóvel. – Li a transcrição do interrogatório... e, no seu depoimento, fala de uma mulher sem-abrigo que não a ajudou quando estava a tentar salvar a Jenny Lind.

– Sim.

– Pode descrever-ma? – pede Joona, tirando o seu bloco de notas.

– Já o fiz – suspira Tracy.

– Eu sei, mas não a mim... Eu gostaria de saber aquilo de que se recorda agora... não o que já disse, mas sim a sua memória daquela noite neste momento... Estava a chover, ia a caminho de casa pela Kungstengatan, desceu as escadas e decidiu ir pelo atalho que passa pelo parque infantil.

Os olhos de Tracy começam a brilhar e ela olha para as mãos. Joona repara que ela tem um anel com brasão no indicador esquerdo.

– No início, não percebi o que estava a ver – diz em voz baixa. – Estava bastante escuro, e ela parecia um anjo a pairar sobre o chão.

Cala-se e engole em seco.

Joona bebe o café forte e pensa em como a imagem do anjo é uma construção posterior, uma formulação que lhe trouxe reconhecimento.

– O que é que a fez reagir?

– Não sei.

– Pode sido um pequeno detalhe.

– O laço cintilou... ao mesmo tempo que ela mexeu os pés, como se as forças lhe estivessem a chegar ao fim naquele preciso instante... Eu corri para ela, sem pensar, mas era óbvio que estava sem ar, foi de loucos, eu puxei aquela manivela com força, mas não percebia como funcionava, estava presa, e estava escuro e a chover torrencialmente.

– Tentou levantá-la, pensando que ela própria conseguiria desfazer o laço com as mãos – diz Joona, sem mencionar que Jenny já estava morta quando Tracy chegou ao parque.

– O que podia eu fazer? Precisava de ajuda, e foi então que vi uma mulher sem-abrigo de pé a olhar para mim, a apenas alguns metros de distância – conta Tracy, desviando o olhar para a janela.

– Onde?

Ela olha de novo para Joona.

– Ao lado de um pequeno jipe, ou o que quer que seja que aquilo representa, que está preso a uma mola para nos podermos baloiçar nele.

– O que aconteceu?

– Nada, eu gritei-lhe para que me ajudasse, mas ela não reagiu... não sei se não percebia o que eu estava a dizer ou se tinha um atraso mental, ou sei lá o quê, mas não reagiu... Ficou a olhar para mim e, passado um bocado,

desapareceu na direção das escadas... e eu acabei por ficar sem forças para continuar a segurar a Jenny.

Tracy cala-se e limpa uma lágrima com as costas da mão.

– Como é que era essa sem-abrigo? – pergunta Joona.

– Não sei, o típico... Sacos do lixo ao ombro, uma data de coisas dentro de um saco velho da Ikea.

– Viu-lhe a cara?

Tracy assente com um aceno da cabeça e concentra-se.

– Tinha um ar desgastado, ou seja, tinha muitas rugas, como as pessoas que dormem na rua...

– Ela disse alguma coisa?

– Não.

– Não reagiu de todo quando você gritou?

Tracy bebe um pouco de café e coça o pulso.

– Ficou só a olhar para nós, parecia que quanto mais eu gritava mais calma ela ficava.

– O que a leva a pensar isso?

– Os olhos... primeiro estavam tensos, depois ficaram... não relaxados, mas vazios.

– O que é que ela tinha vestido?

– Sacos do lixo pretos.

– E por baixo dos sacos?

– Como é que é suposto eu saber isso?

– O que é que ela tinha na cabeça?

Tracy ergue as sobrancelhas.

– É verdade, é isso mesmo, ela tinha um antigo gorro de pele preto que estava encharcado da chuva.

– Como é que sabe que estava encharcado?

– Talvez tenha assumido que estava por causa da chuva.



– Mas o que é que vê se se tentar recordar?

Tracy fecha os olhos por um breve instante.

– Portanto... a única luz que havia no parque vinha da lâmpada forte de um candeeiro de rua e, quando ela se moveu para o interior da zona iluminada, eu vi o gorro a cintilar, como se houvesse uma pequena gota de água na ponta de cada um dos pelos do gorro.

– E o que mais viu?

Os lábios pálidos de Tracy estendem-se num ligeiro sorriso.

– Eu já vos contei isto, e sei que parece ridículo, mas tenho a certeza de ter visto que ela tinha um colar com a cabeça de uma ratazana, mas só o osso.

– O crânio.

– Exato.

– Como é que sabe que era de uma ratazana?

– Supus que fosse, já que há tantas ratazanas no Observatorielunden.

– Que aspeto tinha? O crânio em si.

– O aspeto? Parecia mais ou menos um ovo branco, só que com dois buracos...

– De que tamanho?

– Assim – responde ela, afastando os dedos um decímetro.

– Ela tinha mais alguma bijuteria?

– Acho que não.

– Viu-lhe as mãos?

– Eram pálidas como ossos – diz ela, em voz baixa.

– Mas não tinha nenhum anel?

– Não.

– Nem brincos?

– Acho que não.

Joona agradece a Tracy pela ajuda, dá-lhe o número de telefone do Serviço de Apoio à Vítima e recomenda-lhe que os contacte.

Enquanto se dirige apressadamente para o carro, Joona reflete sobre a conversa com Tracy e a imagem que ela lhe forneceu da mulher que estava no parque infantil. Em todas as transcrições dos interrogatórios, ela é descrita como sem-abrigo, presumivelmente alcoolizada ou drogada. Porém, após a conversa com Tracy, Joona já não acredita que ela fosse uma sem-abrigo. Está convencido de que ela ajudou Caesar a assassinar Jenny Lind.

Tracy descreveu o rosto dela como enrugado por causa do frio e do sol, mas as mãos dela eram pálidas como ossos. No entanto, só pareciam pálidas porque tinham luvas de látex. Foi por esse motivo que não foram encontradas impressões digitais no guincho nem no cabo. Ficou parada a olhar simplesmente porque se queria assegurar de que Tracy não salvava Jenny.

No preciso instante em que Joona abre a porta do carro, o telemóvel começa a vibrar no bolso interior.

– Joona – diz ao atender.

– Olá, é a Pamela. Não tinha ouvido a mensagem de voz.

– Ainda bem que telefonou. Só queria falar sobre duas questões, e serei breve – esclarece ele, sentando-se no carro quente. – O Martin disse-lhe que tinha sido empurrado para os carris... e o que eu percebi foi que ele se tinha magoado a si mesmo.

– Ele não quer falar sobre isso, mas... sim, é o que eu entendo.

– Quando é que foi isso? – pergunta ele, começando a conduzir.

– Na quinta-feira à noite – responde Pamela.

– Sabe em que estação do metro foi?

– Ele não faz ideia – diz ela.

– Pode perguntar-lhe?

- Estou na rua, mas falo com ele assim que chegar a casa.
- Agradecia que lhe telefonasse imediatamente.
- Pois, só que ele não atende o telefone quando está a pintar – diz

Pamela.

Depois de passar por Aspudden, Joona muda para a faixa da direita na E-20.

- Quando é que acha que vai estar em casa? – pergunta ele.
- Em menos de uma hora.

A parede de rocha desfila junto à berma da estrada, antes de o carro entrar na ponte com uma barreira de acrílico.

– A outra questão é que vocês deviam considerar aceitar proteção pessoal.

Segue-se um longo silêncio.

– Foi o Caesar que empurrou o Martin? – murmura por fim Pamela.

– Não sei, mas o Martin é a única testemunha ocular, e o Caesar está claramente com medo de que ele nos consiga dar uma boa descrição – responde Joona. – Talvez já não se atreva a confiar que vocês vão ceder à ameaça.

– Aceitamos toda a proteção que nos puderem dar.

– Ótimo – diz Joona. – Vai ser contactada pela Unidade de Proteção Pessoal ainda hoje.

– Obrigada – agradece ela, num fio de voz.

Pamela atravessa o Hagaparken com o telemóvel na mão. As manchas de luz e sombra fazem com que o caminho pareça uma ponte sobre um rio cintilante.

É evidente que a Polícia considera que o perigo que eles correm é bastante elevado. Ela já devia ter pedido proteção.

Sentia-se nervosa quando saiu de casa, por isso telefonou a Dennis. Ele estava numa reunião, mas prometeu ir buscá-la à capela norte. Agora está realmente assustada e pondera interromper o passeio e voltar para trás.

Caesar tentou matar Martin.

Ao aproximar-se da passagem por baixo da autoestrada, abrande e tira os óculos de sol. Um grupo de pessoas juntou-se à volta de um homem deitado na ciclovia. Ouve-se o som de uma ambulância cada vez mais perto. Uma mulher jovem declara repetidamente que acha que ele está morto e depois tapa a boca com a mão.

Pamela vai para cima da relva para não passar demasiado perto, mas não consegue deixar de olhar. Por entre as pernas das pessoas, vê os olhos muito abertos do homem. Sente um arrepio nas costas e acelera o passo para baixo do viaduto, com a sensação de que toda as pessoas em torno dele estão a fitá-la.

O vasto cemitério cheira a relva recém-cortada. Pamela deixa o caminho, atravessa por entre as árvores altas e vê que o sol está a incidir diretamente na sepultura de Alice. Ao longe, ouve-se o matraquear de uma pega. Pamela ajoelha-se e pousa a mão na pedra quente.

– Olá – sussurra, percorrendo com o dedo as letras da inscrição gravada no granito.

Por vezes, pensa em como, na verdade, o nome da filha foi apagado da pedra. Tudo o que resta são os sulcos deixados pelas letras. A lápide não

contém o nome de Alice, da mesma forma que o caixão não contém o seu corpo. Todos os domingos, Pamela vem falar com a filha apesar de ela não estar ali. O corpo nunca foi encontrado. Os mergulhadores procuraram no fundo do lago, mas o Kallsjön tem 134 metros de profundidade e as correntes são fortes.

Durante muito tempo, Pamela alimentou a fantasia de que Alice havia sido resgatada por alguém antes de Martin ser encontrado pelo grupo de patinagem de longa distância. Imaginou uma senhora simpática que a tirara da água, a envolvera em peles de rena e a colocara no seu trenó. Alice teria acordado à luz de uma lareira, na cabana de madeira da mulher, que lhe teria dado chá forte e sopa. Como teria batido com a cabeça no gelo, a mulher cuidaria dela como se fosse sua filha, enquanto não recuperasse da amnésia.

Pamela sabe que este sonho não passava de uma forma de não perder a derradeira esperança. No entanto, deixou completamente de comer peixe, pois não conseguia evitar pensar que o corpo de Alice poderia ter sido comido por peixes.

Levanta-se e repara que o jardineiro pendurou a sua cadeira na árvore. Vai buscá-la, sacode as sementes do tecido e senta-se diante da sepultura.

– O pai foi hipnotizado. Eu sei que não parece muito inteligente, mas é para que ele se lembre do que viu...

Pamela cala-se ao notar que está alguém entre as árvores, parcialmente escondido atrás de um tronco esbranquiçado, a olhar na sua direção. Tenta focar a visão e fica aliviada ao perceber que é uma mulher idosa com ombros largos.

– Não sei o que vai acontecer – continua Pamela, olhando de novo para a lápide. – Nós estamos em perigo e a Mia desapareceu. O homem que matou a Jenny raptou-a para nos assustar, só porque o pai tentou ajudar a Polícia.

Limpa as lágrimas das faces e ainda consegue ver a mulher desaparecer lentamente atrás do tronco da árvore.

– Seja como for, parece que vamos receber proteção policial... Caso contrário, mudamo-nos para a casa de campo do Dennis durante algum tempo – diz, num tom de voz mais firme. – E acho que não vou poder vir cá entretanto, era só isso que te queria dizer... Tenho de ir.

Levanta-se e pendura novamente a cadeira na árvore, mas volta à sepultura e abraça a lápide.

– Alice, eu amo-te... A verdade é que só estou à espera de morrer para te poder reencontrar – murmura, erguendo-se.

Pamela atravessa a sombra das árvores, desce até ao caminho, vê um canteiro com rosas bonitas e pensa que devia colher algumas para pôr na sepultura, mas obriga-se a não o fazer.

Quando chega ao parque de estacionamento ao lado da capela, o carro já lá está e consegue adivinhar o rosto de Dennis nos reflexos do para-brisas.

Os pneus atroam sobre o asfalto quando Joona sai da E-18 a seguir a Enköping e continua na direção de Västmanland e Dalarna.

– Eu tentei falar com a Margot – diz Johan Jönson ao telefone.

– Não precisas de passar por ela. O Caesar empurrou o Martin para os carris do metro – explica Joona. – Se conseguirmos encontrar as imagens, é possível que o apanhemos.

– Mas onde raios é que hei de procurar? Em que estação?

– Ainda não sei, mas algures no centro de Estocolmo.

– Estamos a falar de umas vinte estações.

– Ouve-me – interrompe Joona. – A única coisa que importa é isto: tens de descobrir o vídeo imediatamente.

– Eles não costumam querer...

– Envolve o procurador, seja o que for, mas fá-lo – atalha ele.

Daqui a quarenta minutos, é suposto Joona estar à porta da casa de Anita, a filha de Gustav Scheel. Ela vive numa moradia geminada em Säter, a apenas três quilómetros do hospital.

Anita era uma criança pequena quando Caesar se introduziu no seu quarto, se sentou na beira da cama e lhe pôs a mão na cabeça. Se, quando já era mais velha, o pai não lhe tivesse contado como conheceu Caesar, ela nunca teria sabido do que se passara. Mas foi o que ele fez, e é difícil acreditar que ela não lhe tenha feito algumas perguntas. Deve haver algo mais. De todas as pessoas com quem se encontrou até agora, ela talvez seja quem sabe mais sobre Caesar.

Joona pensa na sua primeira conversa com Anita. Ela aprendeu a distanciar-se da investigação do pai para se antecipar às críticas que lhe são dirigidas, apesar de, no seu âmago, se sentir orgulhosa.

«A psiquiatria antiquada tem sempre uma aura infame», tentara ela dizer. Contudo, tinha estudado enfermagem, instalara-se em Säter e trabalhava na clínica psiquiátrica.

Joona ultrapassa uma fila de camiões. Ouve-se um murmúrio de ar na janela de cada vez que o carro alcança o espaço entre dois veículos.

A pistola está no porta-luvas e o colete de proteção está guardado num saco de pano em cima do banco do passageiro.

Caesar tentou matar Martin numa estação de metro do centro de Estocolmo. Se tiver sido captado pelas câmaras e não estivesse a usar uma máscara, é possível que o consigam identificar. Talvez estivessem os dois na plataforma: Caesar e a mulher idosa.

Eles matam juntos. Ou será que Caesar necessita de público, alguém em quem se ver ao espelho, precisamente como uma criança que quer que a mãe a veja a fazer acrobacias na estrutura para trepar?

Joona bebe água, volta a colocar a garrafa no suporte para copos e põe-se novamente a pensar na conversa com Tracy. Reflete sobre a descrição que ela fez do crânio em forma de ovo que a mulher trazia ao pescoço. É, sem dúvida, demasiado grande para ser de uma ratazana.

«É mais provável tratar-se de uma espécie qualquer de mustelídeo», pensa ele e, ao mesmo tempo, sabe qual é a resposta.

O gorro preto não era de pele sintética. Esta pele era gordurosa. As gotas de chuva eram repelidas e aglomeravam-se nas pontas dos pelos. «Deve ser pele de marta», pensa ele e, de súbito, tem uma intuição aterradora. Sente um arrepio descer-lhe pela nuca e pelas costas. É como se todo o caso se cristalizasse naquele instante.

Joona encosta bruscamente na berma da estrada e para à sombra de um viaduto. Fecha os olhos e recorda uma visita que fez com o pai ao Museu Nacional de História Natural.



Tem oito anos e está a passar por dentro do enorme esqueleto de uma baleia azul. Ouvem-se ecos de vozes e passos no teto alto por cima dele. Joona ouve o pai ler um painel informativo que está à frente de um mangusto empalhado a lutar com uma cobra. Começa a ter calor com o seu novo casaco acolchoado, desabotoa-o e depois aproxima-se da imagem de uma marta. Num mostrador de vidro, estão três crânios em forma de ovo. Um deles está posicionado de modo a ver-se o interior. No teto da calota craniana há um padrão, uma espécie de cruz impressa na estrutura óssea.

Sentado no carro encostado à berma da estrada, de olhos fechados, Joona estuda as imagens do crânio guardadas na sua memória.

O padrão assemelha-se a uma figura com um capuz pontiagudo e mangas largas, de braços abertos como Cristo. Joona abre os olhos e pega no telemóvel, que deixou em cima do tabliê. Faz uma busca por imagens de crânios de marta e abre imediatamente uma fotografia. No interior do crânio, vê-se um ligeiro relevo que forma uma figura de braços abertos. É o resultado da adaptação evolutiva do osso aos vasos sanguíneos e às meninges. A figura encontra-se em todas as ilustrações científicas e fotografias, numas mais nitidamente do que noutras.

É exatamente igual ao símbolo com que as raparigas mortas estão marcadas. Tudo encaixa e estabelece uma ligação direta entre o crânio de marta e o assassino.

Joona sabe que muito poucos assassinos em série comunicam ativamente com a Polícia, porém todos têm os seus padrões, um sentido de estrutura e preferências que deixam vestígios.

Ele já não sabe quantas vezes analisou o padrão de Caesar e alterou a posição das diferentes peças do *puzzle*. A esfinge escondeu a resposta no próprio enigma. Aquilo que parece constituir uma infração do *modus operandi* do assassino é, afinal, uma parte lógica e necessária dele.

Liga o carro, olha para o espelho retrovisor, entra novamente na estrada e carrega no acelerador.

Sempre teve a capacidade de recuperar imagens fiéis da sua memória. Na maior parte dos casos, é uma capacidade cansativa e dolorosa. Revive os acontecimentos passados uma e outra vez até ao mínimo pormenor.

Depois de Hedemora, a estrada estende-se como uma linha entre campos cultivados e pastagens até Säter. Joona contorna a rotunda com uma escultura azul que se parece com uma cabeça de machado, e entra numa zona residencial com vivendas muito próximas entre si.

Estaciona na entrada da garagem de Anita, atrás de um *Toyota* vermelho, sai do carro e dirige-se para a pequena casa com painéis pintados de vermelho e telhado inclinado.

Os aspersores salpicam o pavimento de pedra.

Anita viu-o chegar e espera-o à porta. Veste um vestido às pintas com um largo cinto de tecido.

– Sempre conseguiu cá chegar – diz ela.

Joona tira os óculos de sol e acena-lhe com a mão.

– Não tenho grande coisa para lhe oferecer, mas o café está quente...

Ela condu-lo através do *hall* até uma cozinha com azulejos brancos nas paredes e uma mesa redonda com cadeiras brancas.

– Tem uma cozinha acolhedora – afirma Joona.

– Acha? – pergunta ela com um sorriso.

Convida-o a sentar-se, traz duas chávenas de porcelana com pires e colheres, serve o café e põe na mesa um pequeno pacote de leite e uma taça com cubos de açúcar.

– Eu sei que já lhe perguntei isto – começa Joona. – Mas não tem nenhuma fotografia da altura em que o seu pai trabalhava no Paviljong? Fotografias de grupo de uma festa de despedida de alguém que se ia reformar, ou de outra ocasião qualquer?

– Há uma fotografia minha no escritório dele... é a única que tenho tirada dentro do Paviljong... e não tem qualquer relevância para si.

– Gostaria de a ver.

A ponta do nariz de Anita cora enquanto ela tira a carteira da mala.

– Eu fazia sete anos e o meu pai arranhou-me uma bata de médico pequenina – explica, colocando uma fotografia a preto e branco diante dele.

Anita tem tranças finas, veste uma bata branca e está sentada na cadeira do pai a uma secretária cheia de tomos e pilhas de ficheiros clínicos.

– É uma bonita fotografia – afirma Jonna, devolvendo-lha.

– Ele costumava chamar-me doutora Anita Scheel – comenta ela com um sorriso.

– O seu pai queria que você seguisse as pegadas dele?

– Suponho que sim, mas...

Ela suspira e fica com uma ruga profunda entre as sobrancelhas cor de mel.

– Devia ter quinze anos quando ele lhe contou que o Caesar tinha ido a vossa casa e se tinha sentado na sua cama.

– Sim.

– Perguntou-lhe a que se referia ele quando disse que as mães estão a ver os filhos brincar?

– Claro.

– O que é que o seu pai respondeu?

– Deixou-me ler um capítulo da descrição do caso que dizia que o trauma original do Caesar estava associado à mãe.

– De que forma?

– O estudo é muito académico do princípio ao fim – responde ela, pousando cuidadosamente a chávena no pires.

A testa de Anita tem rugas com diferentes orientações, como se tivesse pensado sobre qualquer coisa durante todas as horas do dia que passou

acordada.

– Sabe o que eu acho? – pergunta Joona. – Acho que ainda tem o estudo do seu pai sobre o caso do Caesar.

Ela levanta-se com a chávena na mão, põe-na no lava-louça e depois sai da cozinha sem dizer uma palavra. Joona observa o rádio antigo com antena telescópica que está em cima da mesa. A sombra de uma ave passa no vidro da janela.

Anita volta para a cozinha e coloca um maço de papel com cerca de trezentas folhas à frente dele. A lombada está unida com fio vermelho e, na parte da frente, lê-se o seguinte título, nas letras irregulares de uma máquina de escrever:

*O Homem-Espelho*  
*um estudo de caso psiquiátrico*

Instituição de Psiquiatria do Hospital Universitário  
Professor Gustav Scheel, Fasta Paviljong de Säter

Ela senta-se de novo na cadeira, pouisa a mão sobre o manuscrito e olha para Joona.

– Não gosto de mentir – afirma. – Mas aprendi a dizer que tudo tinha ardido quando o meu pai morreu... e a verdade é que quase tudo ardeu, mas ele guardava *O Homem-Espelho* em casa.

– A Anita quis protegê-lo.

– Este relatório poderia tornar-se o grande exemplo dos abusos da Psiquiatria na Suécia – responde ela num tom neutro. – O meu pai poderia ter-se tornado o Minotauro no labirinto, um Mengele, embora muito do que ele descreve seja interessante.

– Preciso que me empreste o manuscrito.

– Pode lê-lo, mas não o pode levar consigo – declara Anita, com uma expressão ausente.

Joona acena com a cabeça, olhando-a nos olhos.

– Não tenho nenhuma opinião sobre a investigação do seu pai. A única coisa que quero é encontrar o Caesar antes que ele mate mais pessoas.

– Mas isso é apenas uma descrição do caso – tenta ela explicar.

– A verdadeira identidade do Caesar não é mencionada ou sugerida em lado nenhum?

– Não.

– Não são referidos nomes ou lugares em todo o estudo?

– Não... O teor do texto é quase exclusivamente teórico – explica Anita.

– E todos os exemplos descritos decorreram no Paviljon... O Caesar não tinha nenhum documento de identificação e veio a pé para cá.

– Há alguma referência a martas ou a criação de animais?

– Não... bem, a dada altura o Caesar conta que teve um pesadelo em que estava numa jaula apertada.

Anita passa a mão pela nuca e pelo ombro esquerdo, por baixo do vestido.

– O Caesar foi a vossa casa e pediu para ser internado – diz Joona. – Mas o que é que aconteceu depois disso?

– Ele foi internado, foi fortemente medicado e esterilizado de imediato. É horrível, mas na altura ainda era a rotina...

– Pois.

– Quando o meu pai suspeitou que ele sofria de PID, reduziu a medicação e começou com as entrevistas aprofundadas que estão na base do estudo de caso.

– O que é que diz o estudo, resumidamente?

– O meu pai tem a teoria bastante convincente de que o Caesar sofre de um trauma duplo – explica, passando a mão sobre o manuscrito. – O

primeiro trauma ocorreu em tenra idade, antes dos oito anos, porque é por volta dessa idade que o córtex cerebral amadurece. E o segundo trauma aconteceu na idade adulta, imediatamente antes de ter procurado o meu pai. É o primeiro trauma que cria as condições para que uma pessoa se possa dividir em várias personalidades... mas isto só ocorre depois do segundo trauma. O meu pai comparou-o com o caso de Anna K, uma mulher com umas vinte personalidades diferentes dentro de si... e uma delas era cega, ao ponto de as pupilas não reagirem à luz nos exames clínicos.

Joona abre *O Homem-Espelho*, lê por alto um resumo em inglês e depois olha para o índice.

– Vou deixá-lo ler em paz. Há mais café na cafeteira – diz ela, levantando-se.

– Obrigado.

– Se precisar de alguma coisa, estou no escritório.

– Posso fazer-lhe uma pergunta antes de se ir embora?

– Sim?

Joona abre uma imagem de um crânio de marta no seu telemóvel, aumenta-a e mostra a Anita a formação semelhante a uma cruz.

– Sabe o que é isto?

– Jesus, ou não? – pergunta ela.

Ela olha mais de perto e empalidece.

– Em que está a pensar? – interroga Joona.

Anita olha para ele com um olhar assustado.

– Não sei, eu... é só que está escrito n' *O Homem-Espelho* que, quando à noite fechavam o Caesar na cela, ele era capaz de ficar horas seguidas de pé com os braços abertos, como se estivesse crucificado.

Pamela tranca a porta depois de entrar e atravessa o corredor até ao escritório. Martin colocou outra vez a tela grande no cavalete.

– Tentei telefonar-te – diz ela.

– Estou a pintar – responde ele, misturando um pouco de vermelho na tinta amarela que está na paleta.

– Disseste que te empurraram para os carris do metro na quinta-feira – continua ela. – O Joona precisa de saber em que estação estavas.

– Mas tu disseste que os meninos não eram reais – argumenta Martin, enquanto pinta com pinceladas lentas.

– Não te quero deixar nervoso.

Sentindo os pelos dos braços arrepiarem-se, Martin pousa o pincel e olha para ela.

– Foi o Caesar quem me empurrou? – pergunta.

– Sim.

– Foi na estação de Kungsträdgården... Eu não vi ninguém, só ouvi passos atrás de mim.

Pamela envia uma mensagem de texto a Joona e depois senta-se à secretária.

– O Dennis quer que vamos para a casa de campo dele e eu disse que íamos, mas agora vamos ter proteção policial...

– Mas...

– Vêm buscar-nos esta noite.

– Mas eu tenho de ser hipnotizado outra vez – diz Martin, num tom de voz abafado.

– A verdade é que mesmo assim não vês nada.

– Mas ele está lá, eu sei que está, eu ouvi-o...

– O Caesar?

– Acho que vi o rosto dele *piscar*...

– Como assim?

– Como um *flash*...

– Ele tirou fotografias – conclui Pamela, sentindo um arrepio percorrer-lhe as costas.

– Não sei.

– Sim, mas eu estou convencida de que é isso, ele tira fotografias. Podes tentar descrever o que viste?

– Só vejo escuridão...

– Achas que o Erik Maria Bark poderia encontrar esse instante com o *flash*... para conseguires descrever o Caesar?

Ele anui com a cabeça e levanta-se.

– Vou falar com o Joona – afirma ela.

Martin abre o armário, tira a caixa com as guloseimas para cão e enche uma pequena lata.

– Eu levo o rafeiro – diz-lhe Pamela.

– Porquê?

– Não quero que saias.

Pamela acorda o cão e leva-o para o *hall*. Ele boceja quando ela lhe põe a coleira.

– Tranca a porta depois de nós sairmos – pede a Martin.

Pega na mala, sai e abre a porta do elevador. O rafeiro arrasta-se atrás dela, abanando um pouco a cauda.

Martin fecha a porta e tranca a fechadura de segurança. Ouve-se o estrépito metálico dos cabos quando o elevador desce para o rés do chão. Há no ar das escadas do prédio um odor a tijolo quente.

Pamela e o rafeiro saem para a rua e seguem a Karlavägen na direção da Escola Superior de Arquitetura, onde ela estudou. Pensa que Caesar pode



ser qualquer um dos homens com quem se cruza no passeio. Não faz ideia de como ele é.

Quando o rafeiro se põe a cheirar o chão em torno de um algeroz, ela olha para trás para ver se alguém a está a seguir.

Um homem magro está a olhar para o interior da galeria de arte.

Pamela segue em frente, passa pelas escadas íngremes que sobem para a igreja de Engelbrekt e continua por cima da relva. O rafeiro urina contra uma das árvores e deambula até à gruta escavada na colina. Durante a Segunda Guerra Mundial, funcionava como um abrigo, mas agora é um columbário onde as pessoas conservam as urnas dos seus familiares defuntos.

O rafeiro fareja a parede rochosa. Pamela olha novamente para trás e vê que o homem em que reparara antes se está aproximar a passos largos ao longo da rua.

É Primus.

Instintivamente, Pamela arrasta o rafeiro para a entrada escura da gruta e encosta-se à porta fechada.

O homem para no passeio e olha em volta. O rabo de cavalo cinzento oscila-lhe sobre as costas. O cão quer sair dali e gane um pouco quando ela o retém. Primus vira-se, olha na direção da gruta e dá um passo em frente. Pamela sustém a respiração, pensando que ele não consegue vê-la.

Um camião pesado passa na estrada e os arbustos agitam-se com o ar que desloca. Folhas e lixo esvoaçam num turbilhão à entrada da gruta.

Primus começa a avançar na sua direção com um olhar perscrutador. Ela vira-se, abre a porta do columbário e entra com o rafeiro. O ar está fresco e cheira a flores velhas e velas acesas. O chão encontra-se coberto de gravilha e o teto de rocha foi pintado de branco. Parece uma biblioteca, porém, em vez de filas de estantes com livros, tem um arquivo de mármore verde com centenas de portinholas fechadas.

Pamela caminha depressa, ouvindo o cascalho ranger sob a sola dos sapatos. Passa a primeira fila de compartimentos e vira para a parte de trás da segunda. Ajoelha-se com os braços em volta do pescoço do cão. Não consegue ver nenhum outro visitante, mas há cadeiras puxadas para a frente e velas acesas nos castiçais de ferro fundido.

A porta abre-se e, passado um longo momento, volta a fechar-se. No preciso instante em que Pamela sente a esperança de que Primus tenha desistido, ouvem-se passos na gravilha. Ele avança lentamente e depois detém-se.

– Tenho uma mensagem do Caesar – declara ele para o ar. – Ele ia gostar deste lugar, está cheio das suas pequenas cruzes...

Pamela levanta-se e lembra-se das cruzes nos dedos do Profeta. Na sua imaginação, vê todo o corpo dele, as paredes, o teto e o chão cobertos de cruzes. Os passos no cascalho aproximam-se.

Ela olha em volta, tenta encontrar uma saída, vira-se para começar a correr, porém Primus contorna a fila de compartimentos e para diante dela.

– Deixe-me em paz – exclama Pamela.

– O Caesar não quer que o Martin volte a ser hipnotizado – informa Primus, mostrando-lhe uma polaroide nítida.

O rosto sujo de Mia está iluminado por um *flash*. Está cansada e magra. O fotógrafo tem um machete preto na mão. A lâmina pesada repousa no ombro de Mia, com o gume afiado dirigido à garganta.

Pamela desequilibra-se para trás e deixa cair a mala no chão de gravilha.

– Ele diz que lhe vai cortar os braços e as pernas, cauterizar as feridas e pô-la a viver num caixote...

Quando Primus dá um passo em frente, o rafeiro começa a ladrar. Pamela agacha-se e apanha as coisas que caíram da mala. O cão ladra como não o fazia há anos e ataca furiosamente. Primus recua e o rafeiro mostra os dentes a rosnar.

Pamela agarra na trela e puxa-o para a porta. Quando saem, pega-lhe ao colo e desata a correr sem olhar para trás. Arquejante, pousa o cão em frente à porta do prédio, marca o código e entra com ele no átrio. Vão direitos ao elevador e sobem até ao quinto andar. A porta de casa está entreaberta. Tranca-a rapidamente e grita por Martin enquanto percorre o apartamento à sua procura. Com as mãos trémulas, tira o telemóvel da mala e liga-lhe.

– Martin – responde ele timidamente.

– Onde te meteste?

– Vou pedir para ser hipnotizado outra vez.

– Não podes fazer isso.

– Tem de ser, é a única maneira.

– Martin, ouve-me, se o Caesar souber disto, mata a Mia. É a sério, ele mata-a mesmo.

– Porque tem medo... Ele sabe que o vi quando o *flash* disparou.

Sentado à sombra do grande carvalho, com o computador em cima da instável mesa de jardim, Erik Maria Bark está a tentar escrever o capítulo sobre hipnose clínica de grupo.

Ouve o portão que dá para a rua abrir-se e fechar-se, levanta a cabeça, vê Martin contornar a casa a caminho da sala de espera e os seus olhares cruzam-se. Ele muda de direção, aproxima-se de Erik, passa a mão pelo cabelo e espreita por cima do ombro antes de o cumprimentar.

– Peço desculpa por aparecer assim, mas será que tens tempo para...

Quando um carro passa na estrada, Martin cala-se subitamente e põe-se atrás dos lilases com um olhar assustado.

– O que se passa? – pergunta Erik.

– O Caesar diz que vai castigar a Mia se eu me encontrar contigo.

– Falaste com o Caesar?

– Não, foi a Pamela que o disse.

– E onde é que ela está agora?

– Acho que está em casa.

– Vocês não deviam ter proteção pessoal?

– Vêm buscar-nos hoje à noite.

– Parece-me bem.

– Podemos entrar?

– Está bem – responde Erik.

Fecha o computador e leva-o consigo. Os dois entram em casa e atravessam a sala de espera até ao escritório.

– Ninguém pode saber que estou aqui – informa Martin. – Mas quero ser hipnotizado outra vez. Acho que vi o Caesar no parque infantil, mas só por um segundo, durante o *flash* de uma máquina fotográfica.

– Achas que alguém tirou fotografias no parque?

– Sim.

Erik pensa em como Martin foi inicialmente capaz de descrever a chuva, as poças de água e a casa de brincar, antes de ter ficado ofuscado. Foi por isso que depois tudo ficou escuro.

– Podemos muito bem tentar mais uma vez – diz Erik, ligando a ventoinha que está em cima da secretária.

– Imediatamente?

– Sim, claro, se quiseres – responde Erik.

Martin senta-se no divã. Olha para a sala de espera e agita nervosamente uma perna.

– Gostaria de dividir a hipnose em duas secções – explica Erik. – A primeira consiste em abrir uma passagem para a tua memória e a segunda em fazer com que te recordes com a maior exatidão possível.

– Vamos experimentar.

Erik arrasta a cadeira para perto de Martin e senta-se.

– Começamos?

Martin deita-se a olhar para o teto com uma expressão tensa e uma ruga vincada na testa.

– Escuta a minha voz e segue as minhas instruções – começa Erik. – Muito em breve, vais ser inundado por uma paz interior. O teu corpo vai mergulhar num repouso agradável. Primeiro, sentes o peso dos calcanhares contra o divã à medida que relaxas os gêmeos, os tornozelos e os dedos dos pés.

Erik procurará usar o *stress* interior de Martin para alcançar um estado de relaxamento mais profundo. A tensão é sempre excecional: o cérebro anseia por repouso, tal como o objetivo do mecanismo de um relógio é parar.

– Relaxa o queixo – diz Erik. – Deixa a boca ficar entreaberta, inspira pelo nariz e sente o ar fluir lentamente para fora da cavidade bucal,

passando sobre a língua e pelos lábios...

Apesar de Martin já se encontrar num repouso generalizado, Erik prossegue com a descida até à indução.

A ventoinha estala e muda de sentido. Uma bola de pó eleva-se com o novo movimento de ar.

Contando lentamente, Erik conduz Martin além do nível de relaxamento cataléptico e vai mais fundo.

– Cinquenta e três, cinquenta e dois...

Como nunca levou um paciente até este nível, só se detém quando começa a ficar preocupado com a possibilidade de as funções corporais de Martin entrarem em repouso e o coração parar de bater.

– Trinta e nove, trinta e oito... afundas-te e respiras cada vez mais devagar...

Erik pensa que Pamela talvez tenha razão ao afirmar que o delírio de Martin sobre os meninos que o impedem de falar está relacionado com a perda dos irmãos. É possível que Martin não tenha estado presente no funeral da família. Talvez estivesse no hospital na sequência do acidente, ou demasiado chocado para compreender o que acontecera. O regresso dos irmãos como espíritos devia-se provavelmente ao facto de, em criança, não os ter visto serem sepultados e nunca ter realmente compreendido que eles estavam mortos.

– Vinte e seis, vinte e cinco... Quando eu tiver contado até zero, estarás num cemitério. Estás lá para sepultar os teus irmãos.

Martin desceu agora às regiões inferiores da hipnose profunda, onde a censura interior é muito mais fraca, mas onde o tempo e a lógica começam a obnubilar-se. Erik sabe que os sonhos podem ser um obstáculo às memórias reais e que é possível que fragmentos de psicoses anteriores interfiram, contudo acredita que a profundidade é útil para o que ele vai tentar fazer.

– Onze, dez, nove...

Erik não faz ideia de como foi a cerimónia fúnebre real, mas julga ser capaz de criar uma cerimónia própria que conjugue um velório e um enterro.

– Seis, cinco, quatro... Agora estás a ver o cemitério, é um lugar tranquilo onde as pessoas se despedem dos que já não estão vivos – diz Erik. – Três, dois, um, zero... E agora estás lá, Martin. – Sabes que perdeste a tua família, sentes-te triste, mas compreendes que os acidentes acontecem, sem que tenham um sentido ou uma razão... Os teus pais já foram sepultados e agora estás aqui para te despedires dos teus dois irmãos.

– Não percebo...

– Agora diriges-te para um grupo de pessoas vestidas de preto.

– Nevou – sussurra ele.

– Há neve no chão e nos ramos despidos das árvores... As pessoas desviam-se quando tu te aproximas da sepultura recém-aberta. Estás a vê-la?

– O lugar está marcado com um ramo de abeto – murmura Martin.

– Ao lado da sepultura, estão dois pequenos caixões com a tampa aberta... Tu avanças e vêes os teus irmãos, estão ambos mortos, é muito triste, mas não é assustador... Olhas para eles, reconhece-os e despedes-te deles pela última vez.

Martin põe-se em bicos de pés e olha para os dois meninos que jazem nos caixões, com os lábios cinzento-azulados, olhos fechados e cabelo penteado. Erik repara que correm lágrimas dos olhos de Martin.

– O pastor fecha as tampas e diz que os teus irmãos vão descansar em paz, enquanto os caixões descem para a sepultura.

Martin vê que o céu tem uma cor branca lúgubre, como gelo sobre um lago. Do solo elevam-se flocos de neve, como quando viramos um globo ao contrário. Revolteiam pelas calças e pelo casaco do pastor acima e para lá

da cartola preta. Dá um passo em frente, vê que os caixões dos irmãos já se encontram no fundo da sepultura e pensa que eles finalmente repousam em terra consagrada. O pastor alto tira do chapéu uma cabeça de boneca esculpida a partir de uma grande batata.

– Tu és pó e ao pó voltarás – declara Erik.

O pastor levanta a cabeça de boneca sem cabelo e finge ser ela que profere as palavras do primeiro livro de Moisés.

Martin não consegue parar de olhar fixamente para o rosto esculpido e pintado: o nariz largo e vermelho, os dentes espaçados e as sobrancelhas finas e bem desenhadas.

– Dois homens pegam nas suas pás e começam a atirar terra para cima dos caixões – diz Erik. – Ficas imóvel até a sepultura estar cheia e aplanada.

Martin está completamente imóvel, ao ponto de nem ser possível adivinhar a respiração no ventre. Não se vislumbra o mais pequeno movimento nos dedos.

– Martin, agora vamos passar à segunda parte da hipnose. Já não há nada que impeça a tua memória. Os teus irmãos estão mortos e sepultados e não te podem castigar se tu falares – afirma Erik. – Vou começar a contar para trás e, quando tiver chegado ao zero, estarás de volta ao parque... Dez, nove... Vais poder observar o homicídio sem ficar com medo... Oito, sete... Os meninos não têm qualquer poder sobre ti... Seis, cinco... Vais ser capaz de descrever detalhadamente o Caesar à luz do *flash*... Quatro, três... Agora vais entrar na escuridão, ouves a chuva a bater contra o guarda-chuva e aproximas-te do parque... Dois, um, zero...



A superfície prateada do rádio reflete a luz estival. Um círculo de sol bruxuleia na face de Joona e na sua barba loura por fazer.

Leu de forma rápida, mas atenta, e agora está a dar uma vista de olhos às referências bibliográficas no fim de *O Homem-Espelho*.

Johan Jönson encontra-se na estação de metro de Kungsträdgården. Se ele conseguir obter uma imagem de Caesar, talvez possam identificá-lo bastante depressa.

Joona fecha o manuscrito e passa a mão na folha de rosto. Gustav Scheel recorre ao seu paciente para demonstrar a existência de personalidades múltiplas e a possibilidade de as tratar. A identidade real de Caesar e o seu *habitat* não são mencionados. A investigação de Joona, contudo, aproxima-se do fim. As últimas peças do *puzzle* estarão em breve no seu lugar.

Embora todos os métodos e teorias aplicados no estudo sejam antiquados, Joona começa a compreender a psique de Caesar, o seu sofrimento e luta interior. Isto dá-lhe a possibilidade de prever as suas ações. Recorda o último capítulo, no qual Gustav Scheel apresenta a sua conclusão: Caesar foi sujeito a um duplo trauma que lhe dividiu a personalidade em duas partes. Se o trauma for massivo e ocorrer até aos oito anos de idade – antes de o córtex cerebral estar completamente desenvolvido –, o sistema nervoso central é afetado.

Caesar tinha apenas sete anos quando presenciou algo tão terrível que o seu cérebro se viu forçado a conceber uma forma própria de armazenar e ativar a informação relativa a esse acontecimento. O segundo trauma teve lugar aos dezanove anos de idade, quando a sua futura esposa se enforcou no quarto.

O cérebro de Caesar encontrara, desde o primeiro episódio, uma maneira de lidar com experiências difíceis. Com o segundo, surgiu o método definitivo de se dividir a si mesmo em duas partes independentes. Uma das personalidades era violenta, aceitava os traumas e vivia na escuridão que os rodeava, ao passo que a outra tinha uma vida normal.

*«Neste momento, uma pode transformar-se num carrasco ou num torturador em qualquer contexto de conflito, enquanto a outra seria capaz de dedicar a vida a ajudar pessoas, tornando-se pastor ou psiquiatra.»*

No fim do último capítulo, Gustav Scheel volta a afirmar que Caesar se encontrava num estado caótico quando procurou ajuda. Estabilizou após dois anos de terapia. Todas as noites, na sua cela, continuava a permanecer de pé com os braços abertos como Cristo crucificado, mas as duas personalidades dentro dele começaram a procurar no espelho o olhar uma da outra, precisamente quando o Fasta Paviljong foi desativado e o tratamento foi interrompido. Gustav Scheel escreve que teriam sido precisos muitos anos para tratar o trauma de Caesar.

Considerava que as múltiplas personalidades podem ser fundidas se todas as partes se conhecerem umas às outras e não restarem segredos no sistema.

As costas da cadeira rangem quando Joona se encosta e massaja a nuca com uma mão. Olha pela janela e vê dois pequenos rapazes a carregar um barco de borracha ao longo do passeio.

Lê uma última vez as observações finais do estudo, onde Gustav Scheel defende que a única forma de tratar um trauma psíquico é regressar a ele e compreender que o que aconteceu tem, na verdade, um lugar na própria narrativa de vida.

*«E isto é válido para cada um de nós: se não conseguirmos suportar ver-nos ao espelho nas nossas memórias, também não seremos capazes de enfrentar o que aconteceu para o superar. Pode parecer um paradoxo, contudo, quanto mais tentarmos ignorar o que é doloroso na vida, mais poder isso terá sobre nós.»*

Joona pensa em como Caesar é descrito neste estudo de caso como uma pessoa que seguiu as duas direções de uma bifurcação. Numa delas, caminha um assassino em série, na outra, um homem comum. É provável que o assassino conheça o seu reflexo, mas não o contrário, pois esse conhecimento impossibilitaria uma vida normal.

Acaba de beber o café, vai ao lava-louça e começa a lavar a chávena quando Anita entra.

– Deixe estar isso – diz ela.

– Obrigado.

– Acabou de ler os abusos do meu pai? – pergunta ela.

– Eram outros tempos, mas para mim é óbvio que ele tentou ajudar o Caesar.

– Obrigada por dizer isso. É que a maior parte das pessoas veria apenas memórias implantadas, esterilização, medidas de coerção, isolamento...

O telemóvel de Joona vibra, ele olha para o ecrã e vê que Johan Jönson lhe enviou um ficheiro comprimido.

– Desculpe, tenho de ver isto – explica rapidamente, sentando-se outra vez.

– Claro – assente ela, vendo-o desviar o olhar para o telemóvel.

O rosto do comissário empalidece subitamente. Ele levanta-se da mesa, fazendo a cadeira bater contra a parede atrás de si, e depois dirige-se depressa para o *hall* sem dizer uma palavra.

– O que se passa? – pergunta ela, seguindo-o.

Anita ouve a agitação na voz de Joona quando ele repete o endereço Karlavägen 11 ao telefone e diz que é urgente – é extremamente urgente. Derruba sem querer o suporte para guarda-chuvas, deixa a porta aberta e corre para o carro.

Pamela ajoelha-se em frente à cama do rafeiro. Faz-lhe uma festa e ele abana ligeiramente a cauda sem abrir os olhos.

– Meu herói.

Ela levanta-se, vai para o quarto, pendura a saia e a blusa no *closet* e volta a fechar a porta de ripas. O apartamento está silencioso e o ar parado. Pamela arrepia-se ao sentir gotas de suor escorrerem-lhe pelas costas.

Receia que Caesar tenha seguido Martin até casa de Erik Maria Bark. Tem medo de que ele magoe Martin e Mia. Vê constantemente diante dos seus olhos o rosto sujo da jovem e a lâmina larga contra o seu pescoço.

Vai para a casa de banho, despe a roupa interior, atira-a para o cesto da roupa suja e entra no duche. A água quente lava-lhe o cabelo, a nuca e os ombros. Por entre o estrépito da água, Pamela ouve o telemóvel tocar no quarto.

Acabou de falar com Dennis e contou-lhe que aceitaram a medida de proteção proposta pela Unidade de Proteção Pessoal. Ele parece ter ficado com um ligeiro tom de desilusão na voz, no entanto ofereceu-se para tratar do cão enquanto eles não estiverem.

Dennis vem buscá-la dentro de uma hora e Pamela pensa em como ele sempre esteve lá para si.

Alice teve uma crise aos treze anos. Gritava com ela e com Martin todos os dias, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. Como não suportava jantar com eles, trancava-se no quarto e punha a música tão alta que a louça tilintava nos armários. Pamela recorda-se de que Dennis sugeriu que Alice experimentasse começar a ir gratuitamente às suas consultas.

Mas isso nunca aconteceu. Quando Pamela tocou no assunto, Alice ficou tremendamente revoltada e gritou-lhe que ela era perversa.

– Tenho de ir a um psicólogo só porque não consigo estar sempre a fingir que sou a filha perfeita?

– Não sejas infantil.

Vê diante de si a expressão alterada de Alice e pensa em como foi estúpida por não a ter simplesmente abraçado e não lhe ter explicado que a amava incondicionalmente e mais do que tudo.

Pamela ensaboa-se, olha para os seus pés bronzeados no chão de calcário áspero e pensa novamente em Primus. Ficou com tanto medo que deixou cair a mala, e depois baixou-se para apanhar as suas coisas enquanto o rafeiro ladrava. De súbito, apercebe-se de que não verificou se tinha trazido do columbário a chave do apartamento. Passou-se tudo tão depressa, e a porta estava entreaberta quando chegou a casa.

E se Primus tiver as chaves dela?

Tenta olhar através do vidro embaciado do duche. A porta para o *hall* adivinha-se apenas como uma moldura cinzenta. A água fumegante cai ruidosamente sobre ela. O vapor condensou-se em pequenas gotas suspensas na parte de baixo do cano da água quente. Entra-lhe champô para os olhos e tem de os fechar, tentando ao mesmo tempo escutar qualquer coisa através do ruído do água.

Ouve-se um leve rangido. Pamela passa-se por água, desliga o chuveiro, pestaneja e olha para a porta da casa de banho. A água escorre-lhe pelo corpo. Estende a mão, pega numa toalha de banho e olha para a porta. Devia esticar-se para a frente, trancá-la e depois ficar ali à espera de que Martin, Dennis ou os polícias da Unidade de Proteção Pessoal cheguem.

O vapor no espelho começa a desvanecer-se. A inquietação fá-la sentir-se maldisposta. Seca-se sem desviar o olhar da porta da casa de banho. O som do mecanismo do elevador ouve-se através das paredes. Ela estende a mão, baixa o puxador, empurra a porta e dá um passo para trás.

O corredor está silencioso. A luz que entra pela janela da cozinha oscila suavemente.

Pamela enrola-se na toalha, dá um passo em frente e fica à escuta de movimentos. Sai para o corredor com uma sensação estranha dentro de si, olha para o *hall* e dirige-se apressadamente para o quarto. Quando vê que o telemóvel não está na mesa de cabeceira, lembra-se de que o deixou a carregar na cozinha.

Tira rapidamente do armário a roupa interior lavada, os *jeans* brancos e um *top*. Veste as cuecas sempre a olhar para a porta.

O telemóvel começa outra vez a tocar na cozinha. Assim que acabar de se vestir, vai contactar a Unidade de Proteção Pessoal.

Um barulho estranho no *closet* fá-la ficar petrificada a meio de um movimento. Olha para a porta do roupeiro e demora o olhar na escuridão estática entre as ripas. Devem ter sido os vizinhos do outro lado da parede.

Pamela pendura a toalha numa das colunas da cama e continua a vestir-se com movimentos bruscos. Ninguém se introduziu no apartamento. Ela sabe disso, e ainda assim sente um medo premente das divisões e dos móveis. Sentir-se-ia mais calma se estivesse no passeio em frente ao prédio, ao calor e rodeada das pessoas que passam.

Olha para o corredor enquanto abotoa os *jeans* e pensa novamente na garrafa de *vodka*. Podia beber um copinho para se acalmar antes de telefonar. Talvez baste um gole, só para sentir o calor na garganta e no estômago.

Passa o *top* pela cabeça e perde o corredor de vista por uns segundos. Sente que o coração para de bater quando ouve um estalido atrás de si e a porta do *closet* desliza alguns centímetros. Ouve-se o estrépito sussurrante da antiga conduta de ventilação por cima do varão do roupeiro. No preciso instante em que decide pendurar a toalha húmida na casa de banho, ouve uma chave girar na porta de entrada.

Pamela avança lentamente e pergunta-se se terá tempo de correr até à cozinha para ir buscar o telemóvel. A fechadura range e a porta abre-se.

Atrás dela, a porta do guarda-fato fecha-se com estrondo por causa da corrente de ar repentina.

Pamela olha em volta à procura de um objeto com que se defender.

Alguém caminha cautelosamente sobre o chão do *hall*.

Ela ouve ranger o pavimento da soleira da sala, avança, para ao lado da porta e vê a luz que penetra pelas cortinas da cozinha incidir na parede do corredor. Talvez tenha tempo de se precipitar para o *hall* e sair, caso a porta esteja destrancada.

A parede do corredor escurece. Alguém se move apressadamente na cozinha, regressa ao corredor e dirige-se para o quarto.

Pamela recua contra o baú, que bate na parede, depois vira-se e dá a volta à cama no mesmo instante em que Martin entra no quarto.

– Livra! Mataste-me de susto – exclama ela.

– Telefona para a Polícia – diz ele, passando nervosamente a mão pela boca.

Martin está sem fôlego e tem o rosto pálido.

– O que aconteceu?

– Acho que o Caesar me está a seguir... Fui hipnotizado – diz, com uma voz assustada. – Eu vi-o no parque, eu vi o Caesar, não dá para explicar...

O suor corre-lhe pelas faces e os olhos estão estranhamente arregalados.

– Tenta contar o que se passou – pede-lhe Pamela.

– Ele vai vingar-se... Tenho de ir verificar a porta. Telefona à Polícia.

– Tens a certeza de que foste realmente seguido? Tu sabes que...

– O elevador parou – interrompe ele, começando todo o corpo a tremer.

– Escuta, ele está aqui, fora da porta, meu Deus...

Pamela vai atrás dele até ao corredor, entra na cozinha, tira o telemóvel da bancada, desliga o cabo, vira-se e vê Martin aproximar-se lentamente da



porta de entrada.

Ele estica-se para a frente e pressiona o puxador para baixo. A porta está destrancada. Ela sente um arrepio percorrer-lhe as costas quando a porta se abre para a escuridão do patamar das escadas. Martin olha fixamente para a grade do elevador, hesita um segundo e depois sai, fechando a porta atrás de si.

Pamela olha para o telemóvel, mas não tem de tempo de fazer o que quer que seja antes de a porta se abrir novamente e Martin regressar com um pesado saco de desporto na mão.

Ele tranca a porta, põe a chave num dos ganchos e entra na cozinha com uma expressão ofendida na boca.

– O que se passa, Martin? De onde veio esse saco?

– O Martin vai morrer – responde ele com a voz quebrada e olhando para ela como se fosse uma estranha.

– Porque é que dizes que...

– Silêncio – atalha ele, despejando o conteúdo do saco no chão.

As ferramentas pesadas caem ruidosamente no soalho. Pamela vê uma serra, diferentes tipos de alicate, um guincho com cabo de aço, um machete e um saco de plástico sujo.

– Pousa o telemóvel na bancada – ordena Martin, sem olhar para ela.

Ele tira do saco uma garrafa de plástico pegajosa e desenrola a fita adesiva que envolve a tampa. Pamela tenta ler a expressão desconhecida no rosto dele, as sobrancelhas extraordinariamente contraídas e a forma brusca de se mover.

– Podes explicar-me o que estás a fazer? – pergunta ela, engolindo em seco.

– Com certeza – responde ele, desenrolando papel de cozinha. – Nós chamamo-nos Caesar e estamos aqui para te matar e...

– Para com isso – interrompe ela.

Pamela pensa que Martin entrou num episódio de psicose paranoide, que parou de tomar a medicação, que sabe que ela o traiu.

Ele desenrosca a tampa da garrafa, ensopa o papel e avança para ela. Perplexa, Pamela recua contra a mesa, que bate no radiador. As últimas uvas rebolam dentro da taça.

Martin aproxima-se rapidamente. Nos olhos dele há uma expressão que Pamela nunca viu. De uma forma quase instintiva, compreende que está realmente em perigo. Apalpa a mesa atrás de si, agarra na taça pesada e atinge-o na cara. Ele cambaleia para o lado, apoia-se na parede com a mão e tenta recompor-se, com a cabeça descaída.

Pamela corre para a sala e continua na direção do *hall*, porém, pelo som dos passos de Martin, percebe que ele já lá está. Ela olha para a varanda. Nas grades, a velha grinalda de luzes de Natal brilha ao sol.

Vindo do *hall*, Martin entra na sala com o machete preto na mão. Está a sangrar de uma têmpora e tem o rosto tão tenso que está distorcido da mesma forma que quando lhe contou que Alice se tinha afogado.

– Martin – diz ela, com a voz trémula. – Eu sei que acreditas que és o Caesar, mas...

Sem responder, ele avança para Pamela, que corre para a cozinha, fecha a porta e espreita para o *hall*.

Subitamente, apercebe-se de que Martin e Caesar são a mesma pessoa. Ela sabe que é verdade, sem conseguir verdadeiramente acreditar nisso – e, ao mesmo tempo, é como se milhares de pormenores comessem a fazer sentido.

O apartamento está silencioso. Pamela baixa-se, apanha a faca do chão com cuidado, olha para a porta fechada, julga ver um movimento na luz que passa por baixo da porta e dirige-se o mais silenciosamente possível para o *hall*. A sua respiração acelerada faz demasiado ruído. Decide correr até à

porta de entrada, tirar as chaves do gancho, destrancar a porta e esgueirar-se para fora de casa.

O soalho range sob o seu peso. Cautelosamente, segue em frente e, de súbito, cruza o olhar com o de Martin através do grande espelho. Ele está estacado no *hall* à sua espera, com o machete na mão.

Ela recua silenciosamente, pousa a faca no lava-louça, pega no telemóvel e desbloqueia-o com as mãos a tremer.

Ouve-se um estrépito de vidro a partir-se quando Martin estilhaça o espelho. Os fragmentos caem no chão e, despedaçando-se, espalham-se junto às paredes e pelos cantos.

Pamela decide sair para a varanda, telefonar para a Polícia e tentar descer até ao apartamento dos vizinhos de baixo. Sem fazer ruído, baixa o puxador da porta da sala, abre-a devagar e espreita, mas só tem tempo de ver um movimento rápido e vislumbrar o rosto tenso de Martin antes de ser atingida na face pelo lado plano do machete. Ouve-se um estrondo e a cabeça dela bate contra a ombreira da porta.

Tudo fica escuro. Pamela acorda no chão da cozinha. O candelabro de ferro martelado estremece por cima dela. Ouve-se um tiquetaque metálico. Vem do guincho que está aparafusado à parede.

– Martin – diz ela, ofegante.

Um longo cabo de aço serpenteia no chão com um ruído metálico, sobe em direção ao candeeiro, passa pelo gancho preso ao teto, desce e desaparece no guincho quando Martin dá à manivela.

Mal Pamela se apercebe de tudo isto, sente o laço fechar-se-lhe em torno do pescoço e arrastá-la para o meio da cozinha.

Ela põe-se de barriga para baixo, rasteja na mesma direção em que está a ser levada, levanta-se, mas não tem tempo de passar o laço pela cabeça antes de o cabo se retesar novamente. Uma das velas do candelabro cai ao

chão e parte-se ao meio. Martin para de dar à manivela e olha para ela. A mesa de jantar e as cadeiras foram levadas por ele para a sala.

Pamela consegue afrouxar um pouco o laço com dois dedos, começa a chorar de medo e tenta captar o olhar dele.

– Martin, eu sei que tu me amas... eu sei que não queres fazer isto.

Dá meia volta à manivela e ela é forçada a tirar os dedos do laço e pôr-se na ponta dos pés para conseguir respirar. Com a mão direita, agarra-se ao cabo por cima da cabeça para manter o equilíbrio. Já não consegue falar. Tudo o que pode fazer é inspirar através da garganta estrangulada. Os pensamentos sucedem-se vertiginosamente na sua mente, mas não é capaz de compreender porque é que isto está a acontecer.

Os gémeos já começaram a tremer com o esforço. Ela não sabe quanto mais tempo será capaz de estar em bicos de pés.

– Por favor – consegue sussurrar.

Martin dá à manivela e o laço cerra-se com força em torno do pescoço de Pamela, queimando-lhe a pele. As vértebras das costas estalam e, antes de o oxigénio lhe faltar, ainda tem tempo de se aperceber da sensação contranatura de ser erguida pela cabeça.

Ouvem-se as sirenes de pelo menos quatro veículos de emergência.

Não lhe é de todo possível elevar-se com as mãos. O gancho do teto move-se e caem mais velas ao chão. Um vendaval ressoa-lhe nos ouvidos. No seu campo de visão cada vez mais reduzido, Pamela vê Martin correr para o *hall*, abrir a porta e desaparecer.

Traços brancos de chuva entram pela janela do carro. Alice adormeceu na cadeira de bebé. Pamela não consegue largar os seus dedos pequeninos.

Está semiconsciente quando os polícias se precipitam para dentro do apartamento. Tentam descê-la, mas o guincho está trancado. Um deles pega no machete que está em cima da bancada, pressiona o cabo de aço contra a parede com uma mão e corta-o. Pamela cai no chão, o cabo solto assobia ao

correr pelo gancho e despenha-se ruidosamente ao lado dela. Os agentes alargam o laço e ajudam-na a tirá-lo pela cabeça. Ela rola para o lado, apalpa a garganta, tosse e cospe saliva com sangue para o chão.

Na autoestrada, depois de Enköping, Joona conseguiu manter uma velocidade de 190 quilómetros por hora. Buzina demoradamente para avisar os carros da faixa da esquerda.

Pamela continua a não atender o telemóvel.

Como não recebeu nenhuma atualização, só espera que a Polícia não tenha chegado tarde de mais.

Edifícios altos e postes de eletricidade aparecem e desaparecem em rápida sucessão. Chegará a Estocolomo dentro de dez minutos.

Joona estava de pé a conversar com Anita na cozinha dela, quando recebeu a mensagem de Johan Jönson. Sentou-se à mesa outra vez, protegeu o ecrã do telemóvel da luz e iniciou a reprodução do vídeo da câmara de vigilância.

Um homem com calças claras e camisa branca estava no cais deserto. Quando olha nervosamente por cima do ombro, vê-se-lhe nitidamente o rosto.

Era Martin.

Johan Jönson tinha encontrado o vídeo da tentativa de homicídio.

Martin caminhou lentamente até à beira da plataforma, espreitou para o túnel e depois olhou para a frente. Os carris cintilaram. Ao fundo do túnel, vislumbrava-se a luz de um comboio a aproximar-se. Tudo parecia estremecer.

Martin permaneceu imóvel e depois estendeu os braços para os lados como Jesus na cruz. Uma luz brilhante iluminou-lhe o rosto. Ele desequilibrou-se um pouco, mas não baixou os braços. De repente, saltou para os carris, amparou a queda com as mãos, levantou-se com dificuldade e olhou em volta confuso.

O brilho trémulo das luzes envolveu-o. Ele pareceu entrar em pânico, dirigiu-se aos tropeções para a margem elevada do cais e escorregou, mas depois conseguiu subir para a plataforma imediatamente antes de o comboio passar por ele a grande velocidade.

Joona telefonou para a central de comunicações enquanto saía da cozinha e corria para o carro.

Durante toda a viagem desde Säter, esteve em contacto com os colegas, tendo ficado a saber que a operação em casa de Pamela ainda está em curso e que estão a demorar a receber atualizações.

Martin e Caesar são a mesma pessoa. É esta a resposta ao enigma.

Agora, Joona tem de encontrar Mia antes que seja demasiado tarde.

Ele concentra-se, percorre na sua memória o que leu em *O Homem-Espelho* e recorda os pesadelos em que Caesar se via fechado numa jaula apertada.

Há uma ligação bizarra com as martas, contudo, as tentativas para encontrar quintas de martas, peleiros, propriedades ou terrenos que pertençam a Martin ou a alguém chamado Caesar não deram quaisquer resultados. Uma equipa da Polícia Operacional alargou as buscas à Dinamarca, Noruega e Finlândia.

Joona tem de abrandar um pouco para virar na saída para Estocolmo, conduz pela faixa dos autocarros, passa por cima da raia oblíqua e entra na E-4.

A luz da tarde estende-se sobre as copas ondulantes das árvores do Hagaparken. Joona ultrapassa um *transfer* do aeroporto que segue na faixa da esquerda, carrega no acelerador, põe-se à frente dele, tenta novamente telefonar a Pamela, ouve dois sinais de chamada e depois um estalido.

– Pamela – atende ela, com a voz rouca.

– Está em casa?

– Estou à espera de uma ambulância. Aqui está tudo cheio de agentes da Polícia.

– O que aconteceu?

– O Martin veio cá, agrediu-me, tentou enforcar-me e...

– Ele está detido?

Pamela tosse e parece ter dificuldade em respirar. Ouvem-se vozes e sirenes ao fundo.

– Ele desapareceu – responde, quase sem ar.

– Não sei se percebeu que ele vive uma espécie de vida dupla como Caesar – diz Joona.

– Não consigo compreender, é tão surreal, ele tentou matar-me, enforcou-me e...

Ela interrompe-se e tosse outra vez.

– Tem de ir para o hospital, pode estar seriamente ferida – afirma Joona.

– Eu sobrevivo, eles baixaram-me a tempo.

– Só mais uma coisa antes de desligar – diz Joona, virando para Estocolmo. – Sabe onde é que podemos encontrar o Martin? Onde é que ele poderá ter a Mia presa?

– Não faço ideia, não compreendo – responde ela, tossindo de novo. – Mas a família é de Hedemora, e às vezes ele vai lá visitar a sepultura familiar...

Joona pensa que Caesar foi a pé até casa do doutor Scheel, depois do seu segundo trauma. Hedemora fica a apenas vinte quilómetros de Säter.

Ele gira o volante para a direita, atravessa a faixa de rodagem e sai da autoestrada imediatamente antes do início dos *rails*. Ouve-se um estrondo na suspensão quando conduz por cima da relva. O porta-luvas abre-se e a pistola cai ao chão. Atrás do carro, o piso deita fumo. Gravelha e pedras crepitam contra o chassis antes de ele subir sonoramente a saída para Frösunda.



– O que se passa? – pergunta ela.

– O Martin ou a família dele ainda têm alguma propriedade em Hedemora? – interroga Joona.

– Não... quer dizer, acho que não, mas já percebi que não sei nada sobre ele.

No viaduto, um caminhão aproxima-se pela esquerda.

Joona acelera rampa acima, vê o semáforo ficar vermelho, atravessa obliquamente a faixa contrária e ouve a buzina estridente do caminhão. O lado direito do para-choques raspa no *rail*. O caminhão buzina incessantemente.

O comissário aumenta a velocidade ao passar a ponte e descer a rampa curva, vai parar atrás de um reboque de transporte de cavalos e ultrapassa-o pela berma, com duas rodas sobre a erva seca. Sai para a autoestrada e dirige-se novamente para norte.

No ruído de fundo da chamada, Joona deixa de ouvir a sirene de uma ambulância.

– O Martin alguma vez falou de uma quinta de martas?

– Uma quinta de martas? Ele tem uma quinta de martas em Hedemora? – pergunta ela.

Joona ouve vozes à volta de Pamela perguntarem-lhe como se sente e se tem dificuldade em respirar. Quando lhe pedem que se deite, a chamada cai.

Uma luz azul pisca nas paredes escuras de tijolo e afasta-se rapidamente sobre o asfalto. Depois, varre as fachadas do lado oposto da Karlavägen e reflete-se na janela do restaurante.

– Tenho de fazer uma coisa – murmura Pamela ao paramédico, e começa a caminhar na direção da sua garagem.

A rua está apinhada de carros da Polícia e de agentes a comunicar pelo rádio. No lado de fora das barreiras, juntaram-se curiosos que filmam a operação com os telemóveis.

– Pamela, Pamela!

Ao virar-se para trás, a garganta dói-lhe tanto que ela solta um gemido. A Polícia deixou Dennis passar, e ele vem a correr pelo passeio na sua direção.

– O que aconteceu? – pergunta, ofegante. – Eu telefonei-te e...

– É o Martin – diz ela, e depois tosse. – O Martin é o Caesar...

– Não estou a entender, Pamela.

– Ele tentou matar-me – explica.

– O Martin?

Dennis olha para o sulco profundo que o cabo lhe deixou no pescoço. O rosto dele assume uma expressão confusa e desesperada. O queixo treme-lhe e os olhos ficam marejados de lágrimas.

– Onde tens o carro? – pergunta ela.

– Preciso de falar contigo.

– Não sou capaz – declara, e começa a andar. – Dói-me a garganta e o pescoço e tenho de ir de carro até...

– Ouve-me – atalha ele, agarrando-a pelo braço com força. – Não sei como to dizer, mas parece que a Alice está viva e que é uma das prisioneiras de Caesar.

– O que é que estás a querer dizer? – pergunta ela, parando imediatamente. – Estás a falar da minha Alice?

– Ela está viva – diz ele, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

– Eu... não estou a perceber.

– A Polícia encontrou outra vítima e ela tinha uma carta consigo.

– Como assim? Da Alice?

– Não, mas menciona o nome da Alice, diz que é uma das prisioneiras.

O rosto de Pamela fica completamente branco e ela titubeia.

– Tens a certeza disso? – sussurra.

– Tenho a certeza em relação à carta e sobre ser a tua Alice a rapariga a que se refere.

– Deus do céu, Deus do céu...

Dennis abraça-a e tenta acalmá-la. O choro faz com que todo o corpo de Pamela estremeça e ela não consiga respirar.

– Eu acompanho-te ao hospital e...

– Não – grita ela, e depois tosse.

– Só estou a tentar...

– Desculpa, eu sei, eu sei, só que é demasiado neste momento... Preciso que me emprestes o teu carro, eu...

– Pamela, tu tens a garganta ferida.

– Não quero saber – afirma Pamela, limpando as lágrimas da cara. – Diz-me o que estava escrito na carta. Diz onde é que ela está? Eu tenho de saber.

Dennis tenta explicar que, há meia hora, foi chamado para dar apoio ao irmão mais novo de uma das vítimas de Caesar quando fosse fazer o reconhecimento dos restos mortais da irmã encontrados ao lado de uma autoestrada. Uma médica chamada Chaya Aboulela conduziu-os a uma pequena sala com um cheiro intenso a flores. O corpo estava em tão mau estado que fora coberto, mas o irmão pôde ver-lhe uma das mãos e o saco

de plástico transparente que continha o que restava das suas roupas. Ele chorou ao ver que a roupa estava coberta de manchas de sangue castanhas, rasgou o plástico, tirou uma perna das calças e virou-a do avesso.

– É ela – confirmou o irmão, mostrando que existia um bolso escondido no interior, por cima da perna direita.

Dennis estava de pé com o braço à volta dos ombros do rapaz quando ele tirou do bolso algumas notas e um pequeno pedaço de papel.

O meu nome é Amanda Williamsson e sou prisioneira de um homem chamado Caesar e da mãe dele.

Somos várias raparigas a viver em sete pequenas casas que, na verdade, não são para pessoas. Como não nos é permitido falar umas com as outras, não sei muito sobre elas, mas partilho a jaula com uma rapariga do Senegal chamada Yacine, e na outra jaula da minha casa vivem a Sandra Rönn, de Umeå, e uma rapariga doente chamada Alice Nordström.

Se estiveres a ler isto, então suponho que já estou morta, mas por favor mostra esta carta à Polícia. Eles têm de nos encontrar.

E por favor, diz ao Vincent e à minha mãe que eu os amo e que peço desculpa por ter fugido. Só estava stressada e triste.

Alice arranhou maneira de ficar com a tarefa de lavar as jaulas, apesar de, na verdade, não ter forças para o fazer. Cada vez que atravessa o quintal para encher os baldes com água limpa, verifica se Mia já acordou.

Da última vez que passou, viu que Mia reagiu aos seus passos na gravilha, sem conseguir, todavia, abrir os olhos. Está deitada de lado, com as suas calças de ganga e o sutiã sujo vestidos, e atada a uma das pernas da banheira.

A avó deu-lhe uma picada profunda na mão, e Mia começou a chorar de medo ao cegar imediatamente antes de ter perdido a consciência. Normalmente recupera-se a visão quando se acorda.

Alice não encontrou nenhuma ferramenta aguçada para cortar a abraçadeira, mas não se esqueceu de que Mia lhe disse para procurar na sarjeta. Ainda não teve a oportunidade de levantar a grade. A avó está a lavar o carro, mas tem-na sempre debaixo de olho.

Mia tem de acordar e fugir antes que Caesar volte. Se não o fizer, ele vai matá-la durante o sono, ou esperará até ela acordar, obrigá-la-a a ficar de pé como uma cruz e, quando ela desistir, pôr-lhe-a o laço ao pescoço.

Alice pousa os baldes à frente do segundo pavilhão, tira o jugo dos ombros, encosta-o à parede, tosse e cospe sangue para o chão. Ainda está calor na rua, mas ela sente-se enregelada, pois a febre está a subir outra vez.

A avó atravessa o pátio com um aspirador na mão. O crânio de marta que tem ao pescoço bate no tubo.

Alice recompõe-se, tenta reunir novas forças, pega nos baldes, penetra na escuridão e vai até à jaula da direita.

– Sandra, chega-te para o canto – pede ela, e depois tosse para a mão. – Vou despejar a água.

Esvazia o balde com água e sabão sobre o chão da jaula. Sandra está acocorada e puxou o vestido até aos joelhos. A cabeça dela faz com que as grades do teto da jaula fiquem ligeiramente abauladas. A água espalha-se à volta dos seus pés descalços, sobe a parede atrás de si e escurece o chão de cimento. Sandra recebe a escova de Alice e esfrega o canto da jaula para tirar as fezes ressequidas.

– Como é que está o pescoço?

– Não está a melhorar.

– Vou ver se consigo encontrar qualquer coisa que possas usar como almofada.

– Obrigada.

A água turva escorre para o cano de esgoto por uma valeta. No ralo, ficaram presos cabelos e lixo.

– Agora passamos por água – declara Alice.

Despeja o outro balde no pavimento da jaula e recebe de volta a escova através da portinhola da comida.

– Estás outra vez com febre? – pergunta Sandra ao ver o rosto de Alice.

– Acho que não vou aguentar muito mais – responde com a voz abafada.

– Não digas isso, vais ficar boa depressa.

Alice retém-lhe o olhar.

– Sabes que prometeste encontrar a minha mãe quando estiveres livre – diz ela.

– Sim – responde Sandra, com um tom sério.

Pegando nos baldes vazios, Alice sai, fecha a porta, tosse e cospe muco sangrento para o chão.

Blenda está a esquartejar e cremar Kim atrás do sétimo pavilhão. O cheiro adocicado que emana das partes do corpo carbonizadas é nauseabundo. O fumo invade toda a propriedade e o sol da tarde parece uma moeda de aço através da neblina densa.

Levando o jugo numa mão, Alice começa a andar em direção ao sexto pavilhão e vê Mia levantar finalmente um pouco a cabeça do chão e olhar para ela com os olhos semicerrados.

Não há sinal da avó no quintal. Talvez esteja dentro do atrelado.

Alice começa a encher o primeiro balde, agarra a grade enferrujada da sarjeta com as duas mãos, levanta-a e pousa-a ao lado no chão.

Trazendo um bidão de lixívia, a avó sai da neblina que se concentrou na orla da floresta atrás do camião.

A rapariga começa a encher o segundo balde e vê a avó subir para o atrelado. Debruça-se para a frente, mergulha a mão na água fresca da sarjeta, deita-se de barriga e estica o braço. Com as pontas dos dedos, percebe que o cano se curva num ângulo inclinado. Vai apalpando cuidadosamente a superfície em declive, toca numa espécie de faixas de tecido molhadas e depois num objeto metálico. Alice tira o pedaço de chapa, atira-o para dentro de um dos baldes, coloca a grade no lugar, levanta-se e olha rapidamente para o camião.

A avó ainda está no interior.

No balde está um fragmento oblongo de metal que foi afiado até se transformar numa faca. O tecido que foi enrolado em torno do cabo soltou-se quase por completo. Alice agacha-se, prende os baldes ao jugo, estica as pernas e dirige-se para a banheira.

Mia ergue a cabeça e olha para Alice com os olhos raiados de sangue.

– Fica quieta enquanto eu falo – diz Alice, olhando novamente para o camião. – Achas que te consegues levantar e correr?

– Talvez – murmura Mia.

Alice pousa os baldes e tenta conter a tosse.

– Tens de ter a certeza... A avó vai mandar o cão atrás de ti quando perceber que não estás aqui.

– Dá-me mais dez minutos.

– Estou quase a acabar de lavar as jaulas e não sei se vou ter mais oportunidades – responde Alice.

– Cinco minutos...

– Se parares, morres. Compreendes? Vamos fazer assim: eu deixo a faca contigo, esconde-a debaixo da banheira até começares a correr... Foge ao longo da parede e, se vier um carro, deita-te na vala, mas não entres na floresta porque há armadilhas por todo o lado.

– Obrigada – agradece Mia.

– Lembras-te do meu nome?

– Alice – diz Mia, e tenta humedecer os lábios.

Alice tira rapidamente a faca do balde, põe-na na mão livre de Mia, levanta-se e começa a andar em direção ao primeiro pavilhão.

Caesar matá-las-á a todas quando descobrir que Mia fugiu. Depois da tentativa de fuga de Jenny Lind, a violência dele ficou descontrolada. Agora é como se só estivesse à espera de uma desculpa para exterminar toda a quinta.

Ela pousa mais uma vez os baldes, tira o pesado jugo dos ombros, encosta-o à parede, abre a porta e vira-se para trás para olhar para o pátio. Por entre o fumo, vê Mia levantar-se com movimentos trêpegos, deixar cair a faca, apoiar-se na banheira e começar a andar.

Alice entra no pavilhão com os baldes e abre as jaulas.

– Vão para casa, sigam a estrada, e cuidado com a floresta – diz ela.

– De que estás a falar? – pergunta Rosanna.

– O Caesar vai matar todas as que ficarem para trás.

– Não estamos a perceber.

– A Mia vai fugir agora, eu vou abrir as outras jaulas, despachem-se...

Decide ir buscar a faca que ficou ao pé da banheira, matar a avó, soltar as outras raparigas e depois entrar na casa para se deitar numa cama. Olha para a porta, vê a luz da tarde tremeluzir pela fresta e ouve as mulheres



moverem-se nas jaulas atrás de si. As dobradiças da porta cham. Fecha os seus olhos cansados e imagina que está a ouvir a música que sai dos auriculares de outra pessoa numa carruagem ruidosa do metro.

Vozes agitadas e o ladrar do cão.

Alice abre os olhos e vê que a luz lá fora adquiriu uma cor avermelhada e baça. Percebe que a febre a está a fazer delirar e que está prestes a perder os sentidos. Uma sombra passa pela porta. Ela cai para o lado, bate com o ombro numa jaula, mas consegue manter o equilíbrio. O espaço escuro gira à sua volta.

Duas das quatro mulheres saíram das jaulas. «Têm de se apressar», pensa Alice, começando a caminhar para a porta. Sente que avança a flutuar e que o ranger da gravilha sob os sapatos é ensurdecador. Vê a sua mão erguer-se como se estivesse presa a um fio. Os dedos alcançam a porta e ela empurra-a. Não consegue deixar de o fazer, embora esteja a ver a avó pela fresta.

A porta abre-se. As mulheres atrás dela gritam de medo. A avó está apoiada na bengala e segura um machado na outra mão.

Envolvida pelo fumo do crematório, Mia está de pé no pátio, com os braços abertos como Cristo.

\*

Uma hora depois, já está completamente escuro, à exceção das luzes do camião com o motor ligado. Os faróis dianteiros iluminam a floresta e as luzes traseiras do atrelado pintam a casa de vermelho.

Ao lado de Mia, Alice tenta manter o equilíbrio com os braços esticados para os lados. A alguns passos de distância, encontram-se as duas mulheres que saíram das jaulas no primeiro pavilhão. Rosanna foi violentamente

mordida pelo cão nas coxas e nos joelhos e parece estar com dores fortes. Sangra abundantemente e já vacilou algumas vezes.

A avó fixou a ponta afiada na bengala e, com a outra mão, segura o machado. Olha para elas com um misto de expectativa e raiva.

– Nós mimamo-vos e depois vocês tentam fugir, mas nós encontramos todas as ovelhas tresmalhadas, nunca desistimos porque vocês têm muito valor para nós...

Alice tosse e tenta cuspir, no entanto, está tão fraca que a maior parte do sangue vai parar-lhe ao queixo e ao peito.

– É Deus que te está a chamar – declara a avó, pondo-se diante dela.

Alice cambaleia e ergue um pouco mais os braços. A avó observa-a durante um longo instante e depois aproxima-se de Rosanna.

– Precisas de descansar?

– Não – responde ela a chorar.

– Ficar cansado é humano.

O cão descreve um círculo em torno delas. O machado balança junto à coxa da avó. Ela põe a cabeça de lado e sorri ligeiramente.

Alice recorda a única vez que esteve no quarto grande do andar de cima. Ao lado da cama de casal, havia um berço repleto de ossos brancos, milhares de pequenos crânios de animais. Em cima de todos eles, estavam dois crânios de criança.

O sétimo pavilhão continua a fumegar. O fumo parece desenhar grandes caveiras moles na escuridão.

Despertando por sentir as mãos quentes, Alice apressa-se a levantar os braços de novo. A avó não reparou. O coração martela-lhe no peito e uma adrenalina gélida entra-lhe na corrente sanguínea. Tem de encontrar uma forma de se conter assim que começar a resvalar para os delírios provocados pela febre.

A perna ferida de Rosanna cede e ela cai de joelhos sem baixar os braços. A avó põe o machado ao ombro e fita-a.

– Eu ponho-me de pé, eu levanto-me – implora Rosanna.

– Onde está a cruz? Não estou a ver a cruz.

– Espera, eu...

O machado crava-se-lhe na testa e quase corta a cabeça em dois. Alice fecha os olhos, sente-se extremamente leve, eleva-se do chão e flutua para longe com o fumo, sobre o topo das árvores.

Erik acorda com dor de cabeça no chão do seu consultório e, por baixo das costas, sente como que o calor de uma rocha aquecida pelo sol.

Olha para a luz do teto e tenta lembrar-se do que aconteceu.

Martin veio ter com ele com a intenção de ser hipnotizado uma última vez antes de ele e Pamela ficarem isolados numa residência protegida.

Erik fecha os olhos por uns segundos.

Martin estava em hipnose profunda, mas levantou-se do divã com os olhos arregalados, pegou no cinzeiro de bronze e golpeou-o várias vezes na cabeça. Erik foi contra a secretária e arrastou consigo uma pilha de manuscritos ao perder os sentidos e cair.

Agora tudo está silencioso. O sol da tarde brilha através das cortinas. O telemóvel está em cima da secretária: é provável que o gravador ainda esteja ligado.

Erik decide telefonar a Joonas e depois ir à casa de banho para examinar a cabeça. Ao tentar sentar-se, sente uma dor no ombro direito e não consegue erguer o tronco um único centímetro do chão. A dor fá-lo gemer alto. Fecha os olhos e permanece totalmente imóvel. Depois abre-os outra vez e tenta levantar a cabeça com cuidado. A adaga espanhola que usa como corta-papéis trespassou-lhe o ombro e cravou-se no chão de carvalho. O calor que sente sob as costas vem do sangue que corre da ferida.

Tem de respirar mais devagar. Se permanecer completamente imóvel, talvez consiga retardar o choque circulatório. Tenta relaxar o corpo enquanto relembra o que se passou.

Na forma de uma sugestão intra-hipnótica, Erik levou a cabo um funeral para os dois irmãos de Martin para que este sentisse que já não tinham qualquer poder sobre si. Foi um erro grave, pois os irmãos não impediam

apenas que Martin se recordasse e falasse: guardavam também uma passagem que dava acesso a um lado seu totalmente diferente.

Ao passar à segunda parte da hipnose, Erik abriu inadvertidamente uma porta que estava fechada havia muitos anos. Contou calmamente até zero enquanto conduzia Martin à memória do Observatório de Lunden.

– Agora entras na escuridão – disse Erik tranquilamente. – Ouve a chuva bater contra o guarda-chuva e aproxima-te do parque... Dois, um, zero...

– Sim – sussurrou ele.

– Para ao lado da casa de brincar.

– Sim.

– O tempo abrandava, um *flash* disparava, a luz espalha-se lentamente na noite, incide na estrutura para trepar e detém-se ao atingir a intensidade máxima... e agora vêes o César.

– Há uma série de camadas de vidro, mas no meio dos reflexos vejo um homem com uma cartola gasta...

– Reconhece-lo?

– O homem está a gravar uma cara numa batata grande, com uma faca de descascar, e... os seus lábios húmidos estão a mexer-se, mas acho que é o rosto esculpido que está a falar...

– O que está a dizer?

– Que eu sou Gedeão e David, Esaú e o Rei Salomão... E eu sei que é verdade, e vejo o meu próprio rosto em criança... está a sorrir e a acenar.

– Mas o que vêes à luz do *flash*?

– A Jenny.

– Estás a ver a Jenny no parque?

– Ela está a espremer, deixa cair um sapato e começa a balançar... O laço fica mais apertado e o sangue começa a escorrer-lhe do pescoço para os seios, ela tenta agarrar o cabo com as mãos...

- Quem é que está a tirar fotografias?
- A mãe... que vê os filhos brincar...
- A mãe está sozinha no parque com a Jenny?
- Não.
- Quem é que está com elas?
- Um homem.
- Onde?
- Dentro da casa... está a espreitar pela janela.

Os pelos dos braços de Erik arrepiaram-se quando percebeu que Martin estava a ver o seu próprio rosto refletido na janela à luz do *flash*.

- Como é que o homem se chama?
- O nosso nome é Caesar – respondeu ele calmamente.

O coração de Erik começou a bater depressa e com força. Isto foi, sem dúvida, a coisa mais estranha que alguma vez presenciou como hipnotizador.

- Dizes chamar-te Caesar, mas então quem é o Martin?
- Um reflexo no espelho – murmurou ele.

A perturbação de identidade dissociativa encontra-se no DSM-IV-TR, o manual mais utilizado no mundo na área da Psiquiatria. No entanto, muitos especialistas rejeitam este diagnóstico. Erik não acredita de todo na existência de personalidades múltiplas, mas naquele momento não considerou pôr em causa o facto de Caesar ser um indivíduo independente.

- Fala-me sobre ti, Caesar – pediu Erik.

– O meu pai era um patriarca... era proprietário de uma transportadora e de uma quinta de martas, onde eu cresci. Foi através das peles de marta que Deus o recompensou e o tornou rico... Deus escolheu-o e prometeu-lhe doze filhos.

- Doze filhos?
- A minha mãe não pôde ter mais filhos depois de mim...

– Mas tiveste dois irmãos, não tiveste?

– Sim, porque... uma noite, o meu pai chegou a casa com uma mulher que tinha encontrado na estrada e disse-me que ia ter mais filhos com dela. Nos primeiros tempos, a Silpa gritava muito na cave, mas quando o meu meio-irmão Jockum chegou, ela mudou-se para o andar de cima... e quando o pequeno Martin nasceu, ela exigiu que a minha mãe cedesse o lugar dela no quarto.

Ele abriu a boca como se não conseguisse respirar e o ventre contraiu-se.

– Ouve a minha voz... Respiras devagar, relaxas o corpo todo – disse Erik, pousando a mão no ombro de Martin. – Conta-me o que aconteceu à tua mãe.

– A minha mãe? Ela provocou a ira do meu pai... Foi obrigada a estar onze horas de pé no quintal como Cristo na cruz... depois mudou-se para a cave.

– Ficavas com ela na cave?

– Eu sou o primogénito – afirmou ele de forma quase impercetível. – Mas, uma noite, a minha mãe foi sorrateiramente até ao andar de cima e acordou-me para...

A boca de Martin continuou a formar palavras e frases, mas já nada era audível. As mãos fechavam-se e abriam-se e o queixo começou a tremer.

– Não estou a ouvir.

– Estavam todos mortos – sussurrou ele.

– Volta à mesma situação, quando a tua mãe te acordou.

– Ela disse-me para eu a acompanhar até ao quintal, ligar o camião e esperar que ela voltasse.

– Quantos anos tinhas?

– Sete e meio... Tinha começado a praticar a condução no pátio... Tinha de me pôr de pé para chegar aos pedais, a minha mãe disse que era uma

brincadeira, que ia ver-me brincar... e eu vi-a encostar um escadote à casa, acenar-me, subir com a mangueira e enfiá-la pela fresta da janela de ventilação do quarto.

– Quem é que estava lá dentro? – perguntou Erik, percebendo que as costas estavam molhadas de suor.

– Todos... o meu pai, a Silpa e os meus irmãos – respondeu, com um sorriso lânguido. – A minha mãe pôs-me à frente da televisão no andar de baixo e pôs uma cassete de vídeo a dar, enquanto arrastava os corpos para a rua... Quando acabou, entrou na sala e disse-me que estava tudo bem.

– Em que sentido é que estava tudo bem?

– Porque era eu quem ia ter doze filhos, não o meu pai... E eu olhei para o meu próprio rosto refletido no ecrã da televisão e vi que estava contente.

Erik tomara como certo que Martin havia criado Caesar numa tentativa de transferir o homicídio e os sentimentos de culpa para outra pessoa, mas naquele momento compreendeu que era Caesar quem tinha Martin dentro de si.

– Tu tinhas sete anos e meio. O que pensaste quando ela disse que ias ter doze filhos?

– Ela mostrou-me a imagem no interior das martas e disse que aquela era a minha marca, que me representava a mim na minha veste de crisma... com mangas largas e capuz pontiagudo.

– Não compreendo bem.

– Era eu – sussurrou ele. – Deus criou um paraíso para os seus filhos... e as mães estão a vê-los brincar.

Erik assegurou-se de que Martin permanecia no mesmo nível de hipnose profunda e guiou-o cautelosamente pelo passado.

Caesar relatou a sua rígida educação cristã, a trabalhar e estudar na quinta. Certas partes eram quase inaudíveis, como quando descreveu as rações à base de derivados de peixe e subprodutos do matadouro.



– Quando o velho motorista se foi embora, foi substituído por uma mulher nova chamada Maria. Eu mantinha-me sempre à distância quando ela vinha, mas a minha mãe viu os olhares que eu lhe lançava... E um dia ela convidou a Maria para tomar café e comer biscoitos de gengibre. Ela adormeceu no sofá, a minha mãe despiu-a e disse-me que a Maria me ia dar muitos filhos... Fechámo-la na cave e eu deitava-me com ela todas as noites, se ela não estivesse a sangrar... No verão seguinte, ela já estava com um pouco de barriga e pôde mudar-se para cima.

O sorriso dele desapareceu e a saliva começou a escorrer-lhe da boca descaída para o queixo. Com uma voz distante e arrastada, contou o que havia acontecido a seguir. Erik não conseguiu entender tudo, mas tentou juntar as palavras o melhor possível.

Ficou claro que Maria começara a pedir-lhe que a libertasse para bem da criança. Porém, ao perceber que isso não iria acontecer, enforcou-se no quarto. Caesar ficou completamente transtornado e desequilibrado.

– Eu era como uma erva arrancada e atirada ao rio – murmurou.

Erik compreendeu que Caesar deixou a quinta e caminhou pela estrada numa espécie de fuga dissociativa. Não se lembrava de nada até o doutor Scheel ter falado com uma pessoa dentro dele que Caesar não conhecia. Essa pessoa chamava-se Martin, tal como o seu irmão mais novo, e não tinha consciência de nada do que se passara antes do Paviljong de Säter.

– Fui obrigado a partilhar o corpo com ele – declarou, num tom arrastado. – Às vezes... às vezes, não consigo controlar quando sou puxado para o interior e enclausurado.

– É essa a sensação que tens?

– O campo de visão retrai-se e...

Murmurou incoerentemente qualquer coisa sobre espelhos colocados frente a frente, um buraco de verme sem fim e ondulado que desaparece como o fole de um acordeão. Depois calou-se e deixou de responder às

questões durante um longo momento. Precisamente quando Erik se preparava para o retirar da hipnose, ele começou a relatar o que fazia enquanto Martin construía uma vida em Estocolmo.

Caesar regressara à quinta e, na companhia da mãe, começou a dar voltas de camião para capturar jovens mulheres. Descreveu a sua aparência, de que forma amava cada uma delas e como perderam a vida.

Erik ficou com a impressão de que Martin vivia uma vida dupla sem o saber. Viajava muito em trabalho e, provavelmente, voltava para a mãe sempre que possível. Com o passar dos anos, Caesar começara a perseguir mulheres através das redes sociais. Mapeava as suas vidas, aproximava-se delas o máximo que conseguia e fotografava-as.

Embora o que ele disse não tenha sido muito perceptível, parece que, gradualmente, passou a ser a mãe a raptar as mulheres, levando-as depois para a quinta e drogando-as antes de serem violadas.

– O Martin não sabe o que tu fazes?

– Ele não sabe de nada, é cego... Nem sequer percebeu quando eu levei a Alice.

– A Alice?

– O Martin não podia fazer nada... e quando o camião se afastou, foi direito a um ramo de abeto que estava a assinalar um buraco e quebrou o gelo fino com os pés para morrer.

Erik fixa o teto e é invadido por uma forte angústia ao pensar que Pamela acredita que Alice se afogou naquele dia. Tenta alcançar a faca cravada no ombro, mas é impossível. Já não sente os dedos e não consegue mexer a mão direita. Tem a respiração acelerada e percebe que se vai esvair em sangue.

Tentou fazer com que ele continuasse a falar, mas notou que estava a começar a sair da hipnose.

– Caesar, tu estás profundamente relaxado... Ouves a minha voz, os outros sons só fazem com que fiques mais concentrado naquilo que eu digo... Em breve, vou dirigir-me de novo ao Martin. Quando eu tiver contado até zero, vou estar a falar com o Martin... Mas, antes disso, quero que me digas onde é que tens as mulheres presas.

– Isso não interessa, elas têm de morrer... Não vai restar nada, não ficará pedra sobre pedra, não...

O rosto de Caesar começou a contrair-se, os olhos abriram-se, ele ficou a olhar fixamente para o vazio e a boca parecia estar à procura de palavras.

– Mergulhas mais fundo, ficas cada vez mais relaxado, respiras mais devagar... – prosseguiu Erik. – Nada daquilo de que falámos é perigoso ou assustador, vai ficar tudo bem quando disseres onde estão as mulheres...

Martin ainda se encontrava num transe hipnótico quando se levantou do divã, cobriu uma orelha com a mão, derrubou sem querer o candeeiro de pé, pegou no cinzeiro de bronze e golpeou Erik na cabeça.

Com o suor a escorrer-lhe pelas faces, Erik começa a sentir tanto frio que está a tremer. O coração acelera. Fecha os olhos e ouve alguém no jardim em frente ao consultório. Tenta gritar por ajuda, porém a voz não passa de um sopro por entre a respiração acelerada.

O carro range quando Joona ultrapassa um caminhão carregado de madeira na estrada 70. Durante a viagem para norte, fez diferentes pesquisas sobre a criação de animais para extração de peles e quintas de martas na região de Hedemora, mas não obteve resultados.

Já passou Avesta quando encontra, num antigo fórum de discussão, uma referência a uma quinta de martas não registada chamada Dormen, que vende peles Blackglama a preços baixos. Quando faz uma pesquisa pelo nome Dormen, descobre uma quinta desativada no meio da floresta, muito perto da mina de Garpenberg, a não mais de dez quilómetros de Hedemora.

Tem de ser esta.

Joona mantém uma velocidade de 160 quilómetros por hora, vê uma fábrica de cimento passar do lado direito e telefona a Roger Emersson, chefe de operações da Força Nacional de Intervenção.

– Preciso que autorizes imediatamente uma operação.

– Da última vez, o meu melhor amigo ficou com a cabeça desfeita por um tiro – responde Roger.

– Eu sei, lamento muito e espero que...

– Era o trabalho dele – atalha Roger.

– Eu sei que estás a par da nossa investigação e estou convencido de ter localizado o Caesar – declara Joona, pensando que tudo isto está a demorar demasiado tempo.

– OK – diz Roger.

– Julgo que ele se encontra numa antiga quinta de martas nas proximidades da mina de Garpenberg, nos arredores de Hedemora.

– Entendido.

– Estou agora a caminho de lá. Há o risco de a situação escalar para uma tomada generalizada de reféns.

– Não consegues tratar disso?

– Roger, esta não é a altura certa para conflitos, preciso de saber que compreendes que esta é uma situação urgente.

– Tem calma, Joona, nós vamos, nós vamos...

Joona sai da autoestrada perto de Hedemora e conduz velozmente na escuridão, entre vastos campos com máquinas de rega sombrias.

Tenta abrandar ao virar para a saída à direita, no entanto, ainda vai tão depressa que o pneu desliza no asfalto. A vegetação seca da berma roça num dos lados do carro. Acelera novamente na estrada reta, atravessa uma ponte estreita sobre o Dalälven e vê fugazmente as águas que brilham com uma negrura sobrenatural. O carro passa ruidosamente por cima da ponte, o telemóvel toca e ele atende ao mesmo tempo que as luzes de Vikbyn desfilam pelas janelas do carro.

– Olá Joona, daqui é o Benjamin Bark, o filho do Erik...

– Benjamin?

– O meu pai está ferido... Estou com ele na ambulância. Não é grave, ele safa-se... mas pediu-me que lhe telefonasse para lhe contar que o Caesar e o Martin são a mesma pessoa...

– O que aconteceu?

– Encontrei o meu pai no consultório com uma faca no ombro, não percebo bem, mas ele diz que o tal homem está a caminho da sua quinta de martas para destruir tudo e desaparecer...

– Estou quase a chegar lá.

– Há armadilhas por todo o lado na floresta, é suposto eu avisá-lo disso.

– Obrigado.

– Ele estava extremamente desorientado, mas imediatamente antes de lhe terem colocado uma máscara de oxigénio, disse qualquer coisa sobre o Caesar ter raptado uma rapariga chamada Alice.

– O Nålen acabou de me dizer o mesmo.

Joona vira à esquerda depois de Finnhyttan e segue pela estreita estrada florestal. Um lago negro reluz entre as árvores.

Os faróis do automóvel precipitam-se em frente, iluminando os troncos cor de aço. Uma corça detém-se um segundo na berma e depois desaparece novamente na escuridão. Joona pensa em como Martin pode muito bem ter tido alta e depois ter voltado a ser internado na Unidade 4 sem Pamela o saber. É um dos direitos do paciente incluídos no sigilo médico. No entanto, ele deve ter um carro algures, numa garagem ou num parque de estacionamento.

A sua vida dupla funcionou até àquele momento, mas agora Caesar ficou subitamente desesperado. É provável que esteja convencido de que Erik e Pamela estão mortos. Sabe que a Polícia o encontrará em breve, por isso quer eliminar todos os vestígios e fugir.

Joona passa por um grande portão de aço nas traseiras da gigantesca instalação mineira da Boliden. A antiga pedreira é iluminada por holofotes presos aos postes de uma treliça. Mais ao longe, entre os troncos das árvores, cintilam edifícios industriais modernos, e depois tudo volta a ficar escuro. Faz uma curva apertada e continua a avançar pela floresta de abetos. De acordo com as imagens de satélite, a quinta encontra-se isolada no meio da floresta e consiste numa vivenda e em sete construções compridas e estreitas.

A estrada torna-se mais apertada e acidentada. Ao perceber que se está a aproximar da quinta de martas, Joona reduz a velocidade, muda para os médios, encosta à berma e para. Apanha a pistola do chão, encontra dois carregadores extra no porta-luvas, sai do carro, enfia o colete à prova de bala e começa a correr ao longo da estrada florestal. O ar quente da noite cheira a pinheiro e a musgo seco. Cada vez que o pé esquerdo de Joona toca no chão, uma picada de dor sai da ferida no flanco e propaga-se pelo corpo todo.

Um quilómetro depois, avista uma luminosidade ao longe, começa a caminhar, destrava a pistola e insere uma bala na câmara.

Aproxima-se silenciosamente. Não vê Caesar, mas um *Chrysler Valiant* usado foi deixado em frente à casa, com a porta da frente do lado direito aberta.

Um camião com semiatrelado encontra-se praticamente no meio de um pátio de gravilha, com o motor ligado. As luzes traseiras do atrelado iluminam o fumo e os gases de escape, que se espalham lentamente no ar parado como uma nuvem de sangue debaixo de água.

Se não tivesse sido avisado por Benjamin, Joona ter-se-ia certamente aproximado da quinta pela floresta, porém agora limita-se a seguir a estrada. Da escuridão emergem a casa de madeira deteriorada e, à direita, os contornos das estreitas construções destinadas a albergar as jaulas para martas. O ar enevoadado que envolve o pátio pulsa lentamente à claridade do camião.

Na escuridão, estão três mulheres de pé, completamente imóveis e com os braços abertos como se estivessem crucificadas. Estão como a figura nos crânios de marta, as marcas a frio, Martin no cais do metro e Caesar na sua cela do Fasta Paviljong.

Joona avança devagar com a pistola apontada ao chão e apercebe-se de que há uma mulher idosa atrás das que se encontram de pé. Está sentada na beira de uma velha banheira, com a bengala pousada no joelho.

Uma das mulheres vacila, mas recupera o equilíbrio. Ela ergue o rosto e o cabelo encaracolado cai-lhe das faces. É uma cópia de Pamela: deve ser Alice.

Ele aproxima-se da margem exterior do círculo de luz ténue e percebe agora que todo o corpo dela estremece, as pernas tremem-lhe e os braços estão a descer. A mulher idosa levanta-se pesadamente por trás dela e projeta o queixo para a frente.

Um cão começa a ladrar à frente da casa. Continua a não haver sinal de Caesar. A força de intervenção chegará, no mínimo, dentro de meia hora.

Alice dá um passo em frente e baixa os braços. O peito dela move-se ao ritmo da respiração ofegante. Joona levanta a pistola ao mesmo tempo que a mulher idosa larga a bengala e se aproxima de Alice por trás. Vê-se algo reluzir ao seu lado: tem um machado na mão direita.

Joona aponta ao ombro dela e desloca o dedo para o gatilho. Se for forçado a disparar, a sua presença será revelada e terá de enfrentar sozinho o que se seguir.

Alice afasta o cabelo da cara com a mão, cambaleia e vira-se para a idosa. Parecem estar a conversar. A rapariga junta as mãos diante de si num gesto suplicante. A mulher sorri, diz qualquer coisa e, de repente, dá balanço ao machado.

Ele dispara e alveja-a no ombro. O sangue que jorra do orifício de saída da bala salpica a banheira atrás dela. O machado continua a sua descida. Joona dá-lhe um tiro no cotovelo, ao mesmo tempo que uma das outras mulheres puxa Alice para o lado.

A lâmina passa-lhe junto ao rosto. A idosa deixa cair o machado, que bate contra a gravilha e desaparece na escuridão.

Os estrondos ecoam entre os edifícios. O cão ladra desesperadamente.

Alice cai sobre a anca e a mulher idosa titubeia para trás, baixando-se para pegar na bengala, enquanto o sangue brota das feridas.

Ouvem-se gritos assustados vindos das casas compridas e estreitas. Joona corre para o círculo de luz com a arma erguida e percebe que a mulher que está a ajudar Alice a levantar-se é Mia Andersson.

– Joona Linna, da Polícia Operacional – diz em voz baixa. – Onde está o Caesar? Tenho de saber onde ele se encontra.

– Ele está a carregar o camião com um monte de coisas da casa – responde Mia. – Anda para trás e para a frente e...



– Ele levou a Blenda consigo, está sentada na cabina – diz a terceira mulher, baixando os braços trémulos.

Enquanto tira as algemas, Joona mantém a pistola apontada ao camião parado em frente à casa.

– Quem é a Blenda?

– É uma de nós.

Encostada a Mia, Alice olha espantada para Joona e tosse, exausta e quase a cair. Limpa a boca e tenta dizer algo, mas não consegue proferir uma única palavra. Mia segura-a e repete que agora tudo vai ficar bem.

A mulher idosa fita estranhamente o sangue que lhe escorre pelas pontas dos dedos. A mão esquerda aperta de tal maneira o cabo da bengala que os nós dos dedos ficam esbranquiçados.

– Larga a bengala e põe as mãos para frente – ordena Joona.

– Estou ferida – murmura, erguendo lentamente os olhos para ele.

Joona olha rapidamente para a casa e para o camião, dá dois passos em frente e vê que está uma mulher morta na banheira ensanguentada.

– Estende a mão esquerda – repete ele.

– Não compreendo...

Ouve-se o grito de um homem vindo da floresta atrás do camião. Ele urra de dor e depois cala-se abruptamente.

– Cuidado – grita Mia.

Joona apercebe-se do movimento rápido pelo canto do olho, desvia-se da bengala e sente qualquer coisa pontiaguda arranhar-lhe a face.

Com a pistola, faz saltar a bengala da mão da idosa e passa-lhe uma rasteira. Ela é projetada para trás e aterra de costas, mordendo a língua ao bater com a parte de trás da cabeça na gravilha.

Joona perscruta rapidamente a área em volta com o olhar, vira a mulher de barriga para baixo com o pé, põe-lhe um joelho entre as omoplatas e prende-lhe a mão esquerda à banheira com as algemas.

Aponta novamente a arma ao caminhão e limpa o sangue da face. A nuvem iluminada do fumo do escape expande-se vagarosamente.

– A bengala está envenenada – diz Alice a tossir.

– Com que tipo de veneno? O que acontece? – pergunta ele.

– Não sei, adormece-se, mas acho que ela não teve tempo de encher a ampola...

– Nesse caso, é provável que fique cansado ou cego por uns instantes – diz Mia, pondo o braço de Alice à volta dos seus ombros.

A idosa levanta-se, mas vê-se obrigada a ficar debruçada para a frente. Da boca escorre-lhe sangue. Rosna enquanto puxa com todas as suas forças, mas não consegue mover a banheira.

– Quantas estão presas? – pergunta Joona.

– Oito – responde Mia.

– Estão todas lá dentro?

– Mãe – arqueja Alice.

No espaço entre a cabina e o atrelado veem-se duas pessoas. O rosto de Pamela capta um pouco da luz dos faróis. Joona vira depressa a arma na direção delas e compreende que Pamela se deve ter posto ao volante logo a seguir à conversa que tiveram quando ele estava a entrar em Estocolmo. Deve ter localizado a quinta de martas da mesma forma que ele.

Um ramo quebra-se sob uma bota. Os fetos negros agitam-se.

Pamela sai lentamente da orla da floresta, e agora Joona percebe que a pessoa atrás dela é Caesar. Ele cola-se às costas de Pamela e encosta-lhe uma faca ao pescoço.

Joona corre para eles com a pistola erguida. O rosto de Caesar está escondido atrás de Pamela. Quando ela tropeça, uma parte da face dele fica momentaneamente visível por entre os cabelos de Pamela.

O dedo treme contra o gatilho. Talvez consiga que uma bala lhe roce a têmpora se ela se desviar só mais um pouco.

– Polícia – grita Joona. – Larga a faca e afasta-te dela!

– Mãe, olha para mim – diz Caesar.

Ele detém-se e arrasta a lâmina da faca alguns centímetros pela garganta de Pamela, fazendo com que o sangue lhe escorra do pescoço para o decote do *top* interior. Sem reagir à dor, ela olha fixamente para a filha com os olhos muito abertos.

O gume da faca está encostado ao pescoço de Pamela. Se Caesar lhe cortar a artéria, não terão tempo de a levar para um hospital antes de morrer. Joona dá um passo em frente, tem um vislumbre do ombro de Caesar ao lado dela, volta a perdê-lo de vista, mas mantém o ângulo de tiro.

– Leva-me a mim – grita Alice, cambaleando para a frente.

Joona segura a pistola com as duas mãos, aponta para o olho esquerdo de Pamela e desloca horizontalmente a mira sobre a maçã do rosto até à

orelha.

Ouvem-se os passos de Alice na gravilha.

Pamela para e olha-o nos olhos.

Ela pressiona o pescoço contra a lâmina e Joona compreende o que pretende fazer. O sangue começa imediatamente a escorrer-lhe pela garganta.

Joona está pronto.

Pamela faz mais força contra o gume da faca, obrigando Caesar a afrouxar a mão em volta do cabo por um breve instante. É o suficiente para que, numa questão de segundos, ela consiga mover a cabeça para trás na diagonal.

Ele dispara e vê Caesar oscilar quando a bala lhe arranca a orelha. A cabeça é projetada como se tivesse sido atingida por um soco vindo da esquerda e ele cai sobre um joelho atrás da lona do atrelado.

Já não é possível vê-lo.

Joona desloca-se rapidamente para a esquerda, mas agora Pamela está à frente. Olha para filha, completamente imóvel. A boca abre-se para dizer qualquer coisa, mas nenhuma palavra sai. Caesar caiu e está deitado na escuridão atrás dela. Só se lhe vê a parte inferior de um sapato.

– Pamela, afaste-se dele – grita-lhe Joona, enquanto avança com a arma erguida.

Caesar levanta-se com uma mão a tapar o que lhe resta da orelha, olha confuso para a faca e deixa-a cair no chão.

– Pamela? – diz ele, com perturbação na voz. – Que lugar é este? Não percebo o que...

– Dispare – grita ela a Joona, dando um passo para o lado.

Joona aponta ao meio do peito dele e pressiona o gatilho, ao mesmo tempo que é atingido pela onda de choque de uma enorme detonação. O ar é sugado para fora dos pulmões e o comissário é atirado para trás no mesmo

momento em que se ouve a explosão. Os vidros de todas as janelas da casa são projetados para fora em todas as direções. As partes interiores da vivenda são expelidas para o exterior, arrastando consigo paredes e telhas. Os painéis das paredes fragmentam-se, e o travejamento do telhado desfaz-se em pedaços que são projetados para cima. Um segundo depois, segue-se a onda de choque de uma bola de fogo que se expande depressa, ao ponto de incendiar partes da casa arremessadas pelos ares.

Joona aterra de costas e vira-se de barriga para baixo. Protege a cabeça com as mãos enquanto sobre ele chovem vidros e lascas de madeira a arder.

A floresta de abetos ressequida que confina com o pátio incendeia-se. Uma pesada barra de madeira bate-lhe na nuca e tudo fica escuro. Ouve Alice gritar pela mãe, como se a sua voz viesse de outro mundo. Ele acorda e tenta levantar-se.

As ruínas da casa estão em chamas e as vigas do telhado desmoronam-se, expelindo novas faúlhas. O eco da explosão ressoa como as ondas na zona de rebentação.

Joona põe-se de pé. Estilhaços e poeira caem-lhe da roupa. A pistola desapareceu e não consegue ver Caesar em lado nenhum.

O chão está coberto de fragmentos a arder, que iluminam uma vasta área em torno das ruínas da casa.

Pamela avança tropegamente, grita por Alice e revira um destroço fumegante.

A enorme nuvem de poeira continua a abater-se sobre o pátio. Partículas incandescentes pairam no ar turvo. Não há sinal de Alice, mas Mia e a terceira mulher levantam-se do chão. Um ténis jaz ao lado de uma porta a arder.

– Viram para onde foi o Caesar? – pergunta Joona.

– Não, eu... levei com qualquer coisa na cara e desmaiei – responde Mia.

– E tu?

– Não consigo ouvir – declara a outra, confusa.

Mia está a sangrar do nariz e de uma ferida na testa. A tremer, retira uma longa lasca de madeira espetada no braço direito.

– Mia? – diz Pamela.

– O que estás aqui a fazer?

– Vim buscar-te – responde ela, cambaleando.

Com as calças encharcadas do sangue que lhe corre profusamente de uma ferida na perna, Pamela avança e vira um fragmento de parede, com um padrão dourado no papel que o reveste.

Ouve-se outra explosão menor vinda do pavilhão mais afastado. A porta abre-se e as chamas começam a lambe a empena.

– Podem tirá-las a todas das jaulas? – pergunta Joona, apanhando do chão o pedaço de um cano de água.

– Acho que sim – responde Mia, olhando para o sangue que lhe escorre pelo braço e pinga do cotovelo.

O fogo do pavilhão mais distante passou para o telhado do lado.

– Consegues? – pergunta Joona. – É que eu tenho de encontrar o Caesar.

– Consigo, consigo – afirma Mia.

A mulher idosa está sentada com as costas contra a banheira e uma expressão apática nos lábios vermelhos de sangue. Foi atingida na cara por vários estilhaços grossos. Tem os dois olhos perfurados. Sangue com coágulos cinzentos dos humores vítreos destruídos flui através da poeira que lhe cobre as faces.

Joona dirige-se rapidamente para o camião.

As ruínas da mansão colapsam, fazendo jorrar chamas e faúlhas. A onda de ar quente propaga-se na direção de Joona. Toda a orla da floresta está agora a arder, e o fumo negro sobe em espiral para o céu noturno.

Ouve-se o sopro pesado do camião antes de começar a avançar.

Uma jovem que Joona ainda não tinha visto está sentada atrás do volante.

As rotações do motor emitem um ruído estranho e as enormes rodas giram, esmagando os restos do caixilho de uma janela.

Joona corre e salta por cima de um lava-louça retorcido. As placas pesadas do colete de proteção batem-lhe contra as costelas.

– Alice! – grita Pamela, e vai a mancar atrás do camião.

O veículo esmaga um dos postes do portão e sai ruidosamente para a estrada florestal. Joona atravessa o pátio a correr, entre os destroços da casa em chamas. Os pulmões ardem-lhe por causa do fumo e a dor crescente no tronco penetra-o como uma nova facada.

– Alice! – grita Pamela com a voz quebrada.

Joona salta por cima da vala, corta caminho por entre as urtigas densas, sai para a estrada e agarra-se a um dos postes traseiros do atrelado no preciso instante em que o condutor carrega no acelerador. Ouve-se o arranhar da caixa de mudanças.

Joona deixa cair o cano de ferro, mas consegue segurar-se bem ao poste. Enquanto é arrastado pelo camião, agarra-se ao portão traseiro com a outra mão, iça-se para o atrelado e põe-se de pé na plataforma que estremece, ao lado de um antigo relógio de Mora.

Os pneus deixam um rasto de terra e pó no ar. O atrelado inclina-se e Joona segura-se a uma das barras do tejadilho para não cair. Todo o espaço de carga está ocupado por mobília. Os móveis maiores estão dispostos ao longo das laterais de modo a deixar um corredor com caixas mais pequenas, cadeiras, candeeiros e um espelho de chão com uma moldura dourada e ornamentada.

À claridade que ainda chega da casa em chamas, Joona vê Caesar ao fundo do atrelado. Está sentado numa poltrona, em cujos braços repousa os seus, e olha para o telemóvel. Tem uma das faces brilhantes de sangue. Os restos da orelha têm o aspeto de pequenos bicos. Alice está ao seu lado com fita adesiva prateada na boca. Uma abraçadeira prende-lhe o pescoço a uma barra vertical. Tem as narinas negras de fuligem e corre-lhe sangue de uma sobrancelha.



O atrelado guina e ela segura-se com as mãos para não ferir o pescoço. Quando o camião penetra sonoramente na floresta, fica escuro de repente. Joona percebe que quem conduz é a mulher que elas disseram chamar-se Blenda. Enquanto corria, tinha vislumbrado o rosto dela na cabina do condutor.

Ramos e arbustos fustigam a lona. Uma luminosidade ténue das luzes dianteiras do atrelado passa através do tecido de *nylon*.

– Chamo-me Joona Linna – declara ele. – Sou comissário da Polícia Operacional.

– Este camião é meu e tu não tens o direito de aqui estar – afirma Caesar, guardando o telemóvel no bolso.

– Uma força de intervenção está a caminho. Não tens qualquer hipótese de escapar, mas se te entregares agora, isso jogará a teu favor no processo criminal.

Joona tira a sua identificação, mostra-lha, avança, passa por cima de peles de marta atadas em molhos, desvia uma cadeira dourada e abre caminho para lá do grande espelho.

– A tua lei não é a minha – afirma Caesar, deixando a mão direita deslizar do braço da poltrona.

Alice não se atreve a tirar a fita da boca, mas tenta reter o olhar de Joona e abana a cabeça.

Joona passa por um armário de vitrina e ouve a louça tilintar ao ritmo das vibrações. Ergue novamente a identificação, para ter um pretexto para se aproximar. Caesar observa-o atentamente através dos óculos sujos de poeira.

Entre um divã guardado na vertical e a cabeceira almofadada de uma cama, há uma série de secções de ornamentos dourados em plástico a imitar estuque.

A lança de reboque que liga o atrelado à cabina range. O chão começa a estremecer.

Joona detém-se diante de uma tina com centenas de polaroides de jovens mulheres. Algumas estão a dormir nas suas camas, ao passo que outras foram fotografadas pela frincha de uma porta ou através de uma janela.

– Tu sabes bem que isto acabou – declara Joona, tentando ver o que Caesar tem escondido ao lado da poltrona.

– Isto não acabou, há planos para mim, sempre houve – responde o outro.

– Solta a Alice para nós falarmos sobre esses planos.

– Soltar a Alice? Prefiro cortar-lhe a garganta – afirma.

Joona observa o antebraço de Caesar e vê os músculos contraírem-se. A mão agarra qualquer coisa e o ombro eleva-se alguns centímetros. Assim que ele passa por cima da tina, Caesar faz uma investida com um machete. O movimento não é inesperado, mas é extremamente potente, saindo da escuridão a grande velocidade. Desvia-se bruscamente, a lâmina passa por si e vai cortar o pé fino do candeeiro alto com um breve ruído metálico. O abajur com franjas cai ao chão.

O atrelado inclina-se para o lado com um som matraqueado e Joona tropeça para trás. Respirando pelo nariz, Caesar vai atrás dele e ataca de novo. O pneu traseiro do atrelado entra na vala, a plataforma fica inclinada e os móveis chocam uns contra os outros. As varas de aço que sustentam a lona produzem um estrépito musical. Rolos de fita-cola caem de um armário e a porta volta a fechar-se. Caesar recupera o equilíbrio, segue Joona e desfere novo golpe, saltando faíscas quando o machete vai contra uma das traves do teto.

Os pneus ribombam intensamente contra o solo. Joona recua e faz tombar o armário de vitrina entre os dois. Copos e louça estilhaçam-se no

chão. Todo o atrelado é violentamente sacudido ao colidir contra uma árvore à beira da estrada. Joona tropeça para a frente e Caesar cai de costas com um baque. O tronco partido rola sobre o tejadilho e rasga a lona.

Papéis e guardanapos soltos voam para longe com o vento. Alice está a sangrar do corte que a abraçadeira lhe fez na garganta.

Joona apoia-se nas costas de uma cadeira. Uma sensação gelada espalha-se a partir do arranhão na face. Caesar levanta-se com o machete a pender de uma mão. O gume afiado estende-se ao longo da lâmina escura como uma faixa prateada.

– Ouve, eu sei da tua doença, tu podes receber ajuda – diz-lhe Joona. – Eu li o estudo de caso do Gustav Scheel, sei que o Martin está dentro de ti, sei que não queres fazer mal à Alice.

Caesar humedece os lábios com a língua, como se estivesse a tentar identificar um gosto que não lhe é familiar.

Joona começa a ter dificuldade em ver. Uma das luzes dianteiras do atrelado desapareceu, e a outra balança presa pelos fios, emitindo uma luminosidade inconstante. O interior do atrelado está agora quase completamente escuro. As copas negras dos abetos flutuam contra um céu azul-escuro.

Caesar sorri, e o seu rosto divide-se em duas caras que deslizam para longe uma da outra quando a visão de Joona fica desfocada.

– Agora vamos brincar – diz ele, desaparecendo atrás da cabeceira da cama.

Joona avança com cautela na direção do armário tombado. Pestaneja na escuridão e procura discernir movimentos. Cacos de copos e de louça rangem sob os seus sapatos.

Caesar muda de lado e ataca novamente. A lâmina passa mesmo à frente da cara de Joona e corta a almofada do divã, fazendo o estofado saltar para fora.

As partes esvoaçantes da lona ficam presas a qualquer coisa na beira da estrada e são arrancadas. Um rolo de pavimento marmoreado salta por cima do portão traseiro e vai parar à vala com uma pancada surda.

Alice tira a fita da boca, tosse e desliza para o chão até a abraçadeira em volta do pescoço ficar presa numa barra transversal. Depois, estica uma perna, alcança o telemóvel de Caesar com o pé e puxa-o para junto de si.

Joona deixou de conseguir ver Caesar entre os móveis. Ele sabe que é o veneno a fazer efeito. O frio intenso do arranhão espalhou-se por todo o rosto até às orelhas.

O atrelado guina e Joona agarra-se a uma secretária para manter o equilíbrio. Pestaneja, porém, os contornos dos objetos esbatem-se na escuridão.

De repente, Alice liga a lanterna do telemóvel e aponta-a para Caesar, que se pôs sorrateiramente ao lado de Joona.

– Cuidado – grita ela.

Caesar ataca-o com três machetes: a lâmina cortante e duas sombras. Joona inclina o corpo a tempo, de modo que a ponta do machete faz apenas um corte superficial no colete.

A pesada lâmina arranca um canto da secretária. Joona recua e Alice segue Caesar com a lanterna. Iluminando-o por trás, a luz faz com que os cabelos dele brilhem e as rugas tensas da face pareçam mais profundas. Caesar salta por cima do armário caído e desaparece atrás do grande espelho. Joona avança devagar e esfrega os olhos com o polegar e o indicador.

Um buraco na estrada faz chocalhar os móveis.

Caesar desapareceu, mas Alice aponta o telemóvel para a parte de trás do espelho. Tem uma expressão sombria e concentrada no olhar.

No vidro a vibrar, Joona vê-se a si próprio rodeado de mobília e caixotes. Dá três passos rápidos na direção do seu reflexo e, com um

pontapé, quebra o espelho e atinge Caesar no peito. Ele é projetado para trás e aterra de costas no meio de uma nuvem de estilhaços. Joona não repara que ele se cortou.

O atrelado guina violentamente para o lado, e Alice grita de dor. A luz da lanterna desloca-se pelas paredes.

Joona dá a volta à moldura do espelho e vê que Caesar já está de pé. Alice ilumina-o no preciso instante em que ele se atira a Joona e desfere um golpe com o machete. A lâmina pesada desce obliquamente. Mas em vez de se desviar, Joona avança e, com o pulso, atinge Caesar por baixo do queixo. A cabeça é arremessada para trás e os óculos voam-lhe da cara. Completando o movimento de rotação, Joona prende-lhe o braço que segura a arma, com a dobra interior do cotovelo. Desequilibram-se juntos para o lado e Joona esmurra-o na cara e no pescoço com o pulso direito, até ouvir o som do machete a cair no chão.

Ouve-se um enorme estrondo e todo o veículo abana. Subitamente, fica claro como se fosse de dia. O camião atropelou o portão de aço nas traseiras da grande mina. Os potentes holofotes presos a postes altos iluminam toda a área.

Joona pressiona Caesar para baixo, dá-lhe uma joelhada no peito, mantém o braço preso e puxa-o para cima quando Caesar cai. Ouve-se o estalo do cotovelo a partir-se. Caesar grita, aterra de bruços e Joona põe-lhe o pé entre os ombros.

Tendo apanhado o machete, Alice corta a abraçadeira que tem à volta do pescoço.

O camião avança a alta velocidade por uma larga estrada de gravilha. Atrás deles, uma nuvem de poeira levantada pelos pneus eleva-se e vê-se à luz dos holofotes.

Joona olha em frente e, embora a visão o iluda, percebe que se estão a aproximar da pedreira abandonada com paredes ingremes.

– Alice, temos de saltar – grita ele.

Como num sonho, ela passa por cima de Caesar, desequilibra-se e o seu olhar cruza-se com o de Joona. Tem o rosto húmido de suor, as faces coradas da febre e os lábios quase brancos.

A caixa de mudanças chia, Blenda vira para a direita, embate contra um camião basculante e dirige-se subitamente para o poço.

– Salta – grita Joona, pegando numas algemas.

Ele pestaneja com força, mas só consegue ver Caesar como uma sombra no chão.

Alice move-se lentamente e detém-se na parte traseira do atrelado, a contemplar a paisagem de gravilha, a estrada poeirenta e o declive do lado esquerdo. O machete oscila frouxamente na mão dela.

Ouve-se o chiar dos travões, mas estes não funcionam. O painel do radiador afunda-se e roça no chão, deitando fumo.

Joona deixa Caesar e corre para junto de Alice no preciso momento em que perde completamente a visão. Passam por cima da última vedação, que se desfaz em pedaços que aterram na poeira atrás deles. Com o motor a estrondear, o camião aproxima-se do enorme poço.

À luz dos faróis do carro, Pamela vê árvores partidas, valas desfeitas e fios de poeira suspensos no ar. O caminhão não está longe.

Dennis tinha o carro estacionado no lado de fora da barreira da Polícia na Karlavägen. Enquanto se dirigiam para norte, procurou quintas de martas nos arredores de Hedemora e lembrou-se de que, certa vez, Martin lhe contara que em criança costumava brincar numa mina.

Pamela sai de uma curva e acelera na estreita estrada florestal, passando por cima de ramos arrancados que roçam ruidosamente na parte de baixo do carro.

As imagens do que aconteceu quando ela e Dennis chegaram à quinta cruzam-lhe a mente como tremores febris.

Deixaram o carro ao lado do caminhão, foram surpreendidos por Caesar e tentaram fugir para a floresta, mas depois Dennis deteve-se, aos gritos. Pamela ajoelhou-se e estava a tentar abrir a armadilha para raposas, quando Caesar avançou para ela. Deu-lhe com uma pedra na cabeça, agarrou-a pelos cabelos, pô-la de pé e encostou-lhe uma faca ao pescoço.

Pamela sente que está a conduzir mais depressa do que a sua habilidade lhe permite. É surpreendida por uma curva apertada e derrapa na gravilha solta. Trava e tenta virar o volante, mas o carro rodopia e desliza para fora da estrada. A parte traseira embate numa árvore com estrondo e os vidros estilhaçam-se. Geme com a dor na ferida da perna.

Engata a marcha-atrás, recua até à estrada e segue em frente, carregando no acelerador.

Quando se aproxima da mina iluminada, vê que o portão foi esmagado. Pamela avança para o interior do recinto vedado e, por entre a nuvem de poeira, avista o caminhão uns cem metros mais à frente.

O cascalho grosso range sob os pneus. O caminhão vira bruscamente, chega a um talude e tomba. A atrelagem parte-se e o cabo rebenta. O atrelado solta-se e derrapa a girar. O caminhão desliza de lado no solo, choca contra uma pá carregadora estacionada, o para-brisas estilhaça-se e a chapa fica completamente amolgada.

O reboque desatrelado com a lona rasgada rola para trás na direção do poço da pedreira. O eixo destroçado bate estrepitosamente no chão.

Pamela carrega no acelerador e passa por cima dos restos tombados da última vedação. Algo fica preso no eixo das rodas dianteiras e ela perde o controlo do carro, que desliza como se estivesse sobre gelo.

Ela trava, o carro gira, bate com o para-lamas numa pilha de tapetes feitos de borracha para pneus e detém-se. Os faróis partem-se e Pamela dá uma pancada seca com a cabeça na janela lateral. Abre a porta, sai a cambalear e começa a correr atrás do atrelado, que continua a rebolar lentamente.

– Alice! – grita ela.

Os pneus do eixo duplo passam a margem do precipício e ouve-se um estrondo quando o atrelado cai sobre o chassis. O reboque desliza lentamente na direção do abismo e depois para numa posição de equilíbrio, como um sobe-e-desce. Pamela abrande e, ao aproximar-se, sente todo o corpo tremer.

No ar há um odor a gasóleo e a areia quente. Ouve-se um rangido e as rodas elevam-se ligeiramente do chão quando o atrelado oscila para a frente.

Martin levanta-se no meio do atrelado, com uma mão no cotovelo.

Quase toda a cobertura desapareceu, e a armação de aço forma uma jaula à volta dele. O grande relógio de pé tomba e despenha-se no poço. Pamela ouve-o bater na parede do precipício a meio da queda, continuar a cair e despedaçar-se contra o fundo.



– Não pode ser, não pode ser – murmura.

Sente-se prestes a desmaiar quando chega à beira e olha para baixo.

Alice e Joona não estão lá. Ela dá um passo atrás e tenta recompor-se, no entanto os pensamentos sucedem-se demasiado depressa.

O atrelado oscila de novo para a frente e o braço da direção bate no solo com um som metálico. Os farrapos de lona agitam-se suavemente com o vento.

– Pamela, o que é que aconteceu? – pergunta Martin, com uma voz assustada. – Não me lembro do que...

– Onde está a Alice? – grita ela.

– A Alice? Estás a falar da nossa Alice?

– Ela nunca foi tua.

Quando o atrelado balança para trás, um alguidar de plástico escorrega pela plataforma e passa ao lado da perna de Martin. Da margem da pedreira soltam-se lascas que caem no abismo. O chassis range sob a tensão.

Martin dá dois passos na sua direção e o atrelado readquire o equilíbrio, mas desliza subitamente cerca de meio metro para trás e ouve-se o som do metal a raspar no solo. Martin cai para a frente, ampara a queda com uma mão, levanta-se outra vez e olha para ela.

– O Caesar sou eu? – pergunta.

– Sim – responde ela, olhando-o nos olhos aterrorizados.

Martin baixa o olhar, permanece imóvel por um momento, depois vira as costas a Pamela, segura-se às ripas do teto e caminha lentamente na direção do poço.

Quando passa o centro, o atrelado começa a inclinar-se e as rodas elevam-se do chão diante de Pamela. Móveis e vidro partido deslizam pelo chão e precipitam-se no abismo. Martin para e agarra-se com firmeza quando todo o atrelado começa a escorregar sobre a margem. Pedacos de rocha soltam-se e caem ruidosamente ao longo das paredes da mina. Ouve-

se um raspar ensurdecador e, de súbito, é como se o abismo tivesse acordado ao sentir o cheiro de Caesar e o devorasse numa enorme dentada.

O atrelado desapareceu.

O silêncio parece irrealmente longo antes de a parte da frente bater com um violento estrondo num patamar rochoso a trinta metros de profundidade. O atrelado dá uma cambalhota, continua a cair na sombra e desfaz-se contra o fundo da pedreira, numa nuvem de pó.

Ao virar-se para trás, Pamela ouve o estrépito ecoar nas paredes de rocha. A tremer, passa a mão pela boca, olha para o seu carro, para a vedação destruída e para a estrada de gravilha ao longo da encosta.

Por detrás do camião tombado, veem-se dois vultos. Vêm a subir o declive ao lado da estrada. Pamela dá um passo na direção deles e afasta o cabelo do rosto.

Joona Linna caminha devagar com os olhos abertos e parece manter Alice de pé com o braço em volta da cintura dela.

Correndo para eles a coxear, Pamela não sabe se está realmente a gritar pela filha ou se isso só está acontecer na sua cabeça.

Joona e Alice detêm-se quando ela se aproxima deles.

– Alice, Alice – repete Pamela, a chorar.

Pamela segura o rosto da filha com as mãos e olha-a nos olhos. Um insondável sentimento de compaixão envolve-a como água quente.

– Mãe – diz Alice, a sorrir.

Caem juntas de joelhos na areia e abraçam-se com força. Ao longe, ouvem-se sirenes de veículos de emergência.

A lâmpada fluorescente do teto reflete-se no ecrã manchado do telemóvel, por cima do texto a vermelho onde se lê «CNN Breaking News from Sweden».

Polícias vestidos de preto, com capacetes e espingardas automáticas, encontram-se num pátio de gravilha rodeado de uma floresta de abetos. Algumas jovens mulheres sujas são conduzidas para ambulâncias e outras estão deitadas em macas. Ao fundo, vê-se fumo a sair do que resta de uma casa que se desmoronou após um incêndio.

– O pesadelo acabou – afirma o pivô. – Doze raparigas foram mantidas prisioneiras numa quinta de martas nos arredores de Hedemora, algumas delas há já cinco anos.

Sucedem-se imagens captadas por um *drone*, mostrando vários edifícios incendiados no meio da floresta, enquanto é dito que a Polícia ainda não se quer pronunciar sobre um possível suspeito.

Uma das mulheres fala com um jornalista ao mesmo tempo que é assistida pelos paramédicos.

– É só um polícia, ele encontrou-nos, veio aqui... meus Deus – declara ela, a chorar. – Só quero ir para casa, para junto dos meus pais.

Depois é levada para uma ambulância que a espera.

Lumi para o vídeo do noticiário, fecha os olhos por um momento, pega no telemóvel e telefona ao pai. Ouve os sinais de chamada, sai do ateliê da escola e vai a andar no corredor quando Joona atende com uma voz agitada.

– Lumi?

– Eu vi a notícia sobre as raparigas que...

– Ah, isso... acabou bastante bem, apesar de tudo – diz ele.

As pernas tremem-lhe tanto que Lumi para e senta-se no chão com as costas contra a parede.

– Foste tu que as salvaste, não foste? – pergunta.  
– Foi uma cooperação.  
– Desculpa eu ter sido tão estúpida, pai.  
– Mas tu tens razão – objeta ele. – Eu devia deixar a Polícia.  
– Não, não devias, eu... Sinto-me tão orgulhosa de te ter como pai. Tu salvaste aquelas mulheres que...

Ela cala-se e seca as lágrimas das faces.

– Obrigado.  
– Nem me atrevo a perguntar se te magoaste – murmura ela.  
– Tenho umas nódoas negras.  
– Diz-me a verdade.  
– Estou nos cuidados intensivos. Não corro perigo, mas levei algumas facadas, fui atingido por estilhaços de uma explosão e envenenado com uma substância que eles não conseguem identificar.  
– Mais nada? – pergunta ela, a sorrir.

\*

Passaram-se cinco dias desde os acontecimentos na quinta de martas. Joona ainda está internado, mas foi retirado dos cuidados intensivos e já não se encontra acamado. As bombas que foram colocadas nos pavilhões nunca chegaram a explodir. Doze mulheres foram libertadas, mas Blenda faleceu dois dias depois em resultado dos ferimentos que sofreu quando o camião tombou.

O corpo desfeito de Caesar foi encontrado no fundo da antiga pedreira. Entre os restos do atrelado e os móveis despedaçados, estava uma caixa de cartão com os esqueletos dos irmãos e milhares de crânios de marta.

A avó está detida em isolamento e a investigação ficou a cargo da procuradora.

Primus foi detido em frente à casa da irmã.

Estão a decorrer as investigações dos técnicos forenses no local e ainda não se sabe ao certo quantas mulheres morreram ou foram mortas na quinta ao longo dos anos. Algumas foram cremadas, outras enterradas ou deitadas fora em sacos lixo em lugares inacessíveis.

Entre os exames, a fisioterapia e a mudança dos pensos, Joona passa os dias em reunião com a procuradora.

Valeria alterou o bilhete de avião e está a caminho de casa. Estava tão preocupada com ele que chorou quando falaram ao telefone.

Ontem, Erik Maria Bark visitou Joona. Já recuperou quase por completo a mobilidade no ombro. Estava de excelente humor e contou que tinha começado a escrever um novo capítulo do seu livro, com base no antigo estudo de caso *O Homem-Espelho*.

Joona veste umas calças de fato de treino pretas e uma *T-shirt* desbotada onde se lê «Regimento Real de Hussardos». Esteve numa consulta com o fisioterapeuta e recebeu um programa de treino para reforçar os abdominais e as costas na sequência dos ferimentos.

Enquanto regressa a coxear pelo corredor, pensa nos esqueletos dos irmãos de Caesar e no facto bizarro de não terem sido sepultados nem cremados. Tem de telefonar a Nâlen para lhe perguntar como ocorreu a decomposição: se foram enterrados primeiro ou se foram cozidos para separar a carne dos ossos, como os crânios de marta.

Entra no seu quarto, põe o papel com os exercícios em cima da cama, vai até à janela, pousa a garrafa de água no nicho e olha para fora. O sol abre caminho por entre as nuvens e brilha através do vidro grosseiro da garrafa. Uma sombra luminosa incide-lhe na mão, que tem um penso a cobrir os pontos nos nós dos dedos.

Alguém bate à porta e Joona vira-se no preciso instante em que Pamela entra. Caminha apoiada numa canadiana, veste uma camisola de lã verde e

uma saia axadrezada. Tem o cabelo encaracolado preso num rabo de cavalo.

– Estava a dormir quando cá vim da última vez – diz ela.

Encosta a canadiana à parede, avança para ele a cambalear e abraça-o. Depois, dá um passo atrás e fita-o com os seus olhos sérios.

– Joona, não sei mesmo o que dizer... Aquilo que fez...

A voz embarga-se-lhe, ela interrompe-se e baixa o rosto.

– Quem me dera ter resolvido o enigma mais depressa – declara ele.

Pamela pigarreia e olha novamente para ele.

– O importante é que o resolveu. Eu recuperei a minha vida graças a si... Mais do que isso, mais do que alguma vez podia ter sonhado.

– Às vezes as coisas acontecem como têm de acontecer – diz ele, sorrindo.

Ela assente e depois olha para a porta.

– Vem cumprimentar o Joona – chama Pamela na direção do corredor.

Alice entra com passos tímidos. Tem um olhar desperto e as faces rosadas. Veste uns *jeans* azuis e um casaco de ganga. O cabelo está solto e cai-lhe sobre os ombros.

– Olá outra vez – diz, parando a um metro da porta.

– Obrigado pela ajuda dentro do atrelado – agradece Joona.

– Nem sequer pensei, não tinha outra escolha – responde ela.

– Mas foi extremamente corajoso.

– Não, é... Eu estava presa há tanto tempo que quase tinha começado a aceitar que ninguém nos encontraria – declara ela, olhando para a mãe.

– Como é que estão? – pergunta Joona.

– Muito bem, para dizer a verdade – responde Pamela. – Estamos cheias de nódoas negras, pensos e pontos... A Alice tem uma infeção pulmonar, mas está a tomar antibióticos e não tem febre.

– Ainda bem.

Pamela olha para a porta e depois para Alice.

– A Mia não quer vir? – pergunta, em voz baixa.

– Não sei – responde Alice.

– Mia? – chama Pamela.

Ela entra, aperta a mão de Alice e depois avança para Joona. O cabelo azul e cor de rosa pende-lhe sobre as faces. Usa batom vermelho, tem as sobrancelhas pintadas e veste um colete com padrão de camuflagem e calças pretas.

– Mia – apresenta-se, estendendo-lhe a mão.

– Joona – responde ele, apertando-lha. – Fartei-me de a procurar nas últimas semanas.

– Obrigada por não ter desistido.

Cala-se e fica com os olhos a brilhar.

– Como é que vão as coisas? – pergunta ele.

– Comigo? Tive sorte, safei-me bastante bem.

– Ela vai ser minha irmã – declara Alice.

Mia baixa o olhar e sorri para si mesma.

– Combinámos que eu vou adotá-la – explica Pamela.

– Mas eu mal posso acreditar – murmura Mia, e esconde o rosto nas mãos por um instante.

Pamela senta-se na cadeira e estica a perna magoada. A luz do exterior ilumina-lhe o rosto cansado e pinta-lhe o cabelo de um tom vermelho acobreado.

– Mencionou o enigma – diz, respirando fundo. – Agora sei a resposta, mas ainda assim não consigo compreender que o Martin tenha feito isto. É que não faz sentido, eu conheço-o bem, conhecia-o, ele era uma pessoa boa...

– Eu sei, é a mesma coisa para mim – diz Alice, apoiando-se na parede com uma mão. – Só que ao contrário... Ou seja, no início, quando implorava ao Caesar que me soltasse, eu chamava-lhe Martin, tentava falar-

lhe da minha mãe, das nossas memórias em comum, mas ele não reagia. Era como se não fizesse ideia nenhuma do que eu estava a falar... e passado algum tempo comecei a pensar que o Caesar era extremamente parecido com o Martin por coincidência, mas que não era ele, não juntei as peças.

Joona passa a mão pelo cabelo e uma ruga profunda surge-lhe entre as sobrancelhas.

– Conversei demoradamente sobre isso com o Erik Maria Bark e acho que temos de aceitar que o Martin e o Caesar partilhavam um corpo, mas estavam completamente separados psiquicamente – diz. – É provável que o Martin não tivesse qualquer ideia da existência do Caesar, apesar de travar uma espécie de luta inconsciente contra ele... Mas o Caesar sabia do Martin, odiava-o e recusava-se a aceitar que ele tivesse o direito de existir.

– Será possível? – pergunta Pamela, limpando algumas lágrimas do rosto.

– Não creio que haja outra resposta – diz Joona.

– Mãe, posso esperar lá fora? – pergunta Alice.

– Vamos embora – responde Pamela, levantando-se.

– Não tinha a intenção de vos stressar, só preciso de sair para respirar – explica Alice, dando-lhe a canadiana.

– Falamos depois – diz Joona.

– Eu telefono – responde Pamela. – Precisava só de lhe perguntar se sabe alguma coisa sobre o julgamento.

– Parece que começa em meados de agosto... A procuradora vai pedir para as sessões decorrerem à porta fechada, como se diz – informa ele.

– Ainda bem – comenta Pamela.

– Não entram jornalistas nem público em geral, apenas quem está diretamente envolvido... como vítimas e testemunhas.

– Nós? – interroga Mia.

– Sim – confirma ele, acenando com a cabeça.



– A avó vai lá estar? – pergunta Alice, empalidecendo.

As portas da sala de segurança do Tribunal de Estocolmo estão fechadas. A iluminação artificial reflete-se nos vidros à prova de bala que isolam o auditório quase vazio. Na parte de frente da sala, o juiz, três juízes leigos e um oficial de justiça estão sentados à mesa de madeira clara.

A procuradora é uma mulher na casa dos cinquenta que caminha apoiada num andarilho com rodas. Tem um rosto simétrico, grandes olhos verde-escuros, veste um fato claro e tem uma mola cor-de-rosa a prender-lhe o cabelo louro.

A avó está sentada, completamente imóvel, usando uma farda prisional demasiado larga para o seu corpo. Tem uma ligadura sobre os dois olhos e gesso no braço direito. A boca está cerrada com força e os lábios estão cortados por rugas grossas, como se estivessem cosidos.

Ela não constava no registo civil, tal como Caesar, e recusou-se a dar um nome. Por isso, chamam-lhe N. N. Do latim *nomen nescio*, «não sei o nome». (*N. do T.*) Tudo indica que ela, tal como o filho, tenha nascido e crescido na quinta de martas.

A idosa não disse uma só palavra durante toda a sessão principal, nem sequer ao seu representante judicial. Depois da acusação feita pela procuradora, a defesa declarou que a arguida admitia algumas das circunstâncias, mas não se considerava culpada de um crime.

O interrogatório às testemunhas e às vítimas decorreu ao longo de duas semanas. Muitas das mulheres que foram mantidas em cativeiro tiveram dificuldade em contar o que sofreram. Algumas passaram o tempo todo sentadas com os braços em torno de si mesmas e a olhar para baixo; outras choraram, ficaram bloqueadas ou limitaram-se a tremer.

Joona Linna foi chamado a tribunal no último dia do interrogatório.

A procuradora avança lentamente na direção do banco das testemunhas, com as rodas de borracha do andarilho a rolar silenciosamente sobre o pavimento da sala. Depois para e tira uma fotografia da pasta que está dentro do cesto do andarilho, mas tem de se deter porque a mão lhe treme demasiado. Espera um instante e, de seguida, mostra uma fotografia de Jenny Lind que foi divulgada nos meios de comunicação quando desapareceu.

– Pode falar-me do trabalho policial que conduziu à operação na quinta de martas? – pergunta ela.

A sala está completamente em silêncio durante o relato pormenorizado de Joona. Ouve-se apenas o zumbido do equipamento de som e uma ou outra pessoa a tossir ocasionalmente. A avó tem a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse sentada a ouvir música numa sala de concertos.

Joona conclui o relato enfatizando o papel ativo da avó no rapto e prisão das mulheres, bem como nos maus-tratos, violações e homicídios.

– Martin encontrava as vítimas nas redes sociais e perseguia-as... mas era a mãe que punha uma peruca, vestia um sobretudo de cabedal e conduzia o camião – explica ele.

– No seu entender, acha que ela o fazia sob coação? – interroga a procuradora.

– Eu diria que eles se forçavam um ao outro... numa dinâmica complicada de medos e laços destrutivos.

A procuradora tira os óculos de leitura e suja a face de rímel.

– Como demonstrámos, os abusos decorreram durante um longo período, talvez abrangendo várias gerações – declara ela, olhando para Joona. – Mas como é que pôde continuar depois de Martin se ter tornado dependente do internamento numa unidade psiquiátrica?

– O internamento não era compulsivo e ele não recebeu cuidados de psiquiatria forense – responde Joona. – Tal como os outros pacientes da

unidade dele, podia ter alta ou obter permissão para sair durante o dia, em princípio, sempre que quisesse... sem que os familiares ou amigos próximos fossem informados devido ao sigilo médico.

– Fizemos a correspondência entre cada incidente e o registo dos períodos em que ele se ausentou da unidade – afirma a procuradora, dirigindo-se ao juiz e aos juízes leigos.

– Ele tinha um carro não registado numa garagem privada em Akalla, o mesmo *Chrysler Valiant* que foi encontrado na quinta durante a operação.

Joona continua a responder a questões por mais duas horas. Após uma pausa, a procuradora termina o seu discurso ao tribunal pedindo a pena de prisão perpétua. O advogado de defesa não entra em muitos detalhes nem tenta semear a dúvida, porém repete que a arguida agiu de boa-fé e não se considera culpada de nenhum crime.

Todos saem da sala durante a deliberação. Os guardas prisionais levam a avó consigo, enquanto Joona sai pelo compartimento de segurança e vai para a cafetaria do tribunal na companhia de Pamela, Alice e Mia. Pede café, sumo, rolos de canela e sandes, e pede-lhes que tentem comer qualquer coisa, mesmo que não tenham fome.

– A espera pode ser longa – declara.

– Querem alguma coisa? – pergunta-lhes Pamela.

Alice abana a cabeça e aperta as mãos uma na outra, entre as pernas.

– Mia?

– Não, obrigada.

– Um rolo?

– OK – responde, pegando nele.

– Alice? Bebe pelo menos um pouco de sumo – pede Pamela.

Ela assente com a cabeça, pega no copo, leva-o à boca e dá um pequeno gole.

– E se ela sair em liberdade? – pergunta Mia, tirando pérolas de açúcar do rolo.

– Isso não vai acontecer – responde Joona.

Sentados à mesa em silêncio, ouvem casos e outras informações serem anunciados nos altifalantes e veem pessoas a levantar-se para sair da cafeteria. Pamela come um pouco da sandes e bebe o café.

Quando são chamados de volta à sala de audiências para ouvirem o juiz que preside ao julgamento dar a conhecer o resultado da deliberação, Alice permanece sentada enquanto os outros se levantam.

– Não sou capaz. Nunca a mais a quero ver – declara ela.

\*

Três semanas depois, Joona avança por um corredor da ala feminina da prisão de Kronoberg. O pavimento de vinil brilha como gelo sob a fria luz fluorescente. As paredes, molduras e portas estão gastas e riscadas. Um guarda prisional com luvas de látex azuis atira um saco de roupa suja para cima de um carrinho.

Na sala reservada ao Conselho Nacional de Medicina Forense, o assistente social, o psicólogo e o psiquiatra forense esperam-no nos seus lugares habituais à mesa comprida.

– Bem-vindo – cumprimenta o psiquiatra.

Diante deles está a mulher idosa conhecida como avó, presa com correias a uma cadeira de rodas. Já não tem a ligadura à volta da cabeça. O cabelo cinzento e escorrido cai-lhe sobre as faces e os olhos estão fechados.

– Caesar? – sussurra ela.

A enfermeira diz-lhe qualquer coisa para a tranquilizar, dando-lhe pancadinhas na mão.

Há três semanas, quando a deliberação do tribunal terminou e as partes envolvidas foram chamadas de volta à sala, Alice e Pamela ficaram na cafetaria. Mas Mia regressou à sala com Joona e, sentada ao seu lado, ouviu o juiz anunciar o que fora decidido.

A idosa não mostrou qualquer reação quando o juiz a declarou culpada de todas as acusações.

– A arguida será submetida a um exame psiquiátrico forense antes de as duas partes fazerem as alegações finais e de a sentença ser proferida.

Depois disso, os psicólogos fizeram testes às capacidades intelectuais e à personalidade dela, ao passo que o psiquiatra forense a examinou do ponto de vista neurológico, hormonal e genético. O objetivo era determinar se ela tinha uma doença mental grave no período em que cometeu os crimes, se corre o risco de ter uma recaída e se precisa de ser internada numa unidade de psiquiatria forense.

– Caesar? – pergunta ela novamente.

O psiquiatra espera que Joona se sente, depois aclara a voz e, como de costume, relembra o motivo por que se encontram ali reunidos, apresenta todos os que estão na sala e deixa claro que nenhum deles está sujeito a sigilo profissional perante o tribunal.

– Quando o Caesar vier libertar-me vai tudo ficar bem outra vez – diz a avó para si mesma.

As correias rangem quando tenta erguer os braços. Só desiste quando as mãos começam a ficar brancas.

– Quer explicar porque é que matou a Jenny Lind no parque infantil? – pergunta o psicólogo.

– O Senhor fez com que Judas Iscariotes fosse enforcado... – afirma calmamente a idosa.

– Isso significa que a Jenny Lind era uma traidora?

– Primeiro, a pequena Frida correu para a floresta e ficou presa numa armadilha... Eu ajudei-a a voltar para casa e fiz com que se adaptasse.

– Como? – pergunta Joona.

A mulher vira a cabeça e observa-o com as pálpebras semicerradas. Das próteses oculares provisórias vê-se apenas o acrílico branco.

– Serrei-lhe os pés para não se sentir tentada a fugir outra vez... Ela arrependeu-se e admitiu que tinha um pedacinho de papel com o número de telefone de um amigo... Como sabia que tinha mentido quando disse que a Jenny não sabia do plano dela, troquei o papel por outro com o número do meu filho, e depois deixei-as sozinhas... Queria saber se tinham escondido um telemóvel na floresta, queria mostrar-lhes que o Senhor vê tudo...

Joona pensa que é provável que Jenny tenha surpreendido a avó ao agir tão depressa depois de todos aqueles anos de cativo. Jenny acreditava depender daquele contacto porque Caesar mentira sobre ter amigos na Polícia. Quando encontrou o pedaço de papel, não hesitou um segundo e foi direita à floresta.

– Agora sabemos que a Jenny telefonou ao seu filho quando chegou a Estocolmo, e que ele combinou encontrar-se com ela no parque... Mas porque é que foi até lá? – pergunta Joona.

– Eu é que tive a culpa de ela ter fugido, por isso a responsabilidade era minha.

– Mas, apesar disso, o Caesar também lá foi – diz ele.

– Só para se assegurar de que era castigada exatamente como ele tinha determinado... O mundo inteiro ia ver a vergonha dela.

– Queres contar o que aconteceu no parque? – pergunta o psicólogo.

A idosa dirige para ele o seu olhar branco e brilhante.

– A Jenny desistiu ao ver que era eu quem estava à espera dela ao pé da estrutura para trepar... A única coisa que pediu foi que não fizessemos mal aos pais dela – conta a avó. – Ficou de pé como uma cruz e deixou-me pôr-

lhe o laço ao pescoço. Estava convencida de que o Caesar a perdoaria se mostrasse que aceitava o castigo, mas ele já não tinha nenhum amor por ela e não disse nada quando comecei a dar à manivela.

– E a senhora queria perdoá-la? – pergunta o psicólogo.

– Ela cravou uma faca no coração do meu filho quando fugiu... Nada o fazia parar de sangrar. Ele sofreu, e o sofrimento tornou-o intolerante: colocou-as a todas em jaulas, mas não serviu de nada porque já não conseguia confiar nelas.

– E qual foi o seu papel em tudo isso?

Ela debruça-se para a frente e os cabelos caem-lhe sobre o rosto. As fendas brancas dos olhos adivinham-se por detrás das madeixas cinzentas.

– Compreende porque é que a Jenny Lind queria fugir? – interroga o psicólogo ao ver que ela não responde.

– Não – diz ela, erguendo novamente o rosto.

– Mas sabe que nenhuma das mulheres foi para a quinta de livre vontade.

– Primeiro temos de nos submeter... A felicidade vem um pouco mais tarde.

O psicólogo toma nota e passa algumas páginas para a frente no seu manual metodológico. A avó fecha a boca, aprofundando as rugas muito marcadas.

– Considera-se mentalmente doente? – pergunta o psicólogo.

Ela não responde.

– Sabia que o Caesar tinha uma doença mental grave?

– O Senhor escolhe as suas pedras angulares sem lhe pedir permissão – declara, e depois cospe na direção dele.

– Acho que ela precisa de uma pausa – diz a enfermeira.

– O Caesar costumava falar sobre o Martin Nordström? – pergunta Joona.



– Não mencione esse nome – responde a avó, tentando soltar-se das correias que a prendem aos braços da cadeira de rodas.

– Porque não?

– É ele que está por detrás disto? – interroga ela, levantando a voz. – É ele que está a tentar deitar tudo a perder?

Faz tanta força com as mãos que as rodas da cadeira chiam.

– O que a leva a dizer isso?

– Ele sempre odiou e perseguiu o meu filho – grita ela. – Porque é um grande invejoso...

Com um urro, a avó consegue soltar um braço e o sangue escorre da pele rasgada. A enfermeira prepara rapidamente uma injeção, pondo o líquido numa seringa a que depois fixa uma agulha.

A avó rosna entre a respiração ofegante, chupa o sangue das costas da mão e depois tenta soltar a correia que lhe prende o outro braço.

– Caesar? – grita ela, com a voz quebrada. – Caesar!

## Epílogo

Valeria e Joona estão sentados frente a frente na pequena cozinha dela, a comer hambúrgueres acompanhados de batatas, molho de natas com conhaque, *pickles* de pepino e compota de arando. O fogo crepita na antiga salamandra de ferro e pequenas estrelas de luz amarela tremeluzem nas paredes pintadas de branco.

Joona está a viver na casa de Valeria desde que ela voltou do Brasil. Tudo está igual, à exceção da fotografia de uma menina recém-nascida na porta do frigorífico.

O julgamento terminou na segunda-feira. A avó foi condenada ao internamento numa instituição psiquiátrica prisional, com alta condicionada à apreciação judicial, tendo sido colocada na Unidade 30 de Säter. A mulher cega é mantida em isolamento numa cama de contenção presa ao chão. Quando está acordada, grita e pede a Caesar que a deixe sair da cave.

Durante a refeição, Joona fala-lhe do caso que consumiu todo o seu tempo enquanto ela esteve fora. Descreve-lhe tudo, desde o primeiro homicídio conhecido, à morte de Caesar na pedreira e como as estranhas peças da investigação finalmente puderam ser encaixadas.

– Inacreditável – murmura Valeria, quando ele finalmente se cala.

– A resposta é que ele era culpado e inocente ao mesmo tempo.

– Percebo que essa é a solução do enigma, como tu lhe chamas... Faz sentido, mas ainda assim tenho imensa dificuldade em imaginar como é que o Martin e o Caesar podiam partilhar o mesmo corpo.

– Não acreditas na existência da PID e de personalidades múltiplas.

– Não sei, para ser sincera – diz ela, com um sorriso que lhe enrugam a ponta do queixo.

– Os antecedentes são os seguintes: o Caesar nasceu em casa e nunca foi registado, ninguém sabia que ele existia nem aquilo a que era exposto...

Tudo girava em torno do pai rígido e castigador e da sua ideia de ter muitos filhos para povoar o mundo – conta Joona.

– Mas a mãe não estava disposta a ser rejeitada.

– O Caesar ainda não tinha oito anos quando a ajudou a matar o pai e o resto da família... Ela explicou-lhe que Deus o via e que ele ia substituir o pai e ter doze filhos.

– Como é que ela chegou a essa conclusão?

– Encontrou nos crânios de marta uma evidência de que ele tinha sido escolhido. Achou ter visto uma imagem de Caesar com a sua veste de crisma... de pé como Cristo na cruz.

– Marcação a frio – murmura Valeria. – Agora estou realmente arrepiada...

– Ambos se agarraram a esta ideia, fazia sentido, tinha de fazer sentido... e, naturalmente, estava tudo de acordo com a Bíblia – diz Joona.

Valeria levanta-se, põe mais lenha na salamandra, sopra as brasas, fecha outra vez a portinhola e enche a cafeteira com água.

– Penso muito frequentemente que as religiões patriarcais talvez não tenham sido assim tão boas para as mulheres.

– Não.

– Ainda assim, de ser-se escolhido por Deus a tornar-se um assassino em série vai uma grande distância – diz ela, sentando-se na cadeira.

Joona fala-lhe da primeira mulher que eles mantiveram prisioneira, do seu suicídio depois de ter engravidado e do período que Caesar passou como paciente no Fasta Paviljong de Säter. Relata-lhe as ideias de Gustav Scheel sobre Caesar se ter dividido em duas pessoas para ser capaz de albergar em si quer a pequena criança apegada aos seus meios-irmãos, quer a criança que ajudou a matá-los, quer o jovem que sabia que era errado manter uma mulher trancada numa cave, quer o jovem que se permitiu fazê-lo.

O conceito pomposo que Caesar tinha de si mesmo como pai primordial era o método dele para escapar à dor desse trauma insuportável. Porém, esta manobra psíquica era constantemente ameaçada pela existência feliz de Martin junto de Pamela e da filha adotiva, Alice.

– O Caesar começou a odiar o Martin.

– Porque era o oposto dele, uma pessoa simpática e moderna – conclui Valeria.

– Foi Martin que Gustav Scheel registou e a quem deu uma nova vida.

– Estou a entender – diz Valeria, voltando a encostar-se na cadeira.

– Temos quase a certeza de que o Caesar provocou o incêndio no Fasta Paviljong para matar o seu médico e destruir tudo o que o ligava a Martin.

– Porque, depois disso, só ele sabia a verdade – diz Valeria.

– A ideia era essa... mas o mais curioso é o facto de, apesar disso, o Martin ter participado na luta... Para o Caesar essa guerra foi sempre consciente, e para o Martin foi inconsciente. Isso tornou-se evidente na excursão de pesca, quando o Caesar raptou a Alice e a entregou à mãe. A resposta de Martin foi caminhar em direção a uma zona em que o gelo estava frágil e pisá-lo, sem saber que na verdade estava a tentar afogar o Caesar.

– Mas não conseguiu – sussurra Valeria.

– O Martin foi salvo, mas acabou por mergulhar numa psicose paranoide generalizada, em que os seus meios-irmãos mortos o vigiavam. É difícil saber ao certo, mas internar-se na unidade psiquiátrica talvez fosse uma tentativa de enclausurar o Caesar.

Joona bate com a cabeça no candeeiro ao levantar-se, deita café em duas chávenas e trá-las para a mesa.

– Mas não podemos ser mais espertos do que nós próprios.

– Não, o cérebro é o mesmo – concorda Joona, sentando-se. – O Caesar arranjou maneira de obter permissões para sair, para poder continuar a fazer

o que fazia. E é provável que tudo isto tivesse continuado por muitos anos se a Jenny Lind não tivesse fugido. O Caesar perdeu o equilíbrio, sentiu-se injuriado e fantasiou com castigos terríveis.

– Foi por isso que tentou envolver o Primus – assente Valeria, e depois sopra o café quente.

– O Caesar telefonou-lhe com o telemóvel que o Profeta tinha escondido, e isto é que é interessante: o Martin estava na unidade psiquiátrica quando telefonou a Primus, mas não ouviu a sua própria voz, porque era a do Caesar... e essa parte dele estava bloqueada – explica Joona. – A única coisa que ouviu foi o Primus a tentar não ser implicado no crime.

Joona pensa em como Jenny fez o caminho a pé até Estocolmo em três dias, conseguiu pedir um telemóvel emprestado numa loja 7-Eleven e combinou um encontro no parque infantil.

– Fora da ala psiquiátrica, o Martin e o Caesar tinham certamente o mesmo telemóvel – comenta Valeria.

– O Martin estava em casa da Pamela, mas, quando a mãe lhe telefonou, foi o Caesar quem atendeu – conta Joona. – Também não creio que o Martin tivesse consciência do que o levou a sair com o cão a meio da noite, porém, quando chegou ao parque, o Caesar assumiu outra vez o controlo... O que nós vimos nas câmaras de vigilância não era, na verdade, uma testemunha paralisada, mas sim o Caesar que, a uma distância segura, estava a assegurar-se de que a execução era levada a cabo da forma correta.

– Então quem ganhava era sempre o Caesar?

– Não exatamente... porque o Martin estava a travar uma luta subconsciente: desenhou o que tinha visto e deixou-se hipnotizar para expor o Caesar – explica Joona. – E também não foi o Caesar quem empurrou o Martin para os carris do metro, mas sim o Martin quem tentou matar o Caesar.

– Sem ele próprio ter noção disso.

– Exagerando um pouco, poder-se-ia dizer que o Martin se libertou quando o atrelado do camião ficou a balançar na margem da pedreira – afirma Joona. – Apercebeu-se de que ele e Caesar eram a mesma pessoa, compreendeu o que tinha feito e tomou a decisão consciente de se sacrificar para parar o Caesar.

\*

Joona é conduzido à suíte de Saga, senta-se numa das duas poltronas, olha pela vidraça e contempla as rochas nuas e a superfície encrespada do mar.

– O ar já cheira um pouco a outono – diz, olhando para ela.

Saga está enrolada numa manta cinzento-prateada e tem um livro da biblioteca municipal de Norrtälje em cima do joelho.

Ele conta-lhe o desfecho do caso mais estranho que alguma vez teve. Saga não faz perguntas, mas é evidente que ouve com atenção a forma como todos os pormenores encaixam uns nos outros para formar a solução.

Joona explica-lhe que Caesar não sabia que havia sido esterilizado no Fasta Paviljong de Säter, mas a incapacidade de corresponder à imagem que tinha de si mesmo como patriarca tornou-se, posteriormente, o motivo para controlar mulheres e exercer poder sexual.

Quando, por fim, ele se levanta para ir embora, Saga pega no livro que tinha pousado no joelho. Era o romance *Lord Jim*, de Joseph Conrad. Abre-o, tira um postal que veio com o livro como marcador e dá-o a Joona. A fotografia a preto e branco, de 1898, mostra o antigo cemitério para vítimas de cólera em Kapellskär.

Joona vira o postal e lê as quatro frases escritas à mão em tinta da China:

Tenho uma pistola vermelho-sangue da marca Makarov. Há nove balas brancas no carregador. Uma delas está à espera do Joona Linna. A única pessoa que o pode salvar és tu.

Artur K Jewel

Joona devolve o postal a Saga, ela coloca-o de novo no livro e depois olha-o nos olhos.

– O nome é um anagrama – diz ela.

*O Homem-Espelho* foi pensado como uma forma de entretenimento, mas a literatura policial pode funcionar simultaneamente como uma plataforma de discussão sobre o ser humano e o nosso tempo.

Como tantos outros autores antes de nós, escolhemos isolar um problema global e inseri-lo numa situação com limites definidos e possível de solucionar. Isso não implica que não estejamos conscientes da realidade.

O número de casos desconhecidos é obviamente enorme, porém, segundo a ONU e a OMS, no mundo, mais de mil milhões de mulheres estão sujeitas a violência sexual. Mais de 40 milhões prostituem-se, 50 milhões vivem como escravas e 750 milhões contraíram matrimónio antes dos dezoito anos de idade. Anualmente, são assassinadas 85 mil mulheres, metade delas pelos seus parceiros ou por um familiar.